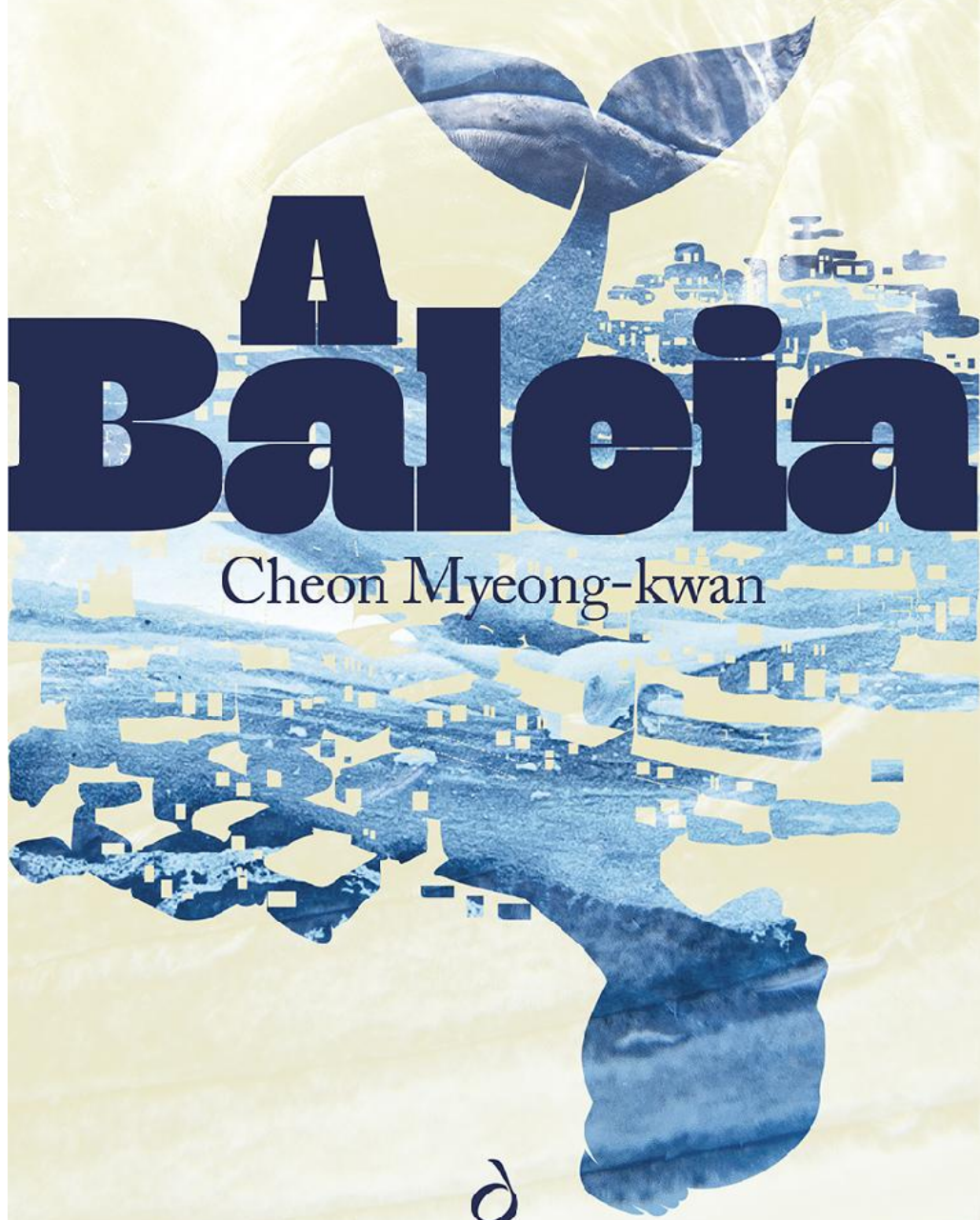


FINALISTA DO BOOKER INTERNACIONAL 2023



A Baloeia

Cheon Myeong-kwan

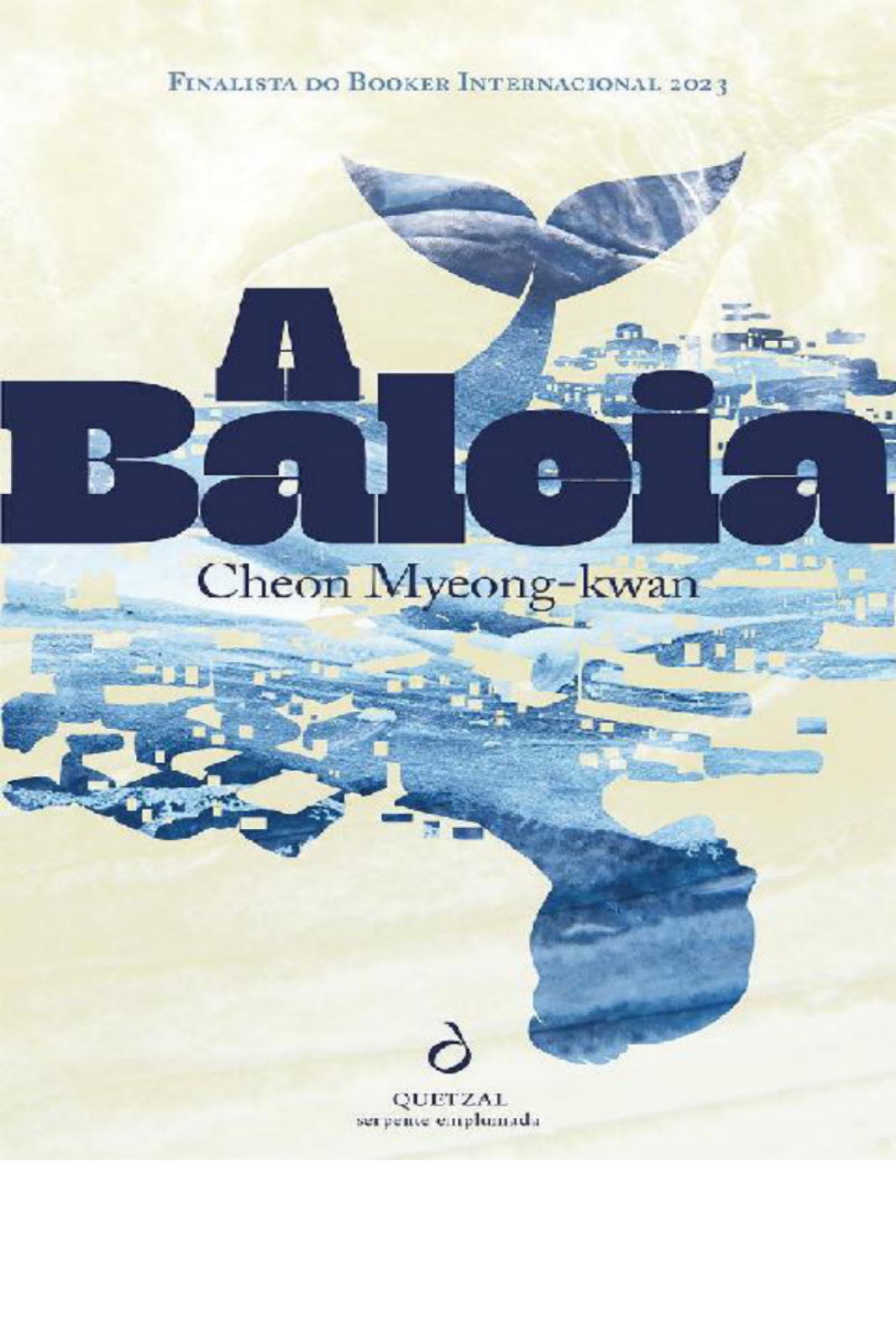


QUETZAL
serpente emplumada

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

FINALISTA DO BOOKER INTERNACIONAL 2023



A Baleia

Cheon Myeong-kwan

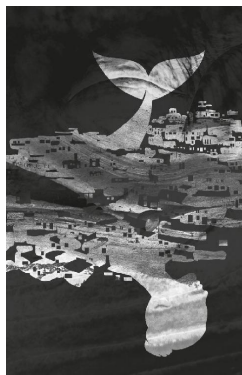


QUETZAL
serpente emplumada



© DR

Cheon Myeong-kwan nasceu na Coreia do Sul em 1964. Antes de se tornar ficcionista, foi guionista de cinema e televisão. Um dos seus romances (*Modern Family*, de 2010) foi adaptado ao cinema com o título *Boomerang Family*. Com *A Baleia* ganhou o Munhakdongne Novel Award, o mais prestigiado prémio literário da Coreia do Sul.



Título: A Baleia

Título original: Whale

Autor: Cheon Myeong-kwan

1.ª edição em papel na Quetzal: maio de 2024

Tradução do inglês: Maria do Carmo Figueira

Revisão: Rosa Caldeira

Preparação: Margarida Filipe

Edição: Lúcia Pinho e Melo

Design da capa: Rui Rodrigues · Quetzal Editores

Produção: Teresa Reis Gomes

© 2024 Quetzal Editores

[Todos os direitos para a publicação desta obra em Língua Portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

© 2004 Cheon Myeong-kwan

Publicado pela primeira vez com o título 고래 por Munhadongne

Esta edição em língua portuguesa foi publicada por acordo com a MB Agencia Literaria S.L., em representação da Asia Literary Agency

Quetzal Editores é uma chancela da Bertrand Editora, Lda.

Quetzal Editores

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa PORTUGAL

<https://www.quetzaleditores.pt>

quetzal@quetzaleditores.pt

Tel. 21 7626000

ISBN: 978-989-582-007-8

I

O Cais



A fábrica de tijolos

CHUNHUI — OU MENINA DA PRIMAVERA — era o nome da mulher que fabricava tijolos e que, mais tarde, ficou célebre como a Rainha dos Tijolos Vermelhos, depois de ser descoberta pelo arquiteto do grande cinema. Nasceu num inverno, num estábulo, filha de uma mendiga, quando a guerra estava a acabar. Nasceu já com sete quilos, e, aos catorze, já tinha mais de cem. Sem conseguir falar, cresceu isolada no seu próprio mundo. Aprendeu tudo sobre o fabrico de tijolos com Mun, o seu padrasto. Quando o grande incêndio matou oitocentas almas, Chunhui foi acusada de fogo posto, presa e torturada. Depois de muitos anos na prisão, regressou à fábrica de tijolos. Tinha vinte e sete anos.

No calor de um dia de verão, Chunhui estava no meio da fábrica de tijolos, com o seu uniforme azul da prisão, enquanto o sol, agora mais próximo da terra do que tinha estado durante todo o ano, queimava tudo o que estava à vista. Estava tão quente que podia derreter ferro fundido. A bomba no meio do pátio tinha secado muito tempo antes, deixando apenas uma mancha ferrugenta no chão, no sítio onde a água tinha escorrido pelo tubo de metal. As beldroegas, os cardos e as ervas daninhas de pé alto tinham brotado da terra dura e pisada, e crescido, espessas e emaranhadas, à volta dos fornos. As margaridas, em particular, tinham sempre ocupado o perímetro da fábrica de tijolos como soldados à volta de uma fortaleza, e, assim que os humanos se foram embora, a planta infiltrou-se instantaneamente no local, ocupando-o por completo. A fábrica de tijolos tinha apenas alguns fornos, agora em ruínas, construídos em linha reta, e uma casa feita de tábuas de madeira e cacos de ardósia. A casa tinha-se desmoronado durante a ausência de Chunhui. Entre as ruínas, floresciam tufos de margaridas, enquanto o líquen negro tomara conta das tábuas, outrora o chão da casa, e do telhado de ardósia ondulante.

Era a lei da natureza.

Chunhui estava descalça no mesmo pátio onde tinha brincado há tanto tempo que parecia ter sido numa outra vida. Ao lado da bomba decrépita, o choupo outrora luxuriante tinha caído, transformando-se num tronco nu e apodrecido, pejado de gordos cogumelos-ostra. O cheiro a suor e o barulho dos trabalhadores tinham desaparecido, e Chunhui, sozinha, no vasto pátio, era a única que tinha regressado. Os seus olhos procuravam as cenas com que tinha sonhado durante a viagem de regresso, mas os anos de chuva e vento tinham-nas varrido todas. Nada disso permanecera na fábrica de tijolos.

A vida é limpar o pó que se vai acumulando.

Era o que uma das suas companheiras de cela, a que tinha a cara cheia de sardas, estava sempre a dizer. Toda a gente lhe chamava Cianeto — tinha sido condenada à morte por ter matado as duas filhas e o marido com uma refeição cheia de cianeto. Até ao dia da sua execução, era ela quem varria e limpava a cela. Sempre que as outras prisioneiras resmungavam, Para quê limpar a cela, se tens os dias contados? ela dizia, A vida é limpar o pó que se vai acumulando, enquanto passava um pano molhado no chão, e às vezes acrescentava, A morte não é mais do que pó que se vai acumulando. Chunhui nunca percebeu bem o que aquilo significava, mas naquele primeiro dia em que regressou, esses enigmas voltaram-lhe à cabeça enquanto caminhava em direção ao que restava da casa.

O sol estava abrasador, e ela parou no caminho, subitamente tonta. O caminho estreito que ia da passagem subterrânea por baixo da linha do comboio até à fábrica de tijolos, tomado por ervas daninhas, tinha desaparecido de vista há muito tempo. Para chegar à fábrica de tijolos, Chunhui teve de pisar as ervas daninhas, enchendo as calças de lama. A cada passo, o sangue escorria-lhe do dedo grande do pé, cuja unha tinha saltado, manchando o chão ressequido de barro vermelho. As crianças deviam ter partido os tijolos deixados na fábrica, e agora só havia cacos espalhados. As larvas de mosquito contorciam-se nas poças de chuva formadas apenas alguns dias antes.

Chunhui pisou o *maru*¹ empoeirado. Caudas-de-raposa

despontavam por entre as tábuas partidas do chão. Quando abriu a porta, a que faltava uma dobradiça, o espaço cheirava a mofo, a excrementos de animais selvagens e a qualquer coisa a apodrecer. Quando os seus olhos se adaptaram à escuridão, viu roupas cobertas de pó e ratazanas ressequidas, caídas perto do roupeiro partido. Nas paredes florescia bolor negro, e o papel de parede rasgado caía sombriamente do teto. Olhou à volta do quarto, antes de se dirigir para a cozinha, que era ainda mais deprimente, com o teto e as paredes enegrecidas. As prateleiras e a lareira tinham-se desmoronado e o chão estava molhado, com água estagnada. O caldeirão de ferro fundido, que sempre estivera pendurado por cima da fogueira, não estava à vista, e apenas uma panela de níquel amolgada estava pousada sobre a lenha meio queimada, onde outrora estivera a lareira. As narinas de Chunhui dilataram-se quando imaginou o fumo da lareira e o cheiro saboroso do arroz fumegante, mas só conseguiu sentir o cheiro a bolor húmido. Não restava qualquer calor na cozinha.

Chunhui abriu a porta do pátio e saiu. Um comboio que ia a passar apitou ao longe. Ela caminhou em direção aos fornos. Quando foi presa, as pessoas das aldeias vizinhas tinham ido em carroças à fábrica de tijolos para levar os tijolos abandonados e os usar para reparar pavimentos ou lareiras. Mais tarde, as crianças iam para lá brincar com os poucos tijolos que restavam. Quando todos os tijolos que podiam ser aproveitados se acabaram, ninguém lá voltou. Só as raposas e os texugos apareciam à noite, à procura de comida. As ervas daninhas prosperavam e a poeira que vinha de oeste ia-se acumulando, apagando os muitos vestígios de atividade humana na fábrica de tijolos deserta.

Chunhui entrou num forno, onde estava fresco. Ao contrário do resto do pátio, o forno estava praticamente igual. Embora a luz do sol entrasse através das fendas nas paredes com crateras, o ar fresco circulava dentro da caverna escura do forno. Ela sentou-se e encostou-se a uma parede. Fechou os olhos, em êxtase, quando as suas costas suadas tocaram na parede fria. Estava tudo calmo. Até os insetos tinham ficado silenciados pelo calor insuportável.

A fábrica de tijolos estava a transbordar de tijolos vermelhos. Ela corria e brincava entre as pilhas. O padraço insistia com os homens para que trabalhassem mais, e a mãe sorria-lhes com um sorriso sedutor, com a cara cheia de maquilhagem. Lembrou-se de uma cena de um filme que tinha visto uma vez; tinha seguido a mãe até ao cinema. Ouviam-se tiros, cascos a bater no chão e mulheres loiras a gritar histericamente. Ouviu o guarda prisional que a atormentava sussurrar, Berkshire, uma região de Inglaterra famosa pelos seus porcos. Nunca saberia o significado daquela palavra. Depois de lhe ter dado uma dentada que lhe arrancou um bocado da cara, o guarda teve de usar uma máscara de alumínio para o resto da vida. As dificuldades por que ela tinha passado eram demasiado horríveis para serem ditas em voz alta, mas agora tudo isso pertencia ao passado. O seu sofrimento tinha-se atenuado, e agora estava fora da prisão, de volta a casa, na fábrica de tijolos.

Voltou a ouvir o comboio a passar, mas com um som muito vago. Ela estava a correr atrás de uma borboleta branca, por um campo de margaridas. As ervas picavam-lhe as pernas nuas. Não tinha bem a certeza se estava a sonhar ou não. A borboleta esvoaçava cada vez para mais longe, em direcção ao céu.

As chamas eram vermelhas. Os homens atiravam o carvão para dentro do forno, com o suor a cobrir-lhes os antebraços grossos e cheios de veias e os rostos escarlates e brilhantes, devido ao calor e à luz das chamas. Cada pazada de carvão provocava uma explosão de faíscas de um preto-avermelhado, como se fossem pétalas de flores. Chunhui estava sentada em frente do forno, a olhar para o fogo que, em ondas vermelhas e azuis, tornava os tijolos carmesins. Tinha a cara a escaldar e custava-lhe respirar, mas não conseguia mexer-se. As chamas flutuavam e avançavam, como se quisessem engoli-la; seria sugada e derreter-se-ia. Queria levantar-se e fugir, mas não se conseguia mexer. Era como se uma pedra pesada estivesse a empurrá-la para baixo. Os trabalhadores não olhavam para ela mais de uma vez. Ela gritava-lhes mas, da sua garganta ressequida, só saía um pequeno e estranho gemido. O fogo agitava-se à frente do seu nariz,

até que uma chama grande se ergueu e depois se lançou sobre ela. Ela levantou-se de um salto.

Acordou e deu por si encharcada em suor, com o corpo a irradiar calor como se ela fosse massa quente para o gado. A luz do sol que entrava pelas paredes desmornadas tinha-se desviado enquanto dormia e batia-lhe agora diretamente na cara. Tinha a garganta seca e a cara a arder. Tentou levantar-se, mas estava demasiado fraca. Rastejou para a sombra. Não tinha sapatos, e a única roupa que tinha era o uniforme que trazia às costas; a roupa que levava quando entrou na prisão tinha desaparecido durante a sua longa estada. Sem fôlego, fechou os olhos e encostou-se à parede.

Nove dias antes, Chunhui tinha saído da prisão e caminhara para sul, por puro instinto. Só quando deu consigo junto dos carris dos comboios, nos arredores da cidade onde ficava a prisão, se apercebeu de que estava a caminhar em direção à fábrica de tijolos. Continuou a seguir os carris. Quando a noite caía, dormia encostada a uma lápide, e, quando a fome apertava, bebia de um riacho no fundo do vale, para se saciar. Por vezes, apanhava ovos de salamandra que flutuavam na água fria e, outras vezes, colhia amoras ao longo dos trilhos. Ficou com bolhas nos pés, que depois rebentaram, revelando uma carne tenra e vermelha por baixo. Tirou os sapatos e continuou descalça. Era cansativo caminhar ao longo dos carris sob o sol quente do verão, mas nunca se afastou deles; não queria cruzar-se com ninguém. Quando se aproximava de uma cidade, deixava os carris e contornava-a.

No terceiro dia, tropeçou num suporte de madeira e arrancou a unha do dedo grande do pé, que começou a gotejar sangue preto-avermelhado. Tocou com o pé nos carris quentes; a dor lancinante que disparou desse ponto e lhe percorreu todo o corpo foi revigorante. Só refrescava quando era apanhada por um aguaceiro, mas as roupas molhadas colavam-se e emaralhavam-se à volta do corpo, tornando ainda mais difícil andar.

Dirigiu-se para sul, lenta mas obstinadamente. Na manhã do nono

dia, avistou os fornos dos tijolos alinhados como caixas de fósforos, para lá dos carris. Uma qualquer coisa quente subiu-lhe do estômago vazio, sufocando-a. Chunhui caiu ao lado dos carris e olhou para a fábrica de tijolos. Não sabia o que fazer. Tinha apenas seguido um impulso instintivo para regressar; não tinha pensado no que faria quando chegasse.

Olhou para o outro lado dos carris, para Pyeongdae, lá ao longe, abaixo do sopé da montanha. Aninhada sob o nevoeiro matinal, a cidade mal revelava a sua forma, como uma cidade antiga e próspera caída em ruínas. Mesmo à distância, conseguia ver os restos do cinema que se erguia entre os edifícios, assemelhando-se a uma grande baleia vinda à superfície para respirar. Esse cinema inspirado numa baleia tinha sido projetado por Geumbok, a mãe de Chunhui. Chunhui conseguia ver praticamente os letreiros chamativos do cinema, as pessoas à espera para entrar e os vendedores ambulantes a vender petiscos — tudo isso tinha desaparecido quando o cinema ardeu. Há muito, muito tempo, as chamas tinham engolido o cinema, num enorme incêndio que rugia em direção ao céu, com uma força assustadora. Todos os carros de bombeiros da zona tinham sido mobilizados, mas não conseguiram dominar as chamas furiosas. As pessoas assistiram impotentes ao incêndio do cinema, construído graças à determinação de uma mulher; os edifícios contíguos também arderam. Aquele acontecimento marcou o fim de Pyeongdae. Enquanto Chunhui ainda estava na prisão, as pessoas deixaram aquele lugar amaldiçoado e sem esperança, para nunca mais voltar. A estação de comboios foi desativada. Pyeongdae, desprovida de humanidade, estava agora no lento processo de ser apagada, ultrapassada pela natureza.

Chunhui saiu do forno e dirigiu-se para a bomba. Precisava de água. A bomba tinha secado, o revestimento de borracha estava rachado. Não tinha a certeza se ainda funcionava. Voltou à cozinha para ir buscar a panela enegrecida e foi à procura de água. Encontrou um pequeno riacho junto do caminho que ia dar à linha do comboio. A água morna acumulava-se debaixo de ervas daninhas grandes e

desregradas. Com a palma da mão, foi recolhendo cuidadosamente a água para encher a panela. A fábrica de tijolos tinha sido originalmente um terreno pantanoso; a sua mãe tinha conseguido enchê-lo com um volume impressionante de seixos e terra. Tinha parecido uma tarefa verdadeiramente temerária, mas a fábrica de tijolos acabara por compensar em muito a mãe pelos seus esforços.

Chunhui levou a água até à bomba e despejou-a lá para dentro. Deu à bomba rapidamente, mas a água desapareceu. A única coisa que ela conseguia ouvir era o som do ar a vazar. Precisava de um recipiente maior. Olhou à sua volta, à procura de um, e encontrou, num matagal próximo, o caldeirão de ferro fundido, o mesmo que outrora estivera pendurado na cozinha. Estava enferrujado e faltava-lhe a pega, mas, de resto, parecia utilizável.

Há muito tempo, a mãe de Chunhui cozia noodles para os trabalhadores, naquele caldeirão. No verão, fazia sopa de cão. Nesses dias, toda a fábrica de tijolos fervilhava de expectativa desde manhã cedo. A mãe punha o caldeirão num fogão improvisado, feito de pilhas de tijolos, e começava a ferver a água, enquanto os trabalhadores olhavam ansiosamente para ele durante todo o dia. Finalmente, quando o aroma saboroso da sopa se espalhava pelo local e o Sol se punha, os homens juntavam-se em redor, com sorrisos tímidos. A mãe de Chunhui contava piadas porcas e servia uma tigela para cada um. Os homens sorviam alegremente a sopa quente, suando profusamente. Nesses tempos, havia muito que comer e as coisas eram abundantes.

Chunhui levou o caldeirão grande para o riacho. Usou a panela mais pequena para apanhar água para encher o caldeirão. Enquanto trabalhava, Chunhui detetou um cheiro estranho nas ervas. Levantou um monte de ervas daninhas e viu uma cobra grande a deslizar ao lado do riacho. Agarrou-a pela cauda e esmagou-a no chão com toda a força que tinha. A serpente contorceu-se e alongou-se antes de ficar achatada e flácida. Deixou a cobra ali e pôs os dois braços à volta do caldeirão, para o levantar. As pernas tremeram-lhe. A bomba não estava longe, mas como ela não comia há nove dias, não era uma tarefa simples carregar o caldeirão que, vazio, pesava mais de cem

*geun*2. Mesmo dois homens robustos teriam dificuldade em carregá-lo.

Chunhui conseguiu levar o caldeirão até à bomba depois de ter descansado quatro vezes pelo caminho. Deitou a água lá para dentro e começou a bombear outra vez. A água desapareceu na bomba e ela ouviu o chiado do ar a sair pelo velho revestimento. Quando estava prestes a desistir, sentiu-o. Os seus braços detetaram uma certa tensão. Depois de algumas bombadas de água ferrugenta, a água fria do riacho começou a jorrar. Chunhui pôs a boca na bica e bebeu durante muito tempo. A água fria desceu-lhe pela garganta e escorreu para o estômago, espalhando uma onda de eletricidade pelo seu corpo. Chunhui ficou ali sentada durante algum tempo, a recuperar o fôlego, e depois levantou-se e começou a despir-se.

Sob o sol de verão, estava um corpo nu do tamanho de um búfalo-d'água. Embora não comesse há vários dias, o seu corpo tinha mantido o volume. Não era pesada, com uma barriga e um traseiro descaídos; tinha antebraços grossos e ombros largos, aperfeiçoados por muitos anos de trabalho, e a sua pele bronzeada fazia-a parecer ainda mais maciça. Tinha quase cento e oitenta centímetros de altura, e as suas duas pernas grossas e fortes, como um carvalho, sustentavam o seu tronco enorme. Era verdadeiramente magnífica de se ver. Como nunca tinha estado grávida, e muito menos dado à luz, tinha os seios espetados e os mamilos no alto das suas aréolas largas.

Chunhui bombeou água para o caldeirão e usou a panela para deitar água fria sobre o seu corpo mole e sobreaquecido. Começou a lavar a carne que a tinha aprisionado como que por castigo divino, a carne que nunca tinha sido amada e que não podia ser abandonada, a carne que a tinha arrastado ao longo da vida, obrigando-a a fazer desvios até poder, finalmente, regressar ao depósito de tijolos. Embora queimada pelo sol, cortada e arranhada, a sua pele mantinha a elasticidade. Lavou com cuidado, mas com persistência, todas as partes do corpo. Lembrava-se do rosto de Mun. Quando era pequena, o padraço punha-a perto da bomba, para lhe dar banho, apesar de ela ter então quase cem quilos. Dizia-lhe: Chunhui, com as tuas pernas fortes, consegues pisar o barro melhor do que ninguém, e com os teus

braços fortes, consegues apanhar mais tijolos do que qualquer outra pessoa. Essa é a tua maior fortuna.

Mun, que a ensinara a fazer tijolos, foi perdendo gradualmente a visão, sem que ninguém se apercebesse, e morreu sozinho. Ao pensar nele, Chunhui sentiu um nó na garganta. Depois de um longo banho, lavou meticulosamente o uniforme e estendeu-o na relva, a secar.

Do vale soprava uma brisa fresca. Chunhui fechou os olhos para saborear o vento que rodopiava à volta do seu corpo nu. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu-se revigorada. Com os sentidos mais apurados, estava desperta para o que vinha misturado com o vento — a escuridão húmida do vale, o odor dos guaxinins que dormiam entre as rochas, lá em baixo, e o cheiro das várias ervas que cresciam nos campos. Estava a relaxar gradualmente dos anos que passara no limite e sentia-se contente por ter regressado ao lugar a que pertencia.

Quando se sentou ao lado da bomba, uma fome súbita apoderou-se dela. Voltou ao riacho e trouxe a cobra ferida, que se enrolou à volta do seu braço, contorcendo-se. Era grossa e bastante grande, com mais de três *ja* de comprimento. Com os dentes, rasgou-lhe o pescoço e esfolou-a, revelando uma carne pálida e gorda. Dentro das entranhas havia uma rã-de-pintas-pretas ainda não digerida e insetos alados. Chunhui enxaguou o sangue, enrolou o corpo da cobra numa mão e começou a mastigá-la, começando pela cabeça. Mordeu um pedaço e mastigou-o durante muito tempo, saboreando aquela carne rica que se espalhava pela sua boca. Cuspiu a cartilagem. Lentamente, comeu a cobra inteira, e até enxaguou a rã para a meter também na boca.

À medida que a carne foi enchendo o seu estômago vazio, ele começou a doer-lhe. Sentiu-se nauseada. Afinal, era a primeira vez em nove dias que lhe entrava comida a sério no organismo, desde o pedaço de tofu que recebera da velhota, quando saíra da prisão. Esforçou-se por engolir a refeição que lhe subia à garganta. Quando o estômago acalmou um pouco, lavou a boca com água fria e vestiu o uniforme, ainda húmido. Arrancou os punhos das calças, que estavam em farrapos. Olhou em volta, entorpecida, por um momento, antes de caminhar lentamente em direção à casa desmoronada. Uma doninha

que andava à volta do forno viu-a e correu para a relva. Uma libélula que dançava por cima das margaridas voou rapidamente para lhe abrir caminho.

A mestra da fábrica de tijolos estava de volta.

¹ Chão de madeira. (*N. da T.*)

² Unidade de peso correspondente a cerca de 600 g. (*N. da T.*)

³ Unidade de comprimento equivalente a cerca de 30,3 cm. (*N. da T.*)

Rara virilidade

ESTA HISTÓRIA SINUOSA começa com uma velha que costumava vender refeições simples, em casa, em Pyeongdae. Morreu muito antes do nascimento de Chunhui, e nenhuma delas soube da existência da outra. Talvez toda esta história seja um único conto de vingança — quem sabe? Terá a velha conseguido vingar-se? Ninguém pode responder a isso; aqueles que se lembram da sua maldição já não estão neste mundo. A história dela começa há muito, muito tempo, quando o primeiro comboio chegou a Pyeongdae.

Naquela altura, essa velha indescritivelmente feia vivia numa casa isolada, perto da estação de comboios, onde vendia comida e bebida a vagabundos e a trabalhadores que vinham de outras cidades. Apesar do seu aspeto extremamente desagradável, tinha uma clientela constante, talvez por a sua comida ser simples, mas boa; tinha trabalhado como ajudante de cozinha durante toda a vida. Num inverno, a velha ia a sair de casa para o mercado, quando escorregou e caiu numa poça de água da loiça congelada, mesmo à porta de casa. Resmungou: «Quem é a estúpida que despeja a água da loiça mesmo à frente do estabelecimento de outra pessoa?» — apesar de ter sido ela própria quem, inadvertidamente, criara a poça gelada — e levantou-se.

É assim que a história começa. Levemente, como o vento que soprava há muito tempo, nos vales de Pyeongdae.

Naquela noite, a velha tinha as costas a latejar, e doía-lhe o traseiro. Na esperança de que o calor a fizesse sentir-se melhor, pôs um pouco de lenha que tinha poupado na lareira, para aquecer o chão, e arrastou-se para debaixo dos cobertores. Na manhã seguinte, não estava bem. Tinha dores lancinantes e mal conseguia mexer-se. Alguns

anos antes, quando uns rufias da vizinhança a tinham espancado e roubado, ela tinha conseguido voltar ao trabalho passados dois dias, mas desta vez parecia que não ia melhorar rapidamente.

A velha ficou todo o dia de cama. Conseguiu levantar-se quando o Sol estava quase a pôr-se. Apesar de nunca ter tomado remédios para nada, por muito mal que se sentisse, quase se arrastou até à farmácia em frente da estação de comboios, em busca de algum alívio. Regressada a casa, tornou a deitar-se. E isso foi o fim para ela. Nunca mais foi capaz de se levantar. A verdade é que as suas ancas se tornaram tão frágeis devido aos buracos que lhe tinham esvaziado os ossos, que se tinham estilhaçado em dezenas de pedaços, quando ela caiu. Ninguém podia saber isso, nem o dono da farmácia, que se limitava a vender remédios para a disenteria, nem a velha, que era uma mulher simples.

Passados sete dias, os operários que tinham alugado um quarto junto à estação de comboios desceram da montanha, depois de um dia de trabalho, e dirigiram-se à casa da velha, para se aquecerem. Foi nessa altura que a descobriram. A maior parte dos outros clientes tinha espreitado para dentro da casa escura e voltara para trás, a resmungar, mas aqueles homens, aparentemente desesperados por uma sopa quente, não se limitaram a chamar pela velha e acabaram por arrombar a porta do quarto dela. Foi assim que a descobriram lá dentro, deitada e imóvel; a princípio, pensaram que estava morta. Mas ela tinha-se agarrado tenazmente à vida, roendo pedaços de arroz congelado, para sobreviver, o que fez com que partisse dois dos poucos dentes que lhe restavam.

Depois da descoberta, a viúva que vivia na casa ao lado começou a levar-lhe, por vezes, arroz frio e a esvaziar-lhe o penico, mas a velha solitária acamada desenvolveu feridas nas costas e nas virilhas. O fedor a dejetos humanos e a carne a apodrecer começou a infiltrar-se no quarto. A viúva, que tinha um temperamento duro e sem compaixão, repreendia a velha sempre que lá ia, dizendo-lhe: «Como pode uma velha cagar tanto?» e «De onde vem esta merda toda, quando praticamente não comes?», e outras coisas do género. E, à medida que as suas visitas se foram tornando cada vez menos frequentes, o penico começou a transbordar, e a velha a passar fome

dias a fio. O seu corpo envelhecido começou a apodrecer. Era a lei do mundo.

Apesar de estarmos em pleno inverno, as abelhas começaram a voar para a aldeia, cobrindo o céu com uma massa negra e zoante. Os habitantes da aldeia ficaram aterrorizados, antecipando uma qualquer grande calamidade. Apareceu uma mulher à entrada da aldeia, com uma bengala. Horivelmente, faltava-lhe um dos olhos. O seu rosto era tão liso e imaculado como jade branco, e o cabelo era completamente branco — tinha comido imensas quantidades de mel, desde tenra idade. As pessoas não conseguiam adivinhar a sua idade.

Seguindo as abelhas, a mulher zarolha dirigiu-se lentamente para a casa da velha anciã. Aos aldeões curiosos, anunciou que era filha da velha. Os aldeões assustaram-se com a aparência grotesca da mulher zarolha e com as abelhas que lhe rodeavam a cabeça, mas sugeriram cautelosamente que ela chamasse um médico para a mãe, que o açafraão seco era a melhor cura para as escaras, e por aí fora. A mulher zarolha disse: «Deixem a minha mãe por minha conta». E expulsou toda a gente. Olhou para a velha, que se aproximava da morte. Anos mais tarde, contou às pessoas que a velha era a razão de ela só ter um olho, o que era, em parte, verdade. Na altura em que se reencontraram, mãe e filha não se viam há mais de vinte anos.

A história começa, de facto, num passado mais distante. Muito tempo antes, quando a velha era jovem, foi expulsa pelo seu recente noivo, na noite de núpcias, por causa do seu aspeto, pondo em causa um ditado antigo, segundo o qual uma noiva bonita, mas não uma feia, podia ser rejeitada pelo marido ciumento. Sem nunca ter conhecido outro par e destinada a ser uma solteirona, andou de casa em casa, como criada interna, até aos trinta anos, altura em que começou a trabalhar como ajudante de cozinha, numa casa rica e aristocrática. Era baixa e corpulenta, com uns olhinhos de rato tão pequenos que mal se viam, um rosto obstinado, sem o mais pequeno indício de amabilidade, por mais que se tentasse descortiná-lo, um

nariz atarracado e abatado, que dominava o centro do rosto, e um sorriso que revelava uns dentes enegrecidos. Nem os criados idosos olhavam para ela e, mesmo que ela dormisse com os portões, as portas, a roupa interior e as pernas abertas, nenhum homem ultrapassaria a soleira da porta. A sua fealdade punha em causa o truísmo de que toda a gente tem um par.

A família abastada tinha um filho único, que por acaso era pateta. Como acontece com todos os patetas, havia uma série de histórias sobre como isso acontecera — que quando era criança caiu e bateu com a cabeça na pedra do terraço, ou que foi alimentado com demasiado chifre de veado em pó, ou que simplesmente nascera assim — mas, independentemente de como aconteceu, o pateta não conseguia distinguir entre si e os outros, nem o que uma situação específica determinava, e, por isso, deitava-se onde queria e defecava onde lhe apetecesse. Era um autêntico pateta. Alguém tinha de tomar conta dele, alimentá-lo, vesti-lo, dar-lhe banho e limpá-lo, e esse alguém era a nossa pobre solteirona. Era uma época em que os homens e as mulheres, não apenas na nobreza, mas também na plebe, eram mantidos estritamente separados, mas, como o pateta era pateta e a solteirona era tão feia que nenhum homem olhava sequer de relance para ela, ninguém considerou a situação inadequada.

O problema surgiu quando o pateta fez quinze anos, e a causa foi a sua enorme masculinidade. Talvez porque o seu corpo achasse injusto o facto de a sua inteligência ter sido atrofiada aos dois ou três anos de idade, ou talvez por qualquer outra razão, o seu membro crescia e crescia, como as videiras no início do verão, e quando o rapaz tinha quinze anos, já media 1 *ja*. Se tiver uma régua à mão, dê uma vista de olhos ao comprimento a que isso corresponde, sendo que 1 *ja* equivale a 30,3 centímetros.

Claro que o tamanho não é automaticamente um problema; pode ser uma bênção para uma rapariga, que pode sorrir de alegria, mas, por alguma razão, de todos os homens que existem, esta preciosa dádiva foi concedida a um pateta, que nada sabia sobre a harmonia entre *yin* e *yang*, e muito menos sobre os factos da vida. Por mais que

se tentasse explicar, chegar-se-ia, inevitavelmente, à conclusão de que se tratava de uma brincadeira cruel do criador.

E imaginem como se deve ter sentido uma solteirona inocente, que nunca sequer tinha sido abraçada, quando se deparou pela primeira vez com aquela enorme imposição. Seria difícil, para quem nunca tivesse visto um membro com mais de 1 *ja*, compreender o seu choque. Só podemos supor que ela deve ter ficado de boca aberta perante aquele espetáculo grandioso.

E foi exatamente isso que aconteceu. Um dia, quando o pateta se pôs em pé, na banheira, no fim do banho, a solteirona ficou de queixo caído. Desde cedo, ela achara que a virilidade dele era invulgar, mas não reparara no seu enorme crescimento durante o inverno, porque não lhe dava banho quando estava frio. Naquele dia, em particular, excitado sabe-se lá porquê, o objeto do pateta saltava e balançava à frente do nariz dela, revelando a imensidão daquele *ja*; imagine-se o choque que a pobre solteirona deve ter sofrido. Sentindo-se a desmaiar e incapaz de fechar a boca, acabou por se urinar ali mesmo e naquele preciso momento. Era a lei dos reflexos.

Em geral, o crescimento e a reprodução são a razão por que vivem os seres vivos, e, apesar de ela ser feia de um modo raro, era indubitavelmente uma fêmea, nascida com dois cromossomas X, e como podia não ficar atordoada quando se deparou com aquele órgão especial? É perfeitamente compreensível, e até penoso, que a solteirona tenha começado a tremer e a sentir as suas partes inferiores a aquecer devido a todo o tipo de pensamentos. Ela soltou a respiração que estava a suster. O que fez então foi tão indecente e ousado quanto estranho e incompreensível, e que consistiu em agarrar o órgão do pateta que balançava à frente da sua cara e enfiá-lo diretamente na boca. Fez aquilo sem pensar, sem se aperceber do que estava a fazer. O pateta bateu na água, de alegria, e sorriu para a pobre solteirona. «Eh, eh! Olha que isso não é para comer, burra.»

Mais tarde, Geumbok, a mãe de Chunhui, ouviu falar do pateta e,

para resumir o mundo de opiniões sobre o tamanho e transmiti-lo aqui, disse: «Bem, o tamanho não é tudo, mas se tivesse de escolher...» Fez uma pausa e sorriu. «Acho que, quanto maior, melhor.»

A história do que aconteceu entre a solteirona e o pateta não é diferente das muitas histórias sobre o que se passa entre mulheres e homens, as histórias que se multiplicam e são exageradas e partilhadas, apesar da sua simples universalidade, até encherem o mundo. A única parte invulgar talvez seja o facto de a solteirona ter sido obrigada a apanhar um trapo do chão e a enfiá-lo na boca, para impedir que os seus gemidos se ouvissem para lá da sala, enquanto absorvia a invulgar masculinidade do pateta.

Uma jovem ajudante de cozinha, que partilhava o quarto com a solteirona, foi a primeira pessoa a reparar que ela — que ficava sempre com sono ao fim da tarde e adormecia instantaneamente assim que o Sol se punha, e que, depois de estar a dormir, tinha um sono tão profundo que era possível levá-la do quarto sem que ela acordasse — tinha começado, de repente, a frequentar o quarto do pateta a altas horas da noite, com desculpas de que tinha de despejar o penico ou de lhe levar água fresca. Na noite anterior, a jovem ajudante de cozinha, enquanto estavam a preparar feijões de soja para fermentar, tinha estado a enfiar na boca feijões cozidos, sem a cozinheira dar por isso, o que lhe transtornou os intestinos. Levou a noite a caminho da casa de banho e, quando ia a passar pelo quarto do pateta, ouviu um som parecido com um gato a gemer. Depressa compreendeu porque é que, nos últimos tempos, a solteirona andava sempre de volta do pateta.

Passados alguns dias, a jovem ajudante trocou alguns murmúrios com outra ajudante de cozinha da sua terra natal, que trabalhava para outra família, e, assim que os murmúrios entraram na categoria de boatos, transformaram-se automaticamente num escândalo muito credível e sensacional, que percorreu a aldeia antes de se espalhar pelas cidades vizinhas. Os murmúrios completaram a sua ronda e acabaram por chegar à senhora, a mãe do pateta, quatro meses depois de a solteirona ter dormido pela primeira vez com o pateta, na banheira. Era a lei dos boatos.

Naquela noite, a solteirona tinha-se esgueirado para o quarto do pateta, como de costume. Tendo-se, de algum modo, habituado ao enorme membro, ao longo desses meses, tinha-se entregado ao ritmo e ao prazer, enquanto balançava e mexia as ancas, e não reparou numa sombra do lado de fora da porta. Depois, as portas abriram-se com estrondo e um grupo de jovens criados entrou a correr, e só depois de ter sido arrastada pelos cabelos e atirada para o pátio se apercebeu de que tudo estava acabado. Acenderam-se tochas e a senhora apareceu, azul de raiva. A pobre solteirona, que não tinha tido oportunidade de se vestir, agachou-se, nua, no meio do pátio, à espera do castigo. Os criados, assustados com o súbito alvoroço, ficaram de pé, num grande círculo, ao longo das paredes do pátio, a observar. O rosto da senhora tremia de raiva enquanto olhava para a hedionda solteirona no chão. É verdade que o filho era um pateta, mas aquela era uma humilhação inimaginável numa sociedade com regras rígidas baseadas no estatuto social. A senhora agarrou num bastão de um criado e ergueu-o acima da cabeça, prestes a esmagar a cabeça daquela vil criada de um só golpe. Embora tivesse perto de cinquenta anos, a sua raiva intensa era certamente mais do que suficiente para esmagar a cabeça da solteirona.

Foi então que algo inesperado aconteceu. O pateta saiu a correr do quarto, a chorar, a gritar o nome da criada, sem perceber porque é que ela tinha sido arrastada de lá para fora. Claro que, tal como a solteirona, também ele estava nu. Foi então que a sua mãe e todos os criados da casa viram o enorme taco de carne pendurado entre as pernas do pateta. Ficaram todos de queixo caído, imitando a reação da solteirona quando o viu pela primeira vez. O tamanho era tal, que a senhora se esqueceu da raiva, as criadas da cozinha, do embaraço, e os criados, do que deviam fazer.

A senhora foi a primeira a cair em si. «Isto... isto... Que vergonha vem a ser esta?», gritou, e os criados lembraram-se das suas tarefas e levaram o pateta outra vez para o quarto, e as criadas da cozinha lembraram-se de que deviam estar envergonhadas e, gritando desalmadamente, correram de volta para a cozinha, tapando a cara com as mãos.

— Deem uma tarefa nessa cabra e levem-na desta casa para fora!

— Estas foram as ordens severas da senhora, que desapareceu para os seus aposentos, a bufar de raiva e vergonha.

Os bastões abateram-se sobre o corpo nu da solteirona. A carne dela rasgou-se e o sangue saltava, enquanto ela gritava. A vida inteira dos criados resumia-se a uma luta pela sobrevivência, e, por isso, não tinham espaço para bondade ou compaixão. A pobre solteirona movia-se para um lado e para o outro, para evitar as pancadas, e, embora fosse feia, uma mulher jovem a fazer poses tão indecentes, toda nua, excitou os homens, fazendo com que os seus olhos brilhassem com uma estranha loucura e as mãos agarrassem os bastões com força redobrada. Uma vez que as ordens da senhora de «deem uma tarefa nessa cabra» não tinham sido totalmente claras quanto ao grau da tarefa, não pensaram em parar até receber outra ordem. Era a lei da inércia.

As ajudantes da cozinha espreitavam, estremecendo e encolhendo-se de cada vez que os bastões se abatiam sobre a solteirona, como se fossem elas a ser espancadas, até que saíram em grupo para deter os homens; se não o tivessem feito, o espancamento cruel poderia ter continuado toda a noite. Os homens, com os rostos corados, conseguiram parar, fungaram e desviaram o olhar, envergonhados, enquanto alguém trouxe as roupas à solteirona e lhas enfiou no corpo ensanguentado e mutilado. Depois, os homens pegaram no monte de carne a que ela tinha sido reduzida e atiraram-no para fora dos portões da frente. Pondo para trás das costas os terríveis acontecimentos da noite, regressaram aos seus quartos. A solteirona ficou encostada ao portão, esmagada como palha molhada, com a cabeça curvada, aparentemente morta. Não se sabia se respirava, e o sangue continuava a correr-lhe do nariz e dos lábios, ensopando o chão.

Na manhã seguinte, quando o porteiro abriu os portões, a pobre solteirona tinha desaparecido. Felizes por ela não ter morrido e ter conseguido chegar a algum lado, os criados voltaram às suas tarefas. Era a lei dos criados.

A história podia ter acabado ali.

Mas, passadas algumas noites, muito depois da meia-noite, alguém entrou sorrateiramente no quarto do pateta. Era a solteirona, a mesma que tinha sido violentamente espancada. Acordou o pateta, que estava a dormir profundamente. Ele abriu os olhos, e ela encostou os lábios ao seu ouvido e sussurrou: «Meu pequenino, não queres tomar banho comigo?»

— Não quero tomar banho.

O pateta fechou os olhos sonolentos.

Ela enfiou-lhe uma mão dentro das calças e acariciou-o suavemente.

— Continuas a não querer?

— Está bem — anuiu o pateta —, quero tomar banho.

Ela saiu silenciosamente de casa com ele. Ele estava sempre a perguntar para onde iam, uma vez que, normalmente, tomavam banho na cozinha, mas ela persuadiu-o, seduziu-o e arrastou-o para longe. Em breve, chegaram ao riacho em frente à aldeia.

O pateta ficou assustado com o som da água no escuro e com o comportamento invulgarmente severo da mulher, e começou a afastar-se.

— Tenho frio. Quero ir para casa.

A solteirona despiu rapidamente o pateta e deitou-o na relva, junto ao riacho. Pôs-se em cima dele, de pernas abertas. «Fica quieto, pequenino. Lindo menino.» Pegou no membro dele, enfiou-o dentro de si e começou a mexer as ancas.

A sorrir, o pateta acompanhou o ritmo, como sempre. Estava escuro como breu, e os únicos sons à volta deles eram o rugido da água e o bater da carne. Ela gemeu, e desta vez não teve de meter um pano na boca. Soltou um grito. Ele ficou ali deitado, com a respiração acelerada. Um pouco mais tarde, ela estendeu a mão ao pateta para o ajudar a levantar-se.

— Agora está na hora do teu banho.

— Tenho frio. Não quero tomar banho.

— Tens de tomar!

Ela olhou insistentemente para o contrariado rapaz e levou-o para a água.

O riacho tinha aumentado com a chuva de alguns dias antes. Ele

agarrou a mão dela, com medo, quando a corrente fria e forte o puxou pela cintura. Ela levou-o cada vez mais para dentro de água. Atrás dela, formava-se um redemoinho negro.

Quando o pateta não regressou, na manhã seguinte, toda a casa ficou de pernas para o ar. Os criados espalharam-se para o procurar. Dois dias mais tarde, o corpo dele apareceu a flutuar vários *li*¹ a jusante, junto a uma mulher que estava a lavar roupa no riacho. Escusado será dizer que essa mulher também ficou de boca aberta.

¹ Unidade de distância correspondente a cerca de 0,3 milhas. (*N. da T.*)

A mulher zarolha

ALGUNS ANOS MAIS TARDE, numa aldeia montanhosa, a várias dezenas de li de distância, encontramos uma mulher vagabunda e a sua filha pequena, que andavam de casa em casa, a fazer um ou outro trabalho e a mendigar restos de comida. A mulher era tão pequena e feia que nenhum homem olhava para ela uma segunda vez. Era a pobre velha que se tinha deitado com o pateta. A sua filha, naturalmente, tinha vindo da semente dele. No inverno seguinte ao aparecimento do cadáver do pateta rio abaixo, a velha deu à luz a sua filha, sozinha, junto à lareira da casa de um estranho. Felizmente, a filha do pateta não tinha nada de pateta. À primeira vista, parecia não ter nada a ver com o pai. Mas os seus grandes olhos, uns olhos que pareciam inocentes e vazios, estúpidos e distraídos, eram exatamente iguais aos do pateta. Era a lei da genética.

De cada vez que os olhos da velha se cruzavam com os da filha, ela lembrava-se do pateta, e isso atormentava-a. Por isso, batia-lhe. Não passava um dia sem que aparecesse mais uma nódoa negra no corpo magro da menina. De cada vez que a mãe lhe batia, a menina agachava-se num canto, a chorar, e olhava para a mãe. O seu olhar deplorável lembrava ainda mais à velha o pateta; era como se ela estivesse a ouvir a voz dele e a ver o seu olhar assustado e as suas mãos estendidas, enquanto se afundava na água escura.

Não quero tomar banho.

Porque é que a velha empurrou o pobre coitado para a água escura? Teria sido para se vingar da senhora, que tinha mandado espancá-la, ou porque queria guardar na memória o tempo mais feliz da sua vida? Também não temos resposta para isto. Afundou-se tudo na água. E a história continua.

No inverno em que a filha fez sete anos, a velha ganhava dinheiro a fazer *yeot* na propriedade de um rico agricultor de ginseng. A menina ficava fora de casa, para evitar o dono, tremendo todo o dia, ao frio, junto à pilha de estrume, ao pé do estábulo. O único calor que conseguia encontrar era o vapor que vinha do estrume, um calor que se dispersava sempre que o vento forte por ele passava. Até que acabou por cavar um buraco no monte de estrume e meter-se lá dentro, deixando apenas a cabeça de fora, sendo difícil dizer onde começava ela e o estrume acabava.

Ninguém sabia quanto tempo ela lá estivera, pois tinha adormecido e só acordara por causa de um cheiro adocicado que a fez, sem disso se aperceber, rastejar para fora do estrume e entrar sorrateiramente na cozinha onde a mãe estava a trabalhar. A velha apanhou um susto quando a filha apareceu, coberta de estrume molhado e pegajoso, e tentou afugentá-la com o atizador, dizendo-lhe que podia ser despedida se o dono a visse. Lágrimas brotaram dos grandes olhos da pobre menina. A velha viu o rosto do pateta no da filha e, por um momento, teve pena dela. Sentou-a à frente da lareira e deu-lhe uma tigela de malte quente. A filha lambeu vorazmente o fundo da tigela, sem se importar com queimar o céu da boca. Com o calor da lareira, a menina começou a descongelar e a tresandar a estrume. A velha fez uma fogueira na lareira contígua, para ferver água num grande caldeirão. A menina adormeceu. Com um nó na garganta, a velha olhou para a menina adormecida e arrependeu-se de ter sido tão dura com a filha.

Quando a água ferveu, a velha deitou-a numa grande banheira e acordou a filha. Despiu-a, pondo à mostra as marcas de chicotadas e nódoas negras por todo o seu corpo magro. O coração da velha ficou destroçado; tinha sido tão cruel com a sua filha, durante todo aquele tempo. Mas quando tentou dar-lhe banho, a menina recusou-se, inesperadamente, a entrar na banheira. A velha ficou irritada. Por uma vez na vida, tentava ser uma boa mãe, e a filha não colaborava. Olhou furiosamente para ela e ergueu bem alto o atizador. Avisou a menina de que lhe daria uma tarefa se não entrasse imediatamente na

banheira. A filha, continuando a resistir, olhou fixamente para a mãe e gritou: «Não quero tomar banho!»

Antes de se aperceber do que estava a fazer, a velha espetou o atizador em brasa no olho da filha. Os sentimentos de amor que tinham brotado no seu coração evaporaram-se e voltara a ser a mãe severa que sempre tinha sido. A velha foi mexer a mistura de *yeot* e disse, laconicamente, à filha que chorava e sangrava: «Eu disse-te para ficares lá fora. Porque é que vieste a gatinhar cá para dentro? Se não voltares já lá para fora, deito-te para o fogo.»

Na lareira, o fogo ardia, vermelho e quente.

Na altura em que a filha fez treze anos, o caminho de ferro estava a ser construído perto da aldeia. Talvez fosse verdade que toda a gente tem um par, ou talvez o criador sentisse secretamente pena dela, mas, em todo o caso, um lenhador começou a esgueirar-se todas as noites para o quarto da velha. O rosto escuro do lenhador tinha cavidades e fendas como uma rocha de basalto. Começaram a correr boatos pela aldeia, mas a velha não se importava. A sua pele rugosa tornou-se radiante como um ovo novinho em folha, e os seus olhos pequenos tornaram-se ainda mais pequenos. Era a lei do amor.

Assim que acabava o trabalho, a velha corria para casa e obrigava a filha a ir deitar-se. Tirava a saia e ia para a cama esperar pelo lenhador. Esta foi provavelmente a época mais feliz da sua vida, mas a sua afinidade com o infortúnio não a deixou satisfeita por muito tempo. Um dia, chegou tarde a casa e ouviu uns sons estranhos vindos do seu quarto. Espreitou e viu o lenhador enroscado na filha. Estavam ambos nus. A velha fugiu para a cozinha e chorou em silêncio, amaldiçoando o seu destino. Mas não ficou a chorar durante muito tempo. Pegou numa faca de cozinha e abriu a porta do quarto com cuidado. O lenhador grunhia por cima do corpo nu da filha. A rapariga, presa debaixo do lenhador, viu a mãe; o seu único olho arregalou-se de surpresa. A velha pôs um dedo nos lábios, depois aproximou-se do lenhador e, com toda a força, espetou-lhe a faca no meio das costas largas. A faca trespassou-lhe o pulmão, provocando um sibilo. Com as duas mãos, a velha espetou a faca ainda mais fundo,

até ao cabo. O lenhador, incapaz de soltar um grito sequer, estremeceu e caiu de bruços sobre a filha, que tremia e estava muda, com a cara a brilhar com o sangue que jorrava da boca do lenhador. A velha atirou a faca para o lado.

— Não fiques aí deitada a ver, sua estúpida. Vais ajudar-me a limpar isto ou vais dormir?

Nessa noite, a mãe e a filha enrolaram o cadáver do lenhador numa esteira de palha e enterraram-no junto à linha do comboio.

A filha acreditava que a mãe também ia matá-la. Aterrorizada, tentou descobrir como poderia fugir, mas acabou por não precisar de o fazer. No dia a seguir ao incidente com o lenhador, a velha foi procurar um velho apicultor, no vale deserto, ao fundo da montanha. Todas as primaveras, o apicultor deixava o extremo sul do país e, no final do outono, acabava no extremo norte, vagueando por todo o lado, à procura de fontes de néctar. Em maio de cada ano, ia a Pyeongdae, construía uma cabana num vale coberto de trevos e castanheiros e ficava lá cerca de duas semanas, até mudar de sítio.

A velha fez-lhe uma proposta — a filha em troca de cinco jarros de mel. As suas condições eram que ele tinha de levar a filha no dia seguinte e partir imediatamente, e nunca mais podia aproximar-se da aldeia.

O apicultor estudou a velha com ceticismo.

— O que é que ela sabe fazer?

— Sabe cozinhar e lavar roupa. Tudo o que quiseses que ela faça — respondeu a velha, sugestivamente, olhando para a parte inferior do corpo do velho apicultor.

— Uma rapariga só com um olho? — perguntou o apicultor, ainda reticente.

— É verdade que ela só tem um olho, mas consegue ver um faisão escondido num arbusto, ao longe. Ainda é jovem, mas as raparigas amadurecem rapidamente. Nessa altura, vais olhar para ela de outra maneira.

A velha afastou as abelhas da sua cara.

— Mesmo assim. Não sei se ela vale cinco jarros de mel. Sabes

como o mel é valioso — disse o apicultor, hesitante.

No final, depois de ter sido picada oito vezes, a velha acabou por aceitar trocar a sua filha por dois jarros de mel e regressou à aldeia. No dia seguinte, o apicultor pegou na mão da menina de treze anos e deixou a aldeia. Foi o fim da história. E mãe e filha não tornaram a ver-se durante vinte anos.

A história regressa à casa da velha, onde a mulher ferida estava deitada no seu quarto. Só passado muito tempo se apercebeu de que aquela mulher zarolha era a sua filha. A velha sentou-se e gritou: «Como te atreves a aparecer aqui? Sai daqui!» Sem pestanejar, a filha informou-a de que estava ali para cobrar a sua dívida; a velha era a razão pela qual ela tinha perdido um olho, tinha sido vendida por dois míseros jarros de mel e agora estava ali para receber o que lhe era devido. A velha respondeu que não tinha culpa de a rapariga ter perdido o olho e que a venda ao apicultor tinha sido no interesse da rapariga. Não era graças a ela que a filha tinha podido viver confortavelmente, sem nunca passar fome, quando ela, a sua própria mãe, nunca teria sido capaz de cuidar bem dela? A zarolha retorquiu que tinha ouvido rumores de que a velha tinha ficado rica. Era verdade; entre os aldeões, circulava há muito tempo um rumor insistente de que a velha escondia uma enorme fortuna de toda a gente.

Depois da morte do lenhador, a velha nunca mais olhou para outro homem. Em vez disso, começou a poupar dinheiro. Costurava, fazia biscates e nunca recusava uma oportunidade de trabalhar no campo. Quando não havia trabalho, ia para os montes apanhar ervas medicinais e verduras. Nunca acendia a lareira durante o inverno e usava roupas descartadas por outras pessoas. Fazia todos os trabalhos sujos e difíceis que havia. Era como um inseto, a rastejar pelo chão, vendendo o corpo a velhos solteiros que viam mal, quando, por acaso, olhavam para ela. Durante mais de vinte anos, concentrou-se apenas em poupar dinheiro. Ninguém percebia o que ela andava a fazer. Não tinha marido nem filhos; para que precisava de tanto dinheiro? A essa pergunta, a velha respondia apenas: «Para me vingar do mundo.» Não

dava mais nenhuma explicação, e as pessoas achavam que ela tinha tido uma vida tão difícil que tinha ficado um pouco louca.

Alguns anos antes, uns bandidos de uma cidade vizinha ouviram os rumores e foram roubá-la. Torturaram-na à vez, durante toda a noite, mas ela nunca lhes revelou onde estava o dinheiro. Gemia e repetia teimosamente, através da mordança que tinha na boca, «Que dinheiro teria eu, uma pobre velha que vive sozinha?» — tal como diria mais tarde à filha. Os bandidos estavam a planear matá-la e ficar com o dinheiro. Era a lei do mundo deles. Mas a velha não lhes dizia onde o tinha escondido, apesar de escorrer sangue por todos os lados. Eles não conseguiam acreditar. Não acreditavam que houvesse alguma coisa no mundo que valesse a pena proteger àquele ponto. No final, ela sobreviveu porque manteve a boca fechada. Mas sofreu ferimentos graves, razão pela qual decidiu acabar com os trabalhos físicos e abrir um negócio simples, em casa.

Sorrindo, a mulher zarolha começou a procurar o dinheiro por todo o lado, tal como os bandidos tinham feito. A velha agarrou no penico e atirou-o à filha, encharcando-a de dejetos, mas a filha não se deixou intimidar. A zarolha não encontrou nada, depois de um dia inteiro à procura, e depois sentou-se ao lado da mãe e começou a comer, ameaçando que mataria a velha à fome se ela não lhe entregasse o dinheiro. A velha praguejou contra a filha, usando todo o tipo de vulgaridades. No dia seguinte, e no dia a seguir a esse, a filha procurou por toda a casa, chegando mesmo a rasgar o teto, mas não encontrou o dinheiro.

Finalmente, depois de ter procurado em todos os sítios possíveis, a filha sentou-se no outro lado da sala e encostou-se à parede, olhando para a mãe, que a ignorava. De repente, a zarolha apercebeu-se de que havia um sítio onde não tinha procurado — o tapete grosso onde a velha estava deitada. Tentou empurrar a mãe para o lado para levantar o tapete nojento, cheio de sangue e pus. A velha recusou-se a sair, enrolando o tapete à sua volta, e começaram as duas a lutar. Não havia maneira de a velha, que não comia há vários dias e continuava a sofrer das costas, conseguir ganhar. Por fim, rasgou o braço da filha com os poucos dentes que lhe restavam e o sangue começou a jorrar do braço da mulher zarolha. Aos gritos, a zarolha empurrou a mãe

com toda a força que tinha. Os dentes da velha, que estavam podres, partiram-se, e a cabeça dela bateu contra a parede; o som do crânio a abrir-se reverberou pela sala.

A zarolha olhou para a velha morta, cujos olhos ainda estavam bem abertos. No final, a velha acabou por deixar este mundo não por ter as ancas fraturadas ou por causa das escaras, mas por ter sofrido um traumatismo craniano. A filha olhou para ela, à medida que ia ficando fria, depois, pegou numa faca e rasgou o tapete. Havia dinheiro lá dentro, mas muito menos do que ela e os aldeões calcularam haver. A zarolha passou os dois dias seguintes a vasculhar a casa, mas não encontrou mais nada. Durante esse tempo, o braço continuava a inchar. Finalmente, disse à viúva da casa ao lado que a mãe dela tinha morrido e deu-lhe algum dinheiro, pedindo-lhe que fizesse o funeral da mãe e vendesse a casa. Partiu com o seu enxame de abelhas e os cabelos brancos ao vento, e dirigiu-se para sul.

Há uma história sobre o apicultor que partiu de mãos dadas com a rapariga zarolha, há muito tempo. Todas as noites, ele lavava-a no riacho com água limpa, levava-a para a sua cabana e dormia com o seu corpo magro e nu nos braços. Mas não fazia mais nada além disso; não se sabia se era impotente ou se havia outra razão. Não era uma situação má para ela, pois ele não lhe batia, como a mãe, e ela podia roubar mel para comer. O apicultor vagueava pelas montanhas, sem nunca se fixar em lado nenhum, o que o fazia sentir-se sempre frio e com mal-estar.

No outono em que ela fez dezassete anos, choveu muito durante vários dias. O apicultor constipou-se e passou todo o dia na cabana, com uma esteira de palha enrolada à sua volta e a bater os dentes. A zarolha não conseguiu dormir toda a noite, por causa do barulho dos dentes dele a bater, e, por isso, tapou os ouvidos com ervas. Foi nessa noite que ele morreu.

Estranhamente, as abelhas pousaram no seu corpo, criando uma grande massa preta. O cadáver dele coberto de abelhas parecia uma

grande pedra assente de lado. Estavam agarradas ao corpo dele, batendo as asas depressa, como faziam quando lutavam com as vespas. Quando a rapariga zarolha tentou afastá-las do cadáver, o corpo dele estava tão quente que ela estremeceu e afastou-se. Mais tarde, as pessoas disseram que as abelhas estavam a soprar calor para o corpo dele, ou que era a sua forma de expressar tristeza. Houve até quem dissesse que tinham sido as abelhas a matar o apicultor.

¹ Doce coreano. (*N. da T.*)

A rapariga

E DEPOIS HAVIA O MUNDO DE GEUMBOK, a mãe de Chunhui...

Antes de ir para Pyeongdae, Geumbok fazia biscates num bar que pertencia a duas irmãs gémeas, à procura de uma oportunidade para arranjar uma coisa melhor. Na altura, tinha vinte e cinco anos, estava no auge da sua juventude, embora já tivesse passado por muito, o suficiente para sentir que já não queria mais homem nenhum. Não era nenhuma beldade e nada tinha de especial, além do seu traseiro exceccionalmente grande, mas um homem que passasse na rua virava-se sempre para olhar para ela; porque exalava um certo perfume misterioso. Era um odor indeterminado, por isso, os homens que olhavam para Geumbok na rua não conseguiam perceber se esse odor era o perfume de um pêssago maduro ou o travo amargo da bebida ou o cheiro a terra das raízes das árvores atrás das quais se escondiam quando a natureza a isso obrigava, quando andavam a cortar árvores nas colinas e, por isso, pensavam nele apenas como um odor. Excitava-os, inebriava-os, fazia-os sentir-se inquietos e levava-os a vaguear em grupos e a lutar uns com os outros, irracionalmente, até sangrarem, o que fazia com que o sangue lhes afluísse às virilhas. Alguns consideravam aquele cheiro como sendo o de uma fêmea em ovulação e outros, mais espertos, diziam que eram feromonas, mas, independentemente do nome que lhe dessem, aquele cheiro complicava a vida de Geumbok. Para disfarçar o odor, que se tinha tornado perceptível quando começaram a crescer-lhe pelos entre as pernas, lavava-se diligentemente sempre que podia, com água fria ou quente. Mas não havia maneira de se livrar de algo que era invisível.

O primeiro homem de Geumbok foi um peixeiro que ia com pouca frequência à aldeia montanhosa onde ela cresceu. Levava corvina ou

cavala salgada, no seu triciclo motorizado, de uma cidade costeira distante, para as vender no interior, e o último ponto na sua rota era a aldeia de Geumbok.

Quando o peixeiro chegava à aldeia de Geumbok, o peixe salgado já estava estragado há muito tempo, e o cheiro a bafio fazia as pessoas apertarem o nariz, e a carne rançosa tinha-se transformado em papa e desintegrado em molho de peixe que escorria por baixo das arcas de madeira. Já não restavam muitos peixes inteiros, e a muitos faltavam as cabeças. A aldeia de Geumbok era tão pequena e ficava tão encravada nas montanhas que o peixeiro voltava muitas vezes para a costa antes mesmo de lá chegar, por isso, os velhos — que ansiavam por tudo o que fosse peixe e lambiam os lábios quando alguém assava um pedaço de cavala que, para se conservar, não se distinguia de um bloco de sal, mesmo quando tentavam comportar-se com dignidade dizendo «Isso tresanda» ou «Isso sabe a podre» — esperavam ansiosamente pelo peixeiro, apesar da sua mercadoria nada impressionante.

Naquele dia, o peixeiro preparava-se para deixar a aldeia, depois de ter carregado o seu triciclo com o feijão, o painço, o sorgo e os feixes de fetos e de raízes de campânula que recebia, em vez de dinheiro, pelo peixe. Sentiu um cheiro estranho que, claramente, não tinha nada a ver com peixe, e que estava a ser trazido pela brisa. Uma jovem com uma saia azul-marinho e um *jeogori* branco aproximou-se timidamente dele, carregando uma pequena trouxa, e quando ele a observou mais de perto com as luzes dos faróis do triciclo motorizado, viu que tinha um traseiro rechonchudo e estava a amadurecer. Para o peixeiro, ela não parecia apenas uma jovem.

— Para onde vai, senhor? — perguntou Geumbok, olhando para o peixeiro de uma forma sedutora, que em nada parecia de uma jovem.

— O que queres dizer com isso de «para onde»? — respondeu o peixeiro, irritado. — Já vendi tudo, e agora vou buscar mais.

O peixeiro amarrou os fardos com uma corda grossa.

— Onde é que vai buscar mais?

— O que queres dizer com «onde»? À costa sul, claro.

O peixeiro apercebeu-se de que aquela fragrância única e inebriante vinha da jovem.

— É longe daqui?

— Muito longe. Tenho de atravessar várias montanhas.

— É um sítio grande?

— Muito grande. Centenas de vezes maior do que esta aldeia.

— Então pode levar-me para lá? Não há nenhum autocarro que venha até aqui.

— Posso, mas a tua mãe não se importa?

— Não tenho mãe. E o meu pai morreu há pouco tempo.

— Como é que ele morreu?

— Embebedou-se e afogou-se no reservatório. — Os olhos de Geumbok encheram-se de lágrimas.

O peixeiro teve pena da rapariga.

— O que vais fazer lá?

— Quero ganhar dinheiro. E conhecer um homem. Os únicos homens daqui são velhos.

Geumbok olhou descaradamente para o peixeiro.

— Lá isso é verdade — admitiu o peixeiro. — Até eu consigo ver isso.

Nessa noite, o peixeiro deixou a aldeia no seu triciclo, com Geumbok sentada ao seu lado.

Nessa noite, a Lua pairava no céu, grande e redonda. Embora tivesse medo de deixar a única casa que conhecia desde que nascera, Geumbok estava radiante por se libertar daquela sonolenta aldeia montanhosa.

Precisamente à mesma hora, o pai de Geumbok estava a dormir, agachado na terra, à espera de Geumbok, que tinha ido buscar qualquer coisa para beber. Era um homem solitário, que lutava todas as noites contra a luxúria proibida. A mãe de Geumbok tinha morrido durante o parto. Ele amava profundamente a sua única filha, mas, quando a figura de Geumbok começou a tomar uma forma feminina, os seus desejos carnis voltaram-se para a filha. Ele bebia para suprimir esse desejo, mas, quando se embebedava, descobria que era

difícil controlar esses sentimentos. Quando eles se tornavam demasiado avassaladores, corria para o reservatório, para arrancar os cabelos e amaldiçoar os seus desejos imundos e a mulher que partira demasiado cedo. Com medo de fazer alguma coisa à filha, saía para o campo de manhã cedo, antes de Geumbok acordar, e voltava para casa bêbedo, já depois de ela ter adormecido. A sua alma estava a apodrecer lentamente por dentro, e ninguém reparava nisso.

Um dia, o pai de Geumbok regressou a casa mais cedo do que o habitual e ouviu o som de Geumbok a rir-se, no quarto, com um rapaz vizinho. Espreitou lá para dentro e viu que Geumbok tinha tirado o *jeogori*, revelando os seus seios, do tamanho de pêssegos. Ela não tinha feito nada conscientemente, e apenas demonstrava a curiosidade e a ignorância típicas das crianças do campo; aquele tipo de comportamento não era raro naquela idade, em que as hormonas estão aos saltos. E a verdade é que a aldeia era tão pacata que tinham de encontrar formas de passar o tempo. O rapaz, conhecido por Trapaceiro, pelo seu talento com as palavras, seduziu Geumbok com todo o tipo de conversa fiada, e era completamente impossível uma rapariga inocente como ela conseguir resistir aos encantos dele. Ele estava então a explorar cautelosamente as recentes mudanças físicas de Geumbok. Muitos anos mais tarde, os dois voltariam a encontrar-se e continuariam a percorrer os seus caminhos intrincadamente ligados mas, naquele preciso momento, ainda nem sequer tinham começado a imaginar o que os esperava.

Quando o pai de Geumbok pegou numa foice e abriu a porta de correr, o rapaz tinha acabado de estender a mão trémula para o peito de Geumbok. As duas crianças olharam para cima, assustadas. Nos olhos do pai ardiam chamas de ciúme. Aterrorizada, Geumbok cobriu-se com um cobertor e refugiou-se num canto do quarto, enquanto o rapaz fugiu pela porta das traseiras. O pai de Geumbok foi atrás dele pelas colinas, ainda de foice na mão. Estava decidido a cortar a cabeça ao rapaz. Mas era difícil para o seu corpo encharcado de álcool alcançar o ligeiro e veloz rapaz. Quando o pai de Geumbok regressou a casa, furioso por não ter conseguido apanhar o rapaz, ela ainda

estava embrulhada no cobertor, a tremer. Ele arrancou-lhe o cobertor, tirou um molho de cerdas de uma vassoura e começou a chicoteá-la sem piedade. Ela gritava, enquanto o seu corpo branco ia ficando com marcas vermelhas das vergastadas, e ele batia-lhe ainda com mais violência. A pele rasgou e o sangue começou a jorrar. Não era só ela quem ele chicoteava. Também se chicoteava a si próprio.

— Onde tinhas a cabeça? Morre! Morre, minha puta!

Chocados com os gritos, os vizinhos correram para casa deles, mas o pai de Geumbok trancou a porta por dentro e continuou a bater na filha até ter usado todos os molhos de cerdas da vassoura. Quando o último se partiu ao meio, ele caiu ao lado da filha inconsciente e gemeu alto, como um boi.

Depois disso, espalhou-se pela aldeia o boato de que o pai de Geumbok estava tomado por espíritos; que o espírito da sua falecida mulher, com ciúmes da relação próxima entre pai e filha, o tinha obrigado a bater na filha. As pessoas tinham pena do pobre viúvo, sussurrando que o ciúme de uma mulher era uma coisa terrível e que nem a própria filha estava a salvo desse ciúme.

À medida que Geumbok ia sarando, o pai começou a ter medo de que ela se fosse embora, mas, ao mesmo tempo, desejava que ela desaparecesse de vista, para que ele não continuasse a sofrer com os seus terríveis desejos. Naquele dia, quando chegou a casa, depois do trabalho no campo, viu os sapatos de Geumbok muito arrumadinhos à porta. Suspirou de alívio por a filha ainda estar com ele e pegou nos sapatos pretos pontiagudos de borracha. As lágrimas inundaram-lhe o rosto. Sentiu uma onda de amor e de culpa em relação à filha. Geumbok saiu para ver o que estava a acontecer. Ele pousou rapidamente os sapatos e explicou-lhe com rispidez que estava a ver se tinham algum buraco. Geumbok disse-lhe que ia fazer o jantar, mas ele retorquiu que preferia beber qualquer coisa e deu-lhe algum dinheiro.

Enquanto Geumbok tirava a trouxa de roupa do seu esconderijo

perto da entrada da aldeia e partia com o peixeiro, o pai adormeceu. Acordou, sobressaltado, de um sonho confuso. O luar brilhava no pátio vazio, e ele só conseguiu ouvir insetos. Foi então que se apercebeu de que Geumbok se tinha ido embora para nunca mais voltar. Levantou-se, sentindo-se perdido, com um buraco enorme a abrir-se no coração, e dirigiu-se à aldeia para beber até cair. No caminho para casa, ao longo do dique, parou para se aliviar no reservatório. A Lua flutuava na água escura, à espera da morte dos vivos. O vento restolhava por entre as ervas e empurrou-o suavemente. Ele entrou na água aos tropeções. A água dava-lhe pelo peito. As plantas aquáticas que serpenteavam debaixo dos pés agarraram-se-lhe aos tornozelos. Ele riu-se, com um som oco, e viu o seu corpo cheio de tristeza ser libertado dos seus desejos imundos e afundar-se lentamente. A pequena mentira que Geumbok tinha contado ao peixeiro tinha sido uma profecia.

No dia seguinte, quando o corpo dele flutuou até à superfície, as pessoas disseram que a mãe de Geumbok, cega de ciúmes, acabara por levá-lo com ela.

¹ Peça de roupa usada por homens e mulheres. (*N. da T.*)

O cais

EXATAMENTE À MESMA HORA em que o pobre viúvo libidinoso se afogava na água escura, Geumbok seguia, timidamente, sentada no banco do passageiro do triciclo motorizado que serpenteava pelas estradas da montanha, observando a linha interminável de faróis. O que a tinha feito deixar a sua terra natal e ir para uma cidade desconhecida? Teria sido por causa dos maus tratos do pai? Teria sido a sua curiosidade por mundos desconhecidos? Teria sido a sua irreprimível vadiagem que, segundo muitos, explicava a sua partida repentina? Estaria a tentar fugir do medo da morte, que nutria desde a morte da mãe? Tudo isto são coisas que nunca saberemos. Talvez tenha sido um sopro de vento que a empurrou para o mundo. O vento que emergiu de um oceano longínquo, subiu montanhas e contornou vales, antes de chegar à sua aldeia. Uma vez, estava sentada junto ao reservatório, a apanhar verduras, quando ouviu uma canção a flutuar com o vento.

Quem vive no Sul, para lá da montanha?

Todos os anos, a brisa da primavera vem de sul

Esse vento misterioso, que desencadeou os seus impulsos e a levou a fazer as malas e a partir, tinha-a acompanhado durante toda a sua vida, bem como o hábito de se apaixonar por tudo o que fosse grande e amplo. O vento tinha soprado assim de sul, na noite em que ela partiu com o peixeiro. E esse mesmo vento, depois de ter passado pelo triciclo do peixeiro, subindo com esforço as estradas da montanha, tinha voado em direção ao reservatório, onde o pai de Geumbok, sozinho, olhava para a Lua.

Embora parecesse estar a dormir, o peixeiro nunca se desviou da estrada enquanto conduzia durante toda a noite, e chegaram em segurança à costa. Quando o amanhecer rompeu por entre a neblina, o

peixeiro comprou a Geumbok uma sopa de espinhas de peixe, num mercado que cheirava a sal. Depois da refeição, deu a Geumbok algum dinheiro e disse-lhe onde estava alojado. «Se não tiveres para onde ir, estás à vontade para vir ter comigo.»

Geumbok ficou desiludida por a cidade ser mais pequena do que tinha imaginado, mas, mesmo assim, havia muito mais gente e muito mais coisas para ver do que na sua pequena aldeia da montanha. O mercado do peixe foi a primeira coisa que a fez parar. Como nunca tinha conhecido outro peixe além da corvina, do escamudo seco, da cavala e da lula, ficou encantada com a variedade de novos peixes, e passou muito tempo a olhar para o mercado, ignorando o cansaço que sentia nos pés. E não era só o peixe. Observava as pessoas — as mulheres que iam comprar peixe, os vendedores de peixe, com vozes roucas, a chamarem os clientes, os homens que transportavam caixas de peixe. A vitalidade do mercado arrebatou-a; o seu coração começou a bater com força e o seu passo tornou-se mais rápido, enquanto caminhava, empurrando a multidão sem se aperceber de que tinha saltado o almoço. Só saiu do mercado ao fim da tarde.

E então viu o oceano. De repente, o mundo desvaneceu-se e uma quietude infindável estendeu-se à sua frente. A sua pulsação acelerou e sentiu-se à beira das lágrimas. Deixou-se cair num rochedo. As ilhas que sobressaíam da água brilhavam ao longe, como se estivessem a flutuar ao longo da costa. As ondas batiam contra o rochedo onde ela estava sentada e transformavam-se em espuma. As gaivotas gritavam e voavam por cima dos barcos de pesca, mergulhando diretamente na água, antes de voltarem a sair, com peixes nos bicos.

O seu coração foi-se acalmando aos poucos. Mas, depois, os olhos arregalaram-se-lhe e ela levantou-se abruptamente. À sua frente estava uma visão inacreditável — um peixe enorme, várias vezes maior do que a casa onde tinha crescido. Estava no meio do oceano e lançava um jato de água pelas costas. Os pescadores gritavam dos seus barcos. Aterrorizada pelo aspeto daquela criatura incrivelmente grande, Geumbok começou a tremer, sem conseguir fechar a boca. O peixe bateu com a sua enorme cauda na superfície da água, e tornou a desaparecer por baixo da superfície. Tudo aquilo aconteceu num abrir e fechar de olhos. Geumbok ficou ali parada, durante muito tempo, de

boca aberta. Estaria a sonhar? Perguntou a um pescador, que estava a observar o peixe, ali perto, o que era aquilo.

Ele olhou para ela de forma estranha. «Não deves ser de cá. Aquilo era uma baleia. Uma baleia-azul, a maior de todas as baleias.»

Geumbok recostou-se no rochedo, à espera de que o grande peixe voltasse a aparecer, mas o oceano estava calmo, como se nada tivesse acontecido, e a baleia nunca mais voltou. Se um dia voltasse para casa, pensou, contaria a toda a gente o que tinha acabado de testemunhar: um peixe incrivelmente grande, no vasto oceano, que era dezenas de vezes mais largo e maior do que o reservatório da aldeia. Mas nem sempre os desejos de alguém se tornam realidade, na altura ou agora. Para ela, esse dia nunca chegaria.

Depois de ficar sentada no rochedo durante muito tempo, Geumbok recompôs-se e aproximou-se do cais, onde os barcos de pesca estavam atracados. A sua curiosidade de menina ainda não tinha sido satisfeita. Os barcos eram elegantes e suficientemente grandes para cortar as ondas agitadas e correr pelo alto mar. Tal como os lodaçais — onde viviam todos os tipos de organismos oceânicos — e o mercado do peixe eram o domínio das mulheres, o cais era onde os homens ganhavam a vida. Repleto de estivadores que descarregavam enormes cargueiros e de pescadores que regressavam de um dia no mar, o cais fervilhava de vitalidade. Para lá do cais, grandes troncos de regiões subtropicais remotas alinhavam-se ao longo da praia, refletindo na água os seus padrões.

Ela caminhou até ao fim do cais e parou em frente de uma barça onde um marinheiro de tronco nu e barba espessa estava a fixar uma rede em cordas de guia. O barco tinha linhas de pesca bem organizadas e um caixote cheio de sardinhas para isco. O homem olhou de relance para a rapariga, cujos olhos vivos brilhavam e cujo cabelo cheirava a relva, apesar de ter passado toda a noite no triciclo.

— De onde vieste, miúda?

— O que tens a ver com isso? — retorquiu Geumbok, com brusquidão, descontente com a palavra «miúda».

Ele olhou para ela, divertido. O cheiro a erva que vinha dela fez-

lhe inchar as virilhas. Para ele, que tinha vivido durante muito tempo nos mares agitados, era um cheiro nostálgico.

— Queres dar uma volta neste barco?

Geumbok pensou por um momento, depois acenou educadamente com a cabeça. Sorrindo, ele estendeu-lhe a mão. Geumbok agarrou-a, e ele puxou-a ao de leve para o barco. No antebraço dele, grosso e castanho, brilhava uma tatuagem de uma gaivota.

— Pela tua pele clara, vejo que não és de cá.

Ele observou-a enquanto ela explorava o barco; achou que a sua figura curvilínea não era má, apesar de parecer um pouco jovem.

Da proa, Geumbok olhou para a água.

— Já alguma vez apanhaste uma baleia?

— Claro que sim.

— A sério? — Geumbok arregalou os olhos de espanto.

— Claro que sim. Porque haveria de te mentir?

Ele parecia triunfante. Mas claro que estava a mentir. Não passava de um pescador vulgar, que ia à pesca do pargo e da albacora. Não ia para o alto mar por ter medo das ondas agitadas. Durante toda a sua vida, tinha-se contentado com o único barco velho que tinha sido do seu avô, por isso, era impossível alguma vez ter apanhado uma baleia. Mas, naquele dia, pelo menos à frente de Geumbok, era um marinheiro corajoso. Quando Geumbok se inclinou para meter a mão na água, ele esgueirou-se por trás dela, puxou-lhe a saia para cima e agarrou-lhe o traseiro rechonchudo.

— O que estás a fazer? Comporta-te como um homem decente!

Geumbok tentou afastá-lo, mas ele agarrou-a com mais força. Deitou-a no convés, desatou-lhe o *jeogori*, pondo-lhe o peito a descoberto, e enterrou a cara nos seios dela.

— Pára com isso! Larga-me!

Geumbok empurrou a enorme cabeça do pescador, mas ele esfregou a cara ainda mais vigorosamente no peito dela.

— Fica quieta por um minuto, está bem? — Ofegante, ele meteu-lhe as mãos nas saias, com brusquidão. — Vais gostar. Deixa-me fazer isto. Fica quieta.

Teria sido fácil para um homem corpulento fazer o que quisesse com uma rapariga, num barco deserto, apesar de todo o barulho que

Geumbok estava a fazer. Mas ela tinha, naquele seu corpo pequeno, uma certa audácia calma que a maioria dos homens não se atreveria a imitar. Aliás, ela era uma daquelas raras mulheres que, com astúcia, planeava como fugir enquanto era arrastada por um tigre.

Então, ela disse:

— Bem, então, afasta a cara. A tua barba está a arranhar-me.

O pescador afastou-se. Geumbok não deixou passar a oportunidade. Deu um pontapé, com a sua máxima força, no membro que lhe pendia entre as pernas. Ele caiu para trás, gritando com o ataque repentino. Ela saltou do barco, agarrou na sua trouxa e correu pela praia. Mas quão depressa podia uma rapariga correr? O pescador apanhou-a e agarrou-a. Deitou-a no chão e esbofeteou-a.

— Ninguém passa por aqui, miúda — rosnou ele. — Por isso, ninguém vai saber se eu te partir o pescoço e te enterrar na areia. Percebes agora como é, minha cabra desonesta?

Geumbok fechou os olhos. O pescador desapertou as calças, sem pressas. Estava prestes a tirar a saia a Geumbok quando se apercebeu de que tinha escurecido abruptamente. Olhou para cima.

Um homem enorme e musculado, alto como um carvalho, estava de pé, a olhar para eles. Geumbok também olhou para cima. O homem, com mais de oito *cheok*¹ de altura, aproximou-se deles, e a sua sombra era tão longa que cobria os dois deitados no chão. Os seus antebraços cor de cobre eram mais grossos do que a coxa de um homem normal e, debaixo do seu *jeoksam*² aberto, a barriga grande, suficientemente ampla para uma criança brincar em cima dela, oscilava a cada respiração. Geumbok, apesar de estar a olhar para ele, não conseguia ver-lhe o rosto, pois do sítio onde estava tinha a visão obstruída pela barriga dele. O gigante agarrou o pescador pelo pescoço e puxou-o para cima. O pescador dava pontapés, enquanto os seus testículos balançavam. Era a lei da gravidade. Apesar de o pescador também ser corpulento, o homem de oito *cheok* pegou nele como se fosse feito de palha. Atirou-o sem muita força, e o pescador voou e aterrou de cabeça na areia, gritando. Mas o pescador não desistia facilmente. Como se fosse uma fera à procura de comida,

correu para o homem maior, que se virou ligeiramente e lhe deu um pontapé na virilha. O pescador voou como uma bola e tornou a aterrar na areia. Gritou e contorceu-se, a agarrar as partes íntimas, e depois fugiu o mais depressa que pôde.

O gigante ficou a ver o pescador a fugir. Depois, virou-se para Geumbok, que ainda estava deitada de costas. Ela viu finalmente o rosto do homem e ficou outra vez chocada: era um adolescente. Apesar de a barba lhe estar a despontar, parecia muito jovem, como se ainda não tivesse fixado o seu rosto de adulto. Intimidada pelo seu tamanho e pela sua força impressionante, Geumbok encolheu-se, a tremer, depois puxou a saia para baixo, que estava subida até às coxas, e levantou-se. O rapaz não desviou nunca o olhar de Geumbok. Ela pensou que devia fugir, mas não conseguia mexer-se, como se os seus pés estivessem plantados na areia. Por fim, ele passou por ela e dirigiu-se para o cais. Geumbok viu de relance os olhos dele, escondidos no fundo do rosto bronzeado. Eram estranhamente gentis e pacíficos, contrariando o seu tamanho.

Só quando o gigante já estava longe Geumbok se recompôs e se apercebeu de que não lhe tinha perguntado o nome e nem sequer lhe tinha agradecido, mas não tinha tempo para pensar nisso. Aquela rapariga, que tinha crescido numa pacata aldeia na montanha, onde, num ano, não havia um único acontecimento digno de ser recordado, tinha vivido demasiado num só dia. As suas pernas cederam, e caiu ao chão, esgotada pela viagem no triciclo barulhento e pela exploração da nova cidade. Sentada, com a trouxa nos braços, a ver a água a brilhar ao sol, adormeceu.

Quem sabe quanto tempo terá dormido? Sentindo a mudança dos ventos, Geumbok abriu os olhos. O Sol estava a pôr-se, lá longe, no oceano. Era a altura em que todos os seres vivos se dirigiam para casa. Ao ver o pôr do sol sobre o grande oceano, a excitação de sair de casa, o fascínio de ver coisas novas no mercado do peixe e o choque de ver o oceano pela primeira vez desapareceram de uma só vez. O coração caiu-lhe aos pés. Não tinha casa nem amigos. O seu estômago fez barulho. Agora que pensava nisso, não tinha comido nada desde a

refeição que o peixeiro lhe tinha comprado, de manhã cedo. Lacrimou. Tinha entrado num mundo completamente diferente, e o seu futuro seria muito diferente do que tinha conhecido. O Sol vermelho pôs-se por entre as suas lágrimas. Mas não chorou durante muito tempo. Não era do género de ficar a ruminar. Não o tinha feito quando saiu de casa nem quando entrou no triciclo do peixeiro. Mais tarde, Geumbok recordaria aquele momento da sua vida e diria às gémeas: «Eu só tinha treze anos. O que podia eu fazer, naquela idade? Não conhecia ninguém e o dinheiro que tinha no bolso só dava para comprar um jarro de *makgeolli*3.»

Perto da meia-noite, Geumbok foi à estalagem onde o peixeiro estava hospedado. O peixeiro acordou e sorriu para Geumbok, com benevolência. «Se quiseres ficar aqui até encontrares trabalho, por mim, tudo bem.»

Nessa noite, no escuro, o peixeiro despiu Geumbok com cuidado. Ela respirava com dificuldade; um intenso cheiro a peixe emanava das profundezas dos poros dele. Pensando que era para retribuir a bondade do peixeiro, deitou-se, de olhos fechados. Era a lei do mundo em que acabara de entrar. Não conseguiu adormecer, mesmo depois de o peixeiro já estar a dormir. Viu cenas de casa, os rostos dos amigos, o rapaz com quem tinha namoriscado, meio nua, no quarto. Recordou os olhos estranhamente tranquilos do rapaz enorme que encontrara naquele dia. Durante toda a noite, as ondas rebentaram à porta, varrendo a areia.

A partir do dia seguinte, Geumbok acompanhou o peixeiro para todo o lado. Ele percorria desde as grandes cidades com estradas pavimentadas e eletricidade até às aldeias ainda mais remotas do que a sua terra natal. Geumbok e o peixeiro passavam os dias como uma filha obediente e um pai bondoso, e as noites como um casal feliz. À medida que ia aprendendo os costumes do mundo e trabalhando com o peixeiro, o seu peito foi aumentando e começou a parecer cada vez mais mulher.

— Mas porque é que vendes peixe? — perguntou um dia, deitada de barriga para baixo, comendo alabote seco ao lado do peixeiro, que estava a contar dinheiro.

— Que mais poderia um peixeiro vender? — respondeu ele, distraidamente.

— Mas o peixe estraga-se muito depressa.

— Não podemos fazer mais nada para além de o salgar para o conservar. Que alternativa temos? — O peixeiro dobrou o dinheiro que tinham ganho nesse dia e meteu-o na bolsa.

— Podíamos vender peixe seco. Assim, não se estragava tão depressa e podíamos levar muito mais em cada viagem. Podíamos poupar o tempo que gastamos a ir e vir entre as cidades e o cais.

— De que estás a falar? O peixe seco é caro. E, de qualquer modo, não há assim tanto para vender.

— Porque não compramos peixe e o secamos nós?

— Já é difícil andar de um lado para o outro, a vender. Onde íamos arranjar tempo para o secar? Isso demora muito, e também não temos espaço. Onde íamos secar tanto? — O peixeiro enrolou um cigarro, lambendo o papel.

— Eu podia fazer isso, enquanto tu continuas a vender. Há tantos terrenos vazios por todo o lado. Não há razão para nos preocuparmos.

— Mesmo que esteja vazio, cada terreno tem um dono.

— Então, podemos arrendá-lo. — Geumbok não se deixava dissuadir.

O peixeiro limitou-se a rir e fumou o seu cigarro, pensando que ela era apenas uma miúda que não sabia do que estava a falar.

Na manhã seguinte, Geumbok tinha desaparecido. O peixeiro procurou-a durante todo o dia, no mercado do peixe e no cais. Ao fim da tarde, quando regressou a casa, Geumbok cumprimentou-o alegremente.

— Onde estiveste o dia todo? — perguntou-lhe o peixeiro.

— Arrendei um terreno — respondeu Geumbok, com orgulho.

Depois de ter procurado perto do cais durante todo o dia, tinha arrendado um terreno por um preço barato, que não chegava sequer a

dez molhos de corvina. O peixeiro riu-se, incrédulo. Mas, logo no dia a seguir, Geumbok visitou outros sítios de secagem de peixe, para aprender a secá-lo, e comprou madeira para fazer prateleiras de secagem. O peixeiro ficou surpreso com a ambição de Geumbok e duvidou que fosse possível fazer e vender peixe seco, mas não conseguiu dizer-lhe que não quando ela lhe pediu dinheiro. Apesar de jovem, Geumbok era convincente. Era um dos seus atributos especiais.

Assim que terminou de construir uma pequena área de secagem numa zona agradável e arejada da costa, Geumbok começou a comprar peixe como bacalhau, escamudo, lúcio, cavala e sardinha. O peixeiro teve de confiar nela e investir todas as suas poupanças naquela nova atividade. Depois de o peixeiro empilhar o peixe numa das extremidades da zona de trabalho e partir para a venda, Geumbok sentou-se sozinha, junto à água, a limpar o peixe. Guardando as tripas para fazer *jeotgal*⁴ mais tarde, pôs-se a escamar o peixe. As escamas colavam-se ao seu corpo e faziam-na brilhar, e tresandava a peixe. Demorou dois dias inteiros a pendurar todos os peixes limpos em palha e dispô-los nas prateleiras de secagem. Assim que o orvalho da manhã se evaporava, Geumbok pendurava os peixes nas prateleiras, e assim que o Sol se punha, tirava-os. O ciclo repetia-se. Estudava sempre o céu, atenta à chuva, preocupada com a humidade, e afugentava os gatos vadios e as gaivotas. Enquanto o vento e o sol iam retirando gradualmente a humidade do peixe, ela ficava na cabana provisória que tinha construído ao lado das prateleiras de secagem. Quando o peixeiro regressou, depois de alguns dias de ausência, o peixe estava pendurado nas prateleiras, com um cheiro agradável e saboroso, a secar lindamente e a ficar castanho-avermelhado.

O negócio de peixe seco que iniciaram daquela forma era mais lucrativo do que tinham imaginado. O peixeiro, que tinha passado toda a vida a vaguear de cidade em cidade, estava radiante e sonhava em montar uma pequena banca no mercado do peixe e criar raízes. Não conseguia parar de sorrir. Mas Geumbok não se contentou com isso. Reinvestiu todos os lucros para comprar ainda mais peixe, expandindo o negócio. Ao fim de pouco tempo, o peixeiro não

conseguia transportar todo o peixe seco sozinho, pelo que começou a vender o restante a outra banca de peixe seco, no mercado. O produto de Geumbok era de tão boa qualidade que podiam cobrar um bom preço por ele. Não demorou muito para que o peixeiro deixasse de vender e começasse a secar também o peixe. Contrataram mais alguns trabalhadores. Em breve, estavam a secar não só o bacalhau e o escamudo, mas também lulas, filetes de peixe, pargos, corvinas, arenques e vários tipos de algas marinhas, bem como anchovas, pepinos-do-mar, abalone e camarão. Não havia muito com que não lidassem. Geumbok aprendeu as várias formas de secar o peixe e tratava-o de forma diferente, consoante o tipo; assava ou escaldava alguns, enquanto salgava outros ou os pincelava com molho de soja. À medida que se expandiam, acumularam todo o tipo de equipamento e construíram um barracão para armazenar os produtos acabados, e até construíram uma casa para viverem. À medida que mais e mais pessoas procuravam o peixe seco deles, o negócio ia crescendo. Ao fim de pouco tempo, tinham homens a cortar madeira de pinho para construírem continuamente prateleiras de secagem, enquanto várias dezenas de mulheres limpavam e preparavam o peixe. Toda a costa estava cheia de peixe em várias fases de desidratação.

Geumbok dominava já os princípios da indústria transformadora, de comprar matérias-primas e de as manipular para criar um produto de maior valor. Quando o peixe seco dela começou a ganhar uma vantagem competitiva no mercado, ela ajustou a distribuição para obter mais lucros. Por exemplo, o escamudo seco que as pessoas utilizavam para os ritos ancestrais era empilhado no armazém até à véspera de um feriado e enviado para o mercado depois de os preços dispararem. Outros tentaram seguir o exemplo de Geumbok, mas não conseguiam competir com ela, porque Geumbok tinha um método diferente desde o início. Ela ia ter com os mestres dos barcos antes de eles saírem e pagava-lhes adiantado, para garantir o peixe mais fresco, ao preço mais barato. Pensando de uma forma moderna, era como uma transação de futuros. O peixeiro era a única pessoa que sabia que a jovem Geumbok era a que tinha perspicácia para os negócios. Graças ao brilhantismo dela, em breve estava a ganhar uma quantidade de dinheiro com que nunca tinha sonhado.

Infelizmente, a riqueza material é impermanente! Não demorou muito para o peixeiro perceber que tudo aquilo era apenas uma ilusão. O tempo muda tudo.

¹ Unidade de comprimento equivalente a cerca de 33 cm. (*N. da T.*)

² Peça de roupa interior usada por homens e mulheres. (*N. da T.*)

³ Bebida alcoólica feita com arroz cru. (*N da T.*)

⁴ Peixe ou marisco salgado. (*N. da T.*)

O trabalhador das docas

A SENSUALIDADE E A PAIXÃO DE GEUMBOK, há muito adormecidas, estavam a começar a despertar lentamente. Agora que o seu peito tinha crescido e inchado como um peixe-balão furioso e o seu traseiro se tinha tornado ainda mais bem torneado, ninguém podia ignorar a sua presença, mesmo que ela estivesse a trabalhar entre mulheres com roupas de trabalho sujas. Aos rapazes, o seu cheiro único e subtil, que nem o fedor a peixe conseguia disfarçar, fazia-lhes o membro inchar, mesmo involuntariamente. O peixeiro detetou esta mudança em Geumbok antes de qualquer outra pessoa, e sentia-se constantemente preocupado, com medo de que ela o deixasse. O seu ventre jovem e fresco desejava agora os genes de um homem mais forte. Era a lei da reprodução.

Um dia, Geumbok foi às docas comprar peixe. Os mestres, cujos cabelos estavam penteados para trás e domados com brilhantina, detetaram o seu cheiro de longe e aproximaram-se para se atirarem a ela. Não podiam aceitar que uma mulher jovem e encantadora como Geumbok vivesse com um peixeiro velho e inútil. Quando estava a regatear, Geumbok sorria e namoriscava, mas se eles tentassem alguma coisa, ela transformava-se em pedra, o que os deixava ainda mais desesperados. Geumbok andava para cima e para baixo nas docas, com as ancas a balançar, sem prestar atenção àqueles velhos mestres.

Naquele dia, enquanto Geumbok negociava com um mestre, reparou num homem particularmente alto entre um grupo que descarregava caixotes de um cargueiro que tinha acabado de atracar. Tinha mais duas cabeças de altura que todos os outros, e subia a doca com pesados caixotes aos ombros, a pingar, para os pousar depois com

tanta leveza como se fossem fardos de palha. Os seus braços robustos estavam bronzeados contra o *jeoksam* entreaberto e, por baixo do *jambangi* dobrado para cima, os músculos das suas pernas contorciam-se poderosamente como enguias, a cada passo que dava. Enquanto outros trabalhadores das docas carregavam um caixote de cada vez, ele punha facilmente vários sobre os seus ombros largos.

Quando passou por Geumbok, ela apercebeu-se de que era o jovem que a tinha salvado na praia, vários anos antes. Embora os seus olhos estivessem obscurecidos pelas grossas sobrancelhas cravadas na testa direita e por uma barba crescida, continuavam calmos e inocentes, como as profundezas do oceano. O mestre que regateava com Geumbok observou o homem enorme e elogiou: «Um trabalhador espantoso.»

Geumbok perguntou casualmente ao mestre quem era ele. O mestre explicou-lhe que era um trabalhador das docas chamado Geokjeong. Aparentemente, havia duas histórias sobre como lhe tinham posto aquele nome. A primeira era que ele comia tão vorazmente quando era jovem que os seus pais se preocupavam sobre como podiam estar constantemente a alimentá-lo, e começaram a chamar-lhe Geokjeong — preocupações. A segunda era que a sua aparência austera tinha feito com que as pessoas se lembrassem do famoso ladrão Im Kkeokjeong e tivessem querido homenageá-lo com uma ligeira variação desse nome. O pai dele caçava tigres nas montanhas do Norte, e, quando os tigres começaram a escassear, veio para o Sul, com o filho, à procura de trabalho. Tinham chegado àquela cidade portuária alguns anos antes, provavelmente, um ou dois antes da chegada de Geumbok. O pai também era enorme e corria o boato de que conseguia capturar um tigre com as próprias mãos, mas Geokjeong, conhecido pela sua força desde tenra idade, tinha-se tornado ainda mais forte do que o pai antes de ter completado o seu crescimento.

Dois anos após chegarem, o pai de Geokjeong escorregou enquanto movia troncos, foi sugado para debaixo do navio e morto pela hélice. Mas Geokjeong ficou, continuando a trabalhar nas docas. Tentou trabalhar nos barcos, mas acabou por concluir que ficava demasiado confinado, e voltou a trabalhar das docas. O mestre disse a Geumbok

que Geokjeong recebia uma vez e meia mais do que os outros, mas que trabalhava três ou quatro vezes mais do que a maioria. Geumbok ficou a olhar para o homem, encantada. Esperava que ele olhasse para ela, mas ele continuava a carregar os caixotes, de olhos no chão, trabalhando sem parar, como um boi.

Depois de descarregarem o navio, os trabalhadores das docas receberam o seu salário diário e dispersaram. Geumbok arrumou rapidamente as coisas e seguiu Geokjeong, que caminhava calmamente pelo movimentado mercado de peixe, com uma toalha ao ombro. O mercado estava cheio de gente, mas ele era tão alto que ela conseguia mantê-lo debaixo de olho. Não sabia o que tencionava fazer; apenas o seguia à distância.

Geokjeong entrou num bar, no fim do mercado. Geumbok observou-o através da porta aberta, enquanto ele comia uma refeição verdadeiramente gigantesca: cinco tigelas cheias de arroz, dois *geun*² de carne de porco cozida e um *mal*³ de *makgeolli*. Geumbok esperou que ele terminasse e pagasse, e depois continuou a segui-lo.

Geokjeong chegou a uma casa em mau estado, onde viviam marinheiros itinerantes e trabalhadores das docas. Geumbok hesitou junto ao portão, pensando se não seria melhor ir embora, mas depois deu por si a tropeçar no pátio, como se alguém lhe tivesse dado um empurrão. Geumbok foi olhando para um quarto e para outro, até descobrir Geokjeong, sem camisa e deitado no *maru*, a dormir. Sentou-se calmamente na borda do *maru*, a vê-lo dormir. A sua barriga enorme subia e descia ao ritmo do seu ressonar. Cheirava a azedo, a *makgeolli*.

Ela não sabia porque é que tinha feito todo aquele caminho, mas o que aconteceu depois foi ainda mais desconcertante. Pousou uma mão trémula na barriga dele. Sentiu o movimento de um enorme ser vivo nas pontas dos dedos. Fechou os olhos. A vibração que sentia através dos dedos fê-la estremecer; sentiu um calor súbito entre as pernas. O ressonar dele abrandou, e ele abriu os olhos. Viu algo inacreditável — uma jovem mulher que não conhecia estava sentada ao seu lado, de olhos fechados, bonita como um quadro, com uma mão casualmente

pousada na sua barriga.

Olhou para ela, confuso, sem saber se estava a sonhar ou não. Quando a observou melhor, ela pareceu-lhe familiar. Sentindo o seu olhar, Geumbok abriu os olhos e olhou para ele. Trocaram olhares. Geokjeong reconheceu-a como sendo a rapariga que cheirava a fresco e a relva, na praia, alguns anos antes. Assustada, Geumbok tirou a mão e levantou-se. Atravessou o pátio a correr e saiu pelo portão. Com a pressa, perdeu um sapato, mas continuou a correr até chegar a casa. O peixeiro viu a sua cara pálida e aterrorizada e perguntou-lhe o que tinha acontecido, mas Geumbok não respondeu, respirando com dificuldade, e bebeu três tigelas de água fria, uma a seguir à outra.

Nessa noite, Geumbok não conseguia parar de pensar na cara de Geokjeong, o que a impediu de adormecer. Ao lado dela, o peixeiro, cansado, estava a ressonar. Um pouco antes, ele tinha-se deitado em cima de Geumbok e tinha-se contorcido algumas vezes, como sempre fazia, antes de deslizar para o seu lado da cama e adormecer. Geumbok saiu do quarto. As ondas batiam contra a costa, sob o brilho ténue da lua. Ela agachou-se na areia, observando a água, que brilhava, branca, como se tivessem espalhado pó de prata por todo o lado. Os seus olhos arregalaram-se. No meio do mar, tinha-se agigantado um peixe do tamanho de uma casa. A baleia-azul que ela tinha visto no seu primeiro dia ali. A baleia parecia ter cerca de vinte *jangs*⁴ de comprimento e expelia água pelo espiráculo. A água jorrava como uma fonte e lançava fragmentos prateados de luar. Algo quente lhe subiu das entranhas, a sensação de algo primitivo, a vibração de uma criatura viva que sobrevive à ameaça da morte.

Geumbok despiu-se, pendurou a roupa numa prateleira vazia de secagem do peixe e, depois, entrou na água. A água fria envolveu o seu corpo quente. Começou a nadar em direção à reluzente baleia-azul, que se movia graciosamente, batendo com a cauda e expelindo uma fonte de água. Mas, por mais que nadasse, não conseguia aproximar-se do animal. Embora a cauda se agitasse mesmo à sua frente e a pele reluzente brilhasse à frente do seu nariz, a baleia continuava longe. A baleia jorrou mais água e, a seguir, desapareceu

nas profundezas do oceano, com a cauda a abanar. Desanimada, Geumbok esperou que a baleia voltasse a aparecer, mas nunca mais aconteceu. Saiu da água, exausta, e sentiu uma brisa a soprar do oceano. Era o mesmo vento que a tinha levado a deixar a sua aldeia natal. E o vento estava prestes a levá-la para outro lugar. Talvez fosse ela quem chamava o vento.

O peixeiro andava nervoso. Sentia que alguma coisa tinha mudado em Geumbok, mas não se atrevia a perguntar. Quando ela parava de trabalhar, ficava parada, a olhar para o mar, com uns olhos, normalmente brilhantes e inteligentes, entristecidos. Ao contrário do que sempre fazia, não conversava com as mulheres que trabalhavam ao seu lado, e já não cantava alegremente. Quando ele acordava a meio da noite, não a encontrava na cama. Saía de casa e encontrava-a sentada na praia. O peixeiro sabia do que ela precisava, mas não era uma coisa que ele lhe pudesse dar. Ele sabia muito bem que não podia saciar a fome dela. Isso entristecia-o muito.

Independentemente do que se passava com Geumbok, o negócio continuava a crescer. Os veículos que traziam peixe fresco e os camiões que levavam peixe seco esperavam em longas filas, à entrada, e vários vendedores ambulantes levavam os produtos para vender em cidades distantes. Agora que Geumbok tinha perdido completamente o interesse no trabalho, o peixeiro teve de entrar em cena para equilibrar as contas. Era um desafio para ele, pois só tinha lidado com o seu triciclo motorizado durante toda a vida, e só lhe restava esperar que Geumbok se livrasse rapidamente da sua tristeza.

Alguns dias mais tarde, um homem corpulento, com oito *cheok* de altura, entrou no pátio. O Sol vermelho estava a pôr-se para lá do oceano. Toda a gente parou para olhar para ele. Ele viu Geumbok entre as mulheres e foi direito a ela, e as mulheres afastaram-se para ele passar. Tinha na mão o sapato de borracha de Geumbok, o que ela perdera em casa dele, e uma trouxa embrulhada num pano azul-marinho. Chocada por ver Geokjeong, Geumbok deixou cair o peixe

que estava a atar. Ele deu-lhe o sapato e a trouxa, mas ela olhou para eles, confusa, e depois para Geokjeong.

— Estas são as tuas roupas novas. Quero que venhas viver comigo agora.

As pessoas começaram a murmurar. Mas Geokjeong ficou ali, com a trouxa na mão estendida. Geumbok não se moveu. Houve um momento de silêncio.

O peixeiro abriu caminho por entre a multidão.

— Quem pensas que és, para a levar contigo? — Já intimidado por aquele homem extraordinariamente grande, a voz do peixeiro saiu trémula.

Geokjeong ignorou o peixeiro e manteve os olhos fixos em Geumbok. O peixeiro ganhou coragem, arrancou a trouxa da mão do gigante e atirou-a para o chão.

— Ela vai viver aqui comigo para sempre, a secar peixe. Por isso, desaparece! — Empurrou Geokjeong.

Claro que o gigante nem se mexeu. A sua cara barbuda contorceu-se, e ele agarrou o peixeiro pelo pescoço e levantou-o. O peixeiro ficou a dar pontapés no ar. Geumbok interveio no momento em que Geokjeong estava prestes a atirá-lo ao chão.

— Não faças isso! Se lhe fizeres mal, nunca mais me verás.

Geokjeong fez uma pausa e depois largou o peixeiro, que começou a gemer e a rebolar-se na areia. A história acabou aí. Geokjeong largou a trouxa aos pés de Geumbok e afastou-se, para esperar por ela, que se tinha ido despedir do peixeiro, enquanto ele continuava a esfregar as costas.

— Peço desculpa — disse Geumbok. — Sei que me trouxeste para aqui, mas conheci outra pessoa. Agora tenho de me ir embora. — Estava dominada pela ternura e afeto que sentia pelo seu primeiro homem, com quem tinha vivido durante vários anos, mas conseguiu não chorar. — Só mais uma coisa. Este outubro, não pendures o peixe a secar, aconteça o que acontecer. Percebeste?

O peixeiro sentou-se no chão, atordoado, sem perceber nada, e acenou com a cabeça. E foi assim que Geumbok começou a sua vida com Geokjeong, deixando o pôr do sol vermelho para trás. Tinham passado três anos desde que chegara àquela cidade costeira com o

peixeiro.

¹ Calças básicas. (*N. da T.*)

² Unidade de peso equivalente a cerca de 600 g. (*N. da T.*)

³ Unidade de peso muito reduzido, aqui significando «um bocadinho». (*N. da T.*)

⁴ Unidade de comprimento equivalente a 30,3 metros. (*N. da T.*)

Laura

O DIQUE ACABOU POR REBENTAR. A água do reservatório jorrou incontrolavelmente. Só então Geumbok se apercebeu da verdadeira natureza do calor que só diminuía quando ela mergulhava no oceano frio e do vento insistente que a tinha levado a deixar a sua terra natal. A língua ávida de Geokjeong lambia-a por todo o lado, deixando atrás de si rastros de arrepios. Ela ficava com os pelos todos eriçados. A vergonha e a sua falta de jeito desapareceram e ela abriu-se completamente. Envolveu as coxas de Geokjeong com as pernas e agarrou-se a ele, não deixando nem o mais pequeno espaço entre eles.

— Parece que estás a enterrar-te em mim — gemeu Geokjeong, estremecendo com o prazer incrível que estava a sentir pela primeira vez na vida.

O estremecimento passou para Geumbok, que cerrou os dentes e aguentou enquanto o terramoto abalava todo o seu ser. Na garganta formou-se um nó quente. Sentindo-se como se fosse começar a chorar de medo e de excitação pelo facto de as suas entranhas poderem ser catapultadas para fora do corpo, agarrou com as duas mãos o traseiro duro como uma rocha de Geokjeong. Cem triliões de células espalharam-se no ar antes de serem sugadas com uma força poderosa e finalmente causarem uma erupção. Bem lá do fundo, uma sacudidela violenta projetou tudo para dentro dela. Seguiu-se a paz. Abraçaram-se, sentindo uma alegria perfeita e tranquila.

Geumbok e Geokjeong estavam apaixonados, tal como os amantes fatídicos das histórias — Romeu e Julieta, Byeongangsoi e Ongnyeo, Asadal e Asanyeo. Eram um só, como duas árvores que tivessem crescido uma dentro da outra, e encaixavam perfeitamente como se tivessem sido feitos um para o outro. Todas as noites, eram soprados os dois para o furacão do prazer e caíam juntos em profundezas infindáveis.

Depois de se mudar para a casa de Geokjeong, Geumbok percorreu o mercado, comprando cobertores, pratos e outros artigos para a casa. Levavam uma vida simples, mas ela dava por si a cantarolar, entusiasmada. Tinha finalmente encontrado o que procurava desde que deixara a sua terra natal com o peixeiro.

Alguns dias mais tarde, Geumbok pediu dinheiro a Geokjeong para comprar arroz. Ela tinha gastado todas as suas poupanças a arranjar a casa. Com um ar embaraçado, Geokjeong disse-lhe que não tinha dinheiro. Tinha gastado todo o seu salário em comida. Apesar de receber uma vez e meia mais do que um homem comum, o seu apetite era tal que, assim que recebia o dinheiro, ia diretamente para o bar e banquetear-se com todo o arroz, carne e bebidas que conseguisse pagar. Embora não conseguisse poupar uma única moeda, não achava que a forma como vivia fosse assim tão alarmante.

Geumbok fê-lo sentar-se.

— Está bem. Até agora, isso não tinha importância, porque eras só tu, mas não podes continuar a viver assim. Viver com uma mulher significa que és responsável não só por te alimentares a ti próprio. Percebes o que estou a dizer?

— Claro que também quero poder alimentar-te, mas não ganho o suficiente para matar a fome — respondeu Geokjeong, envergonhado.

Geumbok ficou espantada com a ignorância dele, mas compreendia que ele tinha um apetite devorador. Pensou por um momento.

— Está bem. Tenho um plano. Ouvi dizer que trabalhas três a quatro vezes mais do que um homem normal. Mas só ganhas uma vez e meia mais do que um homem normal. Por isso, amanhã, vais ter com o patrão e dizes que, como trabalhas três a quatro vezes mais do que qualquer outra pessoa, também devias ganhar três vezes mais do que qualquer outra pessoa. E dizes que, se não for assim, não trabalhas mais para ele. Percebes o que estou a dizer?

Geokjeong acenou com a cabeça, não muito convencido.

Na manhã seguinte, Geumbok deu a Geokjeong um punhado de algodão quando ele ia a sair para o trabalho.

— Antes de falares com o patrão, enfias isto nos ouvidos. Diz-lhe

que queres receber o triplo do que recebes e, independentemente do que ele disser, ficas lá por um momento, e depois voltas para casa.

Geokjeong saiu com o algodão enfiado nos ouvidos, com um ar confuso, e regressou rapidamente a casa. Disse que tinha feito exatamente o que Geumbok lhe tinha dito para fazer. Parecia inseguro.

Geumbok estava calma.

— Espera. Em breve, teremos notícias.

De facto, antes da hora de almoço, um homem veio buscar Geokjeong. Desta vez, Geumbok deu-lhe um pano de linho acabado de lavar.

— Quando vires o patrão, enfia isto na boca. Diga ele o que disser, ficas lá parado, sem dizer nada, e depois voltas para casa.

Mais uma vez, Geokjeong regressou de imediato, e, pouco depois, o mesmo homem veio buscá-lo outra vez.

Geumbok sorriu e tirou o pano que Geokjeong ainda tinha na boca.

— Agora, vai lá. E quando receberes a tua jorna, traz arroz para casa.

Nessa noite, Geokjeong voltou para casa, carregando um grande saco de arroz. Quando foi falar com o patrão pela terceira vez, ele concordou facilmente em pagar-lhe três vezes mais. Era a lei do trabalho. Espantado com a facilidade com que as coisas se tinham resolvido, ficou impressionado com Geumbok, pensando em como teria ela urdido aquelas táticas. Ela riu-se da simplicidade dele, contente por terem resolvido o problema imediato da subsistência.

Geokjeong não era um homem sábio. Era um homem que trabalhava com afinco, recebia o salário diariamente e gastava tudo para sobreviver. Quando tinha fome, dirigia-se ao cais para trabalhar e, com o salário, enchia a barriga. Era tudo aquilo de que precisava. As únicas coisas que ele tinha eram um tamanho inacreditável e uma força do outro mundo, mas, como havia sempre pessoas que precisavam desse tipo de força, nunca pensou em viver de outra maneira até conhecer Geumbok. As preocupações dos pais sobre a forma como ele se alimentaria revelaram-se infundadas, mas, na verdade, era preocupante que ele próprio não se preocupasse com isso. Geokjeong pensava em tudo de uma forma simplista, e nunca se

preocupava com nada. Infelizmente, os seus extraordinários talentos físicos tinham feito dele um homem muito simples.

Por outro lado, Geumbok já sabia que o mundo não era assim tão simples. A falta de preocupação de Geokjeong deixava-a nervosa, mas ela adorava a sua ingenuidade, e deixou-se levar pelo corpo de Geokjeong, da mesma forma como ficara extasiada com a enorme baleia. Por outras palavras, não considerava nenhum homem, por mais viril que fosse, um verdadeiro homem se não tivesse uns braços ou um tronco tão grossos como os do seu homem. Mais do que qualquer outra coisa, ela adorava ser abraçada por ele. O seu peso impressionante a pressionar o seu peito macio, a sua respiração áspera, os seus músculos grandes, o momento vívido da erupção que abalava os seus corpos... Ironicamente, ela adorava aquela mente simples dele que, ao mesmo tempo, a deixava tão ansiosa. Acreditava no corpo dele e sentia-se profundamente segura na sua enormidade. E isso fazia-a feliz.

Entretanto, depois de Geumbok o ter deixado, o peixeiro sentiu-se desesperado durante muito tempo, e passou dias a emborcar bebidas alcoólicas. Embora não fosse ingénuo ao ponto de pensar que uma jovem cobiçada por todos os homens fortes do mundo ficaria com ele para sempre, tinha cuidado e acarinhado Geumbok como uma filha, durante anos; quando ela se foi embora, de repente, é claro que se sentia como se não tivesse comido, mesmo depois de ter acabado de comer, e como se não tivesse descansado, mesmo depois de ter acabado de acordar — afinal, fazia parte da natureza humana ir à procura de um cão fugitivo, quanto mais de um membro querido da família. O peixeiro não conseguia concentrar-se no trabalho.

Por outro lado, havia muitas outras raparigas na cidade. Para estar com uma mulher só era necessário ter dinheiro. E foi isso mesmo que ele fez. Nenhuma delas era tão especial como Geumbok, mas todas estavam para além do que o velho peixeiro merecia. Pela primeira vez na sua vida, passava os dias a divertir-se; nunca antes tinha desfrutado de prazeres mundanos.

«Porque trabalhei que nem um escravo quando podia ter vivido

assim?», perguntava-se, enquanto agarrava a vivaça empregada de bar, ao colo dele.

Claro que tudo isso custava dinheiro. Era a lei dos bairros do prazer. Esqueceu-se das prateleiras de secagem enquanto bebia com as mulheres, e passava as horas a jogar *hwatu*¹. De vez em quando, os vendedores ambulantes que já lhe tinham pagado encontravam-no e insistiam com ele para lhes entregar o peixe seco, mas ele era insolente e gritava-lhes que lhes devolveria o dinheiro, que até nem era assim tanto. Isso também custava dinheiro.

Enquanto ele andava a divertir-se num ou noutro estabelecimento, os peixes nas prateleiras de secagem começaram a ficar bolorentos e a apodrecer. As moscas punham-lhe ovos em cima e as larvas rastejavam por entre eles. Aquilo que não se tinha estragado era devorado por gatos vadios.

Um dia, o peixeiro estava a beber com uma rapariga, na sala das traseiras de um estabelecimento. Tinha andado a pensar em convidá-la para viver com ele. Ela tinha feito trinta anos já há muito tempo, mas ele sentia-se atraído pelos seus olhos maliciosos e pelas suas sardas. A rapariga, que lhe ia servindo copos uns a seguir aos outros, soltou um suspiro. O peixeiro, que tinha estado a apalpar-lhe o peito, perguntou-lhe o que tinha acontecido.

Como se estivesse à espera de que ele perguntasse, ela começou a chorar e contou-lhe tudo: tinha pedido dinheiro emprestado a um fulano, há muito tempo, mas não tinha conseguido pagar-lhe, por esta ou aquela razão, apesar de já ter passado tanto tempo, e, por causa disso, ia ser vendida a um bar, numa ilha distante, e, limpando as lágrimas e o ranho com um lenço, explicou que a sua vida estaria arruinada se fosse parar à tal ilha, da qual nunca conseguiria fugir, e apesar de a sua situação se dever ao facto de ser pobre e endividada, o que a tornava tão amarga e ressentida era o facto de estar apaixonada por ele e de, desde que quisera viver com ele, ter recusado todos os outros clientes, e agora que todos esses sonhos tinham sido destruídos, decidira saltar para o mar para acabar com a sua vida patética, para poder ao menos manter o seu corpo puro, e tinha ido para a doca, mas não conseguira matar-se porque a sua vida era tenaz, e agora ficariam para sempre separados e, mesmo depois de partir, a única coisa que

ela desejaria era que ele conhecesse uma boa mulher, tivesse filhos, e vivesse uma vida longa e feliz, e o seu único pedido era que, se um dia ele andasse pela costa e visse uma gaivota solitária a voar sozinha, pensasse que ela era a alma miserável de uma pobre mulher que vivera e morrera sozinha numa ilha distante, e que chamasse pelo seu nome em sua honra, o que a deixaria sem arrependimentos, mesmo depois de morta. Continuou com o seu pedido longo e melodramático e deixou-se cair no colo do peixeiro, a chorar. Como ele sempre se comovera com facilidade, sacudiu-a pelos ombros, com o coração despedaçado, engolindo com força, para conter as lágrimas.

— Pára de chorar e diz-me: quanto deves, para estares neste estado?

Desta vez, custou bastante dinheiro.

Passados três dias, a rapariga tinha pegado no dinheiro e na roupa e fugido. E, claro, tudo o que ela lhe tinha dito era mentira. Finalmente, o peixeiro controlou-se. Tinha ficado entusiasmado com a perspectiva de viver com a rapariga; agora, o futuro parecia sombrio. Depois de ter passado metade do dia deitado na cama, atordoado, a olhar para o teto, levantou-se e foi ver as prateleiras de secagem. Os peixes, que outrora cobriam a vasta praia, tinham sido levados pelo vento, pelo sol, pelo bolor, pelas larvas, pelas moscas, pelas formigas, pelas gaivotas e pelos gatos, deles restando apenas as espinhas secas e retorcidas, que se agitavam ao sabor da brisa. O peixeiro deixou-se cair ao lado do seu triciclo enferrujado pelo sal.

Felizmente, ainda lhe restava algum dinheiro. Recompôs-se e reconstruiu as prateleiras de secagem danificadas. Montou as prateleiras que tinham caído com o vento e trouxe os trabalhadores de volta. Usou o resto do dinheiro para comprar peixe. Felizmente, a pesca era abundante, pelo que o preço não era mau. As prateleiras de secagem ficaram novamente cheias. Olhou para o peixe a secar e decidiu que, desta vez, iria concentrar-se, lutar e poupar para abrir uma banca no mercado. Estávamos no início de outubro, mesmo no princípio do inverno.

O peixeiro começou a fumar um cigarro quando se lembrou do que

Geumbok lhe tinha aconselhado, alguns meses antes. Quando ela se fora embora, tinha-lhe dito que não devia pôr o peixe a secar em outubro. Porque teria ela dito isso? Outubro não era a estação das chuvas fortes nem das cheias. Na altura, ele estava estendido na areia depois de ter sido maltratado pelo gigante, por isso, não tinha tido oportunidade de perguntar porquê. Mesmo que houvesse uma boa razão, ele não podia recolher os peixes todos agora; era demasiado tarde. Sentia-se um pouco nervoso, mas abanou a cabeça, afastando as palavras dela. O que poderia aquela rapariga tola saber? Deitou-se numa esteira de palha e soprou o fumo. Nuvens tão translúcidas como escamas de peixe passavam no céu azul. O sol estava quente, e o vento, frio, o que era um tempo excelente para secar o peixe. Assim que ganhasse algum dinheiro, pensou, encontraria uma mulher boa e honesta.

Geumbok estava a caminhar para o mercado. Tinha ido comprar qualquer coisa para o jantar e dar uma vista de olhos ao local, coisa que já não fazia há algum tempo. Devia ser tão aborrecido para ela ficar em casa o dia todo, quando, pouco tempo antes, supervisionava a floresta de prateleiras de secagem, ao longo da vasta praia. Com uma bacia debaixo do braço, caminhava sem pressa, apreciando as vistas.

Nesse momento, um homem olhou para ela. Ele tinha-a visto alguns dias antes, no mercado do peixe. O rosto dela estava escuro, do trabalho à beira-mar, sob o sol escaldante, e ela tresandava a peixe, mas o homem percebeu imediatamente que havia qualquer coisa de diferente e especial nela. O cheiro amorfo que dela emanava lembrava-lhe leite, pó e as prostitutas que o tinham criado, trazia-lhe de volta o gosto da água salgada do mar que lhe escorreu para a boca quando o seu barco se virara, numa tempestade, fazia-o pensar no cheiro do sangue, quando espetava uma faca em alguém, e, mais do que qualquer outra coisa, trazia-lhe de volta a memória de uma gueixa que tinha amado desesperadamente.

Estava em frente ao cinema, com um fato branco como a neve. Foi o primeiro cinema construído naquela cidade. Geumbok tinha uma expressão animada no rosto, ao passar pelo cinema e, a cada passo

ligeiro, o seu traseiro curvilíneo balançava de um lado para o outro. Quando ela se aproximou, o homem pôs-se à sua frente.

— Queres fazer uma visita guiada ao cinema?

Ela olhou para ele. O rosto pálido e magro do homem estava marcado por uma longa cicatriz, numa das faces. Ele tirou um isqueiro de prata e acendeu o cigarro de uma forma elegante. Mas a sua mão só tinha dois dedos: o polegar e o indicador.

— O que é um cinema? — perguntou ela, olhando de soslaio para o homem.

— Um cinema é onde passam filmes — respondeu, e apontou para o letreiro pintado à mão, que mostrava uma mulher loira e um homem com um chapéu de cowboy, a olharem um para o outro, com os rostos muito próximos.

— O que é um filme?

Geumbok, como a maioria das pessoas daquela cidade, não fazia ideia do que era um filme.

— As pessoas fazem coisas nos filmes.

— Há muitas pessoas aqui fora, por isso, para quê incomodarmos a vê-las num cinema? — perguntou Geumbok, ingenuamente.

— As pessoas nos filmes são diferentes das pessoas aqui de fora, no mundo. São especiais. Tal como *tu*.

Sempre que as pessoas ouviam o nome daquele homem, tremiam, e quando olhavam para os seus olhos, molhavam as calças, mas Geumbok não sabia quem ele era, e, por isso, não tinha medo dele. Nenhum. Sentiu-se bastante atraída pelo seu rosto pálido, e deu por si a aproximar-se dele. Ficaram frente a frente, tão próximos como os atores do letreiro.

Sem se aperceber do que estava a fazer, Geumbok levantou a mão e tocou na cicatriz do homem. Foi a primeira pessoa a tocar na cicatriz, que resultara de uma luta que durou três dias e três noites.

— Isso é verdadeiro?

— Claro que é. Estás a sugerir que ando por aí com uma cicatriz falsa na cara?

— Doeui-te?

— Doeui — respondeu ele, e encolheu os ombros.

— Quem te fez isso?

— Uma pessoa que me odiava.

— O que lhe aconteceu?

— Ele odiava-me, mas acabou por ser ele a morrer. Amarrei-lhe pedras e atirei-o ao mar, por isso, acho que ele não conseguiria sobreviver, mesmo que soubesse nadar como um golfinho.

Estavam agora tão próximos que podiam encostar-se um ao outro. Geumbok sorriu lentamente para o homem. Ele sorriu-lhe também, e a cicatriz reta suavizou-se numa curva.

Nesse dia, Geumbok viu o seu primeiro filme. As pessoas diziam coisas incompreensíveis umas às outras, num grande ecrã. Cresciam e diminuía à vontade, atravessavam um deserto a cavalo, disparavam armas, e um homem e uma mulher beijavam-se, na parte de trás de uma carroça. Aquele filme tinha vindo de um país longínquo, Miguk — ou País Belo — América. Geumbok não conseguia desviar os olhos do ecrã por causa das cenas intensas e chocantes e dos sons majestosos que a envolviam. Tremia no seu lugar, deixando que o homem da cicatriz lhe segurasse a mão com os dois dedos, e estava tão concentrada no filme que não teria reparado se estivesse a segurar os dedos do pé do homem.

O filme acabou e as luzes acenderam-se, e o mundo encantado desapareceu instantaneamente. Geumbok sentiu-se enganada. Não conseguia levantar-se; sentia-se esgotada e desiludida, como se tivesse estado a preparar-se para um orgasmo, mas tivesse sido afastada sem atingir o êxtase. Naquele momento, desejou que o mundo espantoso que tinha tido diante dos seus olhos continuasse para sempre. Se alguém o pudesse fazer acontecer, pensou, trocaria tudo o que tinha por isso, e nunca se arrependeria da escolha que fizera.

Quando foi levada para fora do cinema pelo homem da cicatriz, Geumbok ficou tonta e maldisposta — vomitou tudo o que tinha no estômago. Pensou que ele lhe tinha pregado uma partida estranha. Não gostou. Mas o homem da cicatriz sorriu e respondeu: «Não é um truque, é um filme.» Explicou-lhe que havia milhares e milhares de filmes no mundo, e que ela podia ver qualquer filme que quisesse, se se tornasse amiga dele. Piscou-lhe o olho. «Se quiseres ver um filme,

vem ter comigo a qualquer hora. Eu estarei sempre aqui.»

De repente, Geumbok achou o sorriso presunçoso dele desagradável. A cicatriz dele pareceu-lhe ameaçadora. Disse que tinha de ir para casa e, pegando na bacia que tinha deixado encostada à entrada, fugiu. O homem da cicatriz sorriu ao vê-la partir.

Estava muito vento quando ela saiu. Os letreiros das lojas estremeciam e as caixas de madeira e a palha que dantes tinham guardado e embrulhado o peixe andavam pelo ar. Ela olhou para cima. Grandes nuvens escuras tinham-se formado no céu, a sul. O seu coração começou a bater depressa; sempre tivera um dom invulgar para detetar sinais de mau presságio. Arrependeu-se de ter ido ao cinema com o homem da cicatriz. Limitara-se a ver um filme, mas sentia que tinha feito uma coisa proibida. No entanto, naquela altura ainda não sabia como os acontecimentos do dia iriam mudar o seu destino. Reprimindo a sua ansiedade crescente, apressou-se a regressar a casa.

Naquela noite, Geokjeong não regressou a casa. Isso nunca tinha acontecido antes. Geumbok cansou-se de esperar por ele e jantou sozinha. Deitou-se na cama, mas não conseguia adormecer, sentindo-se inquieta. O vento fazia as portas bater e as janelas ranger insistentemente. Puxou os cobertores para cima da cabeça e tentou adormecer.

O peixeiro foi acordado por um estrondo. Nessa noite, tinha grelhado uma sardinha e bebido *soju*² antes de ir dormir. Depois de a rapariga ter fugido com o seu dinheiro, ele jurou que deixaria de beber, mas sentia-se tão só que não conseguia adormecer sem álcool. Quando abriu os olhos, nem queria acreditar. O teto tinha sido totalmente arrancado e as coisas do seu quarto estavam a ser arrastadas pelo vento. As portas tremiam como folhas, como se estivessem prestes a ser estraçalhadas. Sentiu gotas de chuva. Foi então que se lembrou das prateleiras de secagem. Correu para a rua. Na escuridão, uma onda do tamanho de uma casa ergueu-se como um

gigante. Um tufão.

Na praia, a maioria das prateleiras tinha caído e os peixes rebojavam pela areia. Apressou-se a apanhar o peixe e a metê-lo em caixotes. A água jorrava de todas as direções, encharcando-o, e os ventos fortes empurravam-no de um lado para o outro. As ondas tornavam-se cada vez mais violentas, rugindo até às prateleiras de secagem. Estava tudo a cair, e os caixotes que ele tanto se esforçara por empilhar começaram a voar. Apanhou freneticamente todos os peixes e pô-los numa pilha. Ouvia rangidos e estalidos; quando se virou, viu a sua casa a ser desfeita em pedaços. O telhado tinha voado, os móveis caíam e a porta estava prestes a sair das dobradiças. Parecia que os espíritos malignos estavam a gritar aos ouvidos dele; pensou que ia ficar surdo. Corria atrás dos peixes como se tivesse enlouquecido mas, assim que os empilhava, eles dispersavam-se ao vento, deslizando pelo ar. A areia salpicava e picava-lhe a cara. A sua carne rasgou-se e o sangue começou a escorrer. Não restava mais nada. Começou a rir-se como um louco, atirando ao vento e ao mar tudo aquilo a que conseguia deitar a mão: peixes, ramos de pinheiro, areia. «Ah, ah, ah! Leva lá este peixe! Está tudo estragado! Porque não destróis tudo? Leva a casa, leva-me a mim e leva o mundo! Tudo!»

Um enorme maremoto ergueu-se à frente do peixeiro, enquanto ele gritava com toda a força. Varreu tudo.

Ao som ténue de alguém a chamar pelo seu nome, Geumbok abriu os olhos. Olhou para o lado, mas Geokjeong não tinha regressado. Estava tudo escuro e o vento abanava violentamente as janelas. OuvIU uma voz fraca lá fora. Sentindo-se aliviada, abriu a porta. Meia dúzia de homens fortes, encharcados por causa da chuva, pousaram, em frente ao portão, uma maca feita de esteiras de palha e pedaços de madeira fixados em postes de madeira. Geumbok saiu a correr e a gritar. Era Geokjeong, coberto de sangue. A chuva lavava o sangue do corpo dele. A soluçar, Geumbok segurou-lhe a cabeça; o seu rosto estava pálido e os olhos estavam fechados. A cabeça estava enrolada numa toalha ensanguentada.

- 1 Jogo de cartas. (*N. da T.*)
- 2 Bebida alcoólica aquecida. (*N. da T.*)

O homem da cicatriz

MAIS TARDE, OS VELHOS PESCADORES DISSERAM que tinha sido o maior e o mais assustador tufão que alguma vez tinham visto. As casas ficaram desfeitas, houve deslizamentos de terra e as estradas ficaram cortadas. A onda gigante tinha levantado os barcos ancorados, que agora balançavam ao vento, empoleirados no que costumavam ser telhados; os telhados tinham sido arrancados e flutuavam como ratazanas no mar. Muitas pessoas tinham morrido afogadas ou estavam desaparecidas. Muitos mais corpos nunca seriam encontrados.

Laura.

Era esse o nome do tufão assassino anunciado pelo centro meteorológico, no dia seguinte. O bonito nome de uma mulher ocidental.

Como sabia Geumbok que o tufão ia atacar? Teria ela algum órgão extrassensorial no corpo, como os gafanhotos? Ou teria acesso a previsões a que os meros mortais não tinham? Não se pode acreditar em todas as histórias que circulam pelo mundo. Dependendo da pessoa que a conta, da pessoa que a ouve e dos talentos do contador original da história, uma história dá origem a ajustamentos e modificações. Hoje em dia, quando até os textos sagrados, supostamente constantes e verdadeiros, são postos em causa, é impossível aceitar cegamente uma história que circula pelo mundo. No entanto, também não se pode desconfiar sem provas claras do contrário. Não é mais credível do que o facto de o céu limpo ter um buraco do tamanho do oceano Pacífico? Abençoados sejam os fiéis.

O peixeiro não morreu. No dia seguinte, sentou-se na areia, em

estado de choque, a olhar para os destroços. O Sol brilhava sobre o mar tranquilo; era como se a noite anterior tivesse sido um sonho. O ar estava parado, as ondas estavam calmas e o mar estava tranquilo. A sua operação de secagem de peixe, que outrora tinha sido um espetáculo maravilhoso de se ver, tinha-se evaporado. A casa tinha flutuado para um lado qualquer, as prateleiras de secagem tinham-se partido e o peixe espalhara-se em todas as direções, como grãos de areia. O peixe em decomposição tresandava. As gaivotas mergulhavam para comer o peixe espalhado ao longo da costa e gritavam com indiferença. Finalmente, por volta da hora do almoço, o peixeiro deixou a praia no seu triciclo enferrujado. Nunca mais ninguém o viu na cidade à beira-mar.

Geokjeong também não morreu. Nessa noite, o médico, que tinha sido acordado e arrastado de casa por Geumbok, abanou a cabeça, depois de examinar o gigante. Disse que, provavelmente, ele não sobreviveria mais do que alguns dias. Não havia nada que pudesse curá-lo; não havia nada que ele pudesse fazer. A chorar, Geumbok agarrou-se às pernas dele e, então, ele passou uma receita, mas acrescentou que duvidava que servisse de muito. Mas Geumbok não desistiu. Perguntou por um lado e por outro e consultou todos os bons médicos, comprando todos os medicamentos que pudessem fazer-lhe bem. Claro que, como não tinha dinheiro, ficou ainda mais amargurada. Enquanto Geokjeong estava de cama, entre a vida e a morte, ela dedicou-se desesperadamente a cuidar dele, como se a sua própria vida disso dependesse.

Naquele dia fatídico, Geokjeong tinha estado a transportar madeira proveniente de regiões subtropicais distantes. Os troncos tinham cinco a seis *jang* de comprimento e três ou mais *areum*¹ de espessura; era muito provável que fossem extremamente pesados. Todos os trabalhadores da zona tinham sido mobilizados para o enorme local de trabalho. Os homens amarravam cordas a um tronco, colocavam-se de ambos os lados, puxavam a corda para os ombros e levantavam o

tronco até ao cais. O cais encheu-se não só com os gemidos e o esforço dos trabalhadores, mas também com os espectadores. Na frente, um homem batia um tambor ao som de um cântico, encorajando os trabalhadores. Os homens estavam na água até à cintura, com o *jamais*² a escorregar-lhes pelas pernas e a corda grossa a pressionar-lhes dolorosamente os ombros, mas retribuía o cântico com gritos, movendo as pernas trémulas para a frente, com toda a força que tinham.

Nesse dia, Geokjeong estava a demonstrar a razão por que ganhava três vezes mais do que todos os outros. Ia à frente da fila, com a corda atada à cintura, liderando os homens. Quando ele puxava, eles iam para a frente; quando ele fazia uma pausa para respirar, a fila parava. Os espectadores gritavam de espanto com a força sobre-humana de Geokjeong, enquanto o dono do navio estava na doca, satisfeito e a acenar com a cabeça.

Foi então que aconteceu. Um estrondo. Os espectadores gritaram. Um dos troncos empilhados na doca tinha rebolado. Geokjeong olhou para o tronco a cair. Tinha tempo para sair do caminho, mas isso significaria que os trabalhadores atrás dele seriam atingidos. De certeza que meia dúzia deles ficariam com a cabeça esmagada ou aleijados. Todos gritaram para que saíssem do caminho, mas Geokjeong ficou onde estava, retesando as pernas. Com um estrondo assustador, o tronco veio direito a ele, enquanto todos gritavam, esperando uma tragédia terrível. As mulheres voltaram a cara e taparam os olhos. Geokjeong soltou um grito no momento em que o tronco o atingiu no peito. O que aconteceu a seguir foi inimaginável. Com um estrondo, o tronco interrompeu a sua trajetória. Embora tenha dado alguns passos atrás, a cambalear, ele ficou bem; saiu sem um único arranhão no corpo. As pessoas aplaudiram a sua força espantosa. Enquanto Geokjeong estava encostado ao tronco, os homens tinham fugido para o lado e soltavam suspiros de alívio. Ele pegou no tronco com facilidade e atirou-o à água, que espirrou para todos os lados.

Geokjeong ouviu pessoas a gritarem outra vez atrás dele e virou-se, a sorrir, pensando que ainda estavam a dar vivas. Mas não era isso. O suporte debaixo dos troncos tinha-se partido, e a pilha desmoronou-se;

com um enorme estrondo, dezenas de enormes troncos começaram a cair. Os trabalhadores fugiram ou saltaram para a água. Geokjeong, que tinha demonstrado a sua força extraordinária, tornou a fincar os pés, como um touro, bloqueando os troncos. Desta vez, o resultado foi diferente. Os troncos apanharam-no e caíram no oceano, acompanhados por um enorme rugido. Era a lei da aceleração.

Num curto espaço de tempo, Geokjeong tinha demonstrado uma bravura heroica seguida de uma ousadia imprudente. Qualquer outro homem teria ficado esmagado e morto; ao sobreviver, ele tinha confirmado a sua força invulgar. Mas os resultados foram brutais. Tinha partido a clavícula e a anca, a bacia estava desfeita e tinha outros ferimentos graves. Geumbok não se sentiu melhor quando as pessoas lhe garantiram que Geokjeong tinha saído relativamente ileso de algo a que mais ninguém poderia ter sobrevivido. Quando ele finalmente abriu os olhos, Geumbok perguntou-lhe porque é que não se tinha afastado. Geokjeong disse lentamente e com esforço: «Pensei... que também... podia... parar os troncos... da segunda vez.»

Era a lei da estupidez. Geumbok viu, finalmente, os seus medos com toda a clareza. Alguma coisa tinha estado sempre enrolada dentro dela, a sobrepor-se à sua felicidade transbordante; o físico dele tinha obscurecido a sua trágica ingenuidade. Como uma chama que se apagasse instantaneamente, o corpo dele, impotente, desfez-se. Mas Geumbok não desistiu. Não podia. Amava-o desesperadamente e tinha-se entregado totalmente à união deles. Dedicou-se a cuidar de Geokjeong enquanto ele estava deitado como um tronco. Quando ele transpirava muito, ela trocava-lhe a roupa amiúde, limpava-lhe constantemente as feridas e massajava-lhe os membros, para despertar os nervos danificados. Enquanto fervia algumas ervas medicinais, Geumbok rezou, pela primeira vez na sua vida, a um deus qualquer, que nem sequer conhecia.

Querido Deus, ser perfeito, quem quer que sejas, por favor, salva-o. Peço-te com tudo o que tenho, com todos os meus segredos e felicidade, com todos os passos que dei, com toda a minha carne e o meu sangue. Seja qual for o preço, aceitá-lo-ei de bom grado.

Depois de Geokjeong ter ficado retido no seu leito de doente, o problema mais imediato era o da sobrevivência. Com o dinheiro que não tinha, Geumbok continuava a chamar médicos e a comprar medicamentos e, por isso, tinha de fazer alguma coisa, mas tudo o que estava disponível para uma mulher eram biscates no cais. Foi isso que ela fez. Despiu a saia, vestiu umas calças de trabalho, como todas as mulheres que trabalhavam no cais, e foi para as docas. Arranjava o peixe, remendava as redes, cortava as sardinhas e enfiava-as nas linhas de pesca. Para uma patroa que, ainda há pouco tempo, negociava grandes somas de dinheiro com os mestres dos navios, tinha descido ao fundo do poço. Era a lei do mundo. Passava o dia todo nas docas, a trabalhar até mais não poder, mas o dinheiro que ganhava não chegava para duas refeições por dia, quanto mais para medicamentos caros. Pensou se não devia voltar para o negócio do peixe seco, mas rapidamente tirou isso da cabeça. Não podia começar a trabalhar nesse ramo sem um fundo de maneio, e não queria, de modo algum, invadir o negócio do peixeiro. Esta era a forma de Geumbok lhe ser leal. Na altura, ela não sabia da tragédia que o peixeiro sofrera.

Graças aos cuidados dedicados de Geumbok, Geokjeong conseguiu levantar-se da cama. Mas o seu estado continuava grave. Os nervos das pernas estavam cortados, o que o tornava incapaz de andar sem muletas, e gemia todas as noites, com dores no lado do corpo e no pescoço. Os ossos partidos cravavam-se na carne. Quando conseguia adormecer, tinha sonhos horríveis, com pessoas mortas a persegui-lo. Acordava de repente, aos gritos. Geumbok não tapava os ouvidos quando isso acontecia; em vez disso, desatava o *jeogori* e colocava o peito na boca de Geokjeong, sussurrando: «Já ninguém te pode magoar. Por isso, não te preocupes com nada e volta a dormir, meu amor.»

Geokjeong virava-se e revirava-se nos braços de Geumbok até conseguir adormecer. O seu corpo e a sua mente, outrora robustos como o ferro, estavam cada vez mais fracos. Os esforços de Geumbok pareciam inúteis, como se ela estivesse a tentar apanhar água

derramada.

Como Geokjeong dependia de Geumbok para tudo, desde comer a dormir e a lavar-se, ficava rabugento se não a via nem que fosse por um momento. Chorava muitas vezes, e tremia de medo de que alguém lhe fizesse mal. Por alguma razão, estava convencido de que Geumbok iria deixá-lo, e isso tornava-o desconfiado. Ela garantia-lhe repetidamente que nunca o deixaria, mas a convicção infundada dele era cada vez mais forte. Por fim, começou a suspeitar que Geumbok andava com outros homens. Começou a bater-lhe. Era a lei da ilusão paranoica. Apesar de estar ferido, partia os pertences deles com uma força aterradora. Depois, arrancava-lhe toda a roupa e arrastava-a pelos cabelos para a rua, puxando-a pelo chão e gritando às pessoas que saíam para ver: «Qual de vocês, idiotas, anda a dormir com esta cabra? Vá, cheguem-se à frente! Venham cá para fora e enfrentem-me, seus filhos da puta!»

As pessoas comentavam, sentindo pena de Geumbok, mas como tinham plena consciência da força assustadora de Geokjeong, ninguém se atrevia a ajudar. Geumbok chorava e implorava-lhe que parasse, jurava-lhe que não amava mais ninguém, mas não adiantava. Era como se ele estivesse dominado pelo deus do ciúme. Quando se cansava e se recompunha, arrependia-se do que tinha feito. «É porque te amo. Porque te amo muito. Tens de me perdoar», implorava, a chorar. Já não era o Geokjeong que tinha sido outrora. Geumbok estava cada vez mais exausta, sentindo-se sufocada. O seu rosto empalideceu e perdeu o brilho. O cheiro que fazia o coração dos homens bater mais depressa dissipou-se, e as pessoas já não a reconheciam, quando passavam por ela, na rua.

Um dia, Geumbok estava no mercado, como sempre, a arranjar peixe. As pessoas começaram a murmurar e a correr para o cais. Ela seguiu-as e viu que algo se passava no meio do cais, enquanto as pessoas se aglomeravam à volta, para ver. Geumbok abriu caminho por entre elas. Não podia acreditar no que estava a ver. Os homens

estavam a cortar um peixe enorme — a baleia-azul que ela tinha visto da praia, no primeiro dia. Quando cortaram a barriga da baleia com facas grandes, jorrou tanto sangue e saíram tantas vísceras que as pessoas tiveram de se afastar. Do enorme estômago do animal saíram utensílios de pesca, como uma âncora, velas, redes velhas e linhas de pesca emaranhadas, bem como pedaços de madeira partidos de navios, vários tipos de plantas marinhas e pequenos peixes. As pessoas gritavam sempre que aparecia mais alguma coisa, mas Geumbok tinha a sensação de que era a sua própria carne que estava a ser esquartejada. Sentia-se aterrorizada ao ver uma vida majestosa transformar-se em pedaços de carne. Pôs a mão à frente da boca, tentando engolir os soluços. Foi-se embora e atirou-se ao chão, na praia vazia, a chorar desalmadamente.

Naquele dia, a caminho de casa, exausta do trabalho árduo e com o coração pesado, passou pelo cinema. Estava em cena um novo western. Olhou para o letreiro. O que a teria feito voltar ao cinema, naquele dia? Teria sido a morte da baleia que a tinha feito mudar de ideias? Talvez quisesse esquecer a sua própria vida terrível por um momento? Estaria o seu coração a dizer-lhe para procurar um novo caminho?

Os pés levaram-na ao cinema. Perguntou pelo homem da cicatriz, e ele apareceu pouco depois. Estava com o seu fato branco como a neve, com um cigarro na boca, e pareceu surpreendido com o aspeto macilento de Geumbok. Ela arrependeu-se de ter passado por ali. Tinha o rosto a arder de vergonha e só lhe apetecia dar meia-volta e fugir. Conseguiu dizer, com uma voz débil, que queria ver um filme. O homem da cicatriz sorriu e levou-a para dentro do cinema, pela mão.

Mais uma vez, ela não conseguiu tirar os olhos do ecrã enquanto sentia um prazer imenso com os sons majestosos que se derramavam sobre ela. Quando o filme acabou, sentiu-se novamente como se tivesse sido enganada. Não conseguia levantar-se; sentia-se desiludida e triste. Durante todo o filme, o homem da cicatriz esteve sentado ao lado dela, segurando-lhe a mão com os seus dois dedos.

Geumbok saiu do cinema com as mãos escorregadias de suor. Mas,

desta vez, não vomitou. O homem da cicatriz disse-lhe que voltasse sempre que quisesse ver um filme. Sorriu para ela. Geumbok foi-se embora a correr, com a cara a arder de vergonha. Mas não conseguiu resistir a voltar ao cinema no dia seguinte, e no dia a seguir a esse. Como se estivesse viciada em ópio, não conseguia aguentar ficar um dia sem ver um filme. Não conseguia parar.

O homem da cicatriz era um gangster. Um vigarista famoso, um contrabandista infame, um carnicheiro incrível, um libertino, o chulo de todas as prostitutas do cais e um intermediário de temperamento explosivo, que estava envolvido em todos os negócios ilícitos da cidade. Conhecia todos os truques e todas as maneiras de resolver complicações. Na maior parte das vezes, a sua forma de viver estava fora dos limites legais, mas as pessoas precisavam sempre de alguém como ele. Apresentava estivadores e marinheiros leais aos armadores e trazia raparigas bonitas de outras cidades para trabalharem nos bares. Arranjava barcos apropriados para contrabandistas e resolvia os problemas com a ajuda de bandidos que vagueavam pelo cais. Todas as pessoas da cidade sabiam quem ele era. Todos o temiam, mas alguns consideravam-no talentoso e digno de confiança.

O facto de um tipo ruim como ele se ter interessado por uma vulgar rapariga do campo como Geumbok devia-se à sua trágica história de amor — ao seu passado como *yakuza*³, que cortou seis dedos, um a um, para os oferecer à mulher que amava.

Quando o homem da cicatriz conheceu Naoko, a mulher ideal, que amava com todo o seu ser, tinha dezasseis anos. Nessa altura, fazia recados para os *yakuza*, e aprendeu a usar uma faca para despachar alguém rapidamente. Vivia numa cidade costeira do Japão. Dois anos antes, tinha deixado a sua cidade natal, na Coreia, para ir para o Japão. Uma noite, foi às casas de prazer com o seu mentor e viu uma gueixa com um quimono vermelho. Ficou imediatamente apaixonado. O seu coração nunca mais deixou de lhe doer, a partir desse momento. Desejou-a durante muito tempo, até, finalmente, ir sozinho, uma

noite, às casas de prazer.

Naoko era o nome da gueixa que tinha acendido um fogo no coração do rapaz. O seu rosto estava sempre pintado de branco, o que tornava difícil adivinhar a sua idade. Um aroma subtil emanava da gueixa, quando ela cantava, o que fazia o coração dele bater mais depressa e os seus joelhos fraquejarem; era isso que o aroma de Geumbok lhe recordava. Com a voz trémula, confessou o seu amor por ela e pediu-lhe para ir para a cama com ela. A gueixa, que tinha passado por todo o tipo de provações, não tinha qualquer intenção de aceder aos desejos do jovem.

— Quero um homem de verdade — disse-lhe ela, com frieza. — Não és um verdadeiro *yakuza*. És demasiado jovem para fazer amor. Volta quando fores um pouco mais velho.

O rapaz pegou num punhal e cortou corajosamente o dedo mínimo; a gueixa quase gritou de terror.

— Voltarei por ti, dentro de alguns anos. Nessa altura, serei um verdadeiro homem. Esta é a prova da minha promessa.

Envolveu o dedo mínimo em musselina e entregou-lho. Saiu da casa do prazer.

Passaram alguns anos, e o rapaz tornou-se um homem. O seu olhar tinha-se tornado mais profundo; ganhara músculos e crescera em altura. Um dia, esfaqueou um membro de uma organização rival, tal como tinha aprendido com os seus mentores. Apesar de o rapaz nem sequer ser japonês, o *oyabun*⁴ aceitou-o como membro oficial. Durante a cerimónia de iniciação, o rapaz cortou um dedo e ofereceu-o ao *oyabun*, prometendo ser leal, honrado e nunca trair a organização. Como já tinha dado o dedo mínimo esquerdo à gueixa, cortou o dedo mínimo direito.

Nessa noite, foi à procura da gueixa. Já há alguns anos que não via Naoko, cuja cara continuava pintada de branco.

— Hoje tornei-me um verdadeiro homem, tal como tu querias. Hoje tornei-me um membro oficial da organização.

A princípio, ela não se lembrou do rapaz que lhe tinha confessado o seu amor, muito tempo antes, mas sorriu quando ele lhe mostrou a

mão com um dedo a menos.

— És tu, o jovem de então. Mas há tantos jovens como tu, nesta cidade. E eu não acredito no amor. O amor muda e é difícil de manter.

— Em que acreditas, então? — perguntou ele, devastado por Naoko não o ter reconhecido.

— Um homem tem de ser suficientemente forte para proteger a sua mulher. Caso contrário, não se pode dizer que seja um verdadeiro homem, por muito grande que seja e por muito jeito que tenha para manejar uma lâmina.

Ele cortou outro dedo.

— Eu voltarei como um homem poderoso. Espera por mim até essa altura. Esta é a prova da minha promessa.

O seu olhar transformou-se. Sempre que havia uma luta entre organizações, ele brandia a sua faca à frente do bando, enquanto corria para os seus inimigos. Pensava na gueixa Naoko, de cada vez que usava a faca. Lembrava-se do cheiro que ela exalava, e jurava que iria tê-la. Nunca fugia do perigo, quase tendo morrido inúmeras vezes, e tornou-se um *yakuza* temido por todos, até que acabou por ser o segundo na hierarquia de comando.

Voltou para a gueixa. Tinham passado alguns anos desde que ele prometera que voltaria. Pediu para ir para a cama com ela, e ela lembrou-se finalmente do homem que tinha cortado dois dedos por ela.

— Parece que te tornaste um verdadeiro homem — disse-lhe.

— É isso mesmo. Agora sou suficientemente poderoso para te proteger.

Naoko sorriu.

— Posso dormir contigo esta noite. Mas que significado teria isso, se não puder ser para sempre?

Ele sentiu-se asfixiado, tamanho era o seu desespero.

— O que queres dizer com isso?

— Independentemente dos machos que existirem numa alcateia, só um leão fica com todas as fêmeas. É isso o que eu quero. Estás a perceber?

— Queres que eu seja o *oyabun*?

Naoko limitou-se a sorrir. Ela era uma mulher que nunca estava

satisfeita. Mas, louco de amor, ele pegou num punhal e cortou outro dedo.

— Voltarei como *oyabun*. Esta é a prova da minha promessa.

Embrulhou-o em musselina, deu-lho e partiu.

Mas tornar-se o *oyabun* não era uma tarefa fácil. Por mais que ele se destacasse, não havia possibilidade de ascensão até que o *oyabun* atual se aposentasse ou morresse. O tempo passava e ele sentia-se cada vez mais ansioso. Finalmente, tomou uma decisão fatídica. Arranjou uma faca com a marca de uma organização rival e entrou no quarto do *oyabun*, a altas horas da noite, para o apunhalar no coração. Custava-lhe trair o seu mentor, que o tinha acolhido e criado, mas não tinha outra opção. Depois de o matar, como pedido de desculpas, cortou outro dedo.

Em breve, estalou uma guerra feroz entre as duas organizações, que se prolongou por mais de um ano. Membros de ambos os lados foram mutilados ou mortos. Por fim, o quartel-general interveio, para mediar a situação. Depois da guerra, tornou-se *oyabun*, como era seu desejo. Voltou para junto de Naoko, que desta vez não se esqueceu dele e o cumprimentou calorosamente.

— Tornaste-te o *oyabun*. Sinto-me honrada por não te teres esquecido de mim e por me teres vindo ver.

A mudança de atitude de Naoko emocionou-o e encantou-o. Quando começou a anoitecer, ela saiu para se lavar. Ele despiu-se e meteu-se debaixo dos cobertores, à espera da sua amada, finalmente alcançada com o sacrifício de cinco dedos. Naoko voltou depois do banho. No escuro, despiu o quimono vermelho. Tinha lavado a pintura branca da cara. Ele agarrou-a pela mão e puxou-a para a cama. Ela tremeu timidamente quando ele a abraçou; ele estava à beira de chorar de alegria. A recompensa pela sua longa obsessão foi um doce êxtase. Atingiu o auge do prazer várias vezes, nessa noite. Adormeceu com os braços à volta dela.

Na manhã seguinte, acordou, ainda a recuperar do intenso prazer da noite anterior. Naoko dormia nos seus braços. Virou-se para olhar para o rosto da sua amada e ficou chocado. A gueixa deitada ao seu lado era uma mulher idosa, com o rosto enrugado e os seios descaídos. A princípio, pensou que Naoko o tinha enganado, talvez enviando

outra gueixa. Mas depois apercebeu-se de que a mulher idosa deitada ao seu lado era mesmo Naoko, sempre escondida pelo pó branco e pelo quimono vermelho. O coração caiu-lhe aos pés. Ela não era jovem quando ele a conheceu, e ele levava anos a conseguir tê-la. Não podia acreditar que aquela velha enrugada fosse a gueixa que ele tanto amara e desejara. Os prazeres da noite anterior transformaram-se em repulsa, enquanto ele tremia de desalento, traição e raiva. Enquanto perseguia uma ilusão tola, Naoko tinha envelhecido. Ele tinha desperdiçado a sua juventude. Amaldiçoou o seu destino cruel, jurando vingar-se do deus que se rira dele. Nunca mais voltaria a amar outra mulher. Para selar esse voto, cortou outro dedo.

Puxou os cobertores sobre a velha gueixa, nua e adormecida, e partiu.

Nunca mais a viu. Passado algum tempo, começou a correr o boato de que ele tinha assassinado o antigo *oyabun*, e a sede da organização conduziu uma investigação secreta. Ele decidiu deixar aquela cidade, que só lhe tinha dado cicatrizes e arrependimentos. Nada o prendia ali. Numa madrugada, sem dizer a ninguém, embarcou num cargueiro com destino à sua terra natal. Só lhe restavam quatro dedos. Depois de regressar à cidade à beira-mar, visitava por vezes as prostitutas, para saciar a sua luxúria, mas nunca entregou o seu coração a nenhuma delas. E esta é a história de como ele perdeu seis dedos.

Um vigarista famoso, um contrabandista infame, um carnicheiro incrível, um libertino, o chulo de todas as prostitutas do cais e um intermediário de temperamento explosivo, o homem da cicatriz sentava-se sempre ao lado de Geumbok e segurava-lhe a mão, enquanto ela via os filmes. Ela estava preparada para uma mão que se enfiasse no seu *jeogori* ou deslizesse por baixo da saia, mas, por alguma razão, a única coisa que ele fazia era dar-lhe a mão. Sussurrava respostas a Geumbok sempre que ela tinha perguntas. Sendo o homem mais poderoso da cidade, bastar-lhe-ia estalar os dedos para fazer o que quisesse com uma rapariga, mas foi sempre gentil e educado com Geumbok. Reservava-lhe sempre o melhor lugar no cinema. Apesar de o cinema ser cada vez mais popular e

movimentado, ninguém se sentava no lugar dela, mesmo não havendo qualquer indicação de que estava ocupado. Era a lei das ruas.

Como explicou o homem da cicatriz, havia milhares de filmes no mundo, e aqueles de que Geumbok mais gostava eram os westerns. O deserto tão vasto que não podia existir, a carruagem puxada por cavalos a atravessá-lo descontroladamente, a conclusão firme dada por uma arma, os cowboys e as mulheres loiras que sabiam lidar com eles...

Geumbok gostava de um homem que fazia muitas vezes o papel de xerife, um homem grande, com uns ombros duros como pedra e umas mãos carnudas, que ficava especialmente bem montado num cavalo.

John Wayne.

Era esse o nome do xerife, explicou o homem da cicatriz.

Geumbok começou a compreender os segredos escondidos nos filmes, à medida que ia frequentando o cinema. Como, por exemplo, tudo o que se desenrolava diante dos seus olhos não era realidade, como os filmes contavam histórias, à semelhança dos contos de fadas que ouvia dos adultos, quando era pequena, e como, se lesse as legendas, podia compreender melhor a história. Só havia uma coisa que ela não conseguia entender: o conceito de «atuação». Segundo o homem da cicatriz, as pessoas nos filmes não eram reais, não choravam por estarem verdadeiramente tristes nem se beijavam por amor verdadeiro, mas estavam «apenas a fingir». Ele dizia que «fingir» era «atuar». Mas Geumbok não percebia porque é que eles tinham de atuar. Porque é que se zangavam e discutiam, mesmo quando não se odiavam, e porque é que choravam, mesmo quando não se amavam? Acabou por compreender a diferença entre ser honesto e representar, mas os filmes continuaram a ser sedutores e a levarem-na para um mundo de prazer, libertando-a da dor.

Isto não é importante, mas há uma história de fundo em que é difícil acreditar sobre o fato branco usado pelo homem da cicatriz. Em tempos, tal como outros gangsters, ele usava fatos pretos. Mas uma

vez experimentou um fato branco e ficou imediatamente encantado. Acreditou, estupidamente, que o fato branco iria lavar-lhe o sangue das mãos e purificar o seu passado manchado de vícios e crimes. Foi nessa altura que começou a usar apenas branco, o que se tornou um problema para aqueles que já tinham usado fatos brancos antes. Ninguém achava que devia usar a mesma cor que o homem da cicatriz. Porque é que pensavam isso? Não sabemos — era simplesmente o que pensavam. Ninguém lhes ordenou que deixassem de usar branco, mas, voluntariamente, penduraram os seus fatos brancos no fundo dos armários e começaram a vestir outros fatos. Pouco tempo depois de o homem da cicatriz ter começado a usar branco, essa cor desapareceu completamente das ruas.

Os homens que realmente sentiam falta do branco usavam cinzento ou cor de marfim. Os que usavam fatos cinzentos não o sentiam tanto, mas os que usavam fatos cor de marfim sentiam-se pegajosos e começavam a suar assim que saíam à rua. Em breve, essa cor também desapareceu das ruas. Por fim, só uma pessoa usava branco naquela cidade à beira-mar. Isso significava que ele era facilmente detetado onde quer que fosse. De qualquer forma, é assim que reza a história.

¹ Unidade de medida de algo que pode ser contido no círculo formado pelas duas mãos juntas. (*N. da T.*)

² Calças curtas antigas, sem forro, com um gancho baixo, que desce até aos joelhos. (*N. da T.*)

³ Gangster. (*N. da T.*)

⁴ Líder dos gangsters. (*N. da T.*)

John Wayne

GEOKJEONG FOI FICANDO MAIS FRACO. Apesar dos cuidados dedicados de Geumbok, o seu rosto emagreceu visivelmente, o corpo definhou, os músculos enfraqueceram e desenvolveu escaras por estar deitado todo o dia. Não comia quase nada e ficava deitado a olhar para o teto, com a visão desfocada. De vez em quando, levantava-se de um salto e tornava-se violento, como se se tivesse lembrado de que devia fazê-lo, mas já não era tão forte como antes. Como um saco de serapilheira cheio de batatas podres, foi-se fechando em si próprio. O coração de Geumbok doía-lhe ao ver o corpo dele a colapsar. O desejo de fugir da dor que a afligia foi-se tornando cada vez mais evidente. Era algo que não conseguia deixar de sentir.

Uma noite, chegou tarde a casa e encontrou um saco de arroz à frente da casa. Abriu a porta e, para sua surpresa, viu Geokjeong a comer avidamente uma perna de porco cozida. Ele cumprimentou-a alegremente, talvez por ser a primeira vez, em muito tempo, que comia carne. Explicou-lhe que um homem tinha trazido a comida, num carrinho de mão. Então, não foste tu que a mandaste?, perguntou-lhe. Mostrou-lhe um saco que o homem tinha trazido; estava cheio até à borda de medicamentos caros.

Geumbok dirigiu-se imediatamente a casa do homem da cicatriz, que ficou surpreendido ao vê-la, quando ela lhe atirou o saco de medicamentos aos pés.

— Não sou nenhuma prostituta — afirmou.

— Nunca disse que o eras — retorquiu o homem da cicatriz, sorrindo gentilmente.

— Então, o que queres?

— Que venhas todos os dias ao cinema. É só isso que quero.

— Não sei do que estás à espera, mas não posso aceitar isto.

— Só quero ajudar-te — disse ele, olhando-a diretamente nos olhos.

Ficaram a olhar um para o outro, travando uma guerra psicológica. Finalmente, Geumbok baixou os olhos e começou a despir-se. O homem ficou surpreso.

— Se alguém te dá dinheiro, isso tem um preço — explica Geumbok. — Não sei o que queres, mas posso pagar-te à minha maneira.

Era a lei de Geumbok.

A partir do dia seguinte, Geumbok não foi trabalhar. Em vez disso, ia ao cinema de manhã, para ver filmes. Quando os medicamentos de Geokjeong estavam quase a acabar, ia ter com o homem da cicatriz e despiam-se, e depois ia para casa com dinheiro. Quando se deitava com o homem da cicatriz, ressentia-se da sua falta de força, e queria morrer de vergonha, mas, com o passar do tempo, esses sentimentos foram esmorecendo. Jurou a si própria que faria tudo para arranjar medicamentos para Geokjeong.

Um dia, depois de terem terminado, Geumbok levantou-se para se vestir, quando o homem da cicatriz a deteve. Tirou uma coisa que tinha escondido no fundo do armário. Era o quimono vermelho que Naoko tinha usado, a gueixa que ele tinha acarinhado. Ajudou Geumbok a vesti-lo, enquanto ela olhava para ele, confusa.

— Gostava que o vestisses da próxima vez que vieres ter comigo. O que achas? Podes fazer isso por mim, não podes, Naoko?

Tinha começado a chamar-lhe Naoko há algum tempo. Geumbok achava que era uma vergonha ser chamada pelo nome de outra mulher e ter de usar um quimono, mas conseguia viver com isso, tendo em conta o que ganhava. Voltava sempre para casa com dinheiro suficiente para comida e medicamentos. Com o passar do tempo, habituou-se ao nome e ao quimono, e em breve já não sentia qualquer repulsa, como se o seu nome sempre tivesse sido Naoko.

Enquanto o homem da cicatriz — o vigarista famoso, o contrabandista infame, o carnicheiro incrível, o libertino, o chulo de

todas as prostitutas do cais e o intermediário de temperamento explosivo — era taciturno, com Geumbok era sociável e não escondia nada dela. As histórias que lhe contava eram assustadoras e cruéis, sobre assassinios e raptos, conspirações e traições — como nascera de uma velha prostituta que trabalhava no cais e fora criado por outras prostitutas quando ela morreu, durante o parto, como crescera sem conhecer o pai, como aparecera na sua vida um contrabandista que dizia ser seu pai, como viajara clandestino, para o Japão, com esse homem, como um tufão os atingira durante a viagem, como o navio se virara, como o contrabandista não sabia nadar e se debateu com as ondas até morrer afogado, como ele, que, felizmente, sabia nadar, foi parar a uma praia e perdeu os sentidos, onde foi descoberto pelos *yakuza*, como viveu com eles e aprendeu a usar uma faca, como matou pela primeira vez, como conheceu a gueixa que foi o seu primeiro amor, como se separou dela, como regressou a casa e consolidou o poder naquela cidade —, mas Geumbok continuava encantada, como se estivesse a ver um filme. Foi assim que ela entrou gradualmente no mundo dele.

Um dia, o homem da cicatriz levou Geumbok a um café junto ao cinema. Pediu um chá preto como araruta. Ela bebeu um gole e cuspiu-o imediatamente; era demasiado amargo.

— O que é isto?

— É café. Se for demasiado amargo, podes pôr um pouco de açúcar. Assim. — E sorriu.

Não era assim tão mau, quando ela o adoçou. Aliás, até era delicioso, e, depois de alguns goles, apaixonou-se pelo sabor do café. O sabor amargo que se espalhava na ponta da língua e se dissipava à medida que deixava para trás um sabor puro e persistente, o aroma que parecia conter um segredo elegante no seu amargor — fizeram-na lembrar-se do cheiro do vento que soprava do sul, muito tempo antes, quando ela se sentava na colina da sua aldeia natal.

Desde então, começou a ir frequentemente ao café, para tomar café. Quis saber de que seria feita aquela bebida, para ter um sabor tão misterioso, e depressa aprendeu que vinha de grãos que pareciam

de cevada, mas que eram tão grandes como ervilhas. O homem da cicatriz explicou-lhe que essas sementes cresciam em árvores e vinham de um país muito distante, do outro lado do mundo. Quando as sementes eram torradas numa panela e depois fervidas, a água tornava-se castanho-escuro, enchendo o café com o seu aroma. No café, juntavam-se todos os tipos de pessoas, perseguindo aquele aroma suave: amantes tímidos que vinham ver um filme, jovens desorientados que não sabiam o que fazer da vida, operários exaustos do trabalho, marinheiros que regressavam do alto mar, homens que vinham ver o homem da cicatriz.

O homem da cicatriz encontrava-se sempre com as pessoas num canto do café. À entrada, estavam os seus homens, a quem era preciso pedir autorização para falar com ele. Normalmente, os visitantes falavam enquanto o homem da cicatriz escutava atentamente. Embora ele apenas acenasse com a cabeça ou franzisse ligeiramente o sobrolho, os homens ficavam alegres ou tristes consoante a sua expressão. Depois de se irem embora, o homem da cicatriz chamava um dos seus homens e dizia-lhes algumas palavras. Escusado será dizer que essas palavras desencadeavam sugestões e ameaças, raptos e torturas, terror e assassínios.

Por toda a cidade, o homem da cicatriz recebia uma parte sempre que havia uma troca de dinheiro. Por exemplo, se um carteirista roubasse os pertences de um campónio desnorteado, uma parte iria para o homem da cicatriz. Uma prostituta recebia um grande pagamento de um viúvo solitário? Uma parte ia para o homem da cicatriz. Quando se vendiam bebidas alcoólicas nos bares, comida nos restaurantes ou água nos aguadeiros, o homem da cicatriz recebia a sua parte, e se surgisse uma discussão algures e alguém tivesse de ser compensado por isso, havia sempre uma parte para o homem da cicatriz. As pessoas chamavam-lhe impostos.

E porque tinham as pessoas de pagar impostos ao homem da cicatriz, perguntam vocês? Simplesmente, tinham de o fazer. Sempre fora assim, e ninguém o questionava. Alguns anos antes, um homem que tinha vindo de outro lugar para abrir um bar perguntou pela primeira vez porquê.

A resposta foi dada de imediato, nessa mesma noite, por uma

grande pedra atada à cintura do homem antes de ele ser atirado ao mar. Era a lei do homem da cicatriz. Alguns anos depois, a resposta foi resumida de forma concisa por um missionário que foi à cidade: Dai a Deus o que é de Deus e ao homem da cicatriz o que é do homem da cicatriz.

Há muito tempo, um gangue de uma cidade vizinha, cobiçando o território do homem da cicatriz, foi atrás dele. Contrataram um assassino, que lhe cravou uma faca no lado esquerdo, enquanto ele caminhava sozinho pela rua, em plena luz do dia. O homem da cicatriz ficou muito tempo no hospital, a lutar pela vida. Finalmente, ergueu-se como uma fénix e vingou-se. Os bandidos foram, na sua maioria, atirados à água, com pedras presas ao corpo. Por causa desse incidente, o homem da cicatriz criou o hábito de olhar para trás de três em três passos, e esse hábito penoso continuou até morrer, vários anos mais tarde, numa noite de tempestade, quando foi espetado por um arpão.

Uma vez, Geumbok foi para casa muito tarde. Era o dia da estreia de um novo western. O seu ator favorito, John Wayne, entrava no filme, juntamente com índios com penas. O taciturno John Wayne matou calmamente os índios, um a um, que caíam como veados. Era a lei dos westerns. Geumbok ficou tão absorvida pelo filme que só conseguiu levantar-se depois de o ver três vezes seguidas. Era tão tarde que começou a ficar preocupada com Geokjeong.

E, de facto, Geokjeong estava furioso. Assim que a viu, agarrou-a pelos cabelos e bateu-lhe com a cabeça na parede, uma e outra e outra vez. Praguejou com ela e exigiu saber com quem tinha ela estado, aquele tempo todo. Insistiu também que sentia o cheiro de outro homem nela, e começou a atirar coisas pelo ar. Farta, Geumbok levantou-se e empurrou-o. Geokjeong caiu de pernas para o ar e começou a chorar como uma criança. Olhou para ela com um ar de reprovação.

— Eu sei o que está a acontecer.

O coração de Geumbok caiu-lhe aos pés.

— O que queres dizer com isso?

— Ouvi o que as pessoas andam a dizer de ti.

Geumbok soltou um longo suspiro e olhou para ele. Enquanto andava de um lado para o outro, entre Geokjeong e o homem da cicatriz, tinha-se esquecido de cuidar dele; Geokjeong, cuja roupa estava imunda, tinha emagrecido tanto que parecia um enorme saco de couro vazio. Teve pena dele. A culpa, que se tinha apagado recentemente, reavivou-se nela. Abraçou-o.

— Fosse o que fosse que tivesses ouvido, não te atrevas a acreditar. São só histórias que as pessoas inventam, para poder coscuvilhar.

— Não, tu mudaste — disse Geokeong, abanando a cabeça e ainda a chorar. — Eu sei que há outro homem.

— Que outro homem? Vá lá, diz-me. Quem poderia eu amar, além de ti?

Geokjeong fungou.

— O John Wayne. Gostas muito mais do John Wayne do que de mim.

O monstro

QUALQUER PESSOA PODE, pelo menos uma vez na vida, ficar inconscientemente iludida ou irracionalmente obcecada. Quando se trata de uma coisa como o amor, por exemplo. Nesse sentido, mesmo uma pessoa racional como o homem da cicatriz podia ter sido apenas mais um humano tolo. Apesar de uma vez ter jurado que nunca mais amaria outra mulher e de ter cortado um dedo como prova dessa promessa, deu consigo apaixonado por Naoko-Geumbok. Inicialmente, tinha-se aproximado meio por curiosidade e meio por diversão, mas, quando ela começou a vestir o quimono vermelho, o seu coração incendiou-se, tal como a gueixa tinha incendiado o seu coração de dezasseis anos. Tentou tudo o que podia para cumprir a sua promessa e não se apaixonar, mas era impossível rejeitar Geumbok, que já tinha ocupado um canto do seu coração.

É claro que, como vigarista famoso, contrabandista infame, carnicheiro incrível, libertino, chulo de todas as prostitutas do cais e intermediário de temperamento explosivo, o homem da cicatriz podia ter qualquer mulher que quisesse, em qualquer altura, mas a única que significava alguma coisa para ele era a mulher de Geokjeong. Ela tirava de bom grado o quimono sempre que ele queria, mas o que ele queria não era apenas o seu corpo. Queria as suas confidências sussurradas, as suas queixas, os seus sorrisos; tudo o que ele realmente queria era os seus abraços e as suas lágrimas, o som da sua respiração e o seu amor. O que ele queria, no fundo, era tudo o que havia em Geumbok, e queria tê-lo para sempre. Era a lei do amor.

Uma vez, ele tentou, como que por acaso, saber o que Geumbok sentia. Disse-lhe que não conseguia perceber por que razão uma mulher jovem e bonita como ela vivia com um homem preguiçoso e

doente como Geokjeong.

Geumbok soltou um longo suspiro. «É o meu homem. Não pode viver sem mim. Por isso, nunca poderei deixá-lo, a não ser que seja ele a acabar com tudo.»

O homem da cicatriz não conseguia acreditar em como o amor de Geumbok era insensato e incondicional, mas ela era firme quanto a isso. Mesmo ele, que sabia como conseguir o que queria, não podia fazer nada em relação ao coração de Geumbok. O seu próprio coração implodia sempre que Geumbok despiu o quimono e ia para casa. Ele dava-lhe presentes preciosos que ela nunca tinha visto na vida, como um relógio caro vindo do outro lado do oceano, um bonito punhal do Japão, uma chaleira de cristal da Arábia e um gancho do cabelo de ouro da China. Era a lei do namoro. Mas Geumbok não se comovia com esses presentes, e só os aceitava a contragosto, depois de ele insistir muito com ela.

Passado um tempo, ele voltou a perguntar-lhe, cautelosamente, para ver se tinha havido alguma mudança no coração dela. Geumbok despiu o quimono e vestia as suas próprias roupas, preparando-se para ir para casa.

— Ele está a usar-te. Posso separá-lo de ti para sempre, se quiseres.

— O que queres dizer com isso? — Geumbok virou de repente a cabeça para ele, com chamadas azuis a dançarem-lhe nos olhos. Aproximou-se dele e olhou-o diretamente nos olhos. — Não sei o que estás a tramar, mas nem sequer sonhes em fazer seja o que for. Se lhe acontecer alguma coisa, saberei que és o responsável. Mato-me à tua frente se tocares num só cabelo dele que seja. Fixa bem as minhas palavras.

A seguir, abriu a porta e saiu, com uma expressão gélida.

O homem da cicatriz pensou que poderia morrer ali mesmo, e sem arrependimentos, se soubesse que Geumbok sentia aquele tipo de amor por ele. Em vez de sofrer com um coração despedaçado, seria melhor ficar para sempre mutilado e receber os cuidados ternos de

Geumbok. A sua promessa de nunca mais voltar a amar tinha sido quebrada, e cedo percebeu que estava a tentar conquistar o coração de Geumbok.

Pouco tempo depois, o homem da cicatriz fez uma proposta a Geumbok. Ele dar-lhes-ia, a ela e a Geokjeong, um quarto na sua casa. Claro que, no início, Geumbok recusou firmemente a oferta; não estava interessada em ter Geokjeong a viver na mesma casa que um homem com quem estava envolvida numa relação ilícita, e também suspeitava que o homem da cicatriz tinha segundas intenções. Mas ele convenceu-a, dizendo que seria ideal para ele, pois poderia passar mais tempo com Geumbok, e que também seria melhor para Geokjeong, pois a permanência numa casa grande e limpa ajudá-lo-ia a recuperar. O homem da cicatriz até prometeu que se mudaria também para lá um médico, para tratar de Geokjeong. Incapaz de recusar por mais tempo, Geumbok mudou-se, finalmente, para casa dele, com Geokjeong, e começaram a viver os três juntos.

A princípio, Geumbok não se sentia à vontade em casa dele. Mas, com o passar do tempo, habituou-se àquela estranha coabitação. O homem da cicatriz tinha uma cozinha, por isso, ela nem sequer tinha de fazer nada, e, como havia muitos outros criados na casa, Geokjeong não tinha de depender apenas de Geumbok. Ela podia viver muito acima das suas possibilidades, e não havia razão para estar infeliz. A sua expressão recuperou a vitalidade.

Entretanto, embora Geokjeong não soubesse porque se tinham mudado, estava convencido de que Geumbok devia ter arranjado alguma maneira de ganhar muito dinheiro. De qualquer forma, havia sempre muito para comer e, por isso, também não havia razão para ele estar infeliz. Via o homem da cicatriz de vez em quando, mas não percebia qual era a relação dele com Geumbok, nem estava interessado em perceber. A suspeita sobre a relação de Geumbok com John Wayne tinha-se evaporado da sua cabeça há muito tempo. Talvez por se sentir aborrecido por estar deitado dentro de casa, começou a

cobiçar comida. O gigante de olhos meigos, que tinha sido famoso por ser o mais forte dos homens, transformou-se num parasita preguiçoso e inútil, que só pensava em comida. Graças à sua gula, deixou de ser irracionalmente violento, recuperou lentamente a saúde e começou a engordar, deixando Geumbok feliz. Os dias deles eram cheios de paz e satisfação.

Mas não era esse o caso do homem da cicatriz, vigarista famoso, contrabandista infame, carnicheiro incrível, libertino, chulo de todas as prostitutas do cais e intermediário de temperamento explosivo. Passava os dias apaixonado e em grande sofrimento. Já tinha entrado várias vezes no quarto de Geokjeong com uma faca. Mas, sabendo o que Geumbok faria se acontecesse alguma coisa ao seu homem, não tinha conseguido apunhalá-lo. Em vez disso, pegava na faca e punha-a junto de algumas partes do corpo de Geokjeong enquanto ele dormia, estudando onde e como iria esfaqueá-lo para que ele morresse instantaneamente. Era assim que o homem da cicatriz confirmava para si próprio a inutilidade de Geokjeong. Poderia decidir a qualquer momento mandá-lo para o submundo, e esse pensamento apaziguava momentaneamente o desejo assassino que lhe atormentava o coração. Geokjeong estava sempre a dormir, com restos de comida na boca ou no queixo, sem nunca se aperceber de que uma lâmina se agitava de um lado para o outro à frente do seu nariz.

Um dia, Geokjeong — não era claro se ela sabia o que o homem da cicatriz sentia — deitou-se nos braços dele e disse:

— Estou a viver aqui agora, tal como tu querias. Mas não pareces feliz. O que se passa?

O homem da cicatriz murmurou que estava apenas cansado.

Geumbok sentou-se e olhou diretamente para ele.

— Olha para mim. Tens tudo o que querias. Como dono desta casa, podes decidir como te sentes em relação a ela. Não percebes isso?

De repente, o homem da cicatriz sentiu que tinha todas as respostas. Decidiu considerar Geokjeong como um apêndice que tinha vindo juntamente com Geumbok. Estava finalmente à vontade. Arrependeu-se de ter estado tanto tempo num poço de ciúmes tolos.

Sem mais nem menos, a paz voltou à casa do homem da cicatriz.

Passou um ano. Durante esse tempo, nada mudou, a não ser o peso de Geokjeong. Pesava agora quase quinhentos quilos, tendo engordado tanto que a sua cintura era tão grande como os troncos que outrora transportara, e era impossível dizer onde começava o pescoço ou a cintura. O pénis estava enterrado na carne, só conseguindo apanhar ar quando ele urinava. Era a lei da obesidade. Acabou por não conseguir levantar-se sozinho sem ajuda, e não conseguir ir à casa de banho, pelo que tiveram de encomendar um penico enorme para o seu quarto. A quantidade de comida que consumia diariamente era verdadeiramente espantosa. As impressões digitais da empregada da cozinha tinham-se desvanecido por ter de lavar tanto arroz para ele, e o homem que ia entregar o arroz estava a ficar corcunda por levar tantos sacos de arroz lá para casa. Geokjeong não tinha mais nada para fazer durante todo o dia a não ser comer, e, talvez por ser suficientemente difícil comer, fazer a digestão e excretar os resíduos, tornou-se cada vez mais simples, proporcionalmente ao seu peso.

O declínio de Geokjeong trouxe a Geumbok uma tranquilidade inesperada. Continuou a viver praticamente no cinema e a ir tomar café uma vez por dia. Chegava a casa a altas horas da noite, ia ver como estava Geokjeong e depois ia diretamente para o outro quarto, para passar algum tempo com o homem da cicatriz.

Isto não é relevante, mas havia um estranho rumor que circulava entre as crianças da aldeia, nessa altura. O boato dizia que o homem da cicatriz, esse vigarista famoso, contrabandista infame, carnicheiro incrível, libertino, chulo de todas as prostitutas do cais e intermediário de temperamento explosivo, tinha levado para sua casa um monstro misterioso. O enorme monstro vivia nas profundezas do oceano, mas, quando deu à costa, depois de um tufão, foi descoberto pelo homem da cicatriz, que o levou para casa. Esse monstro enorme comia tudo o que encontrava pela frente, mas o homem da cicatriz ficou com ele, apesar da despesa que dava, porque tinha um aspeto quase humano,

compreendia a fala humana e até conseguia dizer algumas palavras. Dizia-se que o homem da cicatriz tinha encontrado aquele monstro extraordinário e não conseguia matá-lo.

Outros boatos diziam que o homem da cicatriz apanhava as crianças que ficavam na rua até tarde e atirava-as ao monstro, que as engolia inteiras instantaneamente, até os ossos. Aquela estranha história terminava com o monstro a bater no chão e a gritar: «Tenho fome! Deem-me outra criança para comer.»

A tempestade

O QUE TEM DE ACONTECER ACABA SEMPRE POR ACONTECER, mesmo sem um prenúncio. Era a lei do destino. Naquele dia, como sempre, os pescadores saíram para o mar nos seus barcos, e as mulheres apanharam amêijoas nos lodaçais, enchendo os sacos de rede. Geumbok foi do cinema para o café, no mercado, dando às ancas, como sempre, e regressou a casa tarde. O céu estava coberto de nuvens espessas e escuras, mas ela achou apenas que ia chover. Quando chegou, foi ver como estava Geokjeong. Naquela altura, ele pesava mais de uma tonelada e não se conseguia distinguir uma mão de um pé. Era, pura e simplesmente, um verme enorme. O seu intelecto tinha diminuído ainda mais, pelo que só conseguia dizer algumas palavras; por vezes, nem sequer reconhecia Geumbok.

Naquele dia, quando ela abriu a porta do quarto dele e entrou, ele estava a jantar. Olhou para ela, mas os seus olhos não continham nem desejo nem ódio; simplesmente, não continham nada. Assemelhava-se cada vez mais a um peixe pré-histórico, antes do desenvolvimento dos membros. O enorme pedaço de carne que ocupava mais de metade do quarto brilhava com uma estranha beleza. O seu olhar claro e transparente fazia qualquer pessoa sentir uma culpa profunda e infundável. Por isso, o homem da cicatriz não se aproximava do quarto dele, e Geumbok também se esforçava por não o olhar nos olhos.

Quando ela saiu do quarto dele, o vento soprou com tanta força que as dobradiças rangeram, fazendo-a estremecer. Entrou no quarto do homem da cicatriz com o seu quimono. Ele recebeu-a com um grande sorriso, que fez curvar a cicatriz no rosto. Quando ela se sentou, ele tirou um colar do bolso e pô-lo à volta do pescoço dela. Decorado com ouro brilhante, o colar era um tesouro precioso que uma qualquer rainha tinha usado, mil anos antes, uma joia rara, de valor inestimável já naquela altura, e ele queria vê-la radiante de

prazer. Naquele dia, ela não parecia alegre. Teria detetado alguma coisa sinistra no colar?

— Fico feia com isto — lamuriou-se ela, desanimada, quando se viu ao espelho.

O homem da cicatriz discordou veementemente.

— O que estás a dizer, Naoko? Foste claramente uma rainha na tua vida anterior. Fica-te tão bem.

Com as suas palavras simples, tranquilizou Geumbok, que sorriu e o abraçou.

Se houve outra mudança naquela altura, foi a atitude de Geumbok em relação ao homem da cicatriz. Ao contrário do que acontecia antes, choramingava e agia de forma coquete, fazendo-o rir, e as suas investidas entusiásticas na cama esgotavam-no. Ele ficou radiante com aquela mudança, e toda a dor e tristeza que tinha acumulado desde que se apaixonara pela gueixa desapareceram, e isso comoveu-o tanto que chorava em segredo. Geumbok era uma mulher capaz de fazer chorar um homem com um coração tão gelado.

Naquela noite, os dois despiram-se e fizeram amor, sem se aperceberem de que a escuridão da noite estava a acentuar-se, que o vento aumentava e que tinha começado a chover. Também não se aperceberam de que a hora fatídica se aproximava.

Geumbok abriu os olhos, sentindo-se gelada. Geokjeong estava de pé, no negrume da noite. Estava encharcado, com água a pingar-lhe das mangas. Chocada, Geumbok tentou levantar-se, mas não conseguia mexer-se; era como se estivesse amarrada. Queria perguntar o que tinha acontecido, mas a sua voz não saía. Geokjeong estava a olhar para ela com ressentimento. Ela sentiu medo; o rosto dele parecia estranho, como se já não fosse humano. Abriu a boca.

— Gostas mais do John Wayne do que de mim. — A voz dele era grave e pesada, como se estivesse a sair do fundo de um poço.

A garganta dela fechou-se, tamanha era a sua angústia. Estendeu as mãos, querendo aproximar-se dele, mas ele deslizou lentamente para trás, como se tivesse rodas presas aos pés, e desapareceu na escuridão.

Geumbok sentou-se, completamente acordada. O vento parecia

demónios a uivar e a chuva fustigava a casa, encharcando as janelas. Estremeceu. Ele tinha-lhe parecido tão real e vívido. Olhou para o lado e não viu o homem da cicatriz. Um pensamento inquietante passou-lhe pela cabeça. Levantou-se, embrulhou-se no quimono e correu para o quarto de Geokjeong. A porta estava escancarada. Não estava ninguém lá dentro. Lembrou-se do que o homem da cicatriz lhe tinha dito, muito tempo antes.

Posso separá-lo de ti para sempre, se quiseres.

Lembrou-se de outra coisa.

Amarrei-lhe pedras e atirei-o ao mar, por isso, acho que ele não conseguiria sobreviver, mesmo que soubesse nadar como um golfinho.

Era a lei do subconsciente.

Atravessou o pátio descalça e saiu a correr pelo portão. Havia uma enorme tempestade, tal como no dia em que Geokjeong tinha ficado ferido. A chuva salpicou-a. O quimono ficou encharcado num instante e a faixa soltou-se, revelando os seus seios pálidos, mas ela não parou. Arfava e tinha a sensação de que o coração ia explodir. Correu para o cais. Uma onda do tamanho de uma casa avançava em direção ao paredão, espalhando espuma por todo o lado.

Na ponta do cais estava o homem da cicatriz, de costas para ela. Olhava para a água, imóvel perante a enorme onda. Geumbok parou, sentindo-se subitamente tonta. A sua cabeça foi inundada pela visão do homem da cicatriz a amarrar uma pedra à cintura de Geokjeong e a empurrá-lo para o mar. O seu coração ardia de ódio. Avistou um grande arpão, que devia ter caído de um navio, durante a tempestade. O gancho de metal na extremidade da vara de bambu brilhava sinistramente no escuro. Ela pegou nele.

Quando o homem da cicatriz olhou por cima do ombro, viu Geumbok de quimono vermelho e um arpão na mão. O rosto dela tremia de raiva. Quando ele ia para falar, o arpão perfurou-lhe o corpo. Ele olhou para o estômago; o sangue começou a manchar-lhe lentamente a roupa. Olhou para Geumbok, atónito. Sangue escorria-lhe da boca. Os lábios endureceram, dificultando a fala. O que conseguiu dizer, a muito custo, foi o seguinte.

— Mas porquê?...

Foi exatamente o que o pobre coitado que abrira um bar na cidade

tinha perguntado, quando ele fora cobrar impostos. O homem da cicatriz acenou com a cabeça, como se, finalmente, entendesse tudo. Os joelhos cederam e ele caiu ao chão. Esforçou-se por falar.

— Eu... não... matei... Geokjeong. Foi ele que se matou...

Com isso, o homem da cicatriz, o vigarista famoso, o contrabandista infame, o carnicheiro incrível, o libertino, o chulo de todas as prostitutas do cais e o intermediário de temperamento explosivo, morreu.

Zarpar

EXISTIRÁ UMA VERDADE OBJETIVA? Que credibilidade tem uma história que corre mundo, passando de boca em boca? Teria sido isso mesmo o que o homem da cicatriz tinha dito a Geumbok, ao morrer? Seria possível um ser humano continuar a ser ardiloso mesmo quando estava a deslizar para a morte em frente da pessoa que amava? Também neste caso, não temos respostas. Pela sua própria natureza, qualquer história contém alterações e embelezamentos, dependendo da perspetiva de quem a conta, do que é mais vantajoso para quem a ouve ou das capacidades do contador de histórias. O leitor acreditará no que quiser acreditar. É tudo o que há a fazer.

Naquela noite, Geokjeong acordou, pressentindo que alguma coisa sinistra estava para acontecer. Lá fora, o vento uivava e a chuva batia nas portas. Mas, estranhamente, tudo parecia claro para ele. A sua mente estava alerta, como se tivesse acordado de um sono profundo. Decidiu levantar-se para ver se estava a chover muito. Mas não conseguia mexer-se. Era como se estivesse amarrado. Geokjeong olhou para baixo e ficou chocado ao ver a enormidade do seu corpo, tão inchado que não era possível dizer onde começavam as pernas ou os braços. Não conseguia compreender como tinha tanta carne agarrada ao corpo.

Ficou ali sentado, durante algum tempo, atordado pela sua transformação numa criatura monstruosa, e depois tentou de novo mexer-se. Em tempos, fora famoso por ser o melhor trabalhador do cais, mas agora estava inimaginavelmente gordo. Os seus músculos atrofiados pulsaram e conseguiram levantar os montes de carne que envolviam o corpo. Abriu a porta e saiu lentamente. Não reconhecia a casa. Porque estava ali? Foi atravessando a casa e abrindo as portas

dos quartos, uma a uma, como se estivesse à procura da chave que desvendaria os mistérios. A sua barriga arrastava-se pelo chão.

Um odor familiar saiu da escuridão de um dos quartos. Um relâmpago iluminou o interior. Viu Geumbok a dormir, nua, abraçada a um estranho. A dor que sentiu ao ver aquilo deu-lhe vontade de gritar, mas fechou a porta sem fazer barulho e voltou para o seu quarto. Outro relâmpago revelou-lhe, sem piedade, a sua enormidade. Lentamente e de forma ténue, começaram a flutuar na sua cabeça cenas do passado. A praia onde tinha conhecido Geumbok, os peixes pendurados nas prateleiras a secar, a praia ao pôr do sol, os momentos felizes que tinha partilhado com ela, grandes troncos a rolar na sua direção, a forma como ele a arrastara pelos cabelos, fora de si...

Olhou para baixo, para o seu eu descomunal, pensando na mulher que amava, deitada do outro lado da casa, com outro homem, e sentiu uma dor lancinante. As lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto. Chorou durante algum tempo, com os ombros a tremer. Enquanto estava ali sentado, a chorar em silêncio, foi-se consolidando lentamente na sua mente um único pensamento. Lembrou-se do amor com que Geumbok tinha cuidado dele. Por fim, levantou-se e saiu. Abriu outra vez a porta do quarto dela; queria ver-lhe o rosto uma última vez. O relâmpago seguinte permitiu-lhe ver como ela parecia feliz, como o seu rosto tinha engordado agradavelmente.

Geokjeong arrastou-se em direção ao cais. A chuva e o vento fustigavam-no, tornando ainda mais difícil continuar. A sua barriga raspava no chão, mas ele obrigou o corpo descomunal a continuar em direção ao cais. Cambaleava para a frente, arrastando a sua enorme massa de carne. Começou a cantar uma canção que costumava cantar quando trabalhava como operário. Era a lei do hábito.

Ei, ei, vamos subir, ei, vamos subir

Vamos subir a este pico

Vamos lançar e carregar e subir

Ei, ei, vamos subir, ei, vamos subir

Ei, ei, ei, ei, ei

Cantando sozinho versos geralmente destinados a duas equipas,

continuou lentamente em direção ao cais. A última coisa que transportaria neste mundo, depois de uma vida inteira a transportar mercadorias, era o seu próprio corpo, mais pesado do que tudo o que alguma vez carregara. Quando finalmente chegou ao fim do cais, estava tão exausto que quase caiu. As ondas erguiam-se e atiravam espuma para cima dele. Ficou ali parado, a ver o mar a avançar. Os espíritos gritavam e saltavam, e os espíritos afogados acenavam da água negra. Quando uma onda enorme rugiu em direção ao paredão, ele atirou-se ao ar. Pareceu-lhe sentir o cheiro de Geumbok, vindo de algum lado. O cheiro desapareceu; depois, com um chape colossal, caiu no oceano, espalhando água em todas as direções. Era a lei da ação e reação.

O homem da cicatriz também acordou, pressentindo que alguma coisa sinistra estava a acontecer. Lá fora, o vento era ensurdecador, e viu um monstro enorme, parado, à porta. O homem da cicatriz agarrou na faca que tinha ao lado da almofada, mas apercebeu-se de que o monstro era Geokjeong. Quando o relâmpago brilhou, conseguiu ver que os olhos do outro homem estavam molhados. Pouco depois, Geokjeong fechou a porta e saiu. O homem da cicatriz levantou-se da cama e seguiu-o. Geokjeong arrastava-se com dificuldade pela rua. Estava tudo encharcado por causa da tempestade. O homem da cicatriz seguia-o à distância.

Só quando Geokjeong chegou ao fim do cais o homem da cicatriz se apercebeu do que estava a acontecer. Pensou se deveria tentar deter Geokjeong, mas, antes de poder decidir, já o homem gigantesco tinha saltado para o mar negro. As ondas engoliram-no. O homem da cicatriz ficou parado onde estava, atordoado. Olhou por cima do ombro, como era seu hábito, e viu Geumbok a segurar um arpão e a olhar para ele com uma expressão feroz.

O homem da cicatriz sentiu tudo, quando o arpão o penetrou: a sensação fria e desconhecida do metal na barriga, a confusão e a dor, quando a carne se rasgou, o arco suave e direito do arpão a irromper pelos órgãos, a alienação que o dominou, o arrepio de medo quando o arpão lhe raspou a espinha e saiu pelas costas, o alívio absurdo por

ter, finalmente, acabado, e o vazio entorpecido que se seguiu. Sentiu claramente cada momento, da mesma forma que tinha sentido quando fora esfaqueado, muito tempo antes. O que não conseguia aceitar era que a pessoa que o atacava agora fosse a sua Naoko, por quem ele tinha cortado os próprios dedos.

Geumbok ficou confusa e magoada com a morte do homem da cicatriz. A tragédia reavivou o terror que sentia em relação à morte, que tinha começado quando a sua mãe morrera, durante o parto. Chorou, rasgando as roupas. A chuva e o vento derrubaram-na, deixando-a de joelhos. O homem da cicatriz estava morto à frente dela, com um arpão nas entranhas. Ela rastejou, para lho arrancar, mas só fez o ferimento aumentar; a ponta da arma era um tridente. Era a lei dos arpões. Os intestinos dele saíram pela ferida. Ela tentou voltar a enfiá-los lá dentro mas, quanto mais tentava, mais a ferida se alargava, derramando mais vísceras no chão. Geumbok desmaiou.

Quando acordou, a madrugada nascia, dando ao mundo um tom leitoso. O vento acalmara, já não chovia e as ondas tinham abrandado. Não viu o homem da cicatriz em lado nenhum, talvez tivesse sido arrastado pelas ondas. Agora nada restava. Poderia continuar a viver depois daquela enorme tragédia, provocada por ela própria? Levantou-se devagar e subiu para o paredão. Sem hesitar, atirou-se ao mar.

Aconteceu que um pescador, que tinha ido ver como estava o seu barco, a avistou. Agarrou-a pelos cabelos e puxou-a para terra, enquanto ela esbracejava na água. Ficou ali sentada, a chorar, enquanto ele olhava para o seu rosto.

— Lembro-me de ti. Cresceste desde a última vez que te vi. Amadureceste bastante.

De facto, o quimono de Geumbok tinha sido arrancado no meio da confusão, e os seus seios estavam à mostra. Ela cobriu-se e olhou para ele. Parecia-lhe vagamente familiar. Lembrou-se, finalmente, de quem ele era quando lhe viu, no antebraço, a tatuagem de uma gaivota. Era o pescador que tinha tentado violá-la, no seu primeiro dia no cais. O pescador olhou-a de alto a baixo.

— Se ias atirar-te assim ao mar, devias ter-te oferecido a mim logo no princípio.

Geumbok encolheu-se e olhou para ele.

Ele riu-se.

— Não te preocupes. Quando aquela besta de homem me deu um pontapé, deve ter-me rebentado os tomates ou coisa do género. Nunca mais fui capaz de fazer o ato, por muito que quisesse. — Pegou nos utensílios de pesca emaranhados no barco. — Este mundo é melhor do que o outro, mesmo para quem esteja a chafurdar em merda de cão. Não faço ideia porque é que estás a tentar matar-te. Não tens de te apressar, o submundo dir-te-á quando chegar a tua hora.

Era difícil reconhecer naquele homem resignado o pescador sôfrego e rude de há muitos anos. Era agora um homem envelhecido, que se movia lentamente. Aquilo entristeceu Geumbok, e, por isso, sentou-se a vê-lo trabalhar, enquanto arranjava o seu equipamento danificado. Naquela manhã, a praia estava tão tranquila que os acontecimentos da noite anterior pareciam um sonho. Acabou por adormecer. Abriu os olhos quando alguém a abanou.

— Não tens para onde ir? — perguntou o pescador. — Porque não vens comigo a minha casa e, pelo menos, comes uma sopa? Talvez assim consigas arranjar outro plano.

Geumbok ficou a olhar para ele, atordoada.

Ele tirou o *jeogori* e atirou-lho.

— Uma mulher adulta como tu não pode andar por aí com tudo à mostra. Veste isto e não te queixes do cheiro a viúvo solitário.

Naquela manhã, Geumbok seguiu o pescador até casa. Não tinha coragem de voltar para a sua casa vazia. Não se importava com o que lhe acontecesse, desde que não tivesse de regressar a casa. O pescador deu-lhe uma tigela com uma espécie de caldo em que boiava uma gordura branca, e deitou-lhe um pouco de cevada. Para Geumbok, era a coisa mais deliciosa do mundo. Devorou a refeição e adormeceu num canto da sala. Durante os dias seguintes, ficou naquele quarto pequeno, escuro e bafiento, dormindo todo o dia. Só acordava para ir à casa de banho e comer o que o pescador lhe punha à frente, à noite,

regressado de um longo dia de trabalho. Nenhum pensamento lhe passava pela cabeça. Não sonhava com nada.

Alguns dias mais tarde, Geumbok sentou-se à porta de casa, começando a recuperar o controlo de si própria. As cerejeiras estavam a florescer, no quintal do pescador. Ficou todo o dia a olhar para as flores, entorpecida.

Quando o pescador regressou a casa, depois do trabalho, Geumbok tinha desaparecido. No tabuleiro de comida que ele lhe tinha posto à frente, naquela manhã, estava um colar. A comida estava intocada, e moscas pretas zumbiam sobre ela. Isso foi cerca de cinco dias depois da tempestade. Mais tarde, o pescador vendeu o colar.

Tudo o que conseguiu em troca daquele tesouro infinitamente valioso foi dinheiro suficiente para comprar um pacote de escamudo seco, mas, mesmo assim, estava contente, porque lhe agradou que ela lhe retribuísse o tê-la alimentado.

Vaguear

OS SENTIDOS SOBRENATURAIS DA RAPARIGA ajudavam-na a recordar o primeiro momento em que via objetos, gravando-os para sempre na sua mente. A humidade, a manha, o cheiro a sangue, o calor da escuridão e da decomposição, o sabor do sal, pilares escuros e grossos, duas pequenas ovas brancas e idênticas, e a voz excitada que saiu de uma delas...

— Meu Deus! Como é que um bebé tão grande saiu deste buraco tão pequenino?

O tempo salta agora para o momento em que uma mendiga dá à luz um bebé involgarmente grande. Nasceu no estábulo que pertencia a duas gémeas idênticas que geriam um bar. As irmãs, de olhos arregalados, olhavam à vez para as partes íntimas ensanguentadas e peludas da mendiga e para a criança que acabara de nascer. A recém-nascida estava coberta de sangue e de placenta, e o seu corpo exalava vapor. Já tinha os olhos abertos e olhava, intrigada, para as gémeas.

As duas pequenas formas ovas pálidas que a menina viu ao chegar ao mundo eram os rostos das gémeas. E os pilares escuros e grossos? Era o elefante. Foi numa manhã do fim do inverno, na altura em que a estação estava prestes a mudar, que a mais nova das gémeas foi ao estábulo dar alguns feijões cozidos ao elefante. Sentiu um cheiro estranho. Ouviu um ruído num canto escuro e, quando viu um animal ensanguentado a contorcer-se, deu um grito e correu para a cozinha, onde a irmã estava a acender o lume. Pouco depois, levou a irmã mais corajosa e ousada à sua frente, para levantar o tapete de palha do chão.

Debaixo dele estava uma mendiga, deitada na palha macia, com as pernas abertas, talvez desmaiada, e a bebé, que ainda estava presa ao

cordão umbilical, olhava para elas, com uns olhos redondos. Mas o que mais interessava à bebé eram os pilares escuros e grossos mesmo atrás delas — as pernas do elefante. O elefante estava a comer os feijões que se tinham espalhado pelo chão quando a gémea mais nova, com o susto, deixou cair a tigela de madeira. A bebé gatinhou em direção ao elefante. O cordão umbilical impedia-a de avançar, e ela debatia-se e fazia força com as pernas. Foi então que o movimento da bebé puxou a placenta para fora do útero da mendiga. A criança gatinhou para a frente e estendeu as mãos, como se quisesse apanhar os feijões e comê-los. A gémea mais velha apressou-se a pegar nela ao colo. A bebé era tão pesada que a irmã mais velha gritou e a passou à irmã; a gémea mais velha tinha as costas magoadas devido a um ferimento antigo, causado por um elefante. As gémeas levaram a bebé e a mãe para dentro de casa, e depois lavaram-nas e vestiram-nas.

Pouco depois, a mãe acordou. Sem olhar sequer de relance para a bebé que dormia ao seu lado, sorveu a sopa de algas que a gémea mais velha lhe tinha feito. As irmãs ficaram a vê-la a comer. Tinha pele clara, embora queimada pelo frio, e exalava uma confiança invulgar para uma mendiga. E, apesar de ter acabado de dar à luz, as gémeas que, como prostitutas nómadas, tinham aperfeiçoado a sua sensibilidade, detetaram alguma coisa no comportamento delicado dela que deixaria os homens loucos. As gémeas perguntaram cautelosamente à mendiga como tinha acontecido ela ter ido dar à luz no estábulo delas, mas a mulher ficou em silêncio. Finalmente, dois dias depois, a mulher disse-lhes como se chamava. Um nome comum: Geumbok.

Quatro anos depois de ter desaparecido da cidade portuária, Geumbok deu à luz Chunhui. Nada se sabe sobre o seu paradeiro durante esses quatro anos. Podemos apenas supor que vagueou pelo país, não ficando muito tempo no mesmo lugar, atirada ao vento como uma folha caída, empurrada pela sua profunda perda e por um vazio que lhe tolhia o corpo e a alma. Comia o que podia, dormia onde podia, não se lavava como devia ser, não lavava a roupa.

Nos seus sonhos, todas as noites recebia a visita do homem da cicatriz. Como sempre, usava um fato branco, mas estava encharcado, como se tivesse acabado de sair de dentro de água. O seu rosto estava pálido e a água escorria-lhe das mangas e das pernas das calças, formando uma poça. O arpão que lhe tinha tirado a vida não estava em lado nenhum, e não havia uma única gota de sangue nele, mas a ferida criada pela arma continuava viva. Ele esforçava-se por empurrar os intestinos para dentro da barriga mas, quanto mais empurrava, maior era a ferida. Olhava tristemente para Geumbok, como que a pedir ajuda, agarrado aos intestinos. Geumbok nunca conseguia levantar um dedo sequer. Acordava depois de ele se dissolver na escuridão, dominada por uma dor indescritível, com o corpo suado. Tinha envelhecido instantaneamente. Os olhos vivos e afiados esmoreceram, a pele ficou áspera, e o odor, que outrora fazia acelerar os corações dos homens, desapareceu. Ninguém olhava para ela duas vezes.

Naquele estado de perda, o tempo passava a correr. Num outono, cortou carne num matadouro, num inverno, cuidou da lareira de uma casa de *gisaengi*¹ e, num verão, apanhou pêssegos num pomar. Numa primavera, viveu com um velho rico, que vendia produtos secos, mas depois roubou umas peças de musselina, no fim da estação das chuvas de verão, e partiu para outra cidade. A princípio, atirava-se aos homens sem medo, mas acabou por se convencer de que dava azar aos homens que se envolviam com ela, e, por isso, nunca ficava muito tempo no mesmo sítio.

Enquanto o tempo continuasse a passar, ela não tinha medo de nada. Só tinha medo do passado: a noite da tempestade, o momento em que o homem da cicatriz se afundou no mar, espetado pelo arpão. Aquilo de que tinha realmente medo era de quando se tinha debatido no mar, com as roupas a serem-lhe arrancadas do corpo. Tinha medo de que o tempo voltasse atrás e de que aquele momento continuasse para toda a eternidade. Era por isso que tinha medo de adormecer. Se dormisse, sonhava, e, quando sonhava, o homem da cicatriz vinha sempre ter com ela.

«Porque continuas a vir torturar-me? O que queres de mim?», perguntou, uma noite, quando o homem da cicatriz voltou a aparecer.

A cara dele continuava pálida, e a água escorria-lhe da roupa. Ele limitou-se a olhar para Geumbok, com uns olhos terrivelmente desgostosos.

«Acabou. Por favor, vai-te embora. Não devias estar aqui.»

Ele olhava-a com ressentimento, por um momento, antes de se virar, com os ombros descaídos, e desaparecer na escuridão. Ela ficava de coração partido. Mas, no dia seguinte, ele tornava a aparecer, e também no dia a seguir a esse. Por vezes, Geokjeong também aparecia, com o cabelo desgrenhado e, também ele, completamente encharcado. Até no seu sonho ele tinha ciúmes do John Wayne.

Ela começou a deslocar-se de um lugar para outro com mais frequência, sem nunca ficar mais de três dias numa cidade, como se estivesse a ser perseguida por um bando a cavalo. Foi-se desleixando cada vez mais na roupa, e o seu aspeto era cada vez mais selvagem. Dois anos depois da partida, teve de começar a mendigar, indo de casa em casa. Já não era a Geumbok de outrora. Embora fosse uma mulher, não parecia muito sê-lo e, embora tivesse um nome humano, não parecia um ser humano. As mulheres mal-humoradas puxavam-lhe os cabelos, e os homens rudes exigiam deitar-se com ela, e era comum os outros mendigos baterem-lhe e abandonarem-na nas valas. Era a lei do mundo.

Dois anos depois de Geumbok ter começado a vaguear pelo país, a guerra rebentou, durante o verão. A guerra dividiu o Sul do Norte e durou três anos. Durante esse tempo, não havia diferença entre os vivos e os mortos. A morte tornou-se tão comum que deixou de ser uma anomalia. Tomados pelo ódio, os habitantes do Sul e os do Norte massacraram centenas de milhares de pessoas. As pessoas eram agrupadas e esfaqueadas até à morte, com lanças de bambu, enterradas vivas ou fechadas em casas a que depois se pegava fogo. Inúmeras mulheres e crianças foram mortas desta forma. Enquanto escondiam os seus verdadeiros pensamentos, as pessoas agarravam outras para lhes perguntarem as suas opiniões. Como só havia uma resposta correta de entre duas possibilidades, a probabilidade de sobrevivência era sempre de cinquenta-cinquenta. Era a lei da

ideologia.

Geumbok avançou para norte, enquanto as pessoas fugiam na direção oposta, para sul. Os cadáveres eram ignorados e apodreciam na berma da estrada, e as pessoas cozinhavam as suas refeições mesmo ao lado deles. As pessoas eram mortas pela simples razão de estarem vivas. Em comparação com aquelas mortes sem sentido, a morte do homem da cicatriz e de Geokjeong tinha significado mas, mesmo assim, eles continuavam a aparecer-lhe nos sonhos e a atormentá-la.

Milagrosamente, Geumbok sobreviveu a esses anos de guerra, mas deixemos de lado as histórias sobre a guerra e guardemos tudo isso para outro dia. Leitor, peço a sua compreensão! Ultrapassa o âmbito deste livro e requer ainda mais páginas e mais tempo, juntamente com coragem e lágrimas para ultrapassar a dor.

Na primavera do ano em que a guerra estava a terminar, Geumbok vivia numa cabana, debaixo de uma ponte, com vários outros mendigos, incluindo crianças órfãs, que tinham perdido as suas famílias. Sem saber bem como, Geumbok tinha conseguido sobreviver à guerra. Passou por muitos incidentes em que esteve à beira da morte, por momentos de sorte, por crises, milagres e interrogatórios. O interrogatório era sempre feito por pessoas com braçadeiras e armas. Ela respondia com o que lhe vinha à cabeça e, surpreendentemente, as suas respostas posicionavam-na sempre do lado correto, do lado da vida. Era um jogo de azar, mas ela conseguia sempre escapar à morte.

Uma noite, ela e os outros mendigos tinham deitado a comida que tinham recolhido numa grande tigela, para partilharem, quando ela começou a engasgar-se e a vomitar. Estava grávida. Os outros começaram a evitá-la, dizendo que era um mau presságio. Alguns dias depois, foi obrigada a abandonar o grupo. Era a lei dos mendigos.

Tinha havido uma altura em que tinha desejado desesperadamente ter um filho, mas nunca ficara grávida, nem do peixeiro, nem de Geokjeong, nem do homem da cicatriz. Por isso, estava convencida de que era estéril. Para ela, foi uma notícia chocante. Era

verdadeiramente lamentável que tivesse engravidado quando tinha de mendigar para sobreviver. Quando dormia na cabana, emaranhada entre os outros, de vez em quando um homem levantava-lhe a saia, e um deles devia ser o pai.

Começou a tratar-se mal, para se livrar do bebê, usando todo o tipo de métodos que tinha ouvido na rua. Apesar de tudo, a barriga foi crescendo, até que chegou ao fim do tempo. Numa noite de inverno, quando a estação estava a mudar lentamente, começou a sentir dores de parto. Rastejou para o primeiro abrigo que encontrou, que acabou por ser o estábulo anexo ao bar das gémeas. Felizmente, desde o dia em que começou a sentir sinais de vida na barriga, o homem da cicatriz e Geokjeong deixaram de a visitar nos seus sonhos. Mais tarde, quando as gémeas souberam disso, interpretaram-no como um sinal de que a energia da criança tinha suprimido a energia dos dois homens, mas Geumbok riu-se e não deu importância a essa teoria.

¹ Mulher destinada a ser cortesã ou acompanhante. (*N. da T.*)

As gémeas

TRÊS DIAS DEPOIS DE TER DADO À LUZ NO ESTÁBULO, Geumbok foi para a cozinha, lavou a louça e ajudou, talvez sentindo-se em dívida para com as gémeas. As gémeas ficaram contentes; de qualquer modo, precisavam de ajuda e, mais importante ainda, tinham chegado a uma idade em que não era possível terem filhos, e sentiam-se sós, pelo que tinham ficado radiantes com a presença da bebé. Acharam que tinha sido um golpe de sorte e cuidaram muito bem da mãe e da filha, dando à bebé o nome muito comum de Chunhui, menina da primavera, apesar de ter nascido no inverno. O apetite de Chunhui era tal que o leite da mãe nunca era suficiente. Tinham de o complementar com papas de arroz e, por vezes, com uma ama de leite. Chunhui parecia crescer de cada vez que comia.

Um dia, Geumbok estava a amamentar Chunhui quando se assustou e a deixou cair. Tinha visto Geokjeong no rosto da bebé. Sobrancelhas grossas, testa direita, a forma do rosto claramente definida e um físico forte, invulgar numa menina — era Geokjeong. Geumbok não conseguia perceber como era isso possível. Tinha imaginado que a bebé fosse de um dos homens que tinham vivido com ela na cabana. Estudou cuidadosamente o rosto da filha enquanto ela chorava, mas, quanto mais o examinava, mais parecia a achava com Geokjeong. Geumbok estremeceu. Nunca se tinha deitado com ele depois de ele ter sido ferido. Mesmo supondo que ele tivesse tentado alguma coisa enquanto ela dormia, ele tinha morrido há quatro anos. Tinha ouvido falar de uma virgem que engravidara, mas nunca tinha ouvido falar de nenhuma mulher que tivesse sido fecundada pela semente de um homem morto. Enterrou este facto no seu coração e decidiu que nunca o contaria a ninguém. Foi a última vez que amamentou Chunhui.

Chunhui deu os primeiros passos antes de completar seis meses de idade, e já pesava trinta quilos antes de fazer um ano. Chunhui não tinha o instinto de sobrevivência do bebé comum, aperfeiçoado através da seleção genética, ao longo da história, nomeadamente as características que estimulam os sentimentos e os cuidados maternos. Por outras palavras, uns olhos grandes e inocentes, uma pele clara, um nariz pequeno e adorável, umas bochechas redondas e macias que as mães querem afagar, ou seja, características de personagens da Disney, ou, mais simplesmente, fofura. Mesmo que se considerasse que as sobrancelhas grossas e a constituição forte e pouco feminina eram uma herança de Geokjeong, o olhar sombrio e pouco infantil fazia os adultos pensar duas vezes antes de a abraçar, e a pele escura e o nariz atarracado faziam as pessoas hesitar em aproximar-se dela. O seu aspeto cheirava a azar, mas nada disso incomodava as gémeas. Limitavam-se a sorrir e a lamentar que não fosse um rapaz, pois teria chegado a general.

Outra característica infeliz da menina era o facto de não emitir qualquer som. Por mais que as gémeas a acariciassem e tentassem fazê-la balbuciar, Chunhui limitava-se a olhar para elas, de boca fechada. Pensando que ela não conseguia ouvir, batiam as mãos junto aos ouvidos dela, mas, na verdade, o problema não era auditivo. Não só ouvia, como a sua audição era tão apurada que conseguia ouvir uma agulha a cair num cobertor. Também examinava os objetos com todo o cuidado, tocava-lhes com cautela e cheirava-os com atenção, de uma forma tão pouco infantil que as pessoas achavam que ela era especial. As gémeas consolaram Geumbok, dizendo, Pelo menos, a audição dela é excelente, mesmo que não consiga falar; só lhe aconteceriam coisas infelizes se se exprimisse como uma mulher.

As gémeas, que eram vários anos mais velhas do que Geumbok, começaram a vê-la como uma irmã e tratavam-na com tanta bondade que Geumbok foi encontrando a paz a trabalhar no bar. As gémeas já tinham ultrapassado há muito o seu auge, mas como eram iguais, como duas gotas de água, atraíam muitos clientes que queriam ver essa novidade. As suas feições idênticas estimulavam a estranha

imaginação dos homens, e, enquanto bebiam, eles brincavam, «Se eu olhasse para as vossas caras, não saberia dizer quem é quem, mas se olhar para os vossos traseiros, sou capaz de dizer qual é a mais velha, por isso, porque não tiram as saias?», e deitavam-lhes um olhar lascivo. Só não sabemos se serviam os clientes em conjunto ou separadas.

Ao lado do bar ficava o estábulo onde vivia o velho elefante e onde Geumbok tinha dado à luz Chunhui. As gémeas alimentavam e lavavam o enorme animal, que comia três *mal* de feijão por dia. Tinham atuado com o elefante num circo, quando eram jovens. O pai das gémeas já tinha sete filhas e, quando viu que não se tratava de um rapaz, mas antes de mais duas raparigas, e ao mesmo tempo, desmaiou no local. Naquela altura, era raro ver gémeas. Ninguém conseguia distingui-las. As pessoas ficavam espantadas por serem tão parecidas, mas o pai, de tão zangado, nem sequer lhes deu nome. Ninguém se preocupava em chamar as irmãs gémeas por nomes diferentes; eram referidas como uma única unidade, como «as gémeas».

Na primavera em que as gémeas fizeram seis anos, foram descobertas pelos donos de um circo que tinha ido a uma aldeia próxima, e foram trocadas por um saco de arroz. A princípio, sentiram-se esmagadas pelos palhaços de cara tão pintada e pela música estridente, mas depressa se habituaram à atmosfera do circo. Acabaram por começar a atuar juntas, atraindo aplausos apaixonados do público, e tornaram-se um número muito apreciado do circo.

Aquilo de que as pessoas mais gostavam era de uma atuação que as gémeas faziam com um elefante chamado *Jumbo*. O elefante era enorme — tinha mais de três metros de altura e pesava mais de duas toneladas — e pegava nas duas com a tromba, punha-as às costas e andava à volta do palco. Era emocionante ver o elefante dançar e saltar sobre uma placa de metal aquecida, mas o verdadeiro ponto alto da atuação era tão avassalador que todos sustinham a respiração e tremiam de medo antes de, finalmente, irromperem em aplausos entusiásticos. Essa parte consistia em o elefante passar por cima das gémeas, que estavam deitadas lado a lado, no palco, ao ritmo de uma polca, exibindo a sua arte de espetáculo e levantando a sua enorme

pata por cima das pequenas cabeças das gémeas, fazendo uma pausa e depois passando por cima delas. Claro que *Jumbo* nunca escorregava. As gémeas adoravam *Jumbo* e brincavam nas costas dele, mesmo quando não havia espetáculo, e tinham o maior cuidado em lavá-lo e cuidar dele, de manhã e à noite.

Um dia, tudo se desmoronou. Um rapaz traquina, sentado na frente da plateia, tocou muito alto uma corneta usada para caçar faisões, precisamente quando a pata enorme do elefante passava por cima das gémeas. Assustado com o chamamento do faisão, que ouvia pela primeira vez na vida, *Jumbo* pôs a pata em cima de uma das gémeas. A bacia da menina partiu-se instantaneamente, e ela gritou. *Jumbo*, ainda mais assustado com a sensação mole debaixo do pé e com o grito, saiu do palco. Em pânico, o público dispersou-se e fugiu. O elefante galopou para fora da arena, rasgando as bandeiras. Lá fora, havia um mercado; ele avançou pelo caminho, esmagando bancas ao acaso e mandando pessoas pelos ares.

No fim, depois de o mercado ter sido destruído e de as pessoas terem ficado feridas, os habitantes da aldeia mobilizaram-se para capturar o animal, mas as gémeas nunca mais puderam atuar. A gémea mais nova ficou ilesa, mas a mais velha não conseguia dobrar-se nem esticar-se ou desempenhar as funções de uma mulher. O circo não tinha utilidade para uma só rapariga. E, assim, as gémeas começaram a fazer biscates e tarefas para o circo, seguindo-o de cidade em cidade. De um dia para o outro, a princesa tinha-se tornado criada. Era a lei do mundo do espetáculo.

As gémeas cresceram e tornaram-se concubinas de um homem que possuía uma próspera serração de madeira. O negociante de madeira estava interessado na gémea mais nova, que se recusou a entrar em casa dele sem a irmã. «A minha irmã mais velha faz parte do negócio,» insistiu ela.

Foi assim que as gémeas se tornaram concubinas na serração. Não queriam estar separadas nem durante o sono, pelo que, segundo os

boatos que corriam, o negociante de madeira tinha de dormir no meio delas, mas ninguém podia confirmá-lo.

Passaram alguns anos, e um circo passou pela aldeia deles. Lá estava o elefante *Jumbo*, já velho e doente. Pus escorria das manchas de sarna e moscas pretas agrupavam-se à volta dos canais lacrimais. Atrás do elefante lento e cansado estava um homem que não parava de o chicotear, reabrindo-lhe as feridas. As gémeas choraram perante o estado deplorável de *Jumbo*. Aproximaram-se dele e o elefante reconheceu-as e piscou tristemente os seus grandes olhos cheios de moscas.

As gémeas correram para o negociante de madeira e pediram-lhe que comprasse o elefante. O homem opôs-se à ideia, perguntando como é que elas iriam cuidar de um elefante, mas as gémeas ameaçaram fazer as malas e ir embora se ele não comprasse o animal. O negociante de madeira abanou a cabeça perante as suas concubinas que não pediam seda ou joias, mas um elefante, e, não conseguindo recusar as suas súplicas chorosas, acabou por pagar uma soma avultada para comprar *Jumbo*. Construiu um barracão para o animal junto à serração.

As gémeas cuidaram muito bem de *Jumbo*, lavando o seu corpo imundo, alimentando-o com comida nutritiva e tratando-lhe as feridas. Em pouco tempo, *Jumbo* tinha já recuperado o seu glorioso aspeto anterior. A mulher do negociante de madeira ficou chocada com o facto de as gémeas terem agora um elefante, e fez um grande alarido, queixando-se de que a casa iria à falência para alimentar o animal. Exigiu que ele fosse vendido imediatamente, mas as gémeas ripostaram, insistindo que morreriam elas próprias de fome antes de deixarem que *Jumbo* passasse fome. Esta discussão entre as gémeas e a mulher deixou o comerciante de madeira numa situação difícil. No ano seguinte, apanhou uma doença misteriosa e morreu, e a mulher expulsou imediatamente as gémeas e o seu elefante.

As gémeas começaram uma vida nómada com *Jumbo*, e o seu maior problema era o apetite do elefante. Podiam ter conseguido alimentar-se, mas, como *Jumbo* tinha de comer pelo menos duas *mal* de feijão

por dia, todo o dinheiro que ganhavam ia diretamente para a barriga do elefante. As pessoas aconselharam-nas a livrarem-se do elefante, vendendo-o ao circo ou abandonando-o no campo, para não sofrerem desnecessariamente, mas as gémeas ficaram ainda mais apegadas a *Jumbo*. Trabalhavam em restaurantes ou bares para poderem levar para casa restos de comida para *Jumbo*. Chegaram a vender os próprios corpos para dar de comer a *Jumbo*. Felizmente, o número de clientes interessados nas gémeas aumentou, e, alguns anos mais tarde, pegaram nas suas poupanças e abriram um bar ali perto. Era esta a história secreta das gémeas e de *Jumbo*. Ninguém sabia se *Jumbo* compreendia situação; quando Geumbok entrava para lhe dar de comer, ele ficava parado, a piscar os seus grandes olhos.

Um dia, Chunhui ia a passar sozinha pelo estábulo, quando ouviu uma voz.

Olá, menina.

Chunhui olhou à sua volta. Não viu ninguém. Só o elefante *Jumbo* estava no estábulo.

Foste tu quem me chamou?, perguntou Chunhui.

Sim. Fui eu quem te chamou.

Oh, mas porque é que estás sempre aí?

Porque é aqui que eu vivo. Quando atuava no circo, viajava por todo o lado.

No circo?

Se calhar, nunca viste nenhum. É maravilhoso. As pessoas equilibram-se em cordas altas e fazem magias, e quando dizem «pum», sai uma pomba a voar. As pessoas costumavam vir de muito longe para nos ver atuar.

Então, porque é que não o fazem agora?

Oh, isso... Há razões para isso, respondeu Jumbo, vagamente. De qualquer forma, estive em todo o lado e vi tantas coisas. Sabias que eu estava lá a ver, quando tu nasceste?

Eu sei. Eu nasci aqui. E tu, onde nasceste?

Nasci em África.

Onde fica África?

É muito longe. Há desertos enormes e animais assustadores, como leões e hienas.

Oh. Chunhui olhou para os feijões cozidos que enchiam a

mangedoura dele. *A que sabe isso?*

A quase nada. Isto nem sequer é comida, comparada com as folhas que havia lá em África. As folhas de silvas são tão boas.

Eu acho que tem bom aspeto... Chunhui olhou, esfomeada, para os feijões cozidos.

Queres um bocadinho?

Nem por isso. Mas gostava de saber a que sabem.

Muito bem, menina. Prova. Mas só tu. Mais ninguém pode provar, nem a tua mãe, nem ninguém. Apesar de não saber a quase nada, as gémeas esforçam-se muito para me darem isto, percebes?

Um dia, Geumbok foi procurar Chunhui, que tinha desaparecido de casa. Encontrou a filha a brincar no estábulo e correu para ela, com medo de que fosse espezinhada pelo elefante. Mas apercebeu-se de que Chunhui estava sentada na mangedoura, a partilhar feijões com *Jumbo*. Geumbok tirou rapidamente a menina dali para fora, mas Chunhui continuou a ir brincar com *Jumbo* sempre que podia. Geumbok acabou por perceber que Chunhui não corria perigo com *Jumbo* e, aos poucos, foi deixando de se importar.

Entretanto, Geumbok e as gémeas tinham acabado por confiar umas nas outras e trabalhavam bem em conjunto, a gerir o bar. Geumbok gostava muito das gémeas, e tencionava ficar o máximo de tempo possível. Um dia, passado cerca de um ano, cruzou-se na rua com alguém da sua terra natal. Era o rapaz com quem tinha brincado muito tempo antes, na exploração do corpo um do outro. O rapaz a quem todos chamavam Trapaceiro. Agora era vendedor ambulante de ervas medicinais e outros artigos, e usava a sua lábia para obter bons resultados. Geumbok ficou tão feliz por vê-lo que o abraçou e desatou a chorar.

Quando o levou para casa e o apresentou às gémeas, elas ficaram emocionados — era como se ele fizesse parte da sua própria história. Trouxeram bebidas alcoólicas e comida para o velho amigo de Geumbok. Os dois velhos amigos ficaram espantados por se terem

reconhecido ao fim de mais de uma década, e puseram a conversa em dia. Geumbok fazia as perguntas e o Trapaceiro respondia. Desde jovem que andava de mercado em mercado. Tinha conhecido uma mulher e casado com ela, mas pouco tempo depois de se casarem, ela apaixonou-se por um vendedor de *hotteoks*¹ e fugiu com ele. Agora estava sozinho. Em criança, tinha sido um contador de histórias talentoso, mas agora os seus talentos eram tais que cada frase lógica e eloquente provocava suspiros, lágrimas e risos. Quando começou a contar histórias sobre as pessoas da sua terra natal, as três mulheres ficaram tão deslumbradas com o seu dom com as palavras que nem reparariam se a sopa estivesse a ferver ou o arroz a queimar-se. Era a lei do exagero.

Por fim, Geumbok perguntou pelo pai. O Trapaceiro hesitou por um momento antes de a informar de que ele tinha morrido muito tempo antes. Ainda mais chocante foi o facto de ele ter morrido no reservatório na mesma noite em que Geumbok saiu de casa. Só mais de uma década depois da morte dele Geumbok se apercebeu de que a mentira que tinha dito ao peixeiro, quando saíra de casa, se tinha tornado realidade. Depois de o amigo se ter ido embora, ela sentou-se sozinha, no quarto, chorando de culpa por ter matado o próprio pai.

Agora, em vez do homem da cicatriz, era o pai morto quem lhe aparecia em sonhos. Estava encharcado, com plantas aquáticas enroladas aos pés. Geumbok percebeu que estava na altura de partir. Soube, por um vendedor de sal que vinha ocasionalmente à cidade, que as pessoas andavam à procura de alguém para gerir um restaurante em Pyeongdae, que ficava muito longe. Onde quer que fosse esse lugar, era pelo menos um sítio para onde ir. Geumbok decidiu aceitar esse trabalho. Horrorizadas, as gémeas tentaram convencê-la a ficar, pois iria para uma nova cidade enquanto mulher solteira com uma filha, mas Geumbok não conseguia dormir e perdia peso de dia para dia. Não podiam mantê-la naquele estado. Sentindo compaixão por Geumbok, que estava destinada a vaguear, deram-lhe uma quantia avultada, para qualquer emergência.

Não te preocupes, minha menina. Havemos de nos encontrar outra vez, disse *Jumbo*, quando Chunhui se apercebeu de que ia partir e ficou triste.

Achas que sim? Chunhui abraçou uma das patas grossas de *Jumbo*, enquanto o elefante lhe acariciava a cabeça, com a sua longa tromba.

Claro que sim. Reencontramos sempre aqueles de quem temos saudades.

No dia seguinte, Geumbok deu a mão à pequena Chunhui, enquanto se despedia das gémeas, com as lágrimas a correrem pelas faces de todas. E partiu para Pyeongdae, a sua última casa no mundo dos vivos, que se desvaneceria como fumo, depois de toda a paixão a ter consumido.

¹ Panqueca coreana doce, com recheio. (N. da T.)

II

Pyeongdae



Margaridas

HÁ MUITO, MUITO TEMPO, um infeliz poeta errante, usando um velho *beonggeoji*¹, deixou para trás um poema, quando passou por Pyeongdae.

A palavra «pyeong» significa plano, mas não um campo vasto

A palavra «dae» significa casa, mas não uma adequada para humanos

... Ei, seus cães estúpidos! Parem de ladrar!

Ao passar por uma aldeia vizinha — embora qualquer aldeia vizinha estivesse a pelo menos trinta *li* de distância, em qualquer direção —, provavelmente ele ouviu o nome *Pyeongdae* e imaginou extensos campos despovoados. Devia estar à espera de encontrar uma aldeia próspera, rodeada por esses campos vastos, cheios de uma colheita abundante. Também teria esperado casas grandes abastadas, com telhados de telha, na expectativa de poder sentar-se na casa de um homem rico, encher a barriga esfomeada, partilhar uma bebida com o dono da casa. Teria acompanhado essa bebida com um poema que encheria o rosto do dono da casa de admiração e respeito. Talvez acreditasse que teria sorte e se deixasse convencer a passar ali o inverno, como tutor do filho do dono da casa. E pode até ter sonhado que, se corresse tudo bem, poderia instalar-se em Pyeongdae, tornar-se célebre, conhecer uma bela viúva e ter uma velhice confortável. As esperanças dos errantes tendem a ser humildes.

Mas quando chegou ao cume da colina e olhou para a aldeia, o seu sonho deve ter sido irrevogavelmente destruído. Porque o que ele viu, depois de ter percorrido mais de trinta *li* para chegar ali, foram umas barracas esquálidas espalhadas no fundo da colina, sem um único jardim decente, e, por isso, as suas pernas já cansadas teriam cedido e ele teria querido cair ao chão. Mas como era prisioneiro da sua barriga e a fome era sua inimiga, teria continuado a arrastar o seu corpo

cansado, à procura de uma casa com fumo a sair da chaminé, gritando «Ó da casa!» à frente de cada portão. Mas ter-se-ia afastado da aldeia sem ter comido uma única batata cozida. Isso tê-lo-ia deixado irritado e, como nada havia que pudesse fazer para se libertar da sua irritação, teria criticado o nome do lugar. Quando estava prestes a vingar-se com o seu glorioso poema, teria ficado bloqueado no último verso e, enquanto se debatia, teria ouvido cães a ladrar ruidosamente atrás dele. De um modo geral, as grandes obras literárias nascem em locais e em momentos tão inesperados e estranhos quanto aqueles, e são inspiradas por tais trivialidades.

Antes da chegada do caminho de ferro a Pyeongdae, a fonte de subsistência dos habitantes da aldeia era mais vertical do que horizontal. Não havia um único campo ou arrozal suficientemente grande para ser medido em *majigi*², e tudo o que tinham eram as montanhas que os bloqueavam por todos os lados. Por isso, a única coisa que podiam fazer para sobreviver era subir e descer diligentemente as colinas e os vales, desenterrando cogumelos, fetos e ervas medicinais, como a raiz de angélica, ou montando armadilhas nos vales, para coelhos e veados. Não conseguiam ir além da vida primitiva de caçadores-recoletores. Como viviam assim, verificou-se que os olhos mais pequenos eram mais úteis para aquele trabalho do que os maiores e que os pés pontiagudos eram mais fáceis de manobrar do que os pés chatos, pelo que os olhos deles se foram tornando mais pequenos e os pés mais pontiagudos, como os dos animais com casco. Curtiam o couro mastigando-o, e, assim, os dentes tornaram-se maiores, e o tempo frio chegava mais cedo ali do que a outros locais, pelo que os narizes se tornaram mais compridos e as faces mais planas. Era a lei da evolução.

Este modo de vida vertical dos habitantes de Pyeongdae chegou ao fim quando o caminho de ferro chegou à aldeia. O caminho de ferro estabeleceu um universo de horizontalidade e de linhas retas que se estendiam para a esquerda e para a direita. Os soldados (na realidade, topógrafos, mas os habitantes de Pyeongdae estavam convencidos de que eram soldados) usavam capacetes militares (na realidade,

equipamento de segurança, mas os habitantes de Pyeongdae estavam convencidos de que eram capacetes militares) e empunhavam submetralhadoras (na realidade, equipamentos de topografia, mas os habitantes de Pyeongdae estavam convencidos de que eram submetralhadoras), enquanto andavam de colina em colina e passavam o dia a caçar coelhos — era isso que os habitantes de Pyeongdae estavam convencidos de que eles estavam a fazer —, e foram-se embora sem terem apanhado um único coelho. Pouco tempo depois, um tanque (na realidade, uma retroescavadora, mas os habitantes de Pyeongdae estavam convencidos de que era um tanque) apareceu nas colinas atrás da aldeia e começou a aplanar impiedosamente a montanha.

Devido ao seu completo isolamento do resto do mundo, Pyeongdae não foi afetada pela terrível guerra que tinha acontecido pouco tempo antes e, na verdade, ninguém se apercebeu sequer de que tinha havido uma guerra — os aldeões ficaram horrorizados com os ataques beligerantes dos forasteiros à sua montanha. Se não fizessem nada, os soldados destruiriam completamente a montanha, a sua fonte de vida; não podiam ficar de braços cruzados, a ver. Reuniram-se em casa do ancião da aldeia. Discutiram a situação até altas horas da noite, durante as quais trocaram todo o tipo de opiniões. Na manhã seguinte, a contragosto, chegaram a uma conclusão: iriam tentar acalmar os soldados zangados e esfomeados, dando-lhes o que os próprios aldeões tinham apanhado. Juntaram todos os animais que tinham guardado, depois subiram à montanha para verificar as armadilhas e encontraram dois javalis, dois veados, quatro alces, sete texugos e trinta e tal coelhos. Rapidamente, empilharam as suas oferendas em estruturas triangulares, colocaram-nas perto do acampamento dos soldados na montanha, deram meia-volta e regressaram a toda a pressa à aldeia. Escusado será dizer que os trabalhadores dos caminhos de ferro se deliciaram com o luxuoso banquete, durante vários dias, sem perceberem como tudo aquilo aconteceu.

De qualquer modo, foi assim que começou a construção do caminho de ferro. Em breve, começaram a chegar a Pyeongdae

peças de outros sítios para trabalhar. Primeiro, vieram os trabalhadores dos caminhos de ferro, os operários da empresa de construção e o capataz, depois, vieram os bares e restaurantes, que surgiram para os servir, e as mulheres que lá trabalhavam, depois, os comerciantes e os vendedores ambulantes, que vendiam as coisas de que as mulheres precisavam, e, finalmente, um ano mais tarde, quando o comboio começou a passar pela aldeia, vieram os médicos, que tratavam dos trabalhadores feridos, e os pastores, missionários, padres e monges, que tratavam das almas, depois, foram construídas capelas, igrejas e templos onde se reuniam os trabalhadores que os tinham construído, depois, vieram as mulheres de que esses trabalhadores se serviam, e, assim, vieram pessoas de cidades distantes e de aldeias vizinhas, à procura de trabalho, à procura de coisas para ver, à procura de oportunidades, à procura de fiéis, à procura de um companheiro e, mais tarde, os historiadores locais de Pyeongdae referiram-se ao súbito crescimento populacional desta época como o primeiro grande *boom* da cidade.

Mãe e filha chegaram a Pyeongdae cerca de sete dias depois de se separarem das gémeas, numa altura em que a aldeia de montanha, há muito adormecida, apenas começava a espreguiçar-se. Três dias depois de deixarem as gémeas, apanharam o comboio numa cidade próxima, e a viagem demorou mais quatro dias. Geumbok encostou-se à janela, observando as montanhas e os rios que passavam sem parar. O comboio avançava lentamente, abrindo caminho pelos vales como um verme a rastejar pela terra, e, por vezes, parava durante mais de meio dia numa colina.

Geumbok comeu os bolinhos de arroz que as gémeas tinham feito para elas. Chunhui sentou-se calmamente à janela, a observar a paisagem lá fora, sem se interessar pela comida. Estava a guardar todas as coisas que via — o céu interminável que via pela primeira vez, as nuvens em constante mudança, o padrão das folhas pintadas pelo sol, os sulcos irregulares dos campos castanho-escuros e a cor vibrante de várias ervas cujos nomes desconhecia, ao longo dos carris. O seu dom único era a capacidade de perceber essas vistas vulgares e sem sentido, todos os objetos e fenómenos que mudavam e desapareciam constantemente. Os seus sentidos eram tão apurados

que conseguia detetar não só a textura húmida e pegajosa dos bolinhos de arroz que a mãe lhe dava e o cheiro a nozes das sementes de sésamo com que estavam polvilhados, mas também as mãos quentes e gentis das gémeas que os tinham feito. Conseguia até distinguir os que tinham sido feitos pela mais velha e os que tinham sido feitos pela mais nova.

Pouco depois, eram brancas as flores que cobriram as margens dos carris. A maioria das pessoas no comboio não se importava com o tipo de flor que florescia ao longo dos carris, mas algumas, que tinham olho para essas coisas, perguntavam-se o que seriam. Tinham-se escondido, enquanto sementes, nos dormentes das linhas de comboio que vinham do outro lado do oceano, tendo atravessado o mundo, e, assim que o dormente de madeira era colocado nos carris, seguiam o caminho de ferro, persuadidas pelo vento, de acordo com as leis da natureza, e espalhavam-se pelos campos e pelas montanhas.

Margaridas.

Era esse o nome da flor triste, mas ágil, desamparada, mas agradavelmente simples, que florescia em abundância à volta da estação de comboios de Pyeongdae quando Chunhui chegou, de mão dada com a mãe. Essa flor acompanhava-a para onde quer que fosse; mais tarde, encontrá-la-ia num canto do pátio da fábrica de tijolos, por baixo dos muros da prisão e ao longo dos carris que a levaram de volta à fábrica de tijolos.

Na estação, as pessoas que chegavam com esperanças e sonhos, como Geumbok, passavam por outras que nunca tinham encontrado o que procuravam e estavam a partir de Pyeongdae. A floresta tinha sido arrasada, e enormes troncos de pinheiro estavam empilhados desordenadamente à frente da estação, e a praça da estação estava ocupada com camiões, carregadores de postes e estruturas triangulares a transportar os troncos. Os vendedores ambulantes tinham-se instalado ao sol, em frente à estação, mas ninguém olhava para Geumbok. Se soubessem que, em pouco tempo, ela iria virar

Pyeongdae de pernas para o ar, teriam feito fila para a conhecer, mas, na altura era apenas mais uma mulher a fugir à sua sorte na vida. O seu rosto cansado ainda tinha uma sombra escura, e tinha o *jeogori* manchado de suor devido ao calor do final da primavera.

Não é um facto importante, mas diz-se que um velho que estava a jogar *janggi*³ debaixo de uma árvore, junto à estação, nesse dia, viu o seu aspeto pobre e comentou, «Que esquisita!», e virou as costas para trocar um cavalo por um canhão que estava ao lado de um conselheiro, e afirmou, «Por causa daquela mulher, Pyeongdae vai ter mais problemas», ou qualquer coisa do género, mas essa história parece ser inventada. Não só não havia nenhuma árvore em frente da estação onde as pessoas pudessem sentar-se a jogar *janggi*, como também a descrição muito específica da troca de um cavalo por um canhão torna mais provável que tudo tenha sido inventado. De qualquer modo, tanto naquele tempo como agora, deve estar na natureza humana querer dizer isto ou aquilo sobre uma coisa que já aconteceu.

¹ Capacete tradicional. (*N. da T.*)

² Unidade de superfície correspondente a cerca de 3000 metros quadrados. (*N. da T.*)

³ Variante coreana de xadrez. (*N. da T.*)

Café

JÁ TINHA PASSADO MUITO TEMPO desde que a solteirona — ainda não se esqueceram dela, pois não? — esfaqueou o lenhador cheio de marcas na cara e o enterrou junto à linha do comboio. Estava tudo sob o controlo dos militares. O general do Sul e o general do Norte continuavam a enviar assassinos, para se matarem um ao outro, mas sem sucesso. A grande guerra acabara não havia muito tempo e, por isso, o ódio pelo outro lado ainda estava no auge. Cada um dos lados criou leis diferentes e cobrava impostos nas respetivas áreas. O homicídio e a violação tornaram-se ilegais, tal como o roubo, o fogo posto e as lutas. Isso deixou as pessoas com muito menos coisas para fazer. A vida tornou-se simples e não tão natural como antes.

A grande vaga daquilo a que chamavam a civilização moderna rugia pelas cidades, e até estava a avançar para Pyeongdae. Os nativos de Pyeongdae, com as suas pernas curtas e pés pontiagudos, começaram a misturar-se com todo o tipo de pessoas vindas de outros lugares, e as suas características particulares já não podiam ser detetadas, pois o seu *ethos* único tinha desaparecido gradualmente. Os habitantes de Pyeongdae já não apanhavam ervas na montanha nem montavam armadilhas. Tal como os neandertais que tinham desaparecido completamente da Terra, os nativos de Pyeongdae estavam destinados a desaparecer também.

Geumbok, que geria tranquilamente um simples restaurante, numa das extremidades da aldeia, aproximava-se dos trinta anos. A sua juventude tinha desaparecido, e ela estava a afastar-se dos momentos mais apaixonantes da sua vida. Era um facto triste, mas, por outro lado, agora tinha tempo para descansar, substituindo as paixões precipitadas e a tristeza pela cura das suas feridas. Durante esse tempo, as memórias do homem da cicatriz e de Geokjeong desvaneceram-se; agora, até os rostos deles eram fracas imagens na

sua mente. Pela primeira vez em muito tempo, estava a desfrutar de uma sensação de paz. Parecia ser uma entre muitas pessoas no mundo que viviam tranquilamente. Mas a enorme paixão escondida naquele pequeno corpo ainda não se tinha revelado.

Ao fim de pouco tempo, Chunhui já era mais pesada do que Geumbok. Continuava sem falar, mas a sua compreensão dos objetos e fenómenos tinha-se aprofundado, e ia armazenando no corpo a informação que estava a recolher sobre o mundo. Era difícil absorver tudo isso, o que a tornava incapaz de estar atenta ao que precisava de saber para viver a sua vida e compreender as situações sociais. O que mais lhe faltava era a compreensão da linguagem. Para os ouvidos de Chunhui, o que as pessoas diziam era tão complexo que ela tinha dificuldade em decifrar o significado por detrás do que era dito, e era ainda mais difícil imaginar que ela pudesse usar a sua própria boca para imitar o que as pessoas diziam. Como não tinha um talento inato para a linguagem e não conseguiu falar até ao dia da sua morte, sentia-se muitas vezes confusa com o fluxo de palavras que jorrava sem parar à sua volta. Escusado será dizer que a sua incapacidade de comunicar a isolava do mundo. Mesmo o que conseguia compreender não vinha do que as pessoas diziam, mas do que conseguia detetar na expressão e nos gestos do interlocutor, no tom e no volume da voz. Ainda assim, já surgiam sinais de que a sua vida iria tornar-se invulgarmente difícil.

Nos momentos de pausa no restaurante, Geumbok fazia café para si própria. Na altura, era difícil encontrar café, pelo que trazia grãos de café para casa sempre que ia à cidade vizinha. O cheiro acre do café lembrava-lhe a agitação dos cafés e teatros da cidade portuária. Enquanto bebia a sua chávena de café, Geumbok pensava com saudade nas pessoas da sua terra natal, nos amigos que tinha feito na cidade portuária e nas gémeas.

Por estranho que pareça, Geumbok transformaria em breve o restaurante, por causa do seu precioso café, e isso era algo que ela

nunca poderia ter previsto. As pessoas que passavam por ali sentiam o aroma do café na rua e juntavam-se no restaurante, curiosas com aquele cheiro novo. Até perguntavam a Geumbok se podiam provar. E, claro, o excelente sentido de Geumbok para o negócio não deixaria passar essa oportunidade. Rapidamente começou a vender café no restaurante. O aroma elegante do café e a presença alegre de Geumbok, com o seu comportamento delicadamente encantador e sensual, atraíam os homens ao restaurante. À medida que mais e mais pessoas iam tomar café, o seu negócio foi crescendo, crescendo, de tal forma que precisou de mais ajuda só para fazer café. Na altura, o conceito de casa de chá ou de café era ainda bastante recente, pelo que as pessoas se referiam ao restaurante, que já não era bem um restaurante, como o Sítio da Mãe da Chunhui. Mais tarde, o Sítio da Mãe da Chunhui pendurou uma placa no exterior que dizia Café Pyeongdae, marcando assim o aparecimento do primeiro café na história de Pyeongdae.

O café estava cheio de gente, mas ninguém prestava atenção a Chunhui, que gostava de recantos escuros e passava o tempo agachada em frente a um buraco, a ver os ratos a entrar e a sair, durante todo o dia, ou sentada em frente ao café, a observar o crescimento de um beijo-de-frade. As pessoas não tinham tempo para prestar atenção a uma criança que não conheciam bem e que era muito maior do que as outras crianças da idade dela. O mesmo acontecia com a mãe.

Geumbok não era uma pessoa ponderada. Era fiel às suas emoções e acreditava absurdamente nas suas intuições. Era o tipo de pessoa que se encantava com a imagem de uma baleia, se deliciava com café, se perdia com filmes e dava tudo de si ao amor. A palavra «moderação» não se aplicava a ela. O amor só era amor quando ardia como fogo, e o ódio só era ódio quando era mais frio do que uma camada de gelo. Destemidamente, tinha posto uma mão na barriga de Geokjeong, e, com essa mesma mão, tinha trespassado precipitadamente o homem da cicatriz com um arpão. E o que dizer do amor de uma mãe pela sua filha? Era só mais ou menos. Talvez seja mais correto dizer que era um pouco menos do que isso. Desde o

princípio, Chunhui não conseguiu atrair a atenção da mãe. Geumbok sentia uma estranha irritação em relação àquele organismo que tinha entrado na sua vida, e sentia-se pouco à vontade ao pé dela. Depois de ter descoberto que Chunhui provinha da semente de Geokjeong, manteve a criança ainda mais afastada. Embora Geokjeong fosse um homem que ela tinha amado com todo o seu ser, ele também era um exemplo de estupidez e confusão, gula e força bruta, tragédia e infortúnio.

A agitação das pessoas e a profusão de palavras no café fizeram Chunhui sentir que ia enlouquecer. Depois de acabar de observar os objetos dentro e fora do café, foi-se embora e começou a vaguear pelo mercado. O mercado estava cheio de coisas desconhecidas, que lhe despertaram o interesse. Chunhui perdeu a noção do tempo, tocando nisto e naquilo, cheirando e estudando os objetos, e só se afastava quando alguém a descobria e enxotava. A sua maior atração era a serralharia, onde havia metal frio e duro, fogo crepitante, metal derretido a ferver e um calor abrasador. A oficina vibrava com o som do martelo e cativava os sentidos de Chunhui. Ficou maravilhada com a forma como o metal sólido se transformava em ferramentas e utensílios agrícolas brilhantes e reluzentes após o trabalho dos foles, da têmpera e do martelo.

Um dia, os trabalhadores fizeram uma pausa para o almoço e Chunhui levou para casa a enorme bigorna em que martelavam o aço. É impossível saber o que a levou a pegar na bigorna ou como conseguiu arrastar aquela coisa pesada durante todo o caminho, mas, mesmo que alguém tivesse dito que ela a tinha roubado, ninguém teria acreditado que uma criança conseguisse pegar sozinha naquele pesado bloco de metal. Brincava com ela sempre que estava aborrecida, um brinquedo verdadeiramente invulgar e pesado para uma criança. A verdadeira razão pela qual estava obcecada com a bigorna era por pensar que ela produzia facas, martelos e outras ferramentas fantásticas. Mas depressa se apercebeu de que era apenas um pesado pedaço de metal que não produzia nada, e acabou por deitá-la fora, para o quintal. Assim, Chunhui ia-se afundando cada vez

mais no seu próprio universo, mesmo antes de conseguir compreender o mundo real.

O café floresceu. As pessoas faziam acordos, tinham encontros amorosos ou ficavam penduradas no café. O Café Pyeongdae era o sítio para onde fugiam das suas vidas difíceis, onde faziam negócios secretos e onde os gangsters ociosos se encontravam. O café oferecia todo o tipo de novas experiências aos habitantes de Pyeongdae, outrora isolados. A sua influência era tão forte como a da droga, e marcava-os de uma forma indelével.

O ambiente elegante e os sentimentos românticos eram novos para eles, tal como a expressão «ficar pendurado». O mesmo acontecia com as raparigas que trabalhavam no café, com o êxito «*A Cup of Coffee*», cantado pelas Pearl Sisters, as pastilhas elásticas, o futebol, a confiança corajosa em adotar um «estilo americano» e o travo amargo que o café deixava na boca. Surgiu uma nova gíria para designar as pessoas que ficavam horas a fio no café. O chá Ssanghwa, os encontros amorosos, o aumento do consumo de cigarros, o hábito de empilhar ou tirar fósforos da caixa grande que havia em cada uma das mesas, os passatempos, as piadas sem sentido, os beijos roubados em cantos escuros, o jogo Breakout, «*Epitaph*», dos King Crimson, os pequenos quadrados de papel onde se podia escrever os pedidos de canções, o aparecimento de DJ, a prática que se tornou popular de os DJ pronunciarem as palavras coreanas com um sotaque americanizado, a venda de bilhetes para que as raparigas do café fossem a casa das pessoas fazer «entregas» e a utilização incorreta da palavra inglesa «*refill*» quando as pessoas diziam «*Can I have some more refill*», et cetera.

Geumbok era uma mulher que só florescia quando tinha alguém a quem pudesse afeiçoar-se. Tornou a ser animada, e o cheiro que enlouquecia os homens da cidade portuária voltou também, embora já não tão potente como antes. Os homens não a deixavam em paz. Sentavam-se no café o dia inteiro, a meter-se com ela. O que todos

queriam era a misteriosa região escondida entre as ancas largas de Geumbok. Mas ela recusava-os a todos, ainda convencida de que dava azar aos homens que se envolviam com ela. Em vez disso, contratou mulheres jovens para servir café e manter os clientes masculinos satisfeitos — as «meninas» do café. Os homens afluíam para se encontrarem com elas, e, para causarem impressão, pediam os chás caros do menu, *ssanghwa*¹ ou *ginseng*, em vez de café. E, claro, as vendas dispararam.

Entre os homens que frequentavam o café, havia um trabalhador chamado Mun. Tinha sido separado da família durante a guerra. Apesar de trabalhar à jorna, tinha uma atitude séria, que levava a que não o tratassem com ligeireza. Não importunava as raparigas do café nem olhava de soslaio para o traseiro de Geumbok. Sentava-se sozinho, no canto, com o seu café, e olhava pensativamente para as montanhas; ninguém sabia se tinha saudades da mulher e dos filhos, ou o que era. De qualquer modo, a sua presença invulgar chamou a atenção de Geumbok. Olhava de relance para Mun, sentado no seu canto, enquanto fazia café. Tinha o cabelo grisalho e não era particularmente bonito — seria simplesmente a sua atitude digna que atraía Geumbok? Antes da guerra, tinha trabalhado numa fábrica de tijolos, na China, e em breve se tornaria o conselheiro mais leal e o parceiro de negócios mais sincero de Geumbok. Ficaria ao lado dela para o resto da vida. Mas era mal tratado pela irreprimível inconstância e imprudência de Geumbok. Tudo isto será contado a seu tempo. Mas, antes, espera-nos outro acontecimento interessante.

¹ Chá tradicional coreano, de cor castanho-escuro e sabor ligeiramente amargo. (N. da T.)

Relâmpagos

NESSE MÊS DE JUNHO, durante a estação das chuvas, houve fortes chuvadas que inundaram as estradas, e os utensílios domésticos e o gado desapareceram nos riachos cheios. A velha casa de Geumbok começou a ter infiltrações. Por uma vez, o café ficou deserto. Nessa noite, Geumbok deitou-se cedo. A água pingava do teto, pelo que teve de pôr uma bacia no chão. Chunhui estava a dormir no quarto ao lado. Geumbok pensou para si própria que tinha de poupar para construir uma casa nova.

A meio da noite, depois de Geumbok ter adormecido, vários homens foram a sua casa. Ainda chovia muito, e estava tudo molhado e enlameado. Aqueles bandidos, que viviam numa aldeia vizinha, tinham ouvido falar de uma viúva vinda de uma cidade portuária e que tinha ganho muito dinheiro a vender um chá com um cheiro estranho. Eram os filhos dos bandidos que tinham ido roubar o dinheiro da solteirona, muito tempo antes. Tinham aprendido tudo com os pais, mas ainda eram mais cruéis e requintados do que eles. Aparecerem naquela noite chuvosa fazia parte desse requinte.

Os homens encostaram uma faca ao pescoço de Geumbok e ameaçaram-na, exigindo dinheiro. Geumbok deu-lhes tudo o que tinha; não queria ser espancada nem ferida. Já tendo assistido a tantas mortes, para ela nada havia mais precioso que a vida. Os homens tinham planeado tirar-lhe o dinheiro e depois matá-la, e, antes de a matarem, violá-la à vez. Era a lei deles, que lhes tinha sido transmitida pelos pais. A solteirona tinha conseguido salvar a vida porque nunca abriu a boca. Mas agora parecia que Geumbok estava prestes a ser violada e tragicamente morta.

Rasgaram a roupa interior de Geumbok. Embora o auge da sua juventude já tivesse passado, a sua pele resplandecia e o seu cheiro especial ainda perfumava o ar. Os olhos dos homens brilhavam de

excitação; aquilo era um prêmio melhor do que esperavam. O homem mais velho atirou-se a ela enquanto os outros esperavam lá fora. Geumbok nem sequer se debateu, como se já tivesse desistido.

Acordada pelos ruídos estranhos que vinham do quarto da mãe, Chunhui abriu a porta. Descobriu a sua mãe deitada, despida, e um homem desconhecido, nu e ofegante, em cima dela. Chunhui ficou chocada. Sentiu que a mãe estava em perigo; o homem ofegante era o inimigo. Instintivamente, correu para ele. Claro que Chunhui era grande, mas o que podia uma menina de cinco anos fazer? Agarrou-se às costas dele e puxou-lhe o cabelo, mas, quando o homem a empurrou, ela voou para trás, batendo contra a porta e caindo no chão, lá fora. Geumbok chamou pela filha, chorando muito alto. Os gritos dela foram abafados pela chuva e não ultrapassaram a vedação. Geumbok esforçou-se por empurrar o brutamontes, mas ele não cedeu. Ela ia morrer. Ele estava ofegante com o enorme prazer que estava a sentir pela primeira vez na vida. Quando chegou ao momento do clímax, descobriu que a menina estava agora diante dele, no quarto, com uma enorme bigorna acima da cabeça. Depois, ouviu-se um estrondo e ele perdeu a visão. Lamentavelmente, o homem não pôde experimentar o verdadeiro prazer do clímax naquela noite.

Os outros apressaram-se a entrar e testemunharam algo de inacreditável. O amigo deles estava morto, com a cabeça esmagada, e no chão havia uma bigorna ensanguentada, ao lado de uma menina, que estava de pé, junto do corpo.

Os homens ficaram aterrorizados. A aparição de uma rapariga estranha, cuja idade era impossível determinar, deixou-os atónitos, tal como a bigorna que tinha claramente esmagado o crânio do seu amigo. Nunca sequer sonharam que tinha sido Chunhui a pessoa a matar o amigo. Em vez disso, imaginaram uma presença sobrenatural. Arrepiaram-se quando voltaram a sentir o terror e a culpa que há muito tinham apagado dos seus corações. Nesse preciso momento, um relâmpago estalou e o estrondo de um trovão fez o quarto estremecer. Enquanto se afastavam lentamente, um deles tropeçou na soleira da porta e caiu. Começou a gritar de terror e todos fugiram o mais

depressa que puderam. Mas conseguiram levar o dinheiro de Geumbok e arrastar com eles o corpo do amigo morto — afinal, eram profissionais.

Geumbok ficou angustiada depois de os homens se terem ido embora. Presenciar mais uma morte fez reavivar memórias terríveis. Abraçou a filha, que continuava imóvel, sem saber o que tinha feito. Chunhui não compreendia as emoções complicadas da mãe. Apenas sentiu uma terna felicidade por estar nos braços da mãe pela primeira vez desde que era bebé. Como fazia, sempre que se entregava à felicidade, recordou o calor húmido do estábulo e o cheiro a estrume, o elefante *Jumbo* e as gémeas que lhe sorriam sempre. Adormeceu a ouvir a chuva a cair lá fora.

A razão pela qual recordamos essa noite não é apenas o facto de Geumbok ter sido violada e de as suas poupanças terem sido roubadas. O acontecimento milagroso dessa noite, que empurrou o seu destino malfadado para mais uma terrível tempestade, só aconteceu por causa das fortes chuvadas. O que quero eu dizer? Leitor impaciente, por favor, seja paciente.

Geumbok recompôs-se e deitou-se ao lado de Chunhui. A água que pingava do teto e o som da chuva forte lá fora faziam-na sentir como se estivesse deitada na água, que lhe humedecia o corpo e a mente. Não conseguia adormecer. Como ia sobreviver agora, com todas as suas poupanças desaparecidas? O seu projeto de reconstruir a casa era inútil. Toda a sua energia tinha desaparecido, e queria desistir do café, para voltar a viver com as gémeas.

Olhou para o teto escuro, que parecia ainda mais escuro por estar molhado. Começou a preocupar-se com a possibilidade de o teto desabar. E, de facto, o teto começou a abrir-se lentamente. Alarmada, estava prestes a levantar-se quando o teto se partiu ao meio e toda a água da chuva que se tinha acumulado em cima dele jorrou para o

quarto. Geumbok gritou e caiu. Chunhui acordou, assustada com a onda de água. Mas quando Geumbok olhou para cima, viu uma coisa branca por entre a chuva torrencial. Pedacos de papel. Papel molhado que continuava a cair sobre Geumbok, Chunhui e os cobertores. Um pouco mais tarde, quando os pedacos de papel pararam de cair, Geumbok bateu à sua volta e acendeu o candeeiro. Pegou num pedaco de papel da pilha que ficara no meio do quarto e estudou-o cuidadosamente. Não acreditava no que estava a ver. Pegou noutro pedaco e pô-lo debaixo do candeeiro. Começou a pegar em todos os pedacos que encontrava, para os observar sob a luz do candeeiro. Deixou-se cair no chão. Nessa noite, tinha caído dinheiro do teto.

Nambaran

EMBORA EXISTA A EXPRESSÃO «SAIR A SORTE GRANDE», Geumbok poderá ser a primeira e última pessoa a quem saiu, efetivamente, a sorte grande. Naquela noite, a sorte grande caiu literalmente em cima de Geumbok, e ela sentou-se, atordoadada, em cima de uma montanha de dinheiro. A primeira coisa em que pensou foi, naturalmente, quanto seria — a primeira coisa em que qualquer pessoa pensaria. A quantidade de dinheiro que contou debaixo do candeeiro de querosene até ao amanhecer era, sem exagero, suficiente para comprar mais de trinta casas grandes e bonitas.

Na manhã seguinte, Geumbok não abriu o café. Mandou todas as raparigas do café para casa. Tinha a cabeça a latejar, por ter ficado acordada toda a noite. Deitou-se na cama, mas não conseguiu adormecer. Passou o dia em transe. Quando a noite chegou, Geumbok voltou a contar o dinheiro. Apercebeu-se de que não tinha apenas dinheiro; havia também títulos de propriedade à mistura. Como tinham o dinheiro e as escrituras ido parar ao teto da sua casa? Geumbok não fazia a mínima ideia.

O dinheiro que Geumbok encontrou era, evidentemente, o dinheiro que a velha tinha guardado durante toda a vida, enquanto rastejava pelo chão, como um inseto. Era quase um milagre que uma zé-ninguém como ela tivesse poupado tanto dinheiro, mas a tenacidade de certas pessoas pode, por vezes, revelar feitos surpreendentes, para lá da nossa imaginação. Era esse o caso da velha. Concentrara-se apenas em poupar dinheiro. Naquela época, não era assim tão raro as pessoas esconderem dinheiro no teto, e, claro, a filha dela e os homens da aldeia vizinha tinham partido o teto, durante as buscas. Então, como foi possível ninguém ter encontrado o dinheiro?

Quando se mudou para a casa, a primeira tarefa da velha foi refazer os tetos. Durante esse processo, fez um teto falso entre as vigas

e o teto real. Tinha duas camadas de tetos, mas os planos da velha não se ficaram por aí. Passou muito tempo a inventar um padrão complexo, que se assemelhava a vigas, no teto oculto, sendo impossível dizer onde começavam as vigas e acabava o teto falso. Se alguém partisse o teto, não se aperceberia de que havia outro teto por cima. E foi por isso que a filha e os homens nunca encontraram o esconderijo.

Se a chuva não tivesse ultrapassado todos os registos desde que havia registos, se a água que escorria pelo velho telhado não tivesse ensochado todo o dinheiro, se o teto reforçado com um suporte extra não tivesse chegado ao ponto de já não aguentar o peso das notas encharcadas de água, o tesouro não teria sido descoberto durante muito tempo. E a história que se segue seria um pouco menos interessante. Mas o destino parou à frente de Geumbok, e foi ela quem se tornou a heroína desta história.

Um facto irónico foi a velha, apesar de ter guardado todo aquele dinheiro, ter morrido sem usar uma única nota. Nunca revelou onde estava o dinheiro, mesmo sendo espancada por aqueles homens durante toda a noite. Onde tencionava ela usar o dinheiro? Isso acabou por se tornar um segredo eterno, devido à sua morte infeliz. Se realmente fosse verdade que ela queria vingar-se do mundo com o seu dinheiro, que era o que ela dizia quando as pessoas lhe perguntavam, o montante revelava a intensidade da sua solidão e do seu ressentimento. Sgnificaria aquilo que a vingança da velha ainda não tinha terminado? Iria agora ter início a sua maldição? Teria sido por mero acaso que aquele golpe de sorte se abatera sobre Geumbok, que já tinha passado por mais do que a sua quota-parte de dificuldades? Haveria um significado secreto por detrás daquilo? Deixemos estas questões de lado e prossigamos com a história.

Geumbok decidiu parar de pensar em como tinha o dinheiro ido parar ao teto e quem o teria escondido lá. Não tinha tempo a perder com essas coisas. Ela era assim. Independentemente da pessoa a quem

o dinheiro pertencera, agora era todo seu, e isso era a única coisa que lhe interessava. Guardou uma parte do dinheiro e das escrituras, pôs o resto num frasco e enterrou-o num buraco que cavou junto à casa de banho.

No dia seguinte, abriu o café. A chuva, que entretanto parara, tinha arrefecido o ar, e os homens que ansiavam pelo cheiro do café e do pó das raparigas tornaram a reunir-se. O café estava de novo cheio de movimento.

Geumbok continuou a gerir o seu negócio, como sempre tinha feito. Mas, secretamente, pôs em marcha duas coisas. Primeiro: mandou alguém levar as gémeas para Pyeongdae. E segundo: ia descobrir onde ficavam e quanto valiam os terrenos que agora possuía. Depois de alguma pesquisa, percebeu que eram, na sua maioria, terrenos junto à aldeia. No entanto, um deles ficava bastante longe da aldeia e valia vários milhares de *pyeong*, o que fez aumentar a expectativa de Geumbok. Era num lugar chamado Nambaran, do outro lado dos carris do caminho de ferro e ao fundo da colina. O nome significava «interior dos campos, a sul».

Alguns dias depois, Geumbok saiu de casa de manhã cedo, para ir ver o terreno. Contratou um guia para o dia — Mun, que frequentava o seu café. Embora ele não fosse natural de Pyeongdae, conhecia bem a geografia local, pois andava de estaleiro em estaleiro, onde houvesse procura de trabalho.

Saíram da aldeia movimentada e continuaram ao longo dos carris. Mun caminhava sem dizer uma palavra e sem olhar para trás. Não estando habituado a caminhos de calhau, Geumbok era mais lenta, e ele esperou pacientemente até que ela quase o alcançasse, antes de se virar e seguir em frente. Passado algum tempo, Geumbok choramingou, pedindo para ir mais devagar, e depois acabou por se sentar no chão, dizendo que não conseguia andar mais. Mun olhou para ela com desconforto. Geumbok tinha nascido numa aldeia montanhosa e deambulava descalça por todo o país, por isso, era impossível que já estivesse cansada; provavelmente, havia outra razão para estar a queixar-se daquela maneira.

— Como podes ser um homem tão insensível? — queixou-se Geumbok, amuada. — Se uma mulher diz que não pode andar mais porque lhe doem as pernas, devias arranjar uma solução.

— Se tivesse uma estrutura de madeira, punha-te lá em cima, mas não tenho. O que posso fazer? — Mun estava pouco à vontade.

— Uma estrutura de madeira para transportar apenas uma mulher? Não és novo, mas parece que não percebes a situação — provocou Geumbok.

Mun respondeu, mal-humorado.

— As pessoas estão a ver. Não posso andar com uma mulher às costas, em plena luz do dia.

— Tantas desculpas! Quem é que está a ver? Não importa. Vou continuar, mesmo que as minhas pernas se partam. — Geumbok levantou-se, amuada, depois soltou um grito e tornou a sentar-se como se tivesse torcido o tornozelo.

Mun não teve outra opção senão oferecer-lhe as suas costas, e ela saltou como se fosse daquilo que tinha estado sempre à espera. Mun ficou tonto com os seios macios de Geumbok colados às suas costas e com o seu cheiro doce, e o hálito quente dela fazia-lhe arder a parte de trás do pescoço e cócegas na orelha, mas ele continuou a andar.

Era no início de junho, depois de as chuvas terem passado e o calor sufocante começar a sério. Continuaram assim, quentes e tensos, pegajosos e cabisbaixos, nervosos e ofegantes, com os seus hálitos doces a misturarem-se no ar que queimava, até chegarem a um sítio de onde conseguiam avistar Nambaran, um lugar remoto, sem uma única casa à vista.

Ampla e plana, Nambaran estava situada na extremidade de um grande vale, ao fundo de uma colina. A charneca, sem uma única árvore de grande porte, podia ser considerada um terreno aberto. Geumbok decidiu que mais valia ir até lá, uma vez que já tinham chegado tão longe. Não havia caminho desde os carris até Nambaran, e, por isso, os dois abriram caminho através das ervas altas e espessas. As barrigas das pernas de Geumbok ficaram arranhadas e ensanguentadas, e ela estava sempre a afundar-se na lama, mas queria

pisar o seu terreno; Mun teve de a carregar às costas outra vez.

Quando finalmente chegaram, toda a área estava coberta por margaridas. Não muito longe do terreno, tinham crescido ervas daninhas grossas, como mexoeiras e ervas-caranguejeiras, mas ali só havia margaridas, como se alguém as tivesse plantado intencionalmente, que exalavam uma aura estranha, quase sagrada. O que sentiu ela quando olhou à sua volta, uma mulher que nunca tinha sido proprietária nem do mais pequeno pedaço de terra? Embora estivesse localizado longe da civilização, parecia ter vários milhares de *pyeong*; Geumbok avaliou-o e sorriu. Olhou para Mun.

— Muito bem. É um bom tamanho. O que eu devo plantar aqui?

Mun, que tinha estado a apalpar a terra com a mão, respondeu vagamente.

— Não tenho a certeza. Há um vale e um ribeiro, mas a água é demasiado fria e, por causa das colinas, não há muita luz do sol. Não vais poder plantar arroz. Se quisesse cultivar batata ou batata-doce, onde ias encontrar alguém que viesse até aqui para trabalhar?

Geumbok estava profundamente desiludida.

— Estás a dizer que não posso fazer nada deste terreno?

— Não tenho a certeza. Lamento dizê-lo, mas esta terra não é muito boa. — Talvez sentindo pena dela, murmurou — Mas o solo não é mau. Podias fazer telhas ou até tijolos com isto...

Pela cabeça de Geumbok passou um pensamento, que desapareceu antes que pudesse agarrá-lo. Franziu as sobrancelhas, tentando pescar o pensamento que tinha tentado chegar à superfície, mas depois desistiu. Animou-se.

— De qualquer maneira, é um grande terreno. Gosto disso. Podia construir aqui centenas de casas, se quisesse, por isso, não preciso de me preocupar com o facto de não ter terrenos suficientes. Estou satisfeita por ter vindo cá e o ter visto com os meus próprios olhos. Agora, já podemos voltar.

Nessa tarde, voltaram a caminhar por entre as ervas e ao longo dos carris, em direção a Pyeongdae. Estava tanto calor que o suor perpassava a roupa. Apesar de Mun se ter oferecido, Geumbok

recusou-se a ir às costas dele, talvez por sentir que não podia pedir-lhe para a carregar de novo, e seguiu atrás.

Ao fim de muito tempo, descobriram um riacho que corria por baixo do caminho de ferro. Parecia vir de Nambaran. Havia alguns salgueiros que faziam sombra, nas proximidades, e o local parecia agradável e fresco. Geumbok correu para o riacho, tirou o *jeogori* e salpicou os braços e as costas com água. Mun ficou onde estava e desviou o olhar, envergonhado.

Geumbok sorriu.

— Não está aqui ninguém. Não precisas de ficar ao longe. Vem molhar os pés. A água está tão fria.

Mun foi para longe de Geumbok e limitou-se a molhar a cara.

— Pareces uma noiva tímida! — repreendeu-o Geumbok. —Tira a camisola e molha-te. Está muito calor. Não vale a pena manter as aparências.

Mun cedeu e tirou a camisola, para se molhar.

Geumbok aproximou-se.

— Vá, inclina-te. Eu deito-te água nas costas.

Mun insistiu que estava bem, mas Geumbok continuou a dizer-lhe para se dobrar. Por fim, Mun cedeu, apoiando-se com uma mão no chão, e Geumbok usou o seu sapato de borracha branco para lhe deitar um pouco de água nas costas. Quando a água fria lhe bateu na pele, Mun gemeu. Rindo, Geumbok passou a mão por cima dos ombros dele para lhe esfregar o peito e a barriga com as suas mãos suaves. Ele começou a respirar pesadamente. Sentiu-se tonto e fraco, sob o ar quente e húmido. Olhou para trás, para ela. Tinha as roupas molhadas coladas aos seios pálidos; o meio de cada um deles estava escurecido pelos mamilos cor de amora. Sempre que ela mexia os braços, fazia com que aparecessem, obscenamente, os pelos grossos debaixo dos braços. A saia molhada revelava as curvas secretas do seu traseiro voluptuoso a balançar. Mun não conseguiu aguentar mais. Agarrou-a pela cintura e caiu ao chão.

Geumbok gritou:

— Oh, seu tarado! Pareces tão educado, mas afinal és terrível. — Mas enquanto dizia isso, enfiou a mão entre as pernas quentes e húmidas dele.

Nesse dia, o amor que fizeram sob os salgueiros acabou por ser um acontecimento que atraiu bastante público — afinal, aconteceu junto dos carris. Quando passou um comboio, os passageiros viram a cena chocante de um casal nu, enroscado junto a um riacho, a meio do dia, e ficaram de boca aberta. Os mais velhos davam estalos com a língua, lamentando a era moderna, enquanto os mais novos sentiam um calor súbito nas partes baixas. Os jovens solteiros assobiavam, com a cara colada às janelas, e as jovens solteiras gritavam e tapavam os olhos. Os pais ficaram furiosos por os seus filhos indefesos terem sido expostos a um ato sexual desavergonhado e taparam os olhos dos filhos, em vez dos seus.

Alguém abriu a janela, gritou piropos e assobiou, mas isso não assustou Geumbok. Pelo contrário, puxou Mun para junto de si e acenou para o comboio. Naquela altura, era moda acenar a um comboio que passava. Quando o comboio se foi tornando mais pequeno, ao longe, tocou a buzina, e foi então que Geumbok se aproximou do clímax. Sentiu a cabeça esvaziar-se, e, nesse vazio, o pensamento que tinha estado prestes a vir à tona anteriormente acendeu-se como uma chama.

Um pouco mais tarde, quando Mun estava a vestir-se, Geumbok perguntou:

— Falaste em tijolos, há bocado?

Mun olhou para ela, sem perceber do que estava a falar.

Geumbok sorriu.

— Muito bem. Vou dar-te um trabalho. A partir de amanhã, quero que construas uma fábrica de tijolos em Nambaran. Contrata pessoas, se precisares, compra ferramentas, se precisares delas.

Mun estava atordado.

— Claro que podemos fazer tijolos, mas onde vais vendê-los? Já pensaste em como vamos transportar os tijolos daquele sítio longínquo? São pesados...

Geumbok sorriu e apontou para o comboio, que estava agora muito longe.

— Não estás a ver? Os comboios transportam pessoas e também podem transportar tijolos. E estes carris vão para todos os sítios onde são precisos tijolos. Percebes o que estou a dizer?

Virou-se e começou a caminhar rapidamente em direção aos carris, com as ancas a balançar, deixando Mun a olhar para ela, confuso.

O elefante

PORQUE TERIA, ENTRE TODOS OS HOMENS DO MUNDO, Geumbok escolhido um velho e feio trabalhador errante? O comportamento sério e digno dele não podia ter sido a única razão. Teria ela visto qualquer coisa nele que a convenceu de que seria um protetor inabalável? Ou terá sido o resultado de um impulso súbito de uma viúva solitária? Talvez ela pensasse que precisava de um homem que trabalhasse fielmente ao seu lado. Em qualquer caso, graças à sua sorte repentina, deixou de acreditar que dava azar a todos os homens que se envolviam com ela. A sua decisão acabou por ser muito feliz, tanto para Geumbok como para Mun, que estava cansado da sua vida solitária e itinerante.

Entretanto, o mensageiro enviado para ir buscar as gémeas voltou de mãos vazias. É claro que as gémeas queriam viver com Geumbok, mas não tinham a certeza de conseguir adaptar-se a uma cidade nova; mais importante ainda, não suportavam separar-se de *Jumbo*. Não era possível chegar a Pyeongdae a pé, e não havia um meio de transporte alternativo para o elefante. Só poderiam partir depois da morte de *Jumbo*.

Geumbok enviou outra longa carta, detalhando tudo o que lhe tinha acontecido e o incrível golpe de sorte que tivera, todos os seus planos de novos negócios e como precisava da ajuda das gémeas. Em separado, pesquisou formas de transportar o elefante. Só o comboio seria possível, mas, quando se informou na agência ferroviária, os funcionários manifestaram a sua oposição; nunca tinham transportado um animal daquele tamanho. Geumbok escreveu uma carta com palavras fortes à agência dos caminhos de ferro, assinalando que o elefante, ao contrário de outros animais, tinha propriedades mágicas, de tal forma que, num país do Ocidente, os elefantes eram adorados

como um deus e que, se o transporte fosse recusado, eles seriam motivo de chacota em todo o mundo, o que poderia até ser motivo de graves conflitos diplomáticos com o país que adorava o elefante e que, se tal situação escandalosa ocorresse, a agência teria de assumir a responsabilidade.

Não se sabe se a carta foi eficaz, mas a verdade é que a agência enviou uma resposta dizendo que o transporte do elefante para Pyeongdae estava aprovado. Claro que os honorários teriam de ser pagos inteiramente por Geumbok, que teria também de assinar um contrato assumindo toda a responsabilidade por qualquer tipo de incidente ou acidente durante o transporte, isentando a agência de qualquer responsabilidade por quaisquer danos. Era a lei das entidades governamentais. Geumbok assinou o contrato e mandou-o de volta. A seguir, escreveu às gêmeas, a contar detalhadamente as suas negociações com a agência ferroviária e os resultados que obtivera. Por fim, recebeu a mensagem de que as gêmeas tinham ficado tão sensibilizadas com os esforços de Geumbok que tinham fechado o bar e iam partir para Pyeongdae, com *Jumbo*. Apesar de Geumbok ter gastado dinheiro suficiente para comprar uma casa para os levar para Pyeongdae, estava radiante por voltar a juntar-se às gêmeas. Começou a arranjar uma casa nova, onde viveriam todos juntos, e deitou abaixo o velho café para construir uma nova estrutura de dois andares.

Desde que o comboio chegou a Pyeongdae, as pessoas testemunharam coisas que nunca tinham visto antes, mas a visão mais surpreendente e espantosa só podia ser a chegada do elefante. No dia em que as gêmeas iam chegar a Pyeongdae, as pessoas juntaram-se desde cedo na estação, entusiasmadas por ir ver o maior animal do mundo. A notícia tinha chegado de alguma forma mesmo àqueles que viviam em aldeias remotas, nas montanhas em redor de Pyeongdae, e saíram de madrugada com piqueniques, e os vendedores ambulantes de pés ágeis que vendiam *yeot*, algodão doce, gelados e balões montaram bancas à volta da praça, pelo que, mesmo antes do meio-dia, a praça em frente à estação estava cheia de espectadores. Diz-se

que esse dia atraiu a maior multidão desde a abertura da estação de comboios, tendo os organizadores estimado a multidão em mil pessoas, e a polícia, em trezentas. De qualquer modo, tanto na altura como agora, as pessoas gostavam de ver tudo o que fosse de graça.

Quando os espectadores já estavam cansados de esperar, soou uma buzina ao longe. A seguir, avistou-se vapor no horizonte, e as pessoas começaram a murmurar e a pôr-se de pé. O comboio parou e as gémeas desceram primeiro do comboio, envergando o mesmo bonito *hanbok*¹ azul-marinho. As pessoas exclamaram e murmuraram, espantadas com a sua aparência, mesmo sendo gémeas. Foi então que Geumbok chegou à estação. As gémeas e Geumbok abraçaram-se, derramando lágrimas de alegria.

E quando o enorme elefante finalmente apareceu, todos gritaram e bateram palmas. *Jumbo* tinha um pano vermelho sobre as costas, que ostentava, em grandes letras douradas, «Café Pyeongdae», e em letras mais pequenas:

Café, chá de ginseng e muito mais. Enorme inventário, segundo os últimos registos. Entregas. Raparigas de serviço, noite e dia. Sem gorjetas. Sem crédito.

Esta era, evidentemente, a tentativa ridícula de Geumbok de promover o seu negócio. Apesar das críticas de que se tratava de um anúncio indigno, a promoção teve tanto sucesso que o Café Pyeongdae se tornou conhecido não só em toda a cidade de Pyeongdae, mas também nas aldeias mais longínquas. A partir desse dia, *Jumbo* passou a ter a nova tarefa de passear por Pyeongdae duas vezes por dia, uma de manhã e outra à noite, envergando o seu traje.

Em todo o caso, as pessoas empurraram por entre a multidão para ver o elefante de perto, e os que tinham subido às árvores para o ver melhor ficaram tão chocados com aquele estranho animal que alguns caíram dos seus poleiros. Apesar de velho, *Jumbo* ainda mantinha a sua presença majestosa e agigantava-se sobre todos, com as suas pernas mais grossas do que o corpo de um homem grande, as suas orelhas grandes e achatadas que pareciam folhas de inhame, as suas patas tão grandes como tampas de caldeirões, as suas presas

espetadas, elegantes mas ameaçadoras, que se elevavam e — era isto que todos estavam mais curiosos de ver — a sua tromba longa e flexível, que ele mergulhou num balde, para depois borrifar com água o público quente e suado, como se fosse uma fonte. *Jumbo* não desiludiu ninguém.

Mas talvez por causa da excitação de estar à frente de uma multidão pela primeira vez em muito tempo, *Jumbo* revelou algo embaraçoso para toda a gente, algo que não precisava de mostrar naquele dia, mas que surgiu mais grosso e mais comprido do que a perna de um homem adulto. *Jumbo* ficou ali, a olhar para a multidão, pestanejando, com o seu gigantesco pénis mole estendido no chão, esgotado de capacidades reprodutivas. Isto, obviamente, fez com que a multidão soltasse urros e gargalhadas. Não era assim tão invulgar e, dependendo da perspetiva, podia ter sido considerado um grande final, que satisfazia o desejo da multidão de saber tudo.

Mas foi então que um rapaz travesso, que andava sempre com um pau a perturbar os cães, durante as suas solenes e humilhantes rotinas de acasalamento, bateu com o pau no pénis de *Jumbo*, com toda a força que tinha. *Jumbo* recordou-se da vez em que um rapaz tinha tocado uma corneta, no circo. Ele recuou e soltou um grito e, depois, atacou a multidão de espectadores. Enquanto as pessoas gritavam, as gémeas chamavam por *Jumbo*, mas ele já tinha pisado muitas pessoas e corrido em direção ao mercado. Nesse dia, *Jumbo* destruiu dezenas de bancas e feriu cerca de cem pessoas, e Geumbok teve de pagar os estragos, gastando o suficiente para pagar uma casa nova. Pensando bem, ela tinha basicamente pagado o seu esquema de publicidade gratuita.

E o rapaz que assustou *Jumbo*? Dizem que o seu hábito infeliz só foi corrigido depois de ter visto os pais a fornicarem no quarto, a meio do dia, e, tendo batido com o pau num ponto sensível do pai, foi duramente espancado. Mas também não há forma de confirmar este facto. Seja como for, foi assim que *Jumbo* e Geumbok foram apresentados ao mundo.

¹ Fato tradicional coreano. (N. da T.)

O triciclo motorizado

NAQUELE DIA, QUANDO PYEONGDAE SE TORNOU UM MANICÓMIO por causa de *Jumbo*, onde estava Chunhui? Concentrada em dar as boas-vindas às gémeas, Geumbok esqueceu-se de levar Chunhui e foi sozinha para a estação, e Chunhui tinha ido ao mercado, ver as suas coisas preferidas. Foi então que ela ouviu gritos ao longe. Virou-se para olhar e viu algo chocante. *Jumbo* estava a correr na direção dela. As pessoas gritaram-lhe que saísse do caminho, mas ela abriu os braços em sinal de boas-vindas. *Jumbo*, que galopava a toda a velocidade, avistou Chunhui e parou mesmo à sua frente.

Olá, elefante.

Olá, menina. É bom ver-te, respondeu Jumbo, ofegante.

Como chegaste até aqui?

Lembras-te do que eu te disse? Que reencontramos sempre aqueles de quem temos saudades?

Mas porque tremes? Estás zangado?

Não. Só estou com medo das pessoas.

Chunhui abraçou a perna grossa de *Jumbo*, para o consolar. *Não te preocupes. Ninguém te vai fazer mal aqui.* Lembrou-se do cheiro que tinha sentido quando viera ao mundo.

Jumbo enrolou a tromba à volta de Chunhui e resfolegou alegremente. As pessoas à volta deles ficaram espantadas. Depois do seu alegre reencontro, tornaram-se inseparáveis até ao dia em que *Jumbo* encontrou a morte, num infeliz acidente.

Foi por gratidão e solidão que Geumbok levou as gémeas e *Jumbo* para Pyeongdae. Mas, sendo uma empresária nata, não podia ter pensado só nisso. Como se podia ver pelo anúncio que *Jumbo* transportava, Geumbok queria confiar o café às gémeas, para poder

concentrar-se num empreendimento maior e mais complicado.

Quando o edifício ficou pronto, o café pendurou um letreiro novo e elegante e abriu as portas. Os homens, que tinham estado ansiosamente à espera de que o café voltasse a funcionar, entraram e depararam com Geumbok, muito bem maquilhada e com um *hanbok* branco como a neve, a sorrir e a cumprimentá-los, ao lado das gémeas, com o seu belo *hanbok* azul-marinho, e das raparigas do café, que fizeram todas ao mesmo tempo uma vénia de boas-vindas. As raparigas do café usavam saias tão curtas que as suas roupas interiores eram praticamente visíveis; os homens começaram todos a pigarrear, por vergonha, sem saber para onde deviam olhar, e o café encheu-se de barulho. Alguém viu uma grande moldura pendurada no meio do café e acenou com a cabeça. «Belas palavras.»

O cliente é rei.

— A PROPRIETÁRIA

Aqueles campónios transformados em reis estavam tão atordoados com os sofás de pelúcia, a música que saía do gira-discos topo de gama, a iluminação elegante e as raparigas do café que se pavoneavam para trás e para a frente, mostrando as suas coxas pálidas, que nem repararam que o preço do café tinha duplicado. As gémeas, a quem os clientes chamavam a grande senhora e a pequena senhora, nunca tinham gerido um café, mas, como tinham passado por todo o tipo de coisas, ao andar de bar em bar ao longo das suas vidas, não sentiam grande dificuldade em lidar com inocentes de aldeias montanhosas.

Entretanto, Mun estava ocupado a construir uma fábrica de tijolos nas remotas planícies de Nambaran. Com um grupo de trabalhadores, limpava o mato, cavava e despejava pazadas de terra. Acabou por ser mais difícil do que ele tinha previsto. Depois de limpar o mato, viu que o terreno estava coberto por pedras e pedregulhos, e a sua remoção exigia uma mão de obra significativa. Todos os trabalhadores itinerantes da zona foram contratados para o local; Geumbok deixou

rapidamente as gêmeas a gerir o café e lançou-se no trabalho de construção. Começou por fazer uma placa de madeira, que pôs à entrada, a dizer «Tijolos e Telhas de Pyeongdae». Ainda não havia uma única estrutura no local, mas a placa marcaria a entrada da fábrica de tijolos. Juntamente com outras mulheres, cozinhava refeições para os trabalhadores; também andava pelo local a encorajar os homens.

Depois de o terreno ser desbravado, o projeto seguinte consistia em construir uma estrada de acesso à linha do caminho de ferro. Era uma tarefa ainda maior do que a limpeza do terreno. Foram necessários ainda mais trabalhadores e mais dinheiro. Naquela altura, começou a circular entre os trabalhadores a notícia de que aquele era o maior projeto de construção na zona desde que o comboio chegara a Pyeongdae. Antes mesmo de a fábrica de tijolos estar construída, o dinheiro suficiente para comprar várias casas bonitas desapareceu sem deixar rasto, enquanto o trabalho avançava lentamente, sob um calor brutal.

Enquanto a estrada de acesso estava a ser desobstruída, Mun, com base nos conhecimentos adquiridos quando trabalhara numa fábrica de tijolos na China, começou a concentrar-se na construção dos fornos. A verdade é que uma fábrica de tijolos só precisava de um forno para cozer os tijolos e de um espaço grande para empilhar os tijolos acabados; para além disso, não havia necessidade de qualquer equipamento especial. Mas a construção de um forno era complicada e exigia condições específicas: tinha de ser suficientemente grande para poder cozer uma pilha inteira de tijolos, o desenho tinha de ser preciso para garantir uma distribuição uniforme do calor e era preciso manter uma temperatura consistente de mais de mil graus. Procurou pessoas que já tivessem feito esse trabalho e visitou fábricas de tijolos por todo o lado, para estudar como construir fornos.

Era um esforço insensato, independentemente da forma como se encarasse a questão. Não só Geumbok se tinha atirado de cabeça para aquele projeto sem pensar na questão da construção, como também Mun, que se oferecera para lhe construir uma fábrica de tijolos sem ter

quaisquer competências ou experiência relevantes, não tinha um plano. Ele tinha era o temperamento de um mestre artesão e um forte sentido de responsabilidade. Sempre que precisava de dinheiro, pedia-o a Geumbok e apresentava, fiel e honestamente, as despesas e o estado da obra. Qualquer outro homem teria subestimado uma mulher com quem já se tinha deitado e tentado defraudá-la ou fazer outros planos, mas ele era incapaz disso. Nunca esqueceu que ela tinha confiado nele, um zé-ninguém itinerante, e, por isso, esforçou-se sempre por manter uma relação de patroa e empregado. Manteve esta atitude até ao dia da sua morte.

Foi por essa altura que um triciclo motorizado enferrujado chegou à aldeia. Estava tão velho e degradado, com a parte de fora enferrujada e sem qualquer vestígio de tinta, com buracos corroídos que revelavam o motor a toda a gente, a pingar óleo preto por onde quer que passasse, que já nem se sabia bem se aquilo podia ser considerado um triciclo motorizado. As pessoas admiravam-se por ele ainda conseguir andar na rua. O velho triciclo enferrujado emitia uns gemidos estranhos e tristes, a abanar e a dar estalos, como um velho frágil, com más articulações, enquanto se dirigia para o café de Geumbok, como se fosse o fantasma de um triciclo

Acontece que, nesse dia, Geumbok estava no café, a ajudar as gémeas. A porta abriu-se e entrou um velho de barba rala e cabelo branco. As gémeas e as raparigas do café franziram o sobrolho e torceram o nariz por causa do cheiro forte a peixe que emanava dele, mas isso fez com que Geumbok voltasse aos bons velhos tempos. Olhou para cima e deixou cair a chávena de chá que tinha na mão.

Caro leitor, ainda não se esqueceu dele, pois não? Era o peixeiro, em carne e osso. Geumbok reconheceu imediatamente o seu primeiro homem, e, chorando, correu para o abraçar. O peixeiro também a abraçou a chorar, com os ombros a tremer. As gémeas, as raparigas do café e os clientes olharam para eles, confusos, mas eles não conseguiam parar de chorar, dominados pela saudade, pelo arrependimento, pela alegria e pela tristeza. Geumbok acariciou-lhe o rosto magro, lamentando os estragos causados pelo tempo, pois ele já

se tinha tornado um velho. Já não era jovem quando vivera com Geumbok, mas agora estava enrugado e tão magro que as maçãs do rosto estavam espetadas. Parecia um mendigo.

Geumbok levou o peixeiro para casa e deu-lhe comida quente e bebida boa. O peixeiro contou-lhe tudo aquilo por que tinha passado ao longo dos anos, começando por ter perdido tudo no tufão e ter deixado a cidade portuária, até ao momento em que, dois dias antes, ia a conduzir perto de Pyeongdae e ouviu falar de uma viúva que vendia café e tinha ficado tão rica que estava a construir uma fábrica de tijolos, e, quando ouviu como as pessoas a descreviam, pensou que parecia uma pessoa que ele conhecia, e, quando alguém lhe contou que ela tinha vivido junto ao cais, ele seguiu diretamente para Pyeongdae, sem a menor hesitação. Mas não podemos narrar aqui todas as suas histórias. Limitar-nos-emos a resumir a sua vida turbulenta da seguinte forma: passou por todo o tipo de dificuldades. Estranhamente, apesar de nunca mais se ter aproximado de um peixe depois de deixar a cidade portuária (nunca tocou sequer num pedaço de lúcio à mesa de jantar), continuava a tresandar a peixe.

Entretanto, o peixeiro viu Chunhui no café e percebeu instantaneamente que ela só podia ser filha de Geokjeong, o homem que o tinha atirado para a areia.

— Já agora, qual é o apelid...

Geumbok interrompeu-o.

— Não tem apelido. É apenas Chunhui.

Depois, contou-lhe tudo o que lhe tinha acontecido nos anos seguintes. Desenterrou tudo por que tinha passado — o infeliz acidente de Geokjeong, como conheceu o homem da cicatriz, o terrível incidente na noite da tempestade, as deambulações pelo país durante a guerra e o seu parto inesperado, o encontro com as gémeas e a mudança para Pyeongdae —, reavivando as emoções de há muito, e, ao fim de pouco tempo, estava coberta de ranho e lágrimas, enquanto conversavam, até altas horas da noite. Finalmente, quando o dia começou a nascer, ela fez a cama dele e retirou-se para o seu quarto.

Sentindo pena do peixeiro, que estava a envelhecer sozinho, sem qualquer família que pudesse apoiá-lo, Geumbok convidou-o a viver em sua casa, para retribuir a bondade dele quando ela não tinha para onde ir, na cidade portuária. O peixeiro solitário, não tendo mais ninguém a quem recorrer, aceitou a oferta. Ficou tão comovido que chorou. No entanto, por alguma razão, as gémeas insistiram para que Geumbok o expulsasse. Foi uma reação muito invulgar da parte de duas pessoas tão bondosas. Diziam que era por causa do mau cheiro dele, mas devia haver outra razão. Na verdade, elas próprios não sabiam porque queriam expulsá-lo; estavam apenas a agir de acordo com uma ligeira premonição acerca de um incidente terrível que iria ocorrer à entrada do mercado, alguns anos mais tarde.

Mas quando Geumbok as convenceu de que não era correto pôr alguém na rua só por causa do seu cheiro, não conseguiram continuar a insistir. Embora Mun soubesse que o peixeiro e Geumbok tinham sido íntimos há muito tempo, não disse nada, talvez por entender que não tinha o direito de se queixar. De qualquer modo, estava tão ocupado a construir a fábrica de tijolos que não podia ir a casa muitas vezes, e não parecia particularmente interessado em saber quem estava lá ou deixava de estar.

Mas não foram só as gémeas a detetar algo de sinistro. Ao ver o peixeiro, *Jumbo* recuou e rugiu alto, fazendo avanços ameaçadores e aterrorizando o homem. Era uma reação invulgar em *Jumbo*, normalmente tão digno, e isso fez com que as gémeas olhassem para o peixeiro ainda com mais desconfiança; mas, no final, Geumbok, Chunhui, o peixeiro, Mun, as gémeas e *Jumbo* acabaram por viver juntos, na mesma casa. Agora, Geumbok fazia parte de uma grande família. As pessoas do seu passado tinham começado a juntar-se em Pyeongdae, uma a uma.

Pouco tempo depois de o peixeiro se ter mudado, Geumbok disse às gémeas que tinha de tratar de uns assuntos e partiu com o peixeiro no seu fantasmagórico triciclo. Ao fim de vários dias, ainda não tinham voltado. Mun e as gémeas interrogavam-se sobre o que se passaria, pois sabiam que Geumbok não iria apaixonar-se pelo velho

malcheiroso. Quando finalmente regressaram a casa, foi num veículo diferente. Bem, ainda era o mesmo triciclo, mas já não era um velho calhambeque decrépito, e até tinha adquirido uma roda adicional. A carroçaria da camioneta estava agora pintada de um amarelo brilhante, sem um único buraco, e já não tinha fugas de óleo. O motor já não fazia os dolorosos barulhos de antes, mas tinha o som de um jovem tigre vigoroso, o que fazia as pessoas saírem a correr de casa, para ver o que se passava. As crianças estavam intrigadas com aquela camioneta amarela e corriam atrás dela, e as gémeas e as raparigas do café estavam espantadas, sem saber como se tinha transformado num novo veículo. Geumbok limitou-se a sorrir.

Quando olharam para a parte de trás da camioneta, viram as palavras «Transportes de Pyeongdae» escritas nela. E no para-brisas estava escrito «N.º 1», a primeira camioneta da frota, que veio a aumentar para dez camionetas, mas na altura as pessoas não compreendiam os planos de Geumbok.

Com a chegada do peixeiro, Geumbok começou a planear um novo negócio. A ideia nasceu do seu velho triciclo, que há muito a tinha levado da sua pequena aldeia nas montanhas para a cidade portuária. Pyeongdae tinha-se tornado um pouco mais acessível desde a chegada do comboio, mas as pessoas que viviam nas aldeias montanhosas vizinhas ainda tinham de caminhar dezenas de quilómetros para chegar à estação. Embora Pyeongdae estivesse mais bem situada do que essas aldeias remotas, a distância entre uma estação de comboio e outra era demasiado grande, e o comboio só vinha duas vezes por dia; não havia maneira de satisfazer o aumento explosivo das necessidades de transporte, pelo que as pessoas continuavam a ter de arranjar uma boleia de alguém, só para ir ao mercado.

Então, Geumbok pensou numa solução de transporte que ligasse todas as pequenas aldeias perto de Pyeongdae. A reparação do velho triciclo custara tanto como uma casa de luxo, porque, na altura, os veículos eram muito raros e não restavam muitas peças que pudessem ser utilizadas para o transformar. Tiveram de pôr um motor completamente novo e arranjar uma carroçaria nova. Geumbok

ofereceu-se para pagar a remodelação se o peixeiro dividisse em partes iguais os lucros da empresa. No início, o peixeiro recusou, achando que não merecia receber uma parte quando ela o alimentava e alojava, mas Geumbok insistiu em fazer um acordo justo. Calculou que o negócio dos transportes depressa se tornaria rentável, o que veio a suceder. Os aldeões isolados da montanha, que viajavam juntos na camioneta, consideraram o preço do bilhete razoável. Vinham para Pyeongdae na camioneta amarela, e, graças a isso, a cidade ganhou cada vez mais movimento. E, claro, o café tornou-se mais popular do que nunca.

O segundo grande *boom* de Pyeongdae tinha, finalmente, começado.

O pântano

O ELEFANTE *JUMBO* TINHA O SEU PRÓPRIO FUSO HORÁRIO. Com uma pulsação de apenas vinte e cinco batimentos por minuto, movia-se lentamente, e Chunhui acompanhava a sua velocidade, movendo-se também ela lentamente. Estavam isolados do resto do mundo, mas isso permitia-lhes observar o mundo a mudar cada vez mais depressa. Era como se alguém fosse capaz de observar toda a vida de uma mosca.

Com o anúncio do café enrolado à volta do corpo e Chunhui montada nele, *Jumbo* percorria a aldeia duas vezes por dia, uma de manhã e outra ao fim da tarde. Na altura, Chunhui tinha apenas seis anos, mas era tão próxima de *Jumbo* que brincava com a tromba dele e ria, apesar de raramente sorrir ao pé de outras pessoas. Naturalmente, cabia-lhe a ela a tarefa de levar *Jumbo* a passear. Na verdade, seria mais correto dizer que era *Jumbo* quem tomava conta de Chunhui. *Jumbo* enrolava a sua longa tromba à volta da cintura de Chunhui e sentava-a cuidadosamente sobre as suas costas, e, com ela ali sentada, o esperto elefante ia desde o mercado fervilhante até à estação dos comboios e voltava para casa, sem precisar de ser guiado. Bicicletas, carroças puxadas por cavalos ou bois e até camiões carregados de madeira passavam por eles a toda a velocidade, mas eles davam sempre o seu passeio, ao mesmo ritmo. A cadência das caminhadas deles era tão consistente que as pessoas acertavam os relógios por elas.

Quando Geumbok começou a tentar a sua sorte nos negócios e a ter sucesso em tudo aquilo em que se metia, as pessoas ficaram com inveja. Ao mesmo tempo, corria todo o tipo de boatos sobre a sua riqueza. Surgiam várias teorias, como a de que tinha um benfeitor rico por detrás dela, ou que as gémeas eram as verdadeiras donas de todos

os seus negócios, ou que Mun tinha encontrado uma mina de ouro no Norte, há muito tempo, e estava a acumular uma enorme quantidade de dinheiro, ou ainda que Geumbok era, na verdade, uma importante agente secreta do governo que teve de se disfarçar de mulher comum; havia até uma história inacreditável sobre como lhe tinha saído a sorte grande enquanto dormia. No entanto, as pessoas ficavam impressionadas com a sua capacidade pouco feminina de perseguir corajosamente novas oportunidades.

No entanto, nem todos os negócios foram tão bem-sucedidos como as pessoas pensavam. O café continuava próspero e o negócio dos transportes dava dinheiro, mas a fábrica de tijolos estava a ser uma dor de cabeça. Quando, finalmente, conseguiram limpar o terreno e construir a estrada de acesso, começou a infiltrar-se água no solo. Era de esperar, pois era por ali que passava a água dos vales de Nambaran, e o terreno de Geumbok fazia parte de um pântano que se formara naturalmente. Por outras palavras, o terreno era agora uma ilha rodeada de pântanos. Era por isso que só o seu terreno estava repleto de margaridas quando ela e Mun puseram os olhos em Nambaran pela primeira vez. Tinha sido realmente uma decisão precipitada construir uma fábrica de tijolos no meio daquilo, sem sequer se aperceberem de que era um pântano.

Mas estamos a falar de Geumbok. Ela descobriu que o local era um pântano, mas resolveu o problema num só dia. A partir do dia seguinte, deu início a um projeto de enchimento do terreno. Todas as carruagens puxadas por cavalos e bois da zona foram mobilizadas e começaram a despejar terra e seixos no pântano. Como tinham de encher o pântano antes de poderem construir um forno, todos os outros trabalhos foram suspensos. Mun construiu, até, uma cabana junto do estaleiro e dirigia os trabalhos vinte e quatro horas por dia. À medida que toda a terra e seixos da zona iam sendo despejados em Nambaran, a fortuna aparentemente enorme de Geumbok ia diminuindo. Quando um trabalhador morreu com uma mordidela de uma cobra, começou a correr um boato perturbador, entre os outros, de que o estaleiro da construção estava amaldiçoado. Em privado, Geumbok também estava preocupada. Mun sugeriu que talvez devessem desistir, visto que a água se infiltraria de um dia para o

outro, por mais terra que fosse transportada e despejada.

— Vamos ver quem ganha — disse Geumbok, a sorrir. — Um poço tem sempre um fundo, por mais profundo que seja.

À medida que o verão avançava, o dinheiro que seria suficiente para comprar uma ou duas casas de luxo afundou-se silenciosamente no pântano e desapareceu. Mas, mesmo com o vento a arrefecer, Geumbok não desistiu, apesar de estar a começar a ver o fundo da sua fortuna em vez do fundo de um poço. Estavam, literalmente, inundados de problemas. Geumbok teve de assistir ao desaparecimento do seu incrível golpe de sorte.

Era incompreensível a razão que tinha levado Geumbok a insistir tão desesperadamente na fábrica de tijolos. Ter uma fábrica de tijolos não era o sonho da sua vida, e não havia qualquer garantia de que enriqueceria a fabricar tijolos. Não só era difícil compreender por que razão estava a desperdiçar tudo o que tinha numa ideia espontânea que começara com um comentário de Mun de que ela se lembrou durante o ato sexual, como também era inexplicável que não parasse de despejar terra e seixos num pântano sem fundo. Mesmo que tivesse parado assim que se apercebeu de que o terreno era um pântano, teria desperdiçado apenas o preço de uma mão-cheia de casas de luxo. Porquê?

Tornamo-nos nós próprios de acordo com o nosso comportamento.

Isto pode explicar as ações irracionais de um ser humano; uma pessoa não age de acordo com uma personalidade pré-determinada; é o seu comportamento que revela a sua personalidade. Mas isso é algo que se estende para além desta história, tal como as questões *Será que esta sorte milagrosa aconteceu a Geumbok porque ela é a protagonista desta história, ou será que ela é a protagonista porque teve esta sorte? ou Será que é a galinha ou o ovo?* Talvez possamos explicar o comportamento de Geumbok desta forma:

Ao construir uma fábrica de tijolos num pântano, Geumbok tornou-se uma mulher imprudente e insensata.

Um poço tem sempre um fundo, por mais profundo que seja. Isto aplica-se tanto à própria Geumbok como ao pântano. Gastar dinheiro em casas novas, construir um café de dois andares e arranjar a camioneta, para além de encher o pântano em Nambaran — tudo isso teria sido difícil de pagar, independentemente de quão rica ela fosse. Mas Geumbok recusava-se a desistir, como se estivesse a testar a sua própria sorte, e, ironicamente, o fundo do poço revelou-se precisamente quando ela acabou de gastar o resto do seu dinheiro.

Numa manhã enevoada de outono, Mun saiu da sua cabana junto ao estaleiro, viu que a água já não entrava no estaleiro e correu para Geumbok. Tinham, finalmente, enchido o pântano. Para Geumbok, foi uma notícia verdadeiramente feliz, porque ela gastara todo o seu dinheiro, e até tinha canalizado todos os lucros do café e do negócio dos transportes para o terreno de Nambaran, e estava a começar a perder a esperança. Foi a Nambaran, com Mun, e verificou que o pântano estava, de facto, cheio e sólido. Abraçaram-se, emocionados, mas agora enfrentavam problemas de dinheiro. Ainda tinham de construir um forno, o que exigiria uma boa quantia. Geumbok não tinha fundos líquidos, pelo que teria de arranjar uma solução, talvez vendendo a casa, o café ou a camioneta do peixeiro.

Inesperadamente, apareceram reforços. As gémeas. Levantaram todo o dinheiro que tinham guardado, quando venderam o bar para ir para Pyeongdae, o que acabou por ser mais do que suficiente para construir um forno. No início, Geumbok recusou-se a aceitar o dinheiro delas, sabendo o quanto tinham trabalhado para o poupar, mas elas acabaram por convencê-la, insistindo que estavam a ter uma boa vida graças a Geumbok, e que ela merecia ficar com o dinheiro delas. Geumbok só aceitou o dinheiro depois de ter escrito uma promissória em como lhes entregaria o café se não pudesse pagar-lhes. Depois de todas estas reviravoltas, a construção do forno pôde, finalmente, começar.

Mun era uma pessoa calma e paciente, que não falava muito. Para além de uma capacidade de observação meticulosa, possuía um conhecimento invulgar de todos os tipos de reações físicas e alterações

químicas, bem como a sensibilidade apurada de um mestre artesão. Por outras palavras, era a pessoa certa a quem Geumbok confiar a fábrica de tijolos. Mas essas mesmas características geravam, de vez em quando, conflitos com Geumbok.

Uma vez, quando Geumbok passou por Nambaran, Mun ainda estava a realizar várias experiências para fazer o tijolo exato que queria. Em frente do forno havia vários milhares de tijolos que tinham falhado os testes. Geumbok pegou num tijolo com bom aspeto.

— Acho que este pode ser utilizado. Porque é que o deitaste fora?

— A cor não é uniforme.

— A cor não interessa. O que interessa é conseguir vender, quer seja peixe podre ou tijolos estalados. — Estas palavras refletiam a mente orientada para os negócios de Geumbok.

Ao contrário do que era habitual, Mun zangou-se, tirou o tijolo da mão dela e atirou-o para o chão.

— Nem todas as coisas redondas são caldeirões de arroz e nem todas as formas retangulares são tijolos. Se vais falar assim, tens de te ir embora agora mesmo.

Amuada, Geumbok regressou a Pyeongdae, resmungando:

— Faz o que quiseres, quer seja tijolos ou bolos de arroz cozidos a vapor, e vamos ver onde isso te leva.

Isto aconteceu quatro meses depois de o forno estar concluído.

Mun ficou em Nambaran durante todo o inverno, a cozer tijolos por vários métodos. Havia quem pensasse que não era assim tão difícil fazer um simples tijolo, mas essa não era a abordagem de Mun. Fez experiências com diferentes tipos de lenha, para atingir uma temperatura elevada, com a forma como os tijolos eram empilhados para serem aquecidos uniformemente, com a intensidade do fogo para produzir a cor correta. Geumbok desistiu de o pressionar e concentrou-se no café, enviando-lhe mantimentos de vez em quando. Na verdade, eram as gémeas as mais ansiosas, preocupadas com o facto de ainda não estarem a ser fabricados tijolos, quando já tinham passado muitos meses desde que o forno tinha sido construído, mas Geumbok manteve-se calma, apesar de toda a sua fortuna ter desaparecido.

— Deixem-no estar — aconselhou. — Quem sabe, talvez ele

descubra como fazer ouro.

Mun viajou para outras fábricas de tijolos e convidou os chamados especialistas para irem a Nambaran, mas, como eram na sua maioria charlatães, os tijolos rachavam ou desfaziam-se, deixando-o à mercê de todo o tipo de tentativas e erros.

Um dia, no final da primavera, caiu uma forte tempestade de neve fora de época. Geumbok começou a preocupar-se com Mun, ainda sozinho em Nambaran, mas, nessa mesma noite, ele apareceu em casa, coberto de neve. Tinha a barba comprida e a cara manchada de fuligem, os olhos ensanguentados brilhavam como os de um lobo solitário. Surpreendida, Geumbok perguntou-lhe como tinha ele conseguido ir até ali, a meio da noite. Aqueceu-lhe as mãos geladas e deu-lhe comida quente e licor. Mun, magro e com um ar cansado, comeu em silêncio. A solidão de ter passado todo o inverno sozinho no vale era palpável.

Nessa noite, debaixo dos cobertores, ao lado de Mun, Geumbok suspirou.

— Esquece os tijolos e vem para casa. Parece que não temos muita sorte a fabricar tijolos.

Mas, na tarde seguinte, Mun regressou a Nambaran, sob a neve, depois da sua breve e doce pausa.

Entretanto, por causa da neve, o peixeiro não conseguia conduzir a camioneta. Embora, normalmente, conduzisse em estradas íngremes de montanha com as pálpebras meio fechadas e nunca tivesse falhado uma curva, tinha caído demasiada neve para que pudesse continuar em segurança. Enquanto gozava os seus dias de folga, descobriu que a sua camioneta tinha desaparecido do lugar onde estava estacionada, à porta de casa. Seguiu rapidamente as marcas de pneus, que saíam da aldeia e continuavam. Ao lado das marcas, havia enormes pegadas — claramente, de um elefante — e pequenas pegadas humanas espalhadas pela neve.

E claro que, pouco depois, avistou Chunhui e *Jumbo*, num campo

coberto de neve, arrastando a camioneta, com uma corda. O peixeiro correu atrás deles. Não fazia ideia do que estavam a fazer com o veículo. No fim do campo, havia um penhasco, o que levou o peixeiro a pensar se Chunhui não estaria a planear empurrar a sua camioneta do penhasco. Quando Geumbok soube o que tinha acontecido, pegou numa vergasta e repreendeu severamente a filha. Chunhui, que nunca chorava por nada, olhou ressentida para a camioneta, com lágrimas nos olhos. As gémeas tomaram o partido de Chunhui, culpando Geumbok por ter trazido o calhambeque para casa, e o inocente peixeiro ficou ali, embaraçado, a fumar o seu cigarro.

Quando Mun regressou, era abril; as sombras das árvores cheias de rebentos estavam a tornar-se mais escuras. Tinha na mão um único tijolo vermelho. Geumbok saiu de casa a correr, descalça, entusiasmada por ele ter, finalmente, fabricado um bom tijolo. Ele mostrou-lho, com uma expressão indecifrável no rosto. Geumbok pegou nele e estudou-o. Era de uma qualidade tão elevada que permitia ver como ele tinha trabalhado arduamente nos últimos meses. O tijolo era liso, com uma tonalidade elegante e muito duro. Em vez de se sentir animado com o seu feito, Mun parecia envergonhado.

— Este deve ser suficientemente bom para construir uma casa que não caia.

— Quantos tijolos como este consegues fazer num dia? — perguntou Geumbok.

— Se acendermos dois fornos ao mesmo tempo, podemos fazer mil.

— Ótimo. Então, com a primeira fornada, vamos construir uma casa para nós. Na fábrica de tijolos.

Mun olhou para ela, atónito.

— Eu investi tudo o que tinha na fábrica de tijolos. Não posso ficar aqui à espera. Vamos precisar de muitos trabalhadores, e também de os alimentar.

— Mas não vai ser confortável viver lá — disse Mun, preocupado. Geumbok ficou com um ar sério.

— Não nos casámos, mas continuamos a ser marido e mulher. Não

podemos viver assim, separados para sempre.

Era a primeira vez que Geumbok o reconhecia como seu parceiro. Mun ficou sem ar, e os seus olhos ficaram vermelhos. Sem conseguir falar, limitou-se a escavar o chão com o pé.

Geumbok segurou-lhe a mão com firmeza.

— Por isso, a partir de agora, tens de tomar conta de mim.

Tijolos

NÃO FOI CERTAMENTE UM EXAGERO quando, há muito tempo, o poeta criticou Pyeongdae por não fazer jus ao seu nome, sem ter um campo extenso ou sequer um terreno plano onde se pudesse construir uma casa. Mas, em comparação com outras aldeias vizinhas, Pyeongdae tinha, pelo menos, jardins cheios de ervas daninhas espalhados pelas colinas, e não era um lugar mau para viver, especialmente, com o comboio a servir a cidade. Com uma nova fábrica de tijolos nas proximidades, os trabalhadores itinerantes começaram a frequentar novamente Pyeongdae, e a aldeia tornou-se mais movimentada do que nunca. Esta foi a altura a que os historiadores locais se referem como o segundo grande *boom* de Pyeongdae.

Entre os trabalhadores itinerantes que se dirigiam para a fábrica de tijolos encontravam-se agricultores que já não possuíam terras, trabalhadores agrícolas experientes cansados de trabalhar nas quintas de outras famílias, apostadores de longa data e até criminosos que fugiam à lei. A fábrica de tijolos fervilhava com uma mistura de todo o tipo de pessoas.

Nessa altura, tal como agora, não havia nada mais crítico e difícil do que contratar as pessoas certas. Mun esforçava-se por encontrar pessoas honestas e trabalhadoras e, apesar de ele próprio ter sido um trabalhador itinerante, era-lhe difícil determinar as verdadeiras motivações dos homens.

Mas Geumbok estava confiante.

— Deixa isso comigo. Assim que lhes ponho os olhos em cima, consigo perceber se estão a dizer a verdade ou se estão a representar.

Mun não sabia o que Geumbok queria dizer com «verdade» ou «representar», mas era assim que ela contratava pessoas, tendo

aprendido nos filmes que vira na cidade portuária. Estava convencida de que conseguia perceber instantaneamente se alguém estava a ser sincero ou a fingir. Quando Mun perguntou como é que ela tinha a certeza disso, Geumbok limitou-se a encolher os ombros.

— Reconheço-os quando os vejo.

Sem dúvida, os operários que selecionou eram sinceros e trabalhadores. Mas, alguns anos mais tarde, traria para a sua vida alguém que a magoaria irremediavelmente, devido a um único erro. Era a lei do excesso de confiança.

Depois de Geumbok ter partido para Nambaran, as gémeas tomaram conta de Chunhui. Como a menina não queria separar-se de *Jumbo*, e como as gémeas se ofereceram avidamente para tomar conta dela, Geumbok não se opôs. Geumbok também pediu às gémeas que tomassem conta do pobre peixeiro, que não tinha para onde ir. Elas concordaram, sem entusiasmo, porque nunca tinham gostado dele.

Apesar de estar a viver longe da mãe, Chunhui não se preocupava nem contrariava as gémeas. Estava sempre com *Jumbo*, como se se tivessem fundido num ser único, e passavam os dias tranquilos, no seu próprio mundo. Ela já tinha a força de um adulto, mas a sua mente era tão lenta que parecia não ter progredido nada. Mas, a pouco e pouco, ia aprendendo através das suas conversas com *Jumbo*.

Estou aborrecida. Vamos dar um passeio?

Menina, eu disse-te para esperares só mais um bocadinho. Ainda não está na hora.

Porque é que temos de ser sempre pontuais?

Porque as gémeas querem que seja assim.

Porque é que te preocupas tanto com o que as gémeas querem?

As gémeas são pessoas boas, que me salvaram. Apesar de eu ter esmagado as costas da gémea mais velha.

Jumbo era sensato, e Chunhui infinitamente curiosa.

Então porque estás triste?

Porque achas que estou triste? Eu sou feliz. Tenho muita comida e ninguém me bate.

As pessoas costumavam bater-te?

Isso foi há muito tempo, menina. Jumbo não entrou em pormenores, como se quisesse esquecer esses tempos. Mas Chunhui, confusa, não tirava os olhos de Jumbo. Finalmente, Jumbo continuou. Está bem. Eu digo-te porque é que estou triste. Porque estou a ficar velho.

O que significa ficar velho?

Ficar velho significa que já não nos resta muito tempo antes de morrermos. Eu deixei o circo porque já era demasiado velho.

Quanto tempo já viveste?

Desde antes de a tua mãe nascer. Provavelmente, muito mais do que isso. Não me lembro bem.

Então, eu também vou morrer?

Tal como os elefantes, as pessoas também morrem, menina. Mas não te preocupes com isso ainda. Isso só irá acontecer daqui a muito tempo, no futuro.

O que acontece quando morremos?

Desaparecemos. Seguimos por caminhos separados, para sempre.

Cumprindo os desejos de Geumbok, Mun construiu uma casa para eles na fábrica de tijolos com o primeiro lote de tijolos saídos do forno. E, no outro lado do pátio, construiu alojamentos para os trabalhadores, utilizando ferro galvanizado e tábuas de madeira. Geumbok era tão hábil a lidar com os homens que eles nunca se atreviam a tentar qualquer coisa que fosse desagradável, mesmo que as suas calças ficassem salientes com o cheiro misterioso que ela exalava. Foi assim que se formou uma pequena sociedade, com dezenas de homens e uma mulher a viver juntos no vale de Nambaran, com Geumbok e Mun a liderar a comunidade sem grandes problemas. Foi por esta altura que Geumbok substituiu a saia pelas calças de trabalho que usava quando vivia na cidade portuária. Horrorizadas com o facto de uma mulher usar calças, as pessoas sussurravam nas costas dela, mas essas calças tornaram-se a sua imagem de marca. E, em pouco tempo, ficaram prontos para vender os seus tijolos.

A princípio, Geumbok pensou que seria fácil vendê-los. Mas as coisas não correram como ela tinha imaginado. Apesar de a população ter aumentado e a construção ter crescido, não havia estruturas em

Pyeongdae que merecessem ser construídas com materiais caros. Era esse o problema. Na altura, os tijolos eram preciosos, e não para ser usados em qualquer coisa. Os tijolos iam-se acumulando na fábrica, sem que ninguém conseguisse encontrar uma forma de os vender. Foi então que Geumbok, o génio do marketing, teve uma ideia extraordinária.

Reuniu Mun e os trabalhadores.

— Não há maneira de vender estes tijolos caros nestas pequenas aldeias. Temos de ir para mais longe, para encontrar pessoas que os queiram, pessoas que os tratem com respeito. Mas nós estamos nas montanhas. Como vamos saber se alguém precisa de tijolos? O que temos de fazer é dizer ao mundo que temos excelentes tijolos para venda.

— E como dizemos isso às pessoas? — perguntou alguém, impaciente, enquanto a explicação de Geumbok se alongava.

— É por isso que vos estou a dizer isto — continuou Geumbok. — Ouçam-me todos com atenção. Amanhã, vamos pôr todos estes tijolos no comboio. E quando virem uma aldeia ao longo do caminho, atirem um tijolo pela janela. Mas atirem apenas alguns tijolos nas localidades pequenas e muitos nas localidades grandes. Assim, se alguém precisar de tijolos, vai vê-los e virá à nossa procura.

Era uma ideia original, numa época em que não havia forma de publicitar ou promover os produtos, mas o absurdo e a imprudência da ideia eram característicos de Geumbok.

— Então, estás a dizer que devemos pegar em todos estes tijolos e deitá-los fora? — perguntou Mun, mal-humorado, apontando para os tijolos que tanto lhes tinha custado fazer.

— Como podemos esperar ter sucesso sem qualquer investimento? — respondeu Geumbok.

— Mesmo que alguém encontre o tijolo, como é que nos vai descobrir? — perguntou um trabalhador.

Geumbok pegou num tijolo.

— Não vês o que está escrito aqui?

Num canto do tijolo estavam gravadas estas palavras: «Tijolos e Telhas de Pyeongdae». Antes de cozerem os tijolos, tinham gravado no barro o nome da fábrica de tijolos. Por outras palavras, era o primeiro

tijolo com marca — mais uma prova da perspicácia comercial de Geumbok.

Os trabalhadores não tinham a certeza de o plano de Geumbok fazer sentido. Mas, como ninguém tinha uma ideia melhor, fizeram o que ela queria. Estavam à espera de que os tijolos fossem vendidos para receberem os salários dos últimos meses de trabalho, por isso, não se importavam com a forma como vendiam os tijolos; só queriam vendê-los. Tiveram de passar pelo incómodo de trocar muitas cartas com a agência ferroviária antes de poderem transportar os tijolos, e, finalmente, encheram um vagão de carga. De cada vez que passavam por uma aldeia, atiravam um ou dois tijolos para a berma dos carris. Mun tinha trazido *soju* e peixe seco para todos, e estavam todos entusiasmados e alegres, como se fossem aldeões na sua primeira viagem num autocarro de turismo. Os trabalhadores, exaustos de meses de trabalho árduo, encostaram-se aos tijolos para, finalmente, descansarem, e despejaram os seus copos. Junto aos carris, as margaridas floresciam em grande quantidade, e o comboio seguia lentamente para norte, sob o sol quente da primavera. E, claro, os tijolos iam sendo espalhados ao longo de todo o percurso.

À medida que o dia se desvanecia e as luzes das cidades passavam como que num sonho, os homens iam ficando tristes, pensando nas suas terras e nas suas famílias. Alguns embebedavam-se e cantavam canções, enquanto outros limpavam as lágrimas em segredo. Todos desejavam que os tijolos fossem vendidos, para não terem de vagar por novas cidades, à procura de trabalho. As esperanças dos trabalhadores itinerantes são normalmente tão humildes que, se houvesse um sítio onde pudessem descansar sem terem de se preocupar com a próxima refeição, esse sítio passaria a ser a casa deles, o jardim cheio de flores de pessegueiro.

Enquanto Mun e os trabalhadores estavam no comboio, Geumbok regressou à casa de Pyeongdae, para descansar. Chunhui saiu a correr, feliz por ver a mãe pela primeira vez em muito tempo, mas Geumbok

ignorou-a e cumprimentou calorosamente as gémeas. Chunhui queria ser abraçada, como daquela vez em que a mãe a tinha cingido. Queria sentir o cheiro a leite e a pó de Geumbok. Mas a mãe parecia querer sempre fugir dela. Para Chunhui, Geumbok era uma miragem da qual nunca podia aproximar-se, e a sua ânsia pela mãe era uma fome nunca saciada, que a acompanharia durante toda a vida.

Na noite em que Geumbok voltou para casa, Chunhui entrou no quarto vazio da mãe e cheirou-lhe as roupas. Pegou na lata de pó que estava em cima do toucador e cujo cheiro era igual ao da mãe. Abriu a lata e começou a pôr o pó no rosto e no corpo. E como sempre acontecia quando estava feliz, recordou a cena escura e acolhedora do estábulo, quando nasceu.

Depois de passar grande parte da noite a pôr a conversa em dia com as gémeas, Geumbok regressou ao quarto, descobriu Chunhui coberta de pó branco e gritou. Quando percebeu que o fantasma branco sentado no escuro era a sua filha, correu para ela, agarrou-a pelos cabelos e começou a bater-lhe. Mas os punhos pequenos de Geumbok não foram eficazes contra Chunhui, que já era corpulenta e fisicamente dura. Chunhui olhou para a mãe, estupefacta, sem perceber porque estava ela tão zangada. O incidente foi rapidamente resolvido quando as gémeas apareceram, mas Geumbok não conseguiu apagar da sua mente o aspeto sinistro da filha. Aquele incidente fez com que Geumbok se afastasse ainda mais da filha.

Passou um mês desde que os homens tinham atirado os tijolos do comboio. Durante esse tempo, não apareceu uma única pessoa na fábrica de tijolos. A promoção guerrilheira idealizada por Geumbok tinha sido claramente um fracasso. Mas, como continuavam a fazer tijolos, já não havia espaço na fábrica para os guardar. Os trabalhadores deixaram de trabalhar e passavam o tempo a dormir a sesta ou a partilhar histórias lascivas, cuja heroína era sempre Geumbok. Alguns vagueavam de um lado para o outro, a cheirar a álcool em plena luz do dia, e outros jogavam descaradamente. À medida que o tempo passava, a fábrica de tijolos ia-se desmantelando e os trabalhadores iam ficando cada vez mais insatisfeitos por não

verem dinheiro nenhum.

O dinheiro que Geumbok pedira emprestado às gémeas tinha desaparecido há muito tempo. Conseguiram continuar a trabalhar com os lucros do café e do negócio dos transportes, mas Geumbok começou a ficar preocupada. Sentava-se à entrada, ao lado do letreiro que tinha feito, e ficava o dia inteiro a vigiar a estrada de acesso, na esperança de que alguém viesse comprar tijolos. Mas o verão estava a acabar, e ninguém vinha. Apenas o apito de um comboio a passar quebrava o silêncio, de vez em quando.

A insatisfação dos operários estava a aumentar e aproximava-se perigosamente de um ponto de rutura. É certo que tinham contratado alguns bons homens, mas a maioria era constituída por trabalhadores itinerantes, desesperados e impotentes. Normalmente, os trabalhadores itinerantes comportavam-se de uma forma quando começavam e de outra quando partiam, e eram tão astutos como os homens de negócios, tão rudes como os gangsters e tão sorrateiros como os intermediários. Entre eles, havia alguns que detetavam uma oportunidade, tiravam partido dela e depois ficavam com uma parte. Havia homens assim entre os trabalhadores da fábrica de tijolos. Eram excelentes a pôr as pessoas umas contra as outras, a instigar, a coscuvilhar, a inventar mentiras e a alimentar suspeitas triviais. Por isso, os trabalhadores começaram a convencer-se de que Mun e Geumbok estavam a mentir-lhes. A história que se espalhou foi a de que já tinham assinado um contrato para vender a fábrica de tijolos por uma soma avultada e estavam a manter todos os trabalhadores lá até o negócio estar concluído, para poderem demonstrar o bom funcionamento da fábrica de tijolos. Assim que o pagamento final fosse efetuado, a dupla desapareceria sem pagar aos trabalhadores o que lhes era devido. O boato era mais convincente e interessante do que a verdade, e espalhou-se rapidamente, como uma doença contagiosa. Era a lei dos boatos maldosos.

Foi num dia no fim do verão, nos últimos dias de uma vaga de

calor. O suor escorria pelo rosto das pessoas, mesmo sentadas, e o ar estava tão húmido que a mais pequena discussão podia levar instantaneamente a um homicídio. Até os insetos estavam calados, e toda a fábrica de tijolos estava envolta num estranho silêncio. Geumbok estava sentada junto à estrada de acesso desde manhã, pensando para si própria que tinha chegado ao fim. Não tinha dinheiro para manter as coisas a funcionar, e ela própria estava tão cansada que não queria voltar a pôr os olhos na fábrica de tijolos. Nessa tarde, os trabalhadores começaram a juntar-se, um a um, à volta de Geumbok, de rostos vermelhos, como se tivessem bebido, camisas abertas a mostrarem o peito suado e respirando com raiva, exalando a possibilidade de violência. Sentindo a sua estranha energia, Geumbok procurou rapidamente Mun no meio deles, mas Mun tinha ido à aldeia fazer um recado.

O homem mais velho deu um passo em frente e, a princípio, foi bem-educado.

— Precisamos de receber o nosso salário. Precisamos do dinheiro agora.

Geumbok reagiu com calma.

— Não veem aqueles tijolos ali empilhados? Só podemos pagar-vos quando forem vendidos.

Os trabalhadores hesitaram.

— É verdade que venderam a fábrica de tijolos? — perguntou alguém lá de trás.

— Tiveram um lucro enorme, mas onde está o dinheiro? — desafiou um outro.

— Como é que nos vão pagar quando os novos donos chegarem?

Os trabalhadores falavam uns por cima dos outros, como sapos a cantar à chuva. As vozes foram-se tornando zangadas, mesmo que reprimissem as emoções.

— Nada disso é verdade — declarou Geumbok, em voz alta. — Acham que estaríamos aqui em cima se tivéssemos dinheiro? Já nos teríamos ido embora se estivéssemos a planear roubar-vos! Se puderem esperar um pouco mais...

— Mentiras! — gritou alguém.

— Sim, mentiras!

— Mentiras!

— Mentiras!

— Mentiras!

Todas as vozes que tinham surgido esporadicamente aqui e ali uniram-se num coro. Alguns começaram a bater os pés, à medida que a situação se tornava mais tensa. Começaram a aproximar-se de Geumbok. Parecia que iam todos correr para ela e atacá-la.

Geumbok levantou uma mão.

— Esperem!

Os homens hesitaram. Ela desatou o seu *jeogori* e abriu-o. A sua carne pálida resplandecia sob o sol brilhante — o corpo que todos desejavam. Ficaram a olhar para ela, confusos.

— Se não acreditam em mim, revistem-me! — gritou. — Se encontrarem algum dinheiro em mim, podem matar-me, aqui e agora.

Houve um silêncio tenso, como um arco preparado para disparar, entre ela e os trabalhadores. A única coisa que se ouvia era alguém a engolir em seco, ocasionalmente.

Uma voz irrompeu lá de trás, quebrando a tensão.

— Não se deixem enganar por essa mulher malvada! Batam-lhe!

Era como se todos estivessem à espera daquilo.

— Batam-lhe!

— Não, desfaçam-na!

— Não, batam-lhe com tijolos!

— Não, enterrem-na viva!

— Não, queimem-na no forno!

— Não, pendurem-na no choupão!

Ouviram-se inúmeros apelos para que a matassem das mais variadas formas. Claro que eram as vozes dos homens que os tinham instigado e arrastado até àquele ponto. Não tinham provas, mas não precisavam de as ter. Os apelos deles eram mais convincentes do que qualquer lógica e mais provocadores do que qualquer texto publicitário. Era a lei das palavras de ordem. Foi como se um dique tivesse rebentado; todas as outras palavras de ordem jorraram, nesse momento. «Esmaguem os tijolos!» «Destruam os fornos!» «Queimem a fábrica!» Mas surgiram algumas um pouco invulgaes para uma fábrica de tijolos, numa montanha remota, como «Morte aos fascistas!

Pelos direitos dos trabalhadores!» ou «Abaixo a ditadura *chaebol*! Os trabalhadores merecem viver num paraíso!», e algumas que eram um pouco mais suspeitas, como «Viva a República Popular Democrática da Coreia!» ou «Sigam a orientação do Querido Líder e destruam a América!», e enquanto «Nada de fábricas de tijolos nas belas montanhas!» ou «Abaixo a ditadura que se alia ao desenvolvimento e destrói o ecossistema!» eram muito precoces, já os súbitos desabafos de «Amo-te, Yeongsuk!» ou «Porra, devia ter tirado o cartão do trevo vermelho!» não eram palavras de ordem, mas apenas explosões aleatórias de pessoas que, claramente, não compreendiam bem o que se estava a passar.

Em todo o caso, apesar das várias opiniões ruidosas, a essência das palavras de ordem era que Geumbok tinha de ser morta, e não só isso, mas da forma mais humilhante possível, quer fosse despedaçada ou queimada viva. E depois de estar morta... Bem, claro que, depois disso, não havia nenhum plano. Mas os homens estavam irados e parecia que iriam até ao fim, por isso, nessa altura, não interessava se havia um plano ou não.

Vários homens empunhavam paus, e outros, foices ou picaretas, tomados pela loucura causada pelo calor assassino, pelo álcool e pela carne feminina pálida revelada em plena luz do dia. Começaram a avançar em direção a Geumbok. Não havia nada que pudesse detê-los. Geumbok não conseguia acreditar na ironia do destino; a sua grande fortuna tinha-a levado à beira da morte. Alguém agarrou o *jeogori* de Geumbok por trás e arrancou-o, e os homens precipitaram-se para ela, rugindo. Apesar de ter conseguido sobreviver à guerra, a vida de Geumbok estava à beira do abismo.

— Parem! — gritou alguém.

Os homens viraram-se para olhar. Mas, no meio do emaranhado desordenado de trabalhadores, não descobriram a pessoa que gritou «parem». Em vez disso, o que todos viram foi um dedo levantado a apontar para a estrada de acesso. Os trabalhadores viraram-se para olhar e viram uma nuvem de pó no fim da estrada. Geumbok enfiou os braços no seu *jeogori* rasgado e levantou-se. A poeira aproximava-se e fez a curva coberta de ervas daninhas. Era um jipe preto. Todos se mantiveram no lugar, como se tivessem recebido ordens para o fazer,

a ver o jipe entrar na fábrica de tijolos.

O jipe parou à frente deles. A porta abriu-se e saiu um homem gordo, com um chapéu de feltro. Tinha na mão um tijolo com as palavras «Tijolos e Telhas de Pyeongdae». Parecia cansado, como se tivesse feito uma longa viagem. Olhou em volta, para os homens que lhe bloqueavam o caminho, ergueu o tijolo e perguntou:

— É aqui que fazem isto?

Os trabalhadores hesitaram e olharam uns para os outros. A fúria homicida desaparecera e tinham voltado ao estado normal de tímidos trabalhadores itinerantes.

Geumbok pôs-se à frente deles.

— Não tem olhos? Porque não olha para a placa? — E apontou para a placa junto à entrada.

O homem de chapéu olhou para a placa e depois para o tijolo e soltou um suspiro de alívio, limpando o suor da testa. Atirou o tijolo para o chão, irritado.

— Porra, deviam ter posto o vosso número de telefone. Como pode alguém saber onde fica Pyeongdae, se é nas montanhas ou no além? Demorei sete dias inteiros a encontrar este sítio.

Geumbok sorriu. Já se tinha livrado do terror que sentira momentos antes e recuperara a calma.

— Nem sequer temos eletricidade, aqui em cima. Claro que não temos telefone. Ainda bem que chegou aqui sem se perder.

O homem do chapéu de feltro olhou em redor.

— Porra, quem é que ia adivinhar que fazem tijolos nesta montanha remota? Teria passado ao lado se não fosse aquela chaminé. De qualquer forma, estou a morrer de sede. Gostava de beber um copo de água.

Geumbok não se mexeu.

— Não posso dar-lhe água ou outra coisa qualquer enquanto não me disser porque é que está aqui.

— Porra, quem é que viria até aqui se não fosse para comprar tijolos? És a dona? — perguntou o homem de chapéu a Geumbok, de forma sarcástica.

— Porque estaria eu aqui ao sol quente, a falar consigo, se não fosse? Acha que estou aqui só para ficar com a voz rouca?

O homem de chapéu levantou as mãos.

— Não posso voltar de mãos vazias. Preciso de mais do que aquilo que têm ali empilhado. Terão de fazer tijolos o mais depressa possível, sem parar. Podemos negociar a seu tempo. Preciso de água. Melhor ainda se tiveres licor.

Foi assim que começou o negócio com o Sr. Gwak. Era construtor, e, quando encontrara um tijolo na berma da linha do comboio, soube logo que era de qualidade superior, pois tinha vivido em estaleiros de construção toda a sua vida. Estava a construir um edifício tão longe que levou três dias inteiros de comboio para lá chegar, mas correu na mesma para deitar a mão aos bons tijolos. Mais tarde, construiria o primeiro prédio de apartamentos da nação, venderia as unidades e fundaria a segunda maior empresa de construção do país, mas morreria ainda relativamente novo, aos cinquenta e dois anos, sem ter desfrutado de nenhum dos seus sucessos. Estava a beber com os amigos, junto de um rio, e mergulhou, para provar que ainda estava em condições de o atravessar a nado, mas o seu coração parou. Era a lei da imprudência.

Era corajoso e temperamental, e, por isso, dava-se bem com Geumbok. De facto, davam-se tão bem que acabaram por dormir juntos, e quando Mun descobriu, Geumbok arranjou uma desculpa, dizendo:

— Se o Sr. Gwak não tivesse aparecido naquele preciso momento, eu teria sido atirada para um forno, para ficar em brasa. Ele salvou-me a vida. É assim tão mau eu ter dito sim uma vez? É apenas um corpo que apodreceria com a morte.

Claro que isso era apenas uma desculpa. Mais tarde, Geumbok, com o seu apetite irreprimível, levaria para a sua cama não só o seu salvador, mas também trabalhadores itinerantes, magoando muito Mun, mas, de qualquer modo, a verdade é que ela tinha evitado aquela crise graças ao Sr. Gwak.

O que o Sr. Gwak disse perante os trabalhadores não foi apenas

conversa. A partir do dia seguinte, os operários passaram a trabalhar durante longas horas para fazer tijolos, com os pés a pisar o barro, entusiasmados com a ideia de poderem finalmente receber um salário e não terem de andar à procura de trabalho. O Sr. Gwak não foi a única pessoa a encontrar a fábrica de tijolos. Todos os tipos de homens de negócios, desde o Sr. Bak ao Sr. Yu, ao Sr. An, ao Sr. Gong, ao Sr. Min, ao Sr. Cheon, passaram por lá, um a um, todos com um tijolo gravado. Eram construtores como o Sr. Gwak, pedreiros especializados em paredes, fornecedores ou arquitetos. Geumbok era agora chamada «Presidente Gang», por ser tão corajosa como um gangster. Veja-se como a sua mente empresarial era arrojada e como se sentia à vontade entre homens duros.

Os seus tijolos tornaram-se uma sensação na indústria da construção. Os construtores faziam fila à porta da fábrica de tijolos para os conseguirem e, assim que os tijolos saíam dos fornos, eram imediatamente colocados nos comboios que se dirigiam para as áreas metropolitanas. Mun teve de construir mais dois fornos e contratar mais trabalhadores. Geumbok passava o tempo todo a fazer refeições, e teve de contratar algumas mulheres para a ajudarem. Todas as cozinheiras usavam calças de trabalho, em vez de saias, tal como Geumbok, o que rapidamente se tornou uma tendência na aldeia. Em breve, todas as mulheres começaram a usar calças. E Nambaran manteve-se ruidosa durante todo o outono, com os trabalhadores a cantar enquanto moldavam o barro durante todo o dia, o rugido dos motores dos camiões que faziam fila para transportar os tijolos e as discussões dos homens de negócios, que tentavam reclamar carregamentos mais rápidos.

Finalmente, antes do início do inverno, Geumbok conseguiu pagar a todos os trabalhadores o que lhes era devido e ainda acrescentar um generoso bónus. Conseguiu também pagar às gémeas, e até lhe sobrou algum dinheiro, que compensou, de certa forma, o que tinha gastado na fábrica de tijolos. Quando a temperatura desceu e a geada chegou, as encomendas começaram a abrandar e Geumbok organizou uma festa para os trabalhadores. Mataram sete porcos e trouxeram da aldeia um camião cheio de licor. As gémeas e o peixeiro também foram convidados. Os trabalhadores, embriagados pelo raro e doce

descanso e pelo *makgeolli* bem fermentado, cantaram a plenos pulmões, abraçaram-se a quem estava ao seu lado e dançaram. Alguns estavam tão comovidos com o seu enorme sucesso que caíram nos braços uns dos outros e choraram. Nesse dia, Geumbok festejou com os trabalhadores, como se fosse um deles. Foi uma celebração incrivelmente satisfatória e alegre. Por volta do amanhecer, enquanto todos dormiam alegremente bêbedos, a primeira neve do ano caiu sobre Nambaran.

¹ Grupo económico. (*N. da T.*)

Ossos densos

À MEDIDA QUE A NEVE CAÍA E FICAVA MAIS FRIO, o riacho do vale congelou. Os fornos deixaram de ser acesos, e a fábrica de tijolos, que tinha funcionado continuamente durante todo o outono, parou. Todos os seres vivos se preparavam para entrar numa longa hibernação. Os trabalhadores partiram para casa, um a um. Prometeram ver-se na primavera seguinte e apanharam o comboio da noite, sentindo-se satisfeitos. Apenas os poucos que não podiam regressar a casa ou que não tinham ninguém à sua espera ficaram na fábrica de tijolos, a jogar às cartas, a passar as longas e aborrecidas noites de inverno.

Geumbok e Mun regressaram a Pyeongdae, para descansar. Mas haveria um deus invejoso do seu incrível sucesso? Houve um acidente terrível, em Pyeongdae — o incidente sinistro que pairava sobre todos eles e a razão pela qual as gémeas não gostaram do peixeiro, quando ele chegou, e a razão por que Chunhui e *Jumbo* tinham arrastado a camioneta até ao penhasco.

Nesse dia fatídico, o peixeiro conduzia a sua camioneta cheia de passageiros por estradas sinuosas, até Pyeongdae. Tinham passado apenas alguns dias desde que nevara e, por isso, ainda havia neve nas estradas. A camioneta tinha passado pelo mercado e dirigia-se para a estação de comboios. Nesse momento, uma mulher idosa, de cabelos brancos, apareceu do nada, prestes a atravessar a estrada. Estava apoiada numa bengala. Talvez não ouvisse bem, mas não se assustou com as buzínadas desesperadas do peixeiro, e continuou a andar devagar, de cabeça baixa. O peixeiro travou o mais que pôde, mas o camião derrapou e foi parar à berma da estrada. Os passageiros foram atirados para o lado, aos gritos.

Nesse momento infeliz, *Jumbo* passava pela entrada do mercado,

com Chunhui montada nele. O peixeiro, ao ver o elefante e a rapariga, tornou a travar. Mas não conseguiu fazer parar a camioneta, que continuava a derrapar. O número 1 dos Transportes de Pyeongdae embateu num dos lados de *Jumbo*. O animal caiu e Chunhui voou pelo ar. Tudo isto aconteceu num abrir e fechar de olhos.

A força do impacto fez com que o peixeiro perdesse momentaneamente os sentidos, e, quando voltou a si, viu a velhota parada no meio da estrada. Ela virou-se para a camioneta e talvez só nessa altura se tivesse apercebido de que tinha havido um acidente. Tinha a cara mais horrível que o peixeiro alguma vez vira. Uns olhos minúsculos e encovados, num rosto enrugado, um nariz atarracado e bulboso, as faces encovadas pela falta de dentes, cabelo ralo... Sim, era ela! A deplorável velha que costumava vender comida para fora. Quem mais poderia ser?

Ela sorriu quando os seus olhos se encontraram com os do peixeiro, contraindo as maçãs do rosto de uma forma horrível. Aquele sorriso assustador fê-lo estremecer. Quando o peixeiro saltou da camioneta e correu para *Jumbo*, o elefante já tinha deixado de respirar. O sangue vermelho-escuro jorrava-lhe da tromba, manchando a estrada coberta de neve. As pessoas juntaram-se à volta deles. O capot da camioneta estava amachucado e deitava fumo, e vários passageiros tinham ficado feridos. Chunhui não se via em lugar nenhum. Este foi o primeiro acidente de trânsito em Pyeongdae. Ninguém sabia o que fazer, e as pessoas corriam de um lado para o outro, confusas, criando um grande tumulto. No meio do caos, o peixeiro procurou a velha, mas ela já tinha desaparecido.

Chunhui foi encontrada depois de as gémeas e Geumbok terem corrido para o local, ao saberem do acidente. Soluçando, as gémeas caíram sobre o corpo de *Jumbo*. Desmaiaram e, quando acordaram, voltaram a soluçar, como se tivessem acabado de descobrir o elefante morto, e tornaram a desmaiar, e isso repetiu-se vezes sem conta. Enquanto aquilo acontecia, alguém encontrou Chunhui empoleirada numa *zelkova*¹, perto do mercado. Estava sentada na árvore, a olhar para o elefante, para as pessoas que o rodeavam e para as gémeas que

choravam sobre o animal. Parecia ileso. Como sobrevivera Chunhui a um impacto tão forte que derrubou um elefante? Em breve, o seu segredo seria revelado.

Geumbok e Mun levaram Chunhui para o hospital, seguindo o conselho das pessoas que diziam que, embora aparentemente ela parecesse bem, podia ter sofrido lesões internas graves. Nessa altura, Pyeongdae já tinha um hospital com equipamento médico moderno. Um médico de bata branca examinou Chunhui e tirou várias radiografias. Chunhui despiu-se, pôs-se à frente de uma máquina enorme e foram recolhidas várias imagens. Pouco depois, o médico regressou com as radiografias. Estudou-as durante muito tempo, inclinando a cabeça, como se não conseguisse perceber o que estava a ver.

Impaciente, Mun insistiu com ele:

— Diga qualquer coisa. Não esteja para aí a abanar a cabeça. Passa-se alguma coisa com a nossa filha?

— Bem, acho que há qualquer coisa de errado, mas talvez alguma coisa esteja certa — disse o médico, ainda com um ar confuso.

— O que quer isso dizer? — interrompeu Geumbok. — Se é bom, é bom, e se é mau, é mau. O que está a dizer?

O médico empurrou uma radiografia na direção deles.

— Já ouviram falar de ossos invulgarmente fortes e densos?

— Já — respondeu Mun. — Costumamos dizer que os membros dianteiros de um tigre têm ossos invulgarmente fortes e densos.

— Exato. Ninguém sobrevive a uma pancada de uma dessas patas. Esta criança tem ossos grandes. A maioria das pessoas tem dois ossos no antebraço, mas ela só tem um osso denso. — O médico apontou para a radiografia. — Vejam. É só um. O mesmo se passa com outros ossos do corpo dela.

Geumbok lembrou-se de Geokjeong, e tornou-se ainda mais claro que Chunhui era dele.

— Ter ossos grandes significa que ela vai ter outros problemas na vida? — perguntou Mun, sempre prudente.

— Estão a pensar ensiná-la a tocar piano ou a escrever à máquina?

— Não, não estamos interessados em que ela toque piano ou escreva à máquina — respondeu Geumbok, sem rodeios. — Ela vai

aprender a fazer tijolos, como nós.

Mun olhou para ela, surpreendido. Era impossível saber se sempre planeara pôr Chunhui a fazer tijolos ou se respondeu espontaneamente, naquele momento. Mas o que ficou claro é que o futuro de Chunhui tinha sido decidido ali mesmo.

— Bem, então, acho que não haverá nenhum problema. — O médico encolheu os ombros. E foi o fim da conversa.

Estranhamente, foi nesse dia que Geumbok ficou obcecada com os raios-x e com a forma como penetravam no corpo de uma pessoa. Não compreendia os princípios dos raios-x, mas estava entusiasmada com o facto de se poder ver o interior de um corpo humano. Pediu uma radiografia de si própria.

Mun resmungou:

— O que vais fazer com uma fotografia assustadora dos ossos?

Mas nada conseguiu dissuadir a curiosidade feroz de Geumbok. Despiu-se e pôs-se à frente da máquina.

Quando a radiografia foi feita, estudou-a cuidadosamente, como se estivesse a olhar para um mapa do tesouro. O cabelo sedoso, as curvas voluptuosas, o olhar penetrante e as bochechas coradas tinham desaparecido e só restavam ossos pálidos como ramos de árvores mortas. Geumbok levou a radiografia para casa e estudou-a como se estivesse enfeitiçada, durante os dias seguintes, segurando-a contra a luz, e finalmente acenou com a cabeça, como se tivesse percebido uma coisa importante.

— É tudo um invólucro — disse, com tristeza. — No final, o corpo é apenas um monte de ossos brancos.

Tinha descoberto o que ficaria para trás, depois da morte. Depois desse dia, gostava de dizer:

— No fim, o corpo apodrece.

Pouco depois, começou a dormir com qualquer homem, sempre que queria. Como uma mulher que não desconhecia a morte, talvez fosse uma tentativa fútil de se libertar dos limites de um corpo que em breve desapareceria e dos medos da morte que a tinham ensombrado durante toda a vida.

Entretanto, a morte de *Jumbo* trouxe uma tristeza imensa às gémeas, que tinham cuidado do elefante como se fosse um membro da família. Fecharam o café e recusaram-se a comer ou a beber, chorando durante todo o dia, no quarto. Durante alguns dias, Geumbok sentou-se ao pé delas, tentando consolá-las, mas de nada serviu. Culpavam Geumbok pela morte de *Jumbo* e insistiam que não podiam viver na mesma casa que o terrível assassino que matara *Jumbo*, obrigando o peixeiro a mudar-se. Passados alguns dias, o café abriu, mas as gémeas já não estavam alegres e felizes. Sentaram-se à janela, olhando para o mercado onde *Jumbo* costumava passar devagar, e choravam abundantemente. Não havia maneira de o café poder ser gerido como devia ser. Então, Geumbok teve uma ideia, uma ideia tão chocante quanto Lázaro a levantar-se do túmulo.

Uma manhã, as gémeas entraram no café e ficaram paralisadas. *Jumbo* estava em frente ao edifício, com a tromba levantada no ar. Correram para o elefante renascido, gritando de alegria. Mas, quando o abraçaram, perceberam que tinha sido embalsamado.

Sem dizer nada às gémeas, Geumbok contratou alguém para desenterrar o elefante morto. O seu corpo já estava em decomposição, mas, felizmente, a pele espessa tinha mantido a forma original. A taxidermia de todos os tipos de animais tinha sido uma importante fonte de subsistência para muitos residentes de Pyeongdae, durante anos, e havia excelentes taxidermistas na aldeia. A pele do elefante foi cuidadosamente retirada do corpo e enchida com aparas mas, como ele era muito grande, foram necessárias várias dúzias de fardos de feno para o encher. Depois de retirarem os globos oculares podres e colocarem um berlinde especial em cada olho, *Jumbo* recuperou o seu aspeto vivo.

Desapontadas com o facto de *Jumbo* não ter sido ressuscitado, a gémeas tornaram a chorar, mas a tentativa de Geumbok não foi um fracasso total. Mesmo embalsamado, *Jumbo* exibia o seu antigo esplendor, consolando as gémeas. E como as pessoas acorriam ao café para ver o elefante, os efeitos promocionais de *Jumbo* continuaram. As gémeas insistiram para que o anúncio que *Jumbo* usava fosse retirado, pois acreditavam que tinha sido essa a causa da morte dele. Em vez disso, as gémeas decidiram instalar uma enorme bacia à frente do

elefante, e enchiam-na de feijões cozidos, sempre que podiam. Na bacia foram gravada as palavras «Para o *Jumbo*, com amor».

Assim, o elefante ficou em frente do café durante muito tempo, e tornou-se um marco de Pyeongdae, até ser reduzido a cinzas, muitos anos mais tarde.

Não foram apenas as gémeas a ficar devastadas com a morte de *Jumbo*. A princípio, Chunhui nem sequer compreendia que *Jumbo* tinha morrido, mas, aos poucos, foi percebendo que *Jumbo* a tinha deixado para sempre. Embora a mãe o tivesse embalsamado e a sua forma tivesse sido recuperada, Chunhui percebeu imediatamente que não era o verdadeiro *Jumbo*. O seu cheiro agradável tinha desaparecido. As suas conversas especiais tinham desaparecido. Chunhui apercebeu-se do que *Jumbo* queria dizer quando falou da morte. Morte significava nunca mais se mexer. A morte significava não ser capaz de piscar um olho para afastar uma mosca, mesmo que ela pousasse no olho dele. A morte significava não ser capaz de se abrigar da chuva fria ou de se sentar a descansar as pernas. A versão embalsamada de *Jumbo* já não era *Jumbo*. Era apenas um monte de feno e couro que se assemelhava a *Jumbo*. Chunhui não estava tão triste como as gémeas, mas aquela perda permaneceu com ela durante muito mais tempo, até ao momento em que encontrou a sua própria morte solitária no estaleiro.

¹ Árvore muito popular na Coreia, semelhante ao olmo. (N. da T.)

O escândalo

QUANDO A PRIMAVERA REGRESSOU, a fábrica de tijolos ficou ainda mais movimentada. As encomendas não paravam de chegar e, como diz o ditado, os trabalhadores nem sequer tinham tempo para se limparem depois de cagar, e davam por si a desejar desesperadamente que chovesse para poderem descansar nem que fosse só por um dia. Geumbok estava ocupada a receber encomendas e a negociar preços, e ausentava-se vários dias de cada vez, para granjear novos mercados e gerir os clientes existentes.

Mun estava igualmente ocupado. Enquanto Geumbok tratava das operações, ele supervisionava a gestão e a produção da empresa. Era rigoroso com os trabalhadores, controlando a qualidade, e contratava trabalhadores à medida que a mão de obra ia e vinha. Na verdade, poder-se-ia dizer que foi ele quem contribuiu mais para a criação da empresa, mas nunca se pôs em primeiro lugar. Tratava calmamente de todas as pontas soltas deixadas por Geumbok e transferia para ela coisas que podia perfeitamente decidir sozinho. Como ele a punha sempre em primeiro lugar, as pessoas ficavam surpreendidas ao saber que o velho Mun era o seu homem. Mas Mun não se importava. Ele era esse tipo de homem.

Por esta altura, a onda de modernidade atingiu com força Pyeongdae, que começou a expandir-se rapidamente. A eletricidade e o telefone chegaram a todas as casas. O general que comandava o país na altura tinha implementado uma política extraordinária, sem precedentes históricos, que consistia em acordar toda a nação todas as manhãs, à mesma hora. Montaram um grande altifalante no meio de cada aldeia ou cidade que emitia uma canção que ele próprio tinha composto, à hora a que ele, um soldado de longa data, acordava todas

as manhãs, para a chamada. Embora aninhada nas profundezas da montanha, Pyeongdae não era exceção. A letra não tinha nada de especial, mas era um método muito eficaz; ao amanhecer, quando a canção começava a tocar, as pessoas resmungavam, mas era impossível continuarem a dormir com a música a tocar tão alto. Era assim que o general roubava o sono às pessoas e toda a gente ficava mais cansada.

A pessoa que mais contribuiu para levar a civilização para as montanhas deve ter sido Geumbok, depois do caminho de ferro que ligou Pyeongdae ao resto do mundo. Ela investiu ainda mais fundos na sua empresa de transportes, aumentando a sua frota para dez camionetas. À medida que a oferta de empregos crescia, o fluxo de pessoas que chegavam a Pyeongdae também aumentava. As pessoas apressavam-se, sentindo-se pressionadas, mesmo que não estivessem a fazer nada de especial, e sentiam-se vazias mesmo depois de comer, e, por isso, sentavam-se nos cafés e bebiam chávenas de café forte. Enquanto estavam sentadas nos cafés, a conversar e a perder tempo, as relações entre as pessoas tornavam-se mais complexas e as discussões aumentavam e, para resolver mal-entendidos ou fazer as pazes, as pessoas gastavam ainda mais dinheiro em bebidas alcoólicas e café, acelerando o consumo. Uma sensação de vazio começou a instalar-se no coração das pessoas, e Geumbok ganhava dinheiro com esse fenómeno. Era a lei do capitalismo.

Um dia, um jovem pastor foi à fábrica de tijolos para falar com Geumbok. Ele tinha-se oferecido para ir até Pyeongdae, numa missão destinada a espalhar o evangelho no interior do país, onde a mensagem de Deus ainda não tinha chegado. Pediu a Geumbok uma doação de tijolos para a construção de uma igreja.

— Queres que eu doe tijolos a quem, exatamente?

Geumbok recostou-se na cadeira, com o cachimbo na boca, olhando para o pastor. Agora, Geumbok andava frequentemente com um cachimbo na boca, tendo aprendido a fumar quando começou a viajar em trabalho.

— O supervisor do princípio e do fim do mundo, do nascimento e

da morte de todos os seres. Deus, Nosso Senhor — respondeu o pastor.

— Então, acho que sei quem deve ser. Uma vez, também rezei a esse espírito e ele riu-se das minhas preces.

— As tuas orações podem não ter sido suficientes.

— Ai, sim? Se não foram suficientes, ele deve ser muito ganancioso. Então, o que vão fazer quando construírem a igreja?

— Vamos adorar a Deus.

— Podias simplesmente pendurar uma cruz num sítio qualquer. Precisam mesmo de um sítio à parte para o adorar? O espírito em que vocês acreditam deve estar escondido apenas nas igrejas.

— Deus também está aqui, na fábrica de tijolos. Se fizeres um donativo a Deus, ele recompensar-te-á várias vezes.

— Eu já tenho muito — retorquiu Geumbok. — Não preciso de mais dinheiro.

— Não importa quantas riquezas tenhas nesta vida. Tudo isso desaparecerá em breve, como um castelo de areia.

— Então, onde estaria segura?

— Onde Deus está. No Céu, para onde vais, depois de morrer.

— Vai ser muito difícil empilhar todos estes tijolos tão altos. Eu devia vender era algodão-doce. Enfim, és casado? — perguntou Geumbok, sorrindo sedutoramente e soprando-lhe fumo para a cara.

O inocente e virginal pastor ficou vermelho e abanou a cabeça.

— Bem, o teu deus é muito insensível. Não dar uma companheira a um jovem tão bonito como tu! — Acariciou o rosto vermelho do jovem pastor e pôs uma mão sobre a virilha dele. — Muito bem. Mostra-me os poderes desse teu Deus. Depois, falamos de tijolos.

Depois disso, o jovem pastor passou a frequentar a fábrica de tijolos, e de cada vez que se ia embora, levava um carregamento de tijolos. Sempre que o pastor dormia com Geumbok, fechava os olhos e rezava: «Querido Deus, por favor, faz com que eu esteja a agir de acordo com a tua vontade, e não com a minha, aconteça o que acontecer.»

Ironicamente, os casos de Geumbok começaram com um pastor que espalhava o evangelho de Deus e, no ano seguinte, conseguiu construir uma bela igreja no centro de Pyeongdae. Era a lei do dízimo.

Entretanto, Mun, que sempre tinha sido sempre confiante e leal, estava no limite, por ter ouvido um rumor desagradável. Segundo o boato, Geumbok passava vários dias fora, não só por causa dos negócios, mas também para se encontrar secretamente com o seu novo homem; a certa altura, todos os movimentos de Geumbok se tornaram um motivo de interesse não só para os trabalhadores da fábrica de tijolos, mas também para todos os habitantes de Pyeongdae. O boato espalhou-se pela aldeia. Alguém afirmou tê-la visto pessoalmente a entrar numa estalagem com um homem, e, noutra história, ela estava a rir-se com outro homem debaixo de um guarda-sol, quando regressavam de um dia junto à água. O boato sobre o novo homem de Geumbok tornou-se um facto, e as pessoas começaram a interrogar-se sobre quem seria esse homem, e depressa começaram a dizer que Geumbok não tinha apenas um ou dois homens novos, mas tantos que era impossível contá-los. Na altura em que estes boatos chegaram aos ouvidos de Mun, já se tinham transformado em histórias de que Geumbok tinha vários homens noutras cidades, além do pastor da aldeia e dos trabalhadores da fábrica de tijolos.

A pessoa que contou isto a Mun foi um velho trabalhador que tinha gastado no jogo as centenas de *majigi* de terras agrícolas que herdara, perdera a mulher e tornara-se itinerante. Com cautela e de uma forma indireta, começou com as longas e incoerentes desculpas que precedem sempre os boatos, como o facto de ele não ser um coscuvilheiro e nunca acreditar nos boatos que ouvia, e que nunca se rebaixaria tanto ao ponto de se comportar como uma mulher, e o muito que sofrera sem saber se devia manter-se em silêncio ou confessar honestamente o que tinha ouvido — só estava a pensar em Mun. Mesmo que os rumores fossem apenas rumores e, muitas vezes, acabassem por não ser nada, nesse caso era melhor deixá-los entrar por um ouvido e sair pelo outro; se fosse preciso, seria certamente possível desenterrar a verdade, mas isso não bastava para o deixar descansado, e já que estavam a falar do assunto, talvez não fosse má ideia ver se havia alguma verdade por detrás daquilo, mas também... Depois de ter contado o estranho rumor daquela forma confusa, Mun

despediu-o imediatamente, praguejando, e depois cuspiu três vezes no chão e foi lavar os ouvidos no riacho.

Mas é impossível deixar de ouvir o que já se ouviu, e como não podia entrar por um ouvido e sair pelo outro, a suspeita enraizou-se no coração de Mun, crescendo como um tumor, até o dominar completamente. Mun não conseguia dormir à noite; andava de um lado para o outro, no pátio. Mas ninguém reparava, pois estavam todos muito ocupados.

Por fim, Mun acabou por enfrentar aquela verdade desagradável — a cena que mais medo tinha de imaginar, mas que se tornava cada vez mais viva na sua mente, à medida que tentava afastá-la, que o fazia estremecer de um ciúme e uma raiva insanos e o lançava num desespero e numa tristeza inúteis.

Naquela noite, Mun estava a passear no pátio, mais uma vez, sem conseguir adormecer. O ar da noite refrescava-lhe o pescoço quente. Pensou que, já que estava acordado, devia ir ver o fogo nos fornos. Verificou todos os fornos, e, quando virou a esquina para se dirigir ao último e mais distante, viu a cena que tanto temia. Geumbok e um trabalhador estavam encostados à parede, em plena cópula. O trabalhador era robusto e tinha várias tatuagens; tinha sido um gangster na cidade. Estava despido da cintura para cima, desajeitadamente encostado ao forno, e Geumbok estava sem calças e com o *jeogori* aberto, agarrada ao pescoço dele, com a cabeça inclinada para trás, a gemer. O forno brilhava, permitindo a Mun ver o suor a escorrer pelo pescoço grosso do homem e entre os seios de Geumbok.

Os olhos de Mun ardiam, o sangue fervia-lhe, o seu rosto ficou pálido e frio, todos os pelos do corpo se-lhe eriçaram e todos os seus músculos se retesaram de raiva. Geumbok, com uma perna levantada, estava tão encostada ao outro homem, com as suas coxas pálidas a contorcerem-se...

Mun olhou em redor e encontrou uma picareta encostada a um forno. Aquela ferramenta tinha sido usada para limpar a terra há muito tempo. Pegou nela e caminhou lentamente na direção deles. A

cara do homem estava enrugada e tinha os olhos fechados, quase a atingir o clímax, e Geumbok não detetou nada de errado, concentrada no movimento vigoroso dos corpos de ambos. Mun ergueu a picareta mesmo atrás de Geumbok, e foi então que o homem o viu. O trabalhador ficou de boca aberta, com os olhos a concentrarem-se ora na expressão assassina de Mun ora na picareta erguida acima da cabeça dele. Naquela fração de segundo, os pensamentos chocaram uns com os outros na cabeça de Mun, e o mesmo aconteceu com o trabalhador. Geumbok continuava a balançar, ditosamente inconsciente. Mun baixou a picareta, desanimado. Deu meia-volta e desapareceu silenciosamente na escuridão.

Mais tarde, quando as relações turbulentas de Geumbok foram reveladas a toda a gente, e as gémeas, envergonhadas, pressionaram Mun para manter a mulher na linha, ele respondeu:

— Aquela mulher não é só minha.

— Se ela não é tua, então estás a dizer que ela é uma espécie de prostituta que partilhas com todos os homens da cidade?

As gémeas eram alguns anos mais novas do que Mun, mas tinham um grande ascendente sobre ele, o que Mun não questionava.

— Ela tem de fazer o que lhe apetece, senão enlouquece — explicou Mun. — Neste momento, não está no seu perfeito juízo, mas, mesmo assim, está melhor do que podia estar.

Mun podia ter chegado àquela conclusão, quando baixou a picareta que tinha apontado à cabeça de Geumbok. Naquela noite horrível, percebeu que tinha duas opções: aceitar os encontros dela e ficar com ela, mesmo que isso significasse assumir toda a dor, ou resolver aquele trágico assunto com um único golpe e perder a mulher que amava. Escusado será dizer que escolheu a primeira opção.

Entretanto, o trabalhador que estava com Geumbok naquela noite devia ser um homem medroso. Quando viu Mun com a picareta sobre a cabeça dele, acabou por urinar para dentro de Geumbok. Teria ele sido mesmo um gangster? O mais engraçado foi a reação de Geumbok:

nem sequer lhe ocorreu que ele tinha urinado, e pensou que ele tinha atingido o clímax. Lançou-lhe um olhar coquete e disse:

— Está tão quente! Há quanto tempo não fazias isto, querido? Deve ter sido mesmo muito tempo, vendo o quanto acabaste por te vir.

Foi isto que Geumbok disse, palavra por palavra. Caro leitor, por favor, seja compreensivo, mesmo que o que está a ser relatado seja um pouco vulgar. Geumbok não era uma donzela refinada, de uma família de classe média, e o sexo daquela noite não foi um ato de amor digno, num quarto elegante. Foi o resultado de uma luxúria apaixonada, de um desejo incontrolável, como os animais com cio, no campo.

Não sabemos se o apetite sexual de Geumbok despertou quando ela viu a sua própria radiografia ou se esteve sempre adormecido e se foi revelando à medida que várias condições se reuniam. A única coisa que sabemos é que, à medida que a fábrica de tijolos se tornava mais próspera, os encontros de Geumbok se foram tornando ainda mais complicados, e a solidão de Mun, mais profunda. Mas ele concentrou-se em fazer tijolos de qualidade, como se já não se importasse com os rumores, passando todo o tempo nos fornos. Se tinha uma consolação naquele tempo, era Chunhui.

Depois da morte de *Jumbo*, Chunhui mudou-se para a fábrica de tijolos. A princípio, sentiu-se desmotivada, separada de *Jumbo* e das gémeas, que tinham cuidado tão bem dela, mas depressa esqueceu tudo o que tinha acontecido em Pyeongdae, enquanto estudava como o vento mudava de manhã para a noite, as formas das nuvens que flutuavam no céu e a cor das margaridas. Habitou-se à vida na fábrica de tijolos e acabou por se sentir em casa, em Nambaran. Tal como tinha sido cativada pelo trabalho do ferreiro, ficou intrigada com o fabrico de tijolos, a mistura do barro, que tinha de ser alisado e moldado e, depois, cozido nos fornos, para fazer tijolos. Passava o dia a observar como os trabalhadores faziam tijolos e, ao fim de pouco tempo, tocou cautelosamente no barro. No momento em que lhe tocou, sentiu uma misteriosa sensação de unidade com a substância húmida, e o cheiro pungente e saboroso da terra e a sua textura pegajosa acalmaram-na instantaneamente. Aquilo levou-a de volta ao

momento em que nasceu no estábulo.

Alguns dias mais tarde, Mun viu o barro que Chunhui tinha misturado sozinha e reparou que ela tinha um talento invulgar. Apercebeu-se de que, embora não falasse, a sua compreensão do mundo material era profunda e singular. E Mun começou a ensiná-la a fazer tijolos. Chunhui tinha doze anos, uma idade em que a maioria das raparigas começa a mostrar a sua feminilidade, mas nada disso aconteceu a Chunhui. Os trabalhadores recém-chegados ficavam surpreendidos com o facto de Chunhui, que já era do tamanho de um homem adulto robusto, ser uma rapariga.

A princípio, Mun não sabia como falar com Chunhui. Não só ela não conseguia falar, como também não percebia o que as pessoas diziam. Em breve, ele apercebeu-se de que ela tinha sentidos muito apurados, e era possível manter uma conversa, se não através da linguagem, através de sentimentos e emoções subtis. Era, definitivamente, uma nova experiência para Mun.

Entretanto, Chunhui percebeu que Mun se sentia só e triste, e ela não sabia porquê. Ela nunca compreendeu a origem da tristeza dele, mas sentia-se solidária. Era o mesmo tipo de afinidade que tinha sentido com *Jumbo*. Assim, sem falarem, os dois construíram gradualmente uma relação única entre pai e filha.

Abelhas

PASSOU UM ANO, E A PRIMAVERA REGRESSOU NOVAMENTE. Aquela época foi o auge da modernização, da industrialização e da urbanização, com os edifícios a disparar nas cidades. Por mais tijolos que fizessem, nunca eram suficientes para satisfazer a procura. A fábrica de tijolos florescia. Chunhui passava o tempo a aprender a fazer tijolos. Os trabalhadores começaram a reparar nela depois de ter escapado sem um único corte, quando uma pilha de tijolos, que um trabalhador derrubou acidentalmente, se desmoronou em cima dela; toda a gente receou que ela tivesse morrido. Chunhui demonstrava já capacidades notáveis; percebia-se claramente quais os tijolos que eram feitos por ela.

— Estás a ver? — perguntou Geumbok a Mun. — Não estás contente por termos decidido ensiná-la a fabricar tijolos?

Geumbok raramente estava na fábrica de tijolos, pois estava ocupada a pôr em marcha o sonho que tinha alimentado toda a vida: construir um cinema. Queria partilhar com os habitantes de Pyeongdae a intensa excitação que a tinha cativado, o terror a que não tinha querido fugir, a culpa e o prazer que sentira ao ver uma coisa tão provocadora, o som estridente e as cenas vívidas que tinham saltado da escuridão, tudo o que tinha sentido quando o homem da cicatriz a atraiu para o cinema, muito tempo antes. Mas Mun temia que aquela aventura precipitada pudesse provocar mais uma tragédia, e perguntou por que razão era preciso construir um cinema num lugar remoto como Pyeongdae. Geumbok ignorou-o.

— Espera e vais ver. As pessoas vão fazer fila lá fora, e nós vamos ganhar ainda mais dinheiro.

Construir um cinema era um empreendimento mais caro e complicado do que construir uma fábrica de tijolos. Geumbok reuniu investidores e pesquisou a quantidade de mão de obra necessária e o

tipo de competências exigidas. Para fazer melhor aquele trabalho, comprou um carro novo e contratou um motorista. Mas apercebeu-se de que Geumbok estava a mergulhar num mundo que ele desconhecia, mas não conseguiu impedi-la. Foi nessa altura que teve consciência de que o infortúnio que sempre se abatera sobre a sua família durante muitas gerações se aproximava cada vez mais dele.

Um operário que estava a aliviar-se na casa de banho construída ao lado dos fornos foi picado num olho por uma abelha. Pediu a um cozinheiro que lhe pusesse *doenjang* no olho inchado, queixando-se da sua má sorte. No dia seguinte, mais sete pessoas foram picadas por abelhas. E, no dia a seguir, foram picadas mais oito. Os cozinheiros queixaram-se de que o seu fornecimento de *doenjang* estava a diminuir, o que tornava mais difícil dar sabor à sopa. No dia seguinte, foram picadas mais dezenas de trabalhadores, e eles começaram a ficar assustados, sussurrando que alguma coisa de ameaçador se aproximava. Quando um mensageiro foi enviado a Pyeongdae, para contar o sucedido a Geumbok, ela resmungou:

— Vocês têm medo de umas abelhas? Não percebo porque têm membros pendurados entre as pernas.

Mas quando Geumbok regressou a Nambaran com o mensageiro e um frasco de *doenjang*, não conseguiu acreditar no que viu. Centenas de milhares, ou talvez até milhões, de abelhas cobriam o céu, tornando o mundo escuro, e o zumbido das suas asas soava como espíritos a gritar. Geumbok sentiu-se tonta. Por causa daquele fenómeno sem precedentes, os trabalhadores não se atreviam a sair dos seus alojamentos. Para se proteger, Geumbok cobriu-se com roupas grossas, deixando só os olhos à vista, e conseguiu entrar na fábrica de tijolos. O trabalho tinha parado, e Geumbok não conseguia encontrar uma solução. O dia acabou sem que as abelhas deixassem de pairar no local.

Na manhã seguinte, os trabalhadores viram um objeto escuro, ao longe, no campo, a aproximar-se cada vez mais da fábrica de tijolos.

Ganharam coragem, saíram para o exterior e aperceberam-se de que o enorme objeto negro era formado por abelhas; quando o monte negro se aproximou, perceberam que era uma pessoa coberta de abelhas. A cada passo, caíam no chão tufos de abelhas, mas outras zumbiam para preencher o espaço vazio e agarrar-se a ela. A pessoa desconhecida parecia estar a usar uma espessa camada de abelhas. Depois, assobiou e todas as abelhas voaram para o céu, como por magia.

Cabelo branco, comprido, desganhado e solto, um rosto magro com uma pele clara, branca como o jade, o que lhe dava um ar assustador, um olho grande e bonito, o outro ausente, uma expressão que parecia vazia e inocente, mas, ao mesmo tempo, indolente e indiferente... Caro leitor, não pensou que ela tinha desaparecido para sempre, pois não? É verdade. Era a filha da velha morta. Agora tinha uma pala preta sobre o olho que lhe faltava, e também lhe faltava um braço, cuja manga vazia correspondente esvoaçava ao sabor da brisa. As roupas tinham ficado desbotadas e ásperas, e buracos e rasgões deixavam entrever a pele. Os seus longos cabelos brancos, que pareciam ter vida própria, caíam-lhe em cascata até aos pés e arrastavam-se pelo chão. As pessoas que a reconheceram recuaram, com medo da sua aparência monstruosa. A mulher zarolha olhou em redor, para a multidão, até que avistou Geumbok.

— És a dona disto?

— E tu, quem és, se é que posso perguntar? — respondeu Geumbok, com a voz a tremer. A princípio, foi educada, talvez por estar tão aterrorizada.

— Eu sou a verdadeira dona deste terreno. Que tu roubaste.

— Eu roubei este terreno? Tenho a escritura. Como podes ser tu a proprietária?

— Deves saber melhor do que eu.

As pessoas estavam confusas, sem saber do que estava a mulher zarolha a falar, mas Geumbok deu um passo atrás, talvez lembrando-se de qualquer coisa.

— Tudo bem — concedeu Geumbok. — Tenho a certeza de que tens as tuas razões, mas não vamos fazer isto aqui fora. Vem para dentro e vamos conversar, enquanto comemos alguma coisa.

A zarolha limitou-se a sorrir.

Geumbok olhou para ela. Foi um momento de tensão. Os trabalhadores estavam petrificados e expectantes, e as abelhas zumbiam cada vez mais alto, rodeando a mulher zarolha. Finalmente, ela concordou.

— Não é uma má ideia. *Estou* cheia de fome.

Geumbok seguiu-a.

— Por favor, controla as abelhas. As pessoas têm tanto medo que nem sequer têm estado a trabalhar.

Sem parar de caminhar, a zarolha assobiou ligeiramente. As abelhas que cobriam o céu correram instantaneamente em direção ao vale; era como se uma enorme coluna de água se movesse num abrir e fechar de olhos. Todos ficaram espantados com os talentos da mulher zarolha e se perguntaram porque tinha ela ido ter com Geumbok.

De facto, a mulher zarolha devia estar cheia de fome, pois devorou o arroz e a sopa num instante. Enquanto comia, parecia que sentia falta de comida quente, e que tinha ficado cada mais desesperada e esfomeada ao longo dos anos em que vivera na natureza. Depois de a mulher zarolha empurrar a comida toda com água, Geumbok perguntou-lhe porque é que ela insistia em que era a proprietária da terra. A zarolha declarou que era a filha da velha que vendia refeições para fora e que a sua falecida mãe lhe devia dinheiro. Geumbok perguntou porque é que ela tinha ido ali buscar o dinheiro da mãe, e a zarolha explicou que a fábrica de tijolos ficava nas terras da velha e que o dinheiro usado para construir a fábrica de tijolos tinha vindo da casa da velha. Não sabemos como é que a zarolha descobriu a verdade, mas exigiu metade da fortuna de Geumbok naquele preciso momento. Geumbok sugeriu um compromisso: apesar de ter trabalhado arduamente sozinha, a vender café para ganhar dinheiro, podia oferecer-lhe dinheiro suficiente para uma casa. A zarolha não aceitou a sugestão e as negociações foram interrompidas.

Quando a zarolha saiu e assobiou, as abelhas subiram do vale e cobriram novamente a fábrica de tijolos, como uma massa negra. A mulher instalou-se numa colina sobranceira à fábrica de tijolos, em sinal de protesto, dando ordens às abelhas como muito bem lhe

apetecia. Os trabalhadores voltaram a correr para os seus alojamentos. Não havia outra solução; Geumbok e Mun teriam de aceitar as exigências da zarolha. Os trabalhadores sensíveis às picadas das abelhas e alguns cobardes já tinham feito as malas e ido embora, perturbando ainda mais o ambiente. Estranhamente, mesmo com o zumbido das abelhas, Chunhui continuou calmamente a fazer tijolos e não foi picada uma única vez. Todos ficaram surpreendidos com isso, mas o problema manteve-se. No dia seguinte, como as abelhas não desapareciam, Geumbok acabou por deixar a fábrica de tijolos na camioneta, com um operário, dizendo que iria arranjar uma solução.

No dia seguinte, a zarolha continuou a vigiar a colina e as abelhas permaneceram na fábrica de tijolos. Nessa noite, mais alguns trabalhadores fugiram. Geumbok regressou três dias depois. A parte de trás da camioneta estava cheia de coisas cobertas por um pano. Quando o pano foi retirado, viram-se dezenas de colmeias. Os trabalhadores ficaram confusos, mas colocaram-nas no pátio, seguindo as ordens de Geumbok. Depois, aconteceu uma coisa surpreendente. Algumas abelhas entraram na colmeia e, em breve, todas as abelhas que tinham coberto o céu estavam a mergulhar em direção às colmeias. Os operários recuaram, em choque, enquanto as abelhas choviam do céu, como uma tempestade negra.

A mulher zarolha, ainda sentada no cimo da colina, pressentiu que alguma coisa estranha estava a acontecer e correu para a fábrica de tijolos, assobiando e assobiando em vão. As abelhas continuavam a voar para dentro das colmeias. As colmeias ficaram imediatamente cheias de abelhas, com enormes enxames a cobrir as tampas. Parecia que uma pedra do tamanho de uma casa tinha emergido do chão. Geumbok regou tudo aquilo com combustível e acendeu um fósforo.

A zarolha ficou horrivelmente pálida e soltou um longo «Nããããão!».

Mas o fósforo saltou da mão de Geumbok e descreveu um arco no ar. Caiu sobre o monte de abelhas e, com um puf, ergueu-se uma chama enorme. O fumo negro chegava ao céu, e as abelhas ardiam e rebentavam como fogo de artifício. A zarolha contorcia-se, agarrada à cabeça, como se ela própria estivesse a ser atirada para o fogo.

Quando todas as abelhas arderam, deixando para trás cinzas

negras, um cheiro acre a fumo encheu o vale, obrigando todos a tapar o nariz. A zarolha espumou pela boca e desmaiou, com os olhos a revirados. Foi uma derrota incrivelmente triste e esmagadora para a estranha e fantasmagórica mulher zarolha.

Geumbok ordenou aos cozinheiros que levassem a zarolha para um quarto e a deitassem e, depois, pediu aos trabalhadores que voltassem ao trabalho para produzir os tijolos em atraso. Toda a gente perguntava como conseguira Geumbok que as abelhas fossem para as colmeias, e Geumbok sorriu e disse apenas: «Para onde haviam de ir?»

Havia um segredo sobre a forma como Geumbok derrotou as abelhas. Ela tinha ido a Pyeongdae, à procura de um velho que há muito tempo tinha sido apicultor. Ele receitou-lhe uma feromona segregada pela abelha-rainha destinada a atrair as abelhas. As colmeias que Geumbok trouxera para a fábrica de tijolos estavam cobertas por essa feromona. E, claro, foi por isso que as abelhas correram para as colmeias. Na verdade, não foi o resultado de qualquer tipo de poder sobrenatural, mas os trabalhadores acreditavam que ela tinha poderes especiais, e ficaram com medo dela.

Quando a zarolha acordou, olhou para o teto, atordoada, como se tivesse perdido todo o seu espírito de luta. Geumbok estudou-a com atenção e notou uma solidão selvagem e aguda profundamente gravada na sua alma; talvez fosse por ter vivido apenas na companhia das abelhas. Geumbok, que já tinha vagueado pelo mundo como uma mendiga, sentiu-se mal por ela. Pediu desculpa por ter matado as abelhas e sugeriu que, embora pudesse comprar uma casa na cidade para a mulher zarolha, se ela quisesse, talvez devesse considerar a hipótese de viver na fábrica de tijolos, uma vez que era provável que os habitantes da aldeia evitassem uma mulher com apenas um olho e um braço. A zarolha chorou, desolada, como um lobo a uivar à lua cheia, e contou a Geumbok toda a história da sua vida: como nasceu de uma mãe solteira que a maltratava, como perdeu o olho, como perdeu a virgindade com o lenhador com a cara cheia de marcas, amante da mãe, como foi vendida por dois jarros de mel a um

apicultor. Também contou a Geumbok como perdeu o braço.

Muito tempo antes, a mulher zarolha deixara Pyeongdae, sofrendo muito com a ferida provocada pela dentada que a mãe lhe dera no braço. Tinha arrancado os dentes da velha, que se tinham partido, e a ferida não ficou mais funda, mas, talvez por causa das maldições da velha, a dor foi piorando e, por fim, ela já não conseguia dormir. Sofreu, rebolando no chão, e dirigiu-se à mãe morta: «Mãe, desculpa, está bem? Por favor, perdoa-me.»

Mas a dor não passava. Chorou e rezou, mas, depois de nada resultar, começou a praguejar contra a velha. Finalmente, pôs o braço num cortador de palha e gritou: «Tiraste-me o olho e agora queres o meu braço. Muito bem, se o queres mesmo, dou-te este braço ridículo.»

E cortou o braço. Finalmente, com o preço de um braço, conseguiu livrar-se da maldição da velha.

¹ Pasta de soja. (*N. da T.*)

A xamã

COM O APARECIMENTO DA MULHER ZAROLHA, Geumbok ficou convencida de que a velha morta era a dona da fortuna que descobrira no teto. Também lhe ocorreu que a velha que tinha aparecido à frente do caminhão, causando o acidente que tinha matado *Jumbo*, devia ser a mesma velha, e até mesmo o trabalhador morto por uma cobra venenosa devia estar ligado ao dinheiro no teto, impregnado do ressentimento e da maldição da velha, e tudo isto fê-la sentir-se pouco à vontade. Geumbok partilhou as suas preocupações com as gémeas, que sugeriram imediatamente um exorcismo para apaziguar o espírito vingativo da velha e garantir que não voltasse a fazer mal a Geumbok.

Geumbok seguiu o conselho das gémeas e contratou uma xamã conhecida por ser a mais divina da região e organizou um ritual para consolar a alma da velha. O ritual realizar-se-ia na parte da frente do café, que outrora fora a casa da velha, onde ela vendia refeições simples. O ritual desse dia foi o maior que Pyeongdae tinha visto até à data. Dezenas de espectadores, desde aldeões a visitantes e mendigos, acorreram para assistir ao ritual, que incluía uma mesa repleta de oferendas, entre as quais as cabeças de uma vaca e de um porco, e todo o tipo de comida, desde bolos de arroz a fruta, empilhados à altura de uma criança, de tal forma que as pernas da mesa estavam prestes a partir-se, e, para além dos sinos, leques, bandeiras e varas, todos os tipos de utensílios de xamã — tridentes, facas, uma cimitarra, um corta-palha — eram, só por si, uma atração, e com os músicos a tocar tambores de duas faces e outros seis instrumentos, toda a gente se entusiasmou e começou a dançar mesmo antes de o ritual começar oficialmente.

Um aspeto invulgar era o espírito de um general que possuía a xamã. A forma como se apresentou era diferente das habituais pinturas xamãs de generais, pois a maioria usava armadura e

capacete, e montava a cavalo; em vez disso, tinha a cara de um ocidental, com um nariz invulgarmente grande e óculos de sol, um cachimbo na boca, e olhava arrogantemente para baixo, do alto de um tanque. Era uma divindade um pouco invulgar, mas, segundo os xamãs assistentes, o general tinha chegado num barco, vindo de longe, do outro lado do oceano, para apoiar o exército do Sul, e o seu poder divino era tal que derrotara as forças do Norte sem sequer sujar as botas. Os xamãs assistentes ficaram sem fôlego com a artilharia que o general trouxe; segundo eles, era tão poderosa que os famosos generais da história Choi Yeong e Nam Yi, e mesmo o general chinês Guan Yu, teriam fugido, aterrorizados.

Mas, embora o espírito do general fosse, supostamente, divinamente poderoso, os rituais daquele dia foram suspeitos desde o princípio. Uma das xamãs, que estava a dançar, apercebeu-se, a certa altura, de que estava a rodopiar para a esquerda, e achou isso sinistro, pois geralmente rodopiava para a direita. Mais sinistro ainda foi quando começou o *cheongbae*¹, o cântico que chama os espíritos. Apesar de estar um dia claro e ameno, a bandeira pendurada no mastro agitou-se violentamente, como se estivesse a ser arrancada, e os sinos começaram a tocar sozinhos, como se estivessem possuídos. Os espectadores murmuraram que o espírito dos óculos escuros devia estar a chegar. Uma xamã que tocava um dos instrumentos de corda começou a bater na própria cabeça com o instrumento, e a sangrar, mas continuou a fazê-lo, e uma outra que tocava gongo começou a rir-se muito alto e levantou a saia. Os espectadores, certamente, não se importaram, mas não podia ter sido mais absurdo para Geumbok, que tinha organizado o ritual.

Outra coisa estranha aconteceu depois de os xamãs terem acorrido para afastar as xamãs enlouquecidas. Sons que nunca ninguém tinha ouvido antes começaram a sair da boca da xamã que cantava o *cheongbae*. Era a primeira vez que a própria xamã os ouvia. Alguém na multidão disse que era a língua do país de onde vinha o general com os óculos de sol, e, se aproximássemos foneticamente os sons que saíam da boca do xamã, pareciam «pôra», «fodasse», «filhopta», «cabrao», «merrda», etc. Mais tarde, foi esclarecido que os sons que jorravam da boca da xamã eram maldições tão indecentes que nem

sequer podiam ser proferidas, mas, na altura, ninguém sabia disso.

Nessa altura, o ritual começou a ficar fora de controlo. A música tornou-se cacofónica, fazendo com que o público tapasse os ouvidos, e os xamãs começaram a dançar uns contra os outros, pisando saias e rasgando-as; um deles, caiu em cima da mesa, fazendo com que toda a comida caísse no chão, e a xamã-chefe, tentando controlar a situação e mandar os espíritos embora rapidamente, saltou para cima do corta-palha, sobre o qual costumava andar, quando estava possuída, mas desta vez ficou com os pés cortados. Gritou e desmaiou, com o sangue a jorrar das plantas dos pés. Os outros correram, em pânico, de forma caótica, o vento tornou-se forte e a chuva começou a cair do céu limpo. Os espectadores ficaram assustados e começaram a afastar-se.

Nesse momento, a xamã que tinha desmaiado levantou-se e sentou-se em cima do corta-palha. Desta vez, não foi cortada pela lâmina. A sua cara tinha mudado. Os olhos eram agora encovados e sombrios, e o nariz, bulboso. Era o rosto da velha, cujo espírito maligno o ritual tentava apaziguar. Aqueles que, entre a multidão, a reconheceram gritaram de terror. Ela baixou a cabeça, com o cabelo desgrenhado, e soltou um gemido fantasmagórico que parecia catarro e um grito assombrado que fez as pessoas tremerem. Muitos desmaiaram ao vê-la. A xamã — ou, melhor, a velha — parou de gemer e levantou a cabeça para olhar para a multidão. Da sua boca saiu a maldição.

Quando o peixe grande cair na montanha, uma coluna de fogo vai queimar o céu

E quando um homem do sul se embriagar, os teus descendentes cairão como palha.

As pessoas murmuraram por causa da sua voz arrepiante e perguntaram-se o que significava aquilo, mas foi a única coisa que ela disse. Ela olhou para a multidão, sorrindo estranhamente, com a boca retorcida. A multidão recuou, aterrorizada. A pessoa que, finalmente, tomou conta da situação foi, nada mais nada menos do que a nossa heroína, Geumbok. Pôs-se à frente da velha e gritou:

— Estamos a fazer este ritual dispendioso para apaziguar o teu espírito vingativo e te mandar para o paraíso! Que obstrução ridícula é esta? Fica calada, come as nossas oferendas e vai-te embora. Se isso não for suficiente para ti, desaparece!

Teria aquilo funcionado? A chuva parou e o vento amainou. Os sinos pararam de tocar e o rosto da xamã voltou ao normal. A multidão ficou espantada com a coragem de Geumbok e murmurou que, com aquela valentia, não admirava que fosse uma empresária tão bem-sucedida, apesar de ser mulher.

O incidente terminou com Geumbok, meio desanimada, a espalhar comida dentro e fora do café, para afastar os maus espíritos, mas as pessoas continuavam a pensar no peixe grande e no homem que iria provocar a tragédia. As conjeturas, as interpretações e as explicações não paravam de surgir. Foi o início da famosa disputa em torno dessa orientação espiritual. Todos os eminentes eruditos de Pyeongdae se envolveram, tomaram partido, morderam-se, rasgaram as vestes e arranharam-se e, como acontece com a maioria das disputas, acabaram por infligir feridas profundas uns aos outros. Porque não nos detemos um pouco a analisar esta disputa?

A primeira centrou-se nos aspetos formais do enunciado da xamã possuída pelo espírito, nomeadamente, o facto de ser composto por duas frases distintas: «Quando o peixe grande cair na montanha, uma coluna de fogo vai queimar o céu» e «quando um homem do sul se embebedar, os teus descendentes cairão como palha». A este respeito, havia uma teoria segundo a qual, embora as duas frases descrevessem a causa e o efeito de acontecimentos diferentes, estavam, de facto, a exprimir um único acontecimento de duas formas diferentes, ou seja, tratava-se de uma profecia sobre um único incidente, e outra teoria defendia que, como havia duas frases, estava claramente a referir-se a incidentes independentes e separados. Como resultado, os estudiosos dividiram-se entre a Escola de Um Incidente e a Escola de Dois Incidentes, e, durante algum tempo, a questão foi objeto de intensa controvérsia.

Ambas as escolas concordavam que a «montanha» se referia a Pyeongdae, mas discordavam quanto à interpretação de «peixe grande». A Escola de Um Incidente insistia que a «coluna de fogo» que queimava o céu se referia claramente a um pénis ereto e que «peixe grande» indicava os órgãos genitais femininos. Segundo eles, a

orientação espiritual da velha não era uma maldição, mas sim um elogio ao enorme pênis do pateta que a tinha arrebatado em vida, e aludia às relações entre homens e mulheres. A Escola de Dois Incidentes criticava a interpretação da Escola de Um Incidente sobre a «coluna de fogo» como demasiado estereotipada e irracional, acusando-a de cometer um erro. A Escola de Dois Incidentes tinha um entendimento diferente de «peixe grande». Para eles, era claro que se referia à nova arma que tinha aparecido na guerra recente — os mísseis. Salientavam que a forma aerodinâmica do míssil poderia trazer à mente um peixe, e que isso estaria diretamente correlacionado com a criação de um « pilar de fogo ».

Aqueles que refutavam a teoria dos mísseis perguntavam como é que a velha, que nem sequer estava viva durante a recente guerra, podia saber o que era um míssil. À explicação de que ela sabia tudo sobre tudo, uma vez que era um espírito, respondiam com a acusação de que era uma treta, e quando a outra parte publicou uma declaração dizendo, como se atrevem a dizer-nos uma merda dessas, quando temos mais experiência?, foi refutada com a pergunta, onde raio andaram vocês na universidade?, a que se seguiu o contra-argumento, idiota, o que é que isso interessa?, que desencadeou a crítica pessoal, desde os tempos da escola que ele é um cretino, à qual se seguiu a teoria do enterro, segundo a qual o idiota tinha de ser enterrado pelo mundo académico, o que suscitou a ameaça de que as pessoas que eram mal-educadas para com os mais velhos tinham de ser espancadas até ao último sopro das suas vidas, e que foi contrariada pela teoria das cartas, que era, achas que consegui o meu diploma a jogar às cartas?, que depois se transformou em cretino de merda, se não é um míssil então o que é?, e o que achas que é, idiota?, o caralho do teu pai. As refutações continuaram nesta linha e a disputa rapidamente se transformou numa luta suja. Mesmo depois do desacordo sobre a coluna de fogo, houve outras teorias, sobre o que significava «sul», o que significava «palha», e assim por diante, e as discussões sobre a orientação espiritual continuaram durante todo o ano, tornando-se extremamente cansativas.

As faíscas geradas por esta disputa acabaram por atingir inesperadamente também o peixeiro. Foi nessa altura que a Escola de

Dois Incidentes lançou a chamada Teoria do Peixeiro, para restaurar a sua influência no terreno, e essa teoria sugeria que o homem do Sul era o peixeiro que conduzia o negócio de transportes de Geumbok. Os aldeões já suspeitavam do seu odor intenso e acharam o argumento bastante convincente. Geumbok teve dificuldade em defendê-lo dos aldeões que acorreram para o afastar. Na verdade, foram as gêmeas que deixaram escapar à Escola de Dois Incidentes que o peixeiro tinha vindo do Sul, pois ainda estavam ressentidas com a morte de *Jumbo*. O certo é que o ritual apenas deixou a academia cheia de divisões e ódios e foi motivo de conversa durante muito tempo, repetido em inúmeras histórias.

E agora está na altura de outro desvio. A xamã cujos pés foram cortados teve a sensação de que a maldição da velha não acabaria simplesmente como uma maldição. A voz da velha ecoou nos ouvidos dela durante algum tempo, embora tivesse desaparecido para as outras pessoas. Era algo que não podia ser abandonado depois de ter sido libertado, tal como a caixa de Pandora.

Depois desse dia, quando a xamã percebeu que o espírito da velha era muito mais poderoso do que o do general de óculos escuros, pediu para ser usada como veículo, e o espírito da velha possuiu o seu corpo. Infelizmente, o espírito da velha era o espírito da vingança, cheio de raiva e de maldade. Às vezes, o espírito tinha poderes milagrosos mas, à medida que a xamã continuava a realizar os rituais, o número de pessoas que morriam ou ficavam possuídas por espíritos e enlouqueciam ia aumentando e, no final, a xamã foi considerada prejudicial e obrigada a parar o seu trabalho. Tentou, por várias formas, livrar-se do espírito da velha. Numa noite de chuva, atirou-se ao poço em frente à sua casa e morreu afogada. Só então as pessoas a reconheceram como uma xamã verdadeiramente importante e não uma xamã vulgar e novata, que ferira os pés num corta-palha.

1 Cântico xamânico. (N. da T.)

Cataratas

UM DIA, CHUNHUI REPAROU QUE OS OLHOS DE MUN estavam enevoados. Olhou com atenção para ele, e Mun fez um sorriso amargo.

— Não te preocupes, Chunhui. O meu pai ficou completamente cego antes de fazer quarenta anos. Eu tive sorte, pois vivi todo este tempo com dois olhos saudáveis. Mas, agora, foi a vez de esta doença terrível chegar também a mim.

Cataratas.

Fazia parte do historial familiar de Mun. Mais de dez dos seus familiares tinham perdido a visão devido ao desenvolvimento de cataratas, e talvez houvesse ainda mais que ele desconhecesse. Era a lei da genética. Mun já estava familiarizado com o infortúnio que o esperava. Pôs a mão no ombro de Chunhui.

— Não tens de te preocupar. Eu não vou ficar cego amanhã. Os meus olhos vão escurecer muito lentamente, por isso, terei muito tempo para guardar tudo o que vi nas minhas memórias. Quando já não conseguir ver, poderei sacar das memórias uma a uma e olhar para elas. É por isso que não é uma coisa completamente triste.

Mun falou com Chunhui como se ela pudesse compreender tudo o que ele lhe dizia. Tinha-se tornado cada vez mais calado, e passavam-se dias em que não pronunciava uma única palavra, mas com Chunhui era diferente. Ela não conseguia perceber exatamente o que ele dizia, mas a tristeza dele era um grande peso para o seu coração.

Nesse outono, o café celebrou uma pequena ocasião feliz. A mais nova das gémeas casou com um engenheiro que veio para Pyeongdae para erguer postes e levar a eletricidade até à aldeia, e que era, nada mais nada menos, do que vinte anos mais novo do que ela. O engenheiro acabou por passar pelo café e descobriu o amor da sua

vida. Começou a frequentar o café. A gémea mais nova já estava tão envelhecida que parecia que se ia desfazer ao mais pequeno toque, mas o engenheiro apaixonou-se pela sua aparência graciosa quando ela se sentava junto à janela, com o seu *hanbok*. As gémeas tinham idade suficiente para ser mães dele, e isso fora uma das razões pelas quais ele se apaixonara por ela.

Era isso que ele desejava desde o início da puberdade, quando uma viúva se embebedou, mudou de roupa à frente dele e se enfiou na cama dele. O hálito quente dela, a cheirar a álcool, fazia-lhe cócegas nas faces e no nariz, no escuro, e o perfume dela deixou-o tonto, sobretudo quando ela lhe enfiou a mão nas calças e disse, aos risinhos, «Querido, vamos ver o quanto a tua malagueta cresceu», o que o fez perder a cabeça e sustar a respiração, e sentiu cócegas no baixo-ventre e um prazer que o fez estremecer e quase começar a chorar. Agarrou-se ao peito quente da viúva e, sem saber bem o que estava a fazer, esfregou-se contra ela até ficar a arder. A partir desse dia, dividiu-se entre o medo avassalador e o desejo desesperado de continuar, e sonhou que ele, a sua mãe e o mundo inteiro se transformariam em pó no espaço sideral e flutuariam livremente no universo para sempre.

Quando o pastor, que presidiu ao primeiro casamento ocidental de Pyeongdae como um favor a Geumbok, pediu às pessoas que fechassem os olhos durante a cerimónia, os convidados fizeram-no a contragosto. Começaram a ficar ansiosos e com dores de cabeça, os intestinos começaram a roncar e sentiram gases, e, para evitar o embaraço, apertaram com força as nádegas, o que fez com que as pálpebras comessem a tremer, e quando o noivo espreitou, através dos olhos fechados, a noiva, que estava à sua frente, com um vestido branco, teve vontade de se deitar nos braços dela e esfregar nela o seu baixo-ventre cheio de comichão. Continuou a pigarrear até que acabou por se engasgar com o seu próprio cuspo e começou a tossir, quebrando a seriedade da situação, e, a partir desse dia, todos os convidados acreditaram que uma igreja era um lugar bastante ridículo e desconfortável.

— Ele não foi capaz de fazer nada — confidenciou a gémea mais

nova a Geumbok e à irmã mais velha, no dia seguinte, quando passou rapidamente pelo café, depois da primeira noite juntos. — Passou a noite a esfregar aquela cartilagem mole em mim, como se fosse um cãozinho com cio. Só a minha coxa é que está assada.

Todas se riram. Por fim, com a ajuda da gémea mais nova, perita em homens, o engenheiro desenvolveu gradualmente as suas capacidades de homem e deixaram de ter problemas na sua vida de casados. Infelizmente, teve de deixar Pyeongdae para se juntar aos seus colegas engenheiros, que tinham ido para outros locais de trabalho, obrigando as gémeas a separarem-se. Como nunca tinham vivido separadas em toda a sua vida, a dor de se deixarem uma à outra foi mais profunda e dolorosa do que cortar um braço. Geumbok emprestou uma camioneta ao engenheiro e à gémea mais nova. As gémeas despediram-se uma da outra em lágrimas, e a gémea mais nova prometeu que, quando o engenheiro terminasse o seu trabalho, regressariam a Pyeongdae, para viverem outra vez juntas, mas, infelizmente, essa promessa nunca foi cumprida.

Entretanto, Chunhui, que tinha ido a Pyeongdae com a mãe, para assistir ao casamento, foi passear pela rua onde ela e *Jumbo* faziam a sua ronda duas vezes por dia. Viu o elefante embalsamado em frente ao café, ostentando o seu enorme tamanho, com a tromba erguida. Como tinha sido exposto à luz do sol e ao vento, a cor tinha-se desvanecido e, por estar continuamente encharcado pela neve e pela chuva, a pele tinha perdido elasticidade e ficado enrugada. Chunhui olhou para o amigo, agora transformado num monte de palha e couro, recordando os tempos que tinham passado juntos. Ficou com um nó na garganta. De repente, ouviu-o.

Olá, menina.

Era *Jumbo*. Chunhui quase chorou de choque e alegria, mas conseguiu recompor-se e responder como sempre fazia.

Olá, para ti também.

Cresceste tanto. Em breve, vais ser uma mulher.

Mas onde estiveste este tempo todo?

Andei por aí. Até fui a África, onde nasci.

Onde fica África?

É muito longe. Tem um deserto enorme e alguns animais assustadores, como leões e hienas.

Tu falaste-me disso, eu lembro-me.

E também fui à fábrica de tijolos.

Então, porque não foste procurar-me?

Foi a meio da noite, e estava toda a gente a dormir. Não te queria acordar. Como é viver lá, menina?

Não é mau. O meu padrasto está a ensinar-me a fazer tijolos.

Estou a ver. Ele é bom para ti?

Sim, é. Mas está a ficar cego. Daqui a pouco tempo, não vai conseguir ver nada.

Isso não é bom, disse Jumbo, com tristeza.

Mas porque não desapareceste? Disseste que morrer era desaparecer para sempre.

Muito inteligente, menina. Lembras-te disso? Jumbo sorriu. Tens razão. Mas a tua mãe preservou-me, para que eu não possa desaparecer, mesmo que queira. Vais ter de me ajudar com isso.

Como?

Quero descansar. Estou farto de estar aqui, noite e dia. Não gosto de ver as pessoas a olhar para mim. Gostava que te livrasses de mim.

Como? És demasiado grande.

Menina, não digas só que não podes, pensa no que podes fazer. Por dentro, estou cheio de palha e está tudo seco como ossos. E agora também está uma brisa agradável.

Só então Chunhui percebeu o que Jumbo estava a dizer.

Nesse dia, como Geumbok e as gémeas estavam ocupadas a conversar sobre o casamento, não repararam que Chunhui tinha entrado no café e saído com fósforos. Pouco depois, ouviram pessoas a gritar que havia fogo lá fora e correram para a janela. Viram *Jumbo* em chamas, envolto em fumo negro, e saíram a correr, horrorizadas. A pele de *Jumbo*, que tinha inchado como um balão, por causa do ar quente, estalou com estrondo, e as chamas ergueram-se e incendiaram o café. Ansiosas e sem poderem fazer grande coisa, restou-lhes ficar a

ver o edifício a arder até que chegou um grande carro de bombeiros, com a sirene a tocar, vindo do recém-inaugurado quartel dos bombeiros, e um bombeiro com um uniforme elegante e um chapéu saltou do carro e disparou colunas de água com uma mangueira, mostrando as suas capacidades aos impressionados espectadores, que nunca tinham visto um corpo de bombeiros, e recebeu uma ovação da multidão antes de voltar para o camião, inclinando o chapéu, com um belo sorriso. Só então descobriram Chunhui, encharcada, ao lado do carro de bombeiros.

Geumbok tinha ouvido, entre a multidão, que tinha sido Chunhui a atear o fogo, mas não a repreendeu. Acreditava que o espírito malévolo da velha tinha controlado momentaneamente a rapariga. Geumbok anunciou que o fogo tinha sido provocado pela maldição da velha, e que o pilar de fogo se referia àquele incêndio, e que a maldição estava agora quebrada. Restaurar o café custou uma data de dinheiro, mas Geumbok estava contente por se terem livrado da maldição com o mínimo de danos, e isso agradava-lhe.

Geumbok ficou em Pyeongdae para remodelar o café e avançar com os seus planos para o cinema, deixando Chunhui regressar sozinha à fábrica de tijolos. Como sempre, a fábrica de tijolos estava em plena atividade. A visão de Mun tinha piorado e, nessa altura, já só conseguia distinguir objetos a alguns passos de distância. Mas ainda conseguia ver nitidamente as cenas do seu passado — as colinas da sua cidade natal, com nuvens sobre elas, o rio a brilhar à luz do sol, uma cria de lobo que tinha descoberto, numa gruta, nas montanhas, quando tinha ido com o pai cortar lenha, os rostos da família que tinha deixado há muito tempo. Mun foi ficando cada vez mais calado, e havia mais dias em que não dizia uma única palavra, apesar de estar todo o dia a trabalhar no meio de outras pessoas. E, assim, afastou-se do presente, da realidade, da existência e da conversa para mergulhar no passado, nos sonhos, na ausência e na solidão.

Chunhui também permaneceu no seu próprio mundo. Por essa

altura, arranjou o passatempo de empilhar insetos e animais mortos por baixo de uma pilha de tijolos colocada ao lado. A morte de *Jumbo* tinha-lhe despertado a curiosidade sobre o reino desconhecido da morte. Escondeu uma doninha morta e uma rã endurecida e seca pelo sol junto dos tijolos e, sempre que podia, ia estudar os corpos. Pensava em como os animais, que outrora se tinham movido energicamente, ficavam inertes, para depois se decomporem e, a seguir, desaparecerem. Para compreender melhor esse mistério, passava o dia inteiro a percorrer os campos, à procura de animais mortos.

Continuou assim, a explorar o mundo da morte, até que a sua força inaudita chamou a atenção de todos. Os trabalhadores faziam frequentemente braço de ferro no canto do pátio, durante os intervalos. Eram, na sua maioria, jovens que não conseguiam conter o seu vigor. Os dois homens que se defrontavam naquele dia eram conhecidos por serem quem tinha os braços mais grossos e os ombros mais largos, e até os trabalhadores mais velhos e os cozinheiros tinham vindo assistir. Tinham os braços bronzeados e fortes, firmes como carvalhos. Os dois homens começaram a fazer um braço de ferro, com os músculos esticados por baixo da pele a tremerem e a ficarem tensos. O que tinha trabalhado como marinheiro ganhou o combate. Um homem malicioso dirigiu-se a Chunhui, que estava de lado, a observar, e perguntou-lhe: «Não tens uns ossos fortes e densos? Queres fazer braço de ferro comigo? Mas deixo-te agarrar o meu pulso em vez da minha mão, já que és uma rapariga e ainda és muito nova. É justo, não é?»

Toda a gente se riu, mas logo ficaram impressionados. Nesse dia, Chunhui envergonhou todos os homens até enfrentar o vencedor do dia, o homem que em tempos tinha trabalhado como marinheiro. Ele conseguiu aguentar um pouco mais do que os outros, mas não conseguiu manter o título. Toda a gente ficou espantada com a força de Chunhui; apesar de ser apenas uma jovem rapariga, o poder que tinha dentro dela, a força dos seus ossos fortes e densos, era verdadeiramente impressionante.

Pouco tempo depois, Chunhui encontrou o seu par. Ninguém mais

na fábrica de tijolos tinha sido capaz de a derrotar. O seu adversário era o filho de um camionista que transportava os tijolos. O camionista ouviu dizer que Chunhui tinha ganho todos os jogos de braço de ferro e sorriu. «Então, tenho um bom desafio para ela.»

As pessoas pensaram que ele se estava a referir a ele próprio, mas ele empurrou o filho, que estava escondido atrás dele. O rapaz parecia ser mais ou menos da mesma idade de Chunhui e também era conhecido por ter ossos fortes e densos.

Sentaram-se os dois de frente um para o outro, no meio do pátio. Assim que seguraram as mãos um do outro, o rapaz foi tomado por um sentimento estranho e poderoso. Era uma sensação que vinha do seu instinto de homem, de que a rapariga que estava à sua frente estaria de alguma forma ligada a ele, no futuro. Quando o braço de ferro começou, ficou claro que o rapaz era invulgarmente forte, tal como o pai se tinha gabado. Os dois jovens lutaram um contra o outro com todas as suas forças, mas passou muito tempo sem que houvesse um vencedor. Esforçavam-se, fazendo sangue, com as unhas a cravarem-se nas mãos um do outro. O Sol que pairava no meio do céu começou a afastar-se para oeste. Todos permaneciam imóveis, absorvidos pelo jogo. Por fim, a plataforma de madeira onde estavam sentados partiu-se e, assim, terminou a competição do dia. Chunhui e o rapaz olharam um para o outro, ofegantes. Talvez também ela tivesse sentido alguma coisa; evitou o olhar dele e fugiu para trás da chaminé.

A competição entre os dois reacendia-se de cada vez que o camionista chegava à fábrica de tijolos, e acabavam sempre empatados. Depois de tantos jogos, Chunhui habituou-se ao rapaz, e depois começou a brincar com ele. Mostrou-lhe os animais mortos que tinha recolhido atrás da pilha de tijolos e levou-o a uma toca de guaxinim que tinha descoberto recentemente. O menino gentil não protestava e seguia-a para onde quer que ela o levasse. Foi o seu único amigo de infância, e essa amizade manteve-se até ao ano seguinte, quando o pai deixou Pyeongdae para transportar troncos para a costa sul. Os dois voltariam a encontrar-se mais tarde, e a ligação especial entre eles voltaria a acender-se, mas isso só viria a acontecer ao fim de muito tempo.

Nesse inverno, Geumbok encontrou-se com um arquiteto, para construir o seu cinema. Era um arquiteto experiente, que já tinha construído vários cinemas e hotéis na grande cidade. Com uma boina e um lápis atrás da orelha, sentou-se, com o seu assistente, no café, de frente para Geumbok. Num tom arrogante, enumerou todos os grandes edifícios que tinha projetado e descreveu-os, usando termos profissionais de arquitetura, como se estivesse subtilmente a olhar para ela de cima para baixo.

Geumbok interrompeu-o.

— Ótimo. Com as suas capacidades, deve ser fácil construir um simples cinema. O único requisito é que o construa da forma como eu o projetar. Presumo que tenho esse direito, uma vez que sou a proprietária, certo?

O arquiteto encolheu os ombros.

— Claro. É como quiser.

Geumbok sorriu.

— Ótimo. Pensei neste projeto há já algum tempo. Empurrou para ele uma folha de papel dobrada, explicando que tinha sido ela a autora. O arquiteto desdobrou o papel e encontrou o seguinte desenho:



A prostituta

ENQUANTO DORMIA, A RAPARIGA SENTIU UM CHEIRO a nevoeiro húmido e a fumo. Saiu da cama e foi lá fora. Estava tudo tranquilamente adormecido, sob o luar brilhante. O calor do dia tinha arrefecido. Saiu da fábrica de tijolos e dirigiu-se lentamente para os prados altos. Caminhava resolutamente, como se alguém a tivesse chamado. Escutava os insetos que roçavam nas ervas. Os sons e os cheiros emitidos por todos os seres vivos fascinavam-na profundamente. Tirou a roupa toda e abriu bem os braços para absorver mais sons e aromas, bem como o nevoeiro pesado que ia passando por ela. Ao luar, o corpo nu da rapariga foi revelado. Ela era tão grande como um homem adulto. Caminhou por entre as ervas, respirando o cheiro da noite, a altura em que as plantas cresciam misteriosamente. Detetava a respiração dos guaxinins adormecidos e o cheiro frio de uma cobra a subir uma árvore, com um rato nas mandíbulas, e a escavação atarefada de um grilo-toupeira, bem como as mudanças que estavam a acontecer no seu próprio corpo. Estava a entrar na puberdade. As poderosas hormonas que se desenvolviam no seu corpo iriam em breve transformá-la numa mulher. Era a bênção da vida e a lei da natureza.

Alguns dias mais tarde, Chunhui teve o período pela primeira vez. De manhã, acordou com sangue nos cobertores e na roupa interior e, aterrorizada, arrastou Mun para lhe mostrar os cobertores ensanguentados. Mun partilhou a notícia com Geumbok, que estava em Pyeongdae.

— Acho que isso prova que ela é uma rapariga — disse Geumbok, com indiferença, e enviou uma camioneta cheia de pensos. — Isso deve ser suficiente para ela até quando já não puder desempenhar o seu papel de mulher.

A onda de modernidade tinha trazido mudanças à vida privada das

mulheres; por aquela altura, o mercado tinha sido inundado de pensos descartáveis que iam substituir os pensos de algodão laváveis. Embora Chunhui conseguisse detetar as mudanças subtis no seu próprio corpo melhor do que ninguém, não tinha sido ensinada a usar os pensos, por isso, sempre que tinha o período, andava com a saia manchada de sangue. Os pensos empilhados no quarto de Chunhui eram roubados, um ou dois de cada vez, pelas mulheres que lá trabalhavam e, passados dois meses, tinham desaparecido todos.

Vinte e tal anos depois de ter ficado enfeitiçada pela grande baleia-azul que tinha visto no mar, Geumbok não se esquecera da sua beleza transcendente. Insistiu para que o seu cinema se assemelhasse a uma baleia e fosse uma estrutura de vanguarda, concebida com a melhor tecnologia da época. A construção começou, os tijolos foram transportados de Nambaran e foram contratados trabalhadores. O local era mesmo em frente à estação de Pyeongdae, e a zona ficou congestionada com os camiões que transportavam os materiais de construção. Geumbok vivia praticamente no estaleiro de construção, envergando as suas calças de trabalho de marca.

Por esta altura, Geumbok sofreu uma grande mudança, nomeadamente no seu desejo sexual. Se antes levantava a saia onde quer que estivesse, fosse com um arquiteto, com o pastor ou com os operários do estaleiro, tornando-se o assunto da cidade, agora esse desejo desaparecera completamente. A certa altura, reparou que o seu desejo por homens tinha desaparecido, mas não pensou muito nisso, achando que era por estar tão concentrada na construção. Mas aquela mudança hormonal iria transformar completamente a sua vida num futuro não muito distante, e tudo começou com o aparecimento de uma jovem prostituta que trabalhava nos bordéis, perto da estação de comboios.

Numa manhã, um operário chegou cedo ao estaleiro e ouviu um ruído debaixo de uma lona que protegia a madeira do orvalho. Pensando que se tratava apenas de um gato vadio, levantou a lona e

deparou com uma rapariga de cabelo desgrenhado e a cara coberta de sangue, encolhida e a tremer. O trabalhador foi a correr contar a Geumbok, que percebeu que a rapariga devia ser uma prostituta que tinha fugido na noite anterior. A gémea mais velha tinha-lhe dito que uma prostituta tinha ofendido um cliente, um vendedor ambulante de *yeot*, e tinha sido espancada pelo seu chulo, e, quando ele saiu por um momento, ela tinha fugido. Os guardas do bairro do prazer tinham passado toda a noite a revistar a aldeia. Geumbok instruiu o trabalhador a ir ter com o chulo, mas a bondosa gémea opôs-se, dizendo: «Não se mata uma codorniz que, por engano, voa para dentro de casa, nem se persegue um cão sem ter a certeza de que ele tem por onde fugir, por isso, como é que se pode tratar uma pessoa tão cruelmente? Vamos trazê-la para cá e ouvir a versão dela da história.»

O trabalhador trouxe a prostituta, certificando-se de que ninguém os via. Geumbok reparou imediatamente que a rapariga era de uma beleza invulgar, apesar de ter sido espancada, ter a cara cheia de nódoas negras e a roupa suja, por ter passado a noite ao relento. Geumbok deu algum dinheiro ao trabalhador e mandou-o embora, dizendo-lhe que guardasse segredo, e deu uma refeição simples à rapariga. No entanto, a rapariga só chorava de tristeza e nem sequer pegava na colher. Geumbok lembrou-se da sua própria situação desesperada, quando chegou ao cais, e teve pena dela. A rapariga chorou durante muito tempo até finalmente conseguir contar a sua história: tinha nascido numa família pobre, com um pai incompetente e endividado, que gastava tudo no jogo, e, por isso, tinha sido vendida a um bar, e vagueara pelo país, até acabar em Pyeongdae. Na noite anterior, recebera um cliente, o vendedor ambulante de *yeot*, que só estava interessado no buraco errado, por isso, mordeu-lhe o pénis, o que causou uma confusão e lhe valeu uma tarefa do chulo, e então fugiu. A gémea sugeriu que a ajudassem a sair da cidade, mas Geumbok, por alguma razão, confiou a rapariga à gémea e foi-se embora.

Dirigiu-se ao bairro do prazer, junto à estação dos comboios. As raparigas, que tinham uma vida extenuante a lidar com homens

libidinosos que chegavam em massa à cidade, para trabalhar, andavam pela rua, a fazer balões com pastilha elástica e a puxar as mangas dos homens, dizendo-lhes, «Vem descansar um bocado», «Vamos divertir-nos, querido. Eu faço-te passar um bom bocado», «Trinta por cento de desconto para estudantes», «Vai-te lixar. Não me podes tocar aí. Nem sequer tens dinheiro.» Geumbok entrou numa sala iluminada com luz cor-de-rosa e sentou-se de frente para o chulo.

— O que posso fazer por ti? Estou surpreso por ver a Presidente Gang neste lugar humilde.

O chulo tinha uma barbinha pontiaguda, e era frio como uma cobra e astuto como um guaxinim.

— Nunca tivemos nenhum negócio, pois não? — perguntou Geumbok.

— Eu tenho uma pequena loja e tu geres grandes negócios. Que oportunidades poderia haver?

— Então, gostavas de fazer negócio hoje? — Geumbok tirou o cachimbo da boca, enquanto o chulo olhava para ela, confuso. Ela deixou sair uma longa nuvem de fumo. — Ouvi falar de uma rapariga que fugiu daqui, ontem à noite.

Percebendo o motivo da conversa, o chulo sorriu maliciosamente.

— Não sabia que estavas interessada nela, Presidente. Estava a planear cortar-lhe os pés pelos tornozelos, para ela não poder voltar a fugir. Ela não precisa de pés para fazer o que faz.

— Gostava de saber quanto é que ela te deve.

— Não é essa a questão. O importante é quanto é que ela me vai dar a ganhar no futuro — disse o chulo, que era um vendedor formidável, não muito diferente de Geumbok.

Geumbok não pestanejou.

— Sabes que estou a construir um cinema aqui, não sabes?

— Toda a gente em Pyeongdae sabe disso.

— Da última vez que cá vieram alguns oficiais de alto nível, ficaram preocupados. Há um bairro do prazer mesmo em frente do cinema, e isso não é benéfico. Especialmente, quando as pessoas vêm de todo o lado, com as famílias. Sabes o que lhes disse? Disse-lhes: Há algum ser vivo que não o faça? Há sempre uma sombra onde quer que haja luz do sol, e só porque há pessoas que se oferecem para fazer esse

trabalho árduo é que outras podem orgulhar-se e agir como se fossem íntegras e boas. — Geumbok sorria, mas é claro que tudo aquilo era uma ameaça indisfarçável.

A expressão do chulo endureceu.

— Então, quanto estás a pensar pagar pela rapariga?

Geumbok tornou a sorrir.

— Agora já me entendes.

Nesse dia, Geumbok negociou com o chulo o valor da prostituta fugitiva, e o cálculo foi muito complicado, uma vez que o padrão foi estabelecido de acordo com as ferramentas matemáticas de Frederick Hoffman, o método para calcular a indemnização pela perda da vida. O método implicava o pagamento de um montante considerável, correspondente à estimativa do que a prostituta fugitiva ganharia, deduzido dos juros, e tiveram de discutir questões como a idade média de reforma das prostitutas, se se deduziriam as suas despesas de subsistência e, em caso afirmativo, o que fazer com as despesas triviais, como o *tteokbokki* que compravam para o lanche ou o custo dos pensos higiénicos, e, no final, foi acordado que o preço dos lanches seria excluído, mas o custo dos pensos higiénicos seria incluído. Discutiram também se ela era considerada uma trabalhadora permanente ou temporária, quantos dias por mês seriam contados como dias de trabalho, que taxa de juro oficial seria aplicada de acordo com que padrão... Demoraram quase o dia inteiro a resolver a questão. No fim, Geumbok pagou quase o suficiente para comprar uma casa e conseguiu que o chulo cedesse os seus direitos sobre a rapariga. Por causa disso, durante algum tempo, a gémea mais velha chamava-lhe Puta Cara, em vez de Suryeon.

Geumbok não se referiu a altos funcionários apenas para ameaçar o chulo. Ela já era a pessoa mais poderosa e mais rica de Pyeongdae, e os líderes das comunidades locais que queriam fazer negócios com ela, os políticos com segundas intenções, as instituições de caridade e beneficência que pediam donativos, os familiares distantes que ouviam falar do seu sucesso, os vendedores ambulantes que queriam tentar sacar-lhe alguma coisa, os libertinos que vinham ver se podiam

ir para a cama com ela, dada a sua reputação, os curiosos que vinham ver como ela era, os monges, que eram monges só de nome, que vinham discutir e exigir saber por que razão ela estava a discriminar outras religiões e porque não construía também um templo, praticamente faziam fila para a ver.

Uma vez, apareceu um político. Espumava pela boca, dizendo que os comunistas tinham de ser expulsos de Pyeongdae.

Geumbok recostou-se na cadeira, a ouvir o político, com o cachimbo na boca, e, por curiosidade, perguntou:

— Mas esse comunista, para que é que serve?

— Não é um objeto, mas o nome de uma ideia.

— As ideias têm nomes?

— Claro. Todas as ideias têm um nome. Socialismo, capitalismo, liberalismo, pragmatismo, classicismo, neo-classicismo, romantismo, existencialismo, expressionismo, materialismo, individualismo, realismo, surrealismo, mamonismo, rapidez de enriquecimentismo, orgasm...

Geumbok bocejou, aborrecida.

— Já chega. Não te limites a dizer nomes, como um monge desleixado a rezar. Diz-me o que é isso do comunismo.

— É a ideia de que devemos retirar os bens a pessoas ricas como tu e partilhá-los igualmente com todos.

— Vigaristas! Como é que se atrevem a pensar que uma coisa tão ultrajante pode ser aceitável?

— É exatamente por isso que eu digo que temos de os expulsar.

Geumbok pensou por um momento.

— Muito bem. Tenho uma ideia. Temos de prender todos os que pensam assim, atar-lhes pedras à cintura e atirá-los ao mar. Qual seria o nome da minha ideia?

— Já existe um nome para isso.

— E qual é?

— Anticomunismo. A ideia de que precisamos de nos livrar de todos os Vermelhos.

A compreensão de Geumbok sobre ideologia era muito simplista, mas as suas convicções eram firmes, como as da maioria das pessoas. Era a lei da ideologia. Muito mais tarde, justificou a sua escolha:

«Tomei o partido da *direita* porque direita também significa *correta*.»

Noutra altura, um outro político passou por lá, também a espumar da boca, dizendo que era preciso expulsar os comunistas, mas o seu argumento era mais extremista.

— Temos de matar os Vermelhos.

— Temos de ser assim tão radicais?

— Temos. Porque, se mantivermos um Vermelho vivo, ele mata dez pessoas. Por isso, matar um Vermelho é a mesma coisa que salvar a vida de nove pessoas.

— Pensei que tinha dito dez pessoas.

— Bem, temos de matar o Vermelho.

Normalmente, era assim. Os políticos argumentavam uniformemente que os comunistas precisavam de ser expulsos sempre que abriam a boca, mas Pyeongdae estava tão isolada que tinha conseguido escapar ao caos da guerra, e também tinha conseguido não ser afetada pela guerra da ideologia; a maior parte das pessoas não sabia o que era o comunismo.

De qualquer forma, após o encontro com o político, Geumbok passou a acreditar firmemente na necessidade de erradicar os comunistas e assumiu o papel de presidente do Subcomité das Mulheres da Aliança Anticomunista de Pyeongdae, que era apenas uma das dezenas de funções que lhe eram pedidas por várias organizações políticas, económicas, ambientais, religiosas, académicas, desportivas e locais; foi também vice-presidente da secção de Pyeongdae do Rotary Club, administradora da secção de Pyeongdae do Lions Club, membro do conselho de administração da Task Force de Prevenção da Corrupção, membro do comité da Sociedade para um Amanhã Melhor, presidente da secção de Pyeongdae do Movimento das Novas Aldeias, presidente da Irmandade 4H de Pyeongdae, presidente da secção de Pyeongdae da Aliança Nacional dos Cafés, conselheira da Associação Nacional de Tijolos e Telhas, administradora da Associação de Desenvolvimento Económico de Pyeongdae, presidente da Federação Nacional dos Transportes de Pyeongdae, diretora do Centro de Promoção da Calistenia, presidente do Grupo de Cidadãos para a Proteção do Habitat do Teixo, membro do Conselho de Administração da Sociedade de Conservação do

Guaxinim Selvagem, presidente do Conselho de Administração da Associação do Carvão Vegetal de Pyeongdae, diretora do Instituto de Investigação Económica de Pyeongdae e diretora da Associação Nacional de Peixe Seco de Pyeongdae.

Quando Geumbok conseguiu tirar a jovem prostituta das garras do chulo, a gêmea mais velha achou que a rapariga devia ir trabalhar para o café. Mas, por uma razão qualquer, Geumbok quis que Suryeon ficasse em casa, a ajudar com a roupa e nas tarefas domésticas. Com o passar do tempo, a expressão da rapariga tornou-se mais alegre, mais adequada à sua tenra idade, e as suas feridas começaram a sarar.

Um dia, Geumbok chegou a casa tarde e ouviu chapinhar na cozinha. Abriu a porta e deu com Suryeon a tomar banho. Estava nua, rodeada de vapor, tão deslumbrante como uma fada que tivesse caído do céu. Os seus cabelos escuros e molhados caíam-lhe em cascata até à cintura e o seu traseiro redondo, tão perfeito como se tivesse sido esculpido em jade, descrevia uma curva suave que tiraria o fôlego a qualquer um, homem ou mulher. Ela virou-se ligeiramente de lado e sorriu a Geumbok; os seus lábios vermelhos e carnudos eram sedutores. A expressão «beleza inigualável» parecia ter sido criada para a descrever.

Geumbok ofereceu-se para lhe esfregar as costas e Suryeon virou-se timidamente, em sinal de assentimento. Geumbok pôs-lhe a mão na cintura, e, ao sentir a maciez da pele dela, estremeceu. Enquanto esfregava as costas da rapariga, Geumbok apercebeu-se de tudo o que tinha perdido, e o coração desfez-se-lhe em pedaços. Se a vida era uma série de perdas contínuas, ela já tinha perdido muito. Fora confrontada com o facto doloroso de ter perdido a sua infância, a sua terra natal, o seu primeiro amor e, o mais angustiante de tudo, a sua juventude; tudo o que restava dela era uma concha vazia. Geumbok soltou um longo suspiro.

— Não acredito que exista neste mundo alguém como tu.

Suryeon olhou para ela, timidamente.

— Quando eu era nova, os homens também me seguiam. Mas, mesmo no auge da minha beleza, não tinha nem metade da tua. —

Salpicou as costas da rapariga com água. — O teu tipo de beleza é raro. Deus deve ter tido um cuidado especial quando te criou. — Talvez por influência do pastor, Geumbok invocou Deus.

— Então, como é que ele faz as outras pessoas? — perguntou Suryeon, divertida.

— De qualquer maneira. Como se estivesse a fazer tijolos de barro.

Mun, que, sem dúvida, teria ficado furioso ao ouvir a caracterização de Geumbok do fabrico de tijolos, levantou-se uma manhã e viu um rio largo à frente dos seus olhos. Na margem, havia uma fila de choupos enormes, e as pessoas estavam reunidas ao longe, no cais, onde flutuavam barcos à vela. As águas calmas brilhavam à luz do sol e as carpas grandes e gordas batiam as barbatanas e brincavam. Era a cidade natal da infância de Mun. Apercebeu-se de que tinha ficado completamente cego. A cena à frente dos seus olhos era o que restava das suas memórias.

Embora não conseguisse ver, as recordações desenrolavam-se muitas vezes de forma panorâmica diante dele, sem qualquer ordem. Era como estar a ver um álbum de fotografias que registava a sua vida, desde as memórias mais antigas até pouco antes de perder a visão. Via cenas bonitas e pacíficas da sua infância, o terrível sofrimento do campo de batalha, as paisagens estranhas e desconhecidas de quando trabalhara numa fábrica de tijolos na China, os rostos da sua família, o que o deixava sempre de coração partido, ele próprio a fazer amor com Geumbok, debaixo do salgueiro, os longos invernos solitários em que ficara sozinho em Nambaran — todas as alegrias e tristezas da sua vida. Se tivessem sido captadas em filme, os espectadores teriam ficado surpreendidos com o facto de terem ocorrido tantos acontecimentos na vida de uma única pessoa comum, e de todas aquelas imagens estarem guardadas nas memórias de uma única pessoa; teria sido um recurso incrivelmente valioso para várias disciplinas — antropologia, sociologia, história, psicologia —, mas, infelizmente, nada disso foi possível. Alguns anos mais tarde, todas essas cenas desapareceriam como fumo quando ele morresse, no riacho, debaixo do salgueiro.

A certa altura, todo o desejo por homens que Geumbok tinha nutrido desapareceu e foi substituído por imagens do corpo jovem e belo de Suryeon. Geumbok comprava-lhe roupas caras e produtos de beleza, enquanto a rapariga ficava em casa sem fazer nada a não ser embonecar-se. Agora, a sua beleza era ainda mais impressionante, pois tinha-se libertado da insegurança e da meninice. Começou a confiar em Geumbok e a amá-la como uma irmã e, muitas vezes, adormeciam deitadas lado a lado, a meio da conversa.

À medida que se aproximavam, o corpo de Geumbok começou a mudar. Talvez por fumar tanto, a sua voz tornou-se mais grave, os pelos do corpo tornaram-se mais grossos e a penugem à volta da boca escureceu. Foi tomada por uma vitalidade inexplicável e tornou-se ainda mais confiante. Não era assim tão invulgar, uma vez que todas as mulheres sofrem uma diminuição do estrogénio à medida que envelhecem, mas as mudanças de Geumbok estavam a ser mais intensas.

Nesse verão, Geumbok chegou a casa tarde, uma noite, depois de ter estado a beber com os empreiteiros, e viu Suryeon a dormir dentro da rede mosquiteira. Como era uma noite muito quente, estava só de roupa interior, e a sua pele, visível através da rede, era incrivelmente sedutora, e o seu cheiro, que pairava ao de leve no ar da noite, exercia uma atração poderosa, tão intensa que um homem que estivesse a dormir a dez *li* de distância teria vontade de se aproximar imediatamente.

Geumbok despiu-se e meteu-se na rede. Sem se aperceber do que estava a fazer, pôs uma mão trémula na cintura da rapariga. A sua pele suada era tão macia que Geumbok teve a sensação de que tinha mergulhado a mão em água quente. O seu coração palpitava da mesma forma que quando pousara a mão na barriga de Geokjeong. Suryeon abriu os olhos. Viu Geumbok nua, a olhar para ela, no escuro, e sorriu timidamente, enterrando a cara na almofada. Geumbok, sem conseguir aguentar mais, abraçou os seios sedutores de Suryeon, respirando com dificuldade.

¹ Pequenos bolos de arroz servidos com molho picante, uma comida muito popular na Coreia do Sul, como street food. (*N. da T.*)

Baleia

NO DIA EM QUE O CINEMA ABRIU FINALMENTE AO PÚBLICO, pessoas de toda a zona prepararam as lancheiras e dirigiram-se para Pyeongdae. A população de Pyeongdae tinha aumentado exponencialmente, e a multidão era muitas vezes maior do que quando *Jumbo* chegara, enchendo a praça em frente do cinema desde o início da manhã. Os bilhetes para o dia de estreia tinham-se esgotado no dia anterior, pelo que apenas uma minoria da multidão podia assistir ao filme, mas foram todos, na mesma, entusiasmados por ver como era o cinema. Os membros da Assembleia Nacional, os chefes de várias entidades, incluindo a polícia, os bombeiros, os serviços postais e a saúde pública, bem como os chamados líderes comunitários que supostamente eram influentes, foram todos convidados e sentaram-se nos respetivos lugares, por cima das escadas de mármore, para a inauguração.

Após a cerimónia de corte da fita, os VIP puxaram um cordão para abrir os cortinados, e foi então que o cinema foi revelado à multidão, com todo o seu esplendor. Parecia uma enorme baleia, com a cauda erguida, como se tivesse acabado de sair da água. O público levantou-se e aplaudiu. A cabina de projeção ficava na cauda, e o ecrã, na cabeça, com os assentos no meio da barriga da baleia. No exterior, uma série de escadas de mármore conduzia ao cinema, formando um padrão ondulante, fazendo parecer que a baleia flutuava no oceano, e um tapete vermelho estendia-se da escadaria ao átrio, realçando o esplendor da arquitetura.

Um enorme letreiro pintado a anunciar o filme podia ser visto de longe. O primeiro filme projetado para celebrar a inauguração foi, claro, um western, cheio de pistoleiros fixos. Mas John Wayne não entrava naquele filme. Era um homem que usava uma capa e mastigava um charuto. A multidão ficou encantada com a sua barba

desalinhada e o seu olhar feroz e melancólico. Não viam a hora de entrar.

Não foi a única coisa que atraiu o olhar da multidão, naquele dia. As pessoas não conseguiam parar de olhar para uma mulher extraordinariamente bonita, com um fato elegante, sentada nos lugares VIP. Ninguém reconheceu Suryeon. Estava a proteger o rosto do sol com um leque, chamando a atenção mesmo quando se sentou entre as dezenas de convidados especiais, e toda a gente queria saber de quem seria aquela mulher.

Os VIP subiram ao pódio, no cimo da escadaria de mármore, para fazerem os seus discursos de felicitações. Como eram todos pessoas que tinham muito para dizer, os discursos demoraram muito tempo, como sempre acontecia naquelas ocasiões, e quando toda a gente já estava aborrecida, a dona do cinema subiu finalmente ao pódio, para o discurso final. O público olhava para Geumbok, atónito. Segundo os rumores, tinha sido uma mulher a construir o cinema, mas ali, no pódio, estava um homem de fato.

Nesse dia, Geumbok apareceu de fato, chapéu e laço, anunciando ao mundo que se tinha tornado um homem. No seu longo discurso desse dia, jurou que iria dedicar todos os seus esforços ao desenvolvimento futuro da região e ao renascimento da arte e da cultura. O seu discurso foi tão inspirador que os VIP ficaram envergonhados dos seus comentários preconceituosos e queriam fugir.

A pessoa que tinha escrito o discurso de Geumbok nesse dia era, nem mais nem menos, do que o seu velho amigo da sua terra natal, o Trapaceiro. Quando Geumbok andava à procura de alguém para dirigir o cinema, lembrou-se da eloquência do Trapaceiro e de como ele a fazia rir e chorar, a ela e às gémeas. Encontrou-o depois de uma longa procura; ele vivia numa cidade distante, como dono de um pequeno negócio de venda de ingredientes medicinais, e ela confiou-lhe a direção do cinema. Mas a multidão, não percebendo porque estava Geumbok vestida de homem, murmurava entre si se não teria ela nascido com genitais de homem e de mulher e se não andaria a dormir com a prostituta, e perdeu o discurso emocionante dela. Quando Geumbok terminou, do telhado começou a cair água, encharcando os espectadores. A água vinha da fonte no topo do

edifício, um toque final de Geumbok para representar corretamente uma baleia. Como resultado disso, o cinema ficou conhecido como a Baleia desde o início, em vez do seu nome oficial, o Cinema de Pyeongdae.

O peixeiro também estava presente, nesse dia. Estava de ressaca e, quando chegou, o evento estava quase a terminar; a multidão enchia a praça em frente ao cinema e Geumbok estava no pódio, a meio do seu discurso. Atordoados, olhou para o cinema grandioso e murmurou para si próprio: «Nunca na vida vi um peixe tão grande.»

A mãe da menina estava em trabalho de parto. Estava a ser um parto difícil. Os adultos estavam sempre a entrar e a sair do quarto, com as caras franzidas de preocupação. Nessa noite, a menina sentou-se à porta do quarto, a ouvir a mãe a gritar. Desejava que a irmã mais nova se despachasse e que alguém a chamasse para o quarto quente. Mas a mãe gemia cada vez mais alto. A menina fechou os olhos e tapou os ouvidos, tentando recordar memórias felizes. Mas só conseguia imaginar fantasmas a voar; o vento que agitava as folhas parecia espíritos a chorar. Estava tão assustada que nem sequer sentia o vento frio e cortante que lhe fustigava o rosto. Enterrou a cara nos joelhos e chorou até adormecer.

Algum tempo depois, sentiu alguém tocar-lhe no ombro. Abriu os olhos. A mãe estava à sua frente. O seu rosto pálido estava suado e ela parecia esgotada. Tinha ao colo um bebé recém-nascido, ainda coberto de sangue e fluidos. Por alguma razão, os membros do bebé estavam inertes.

— Mãe... — disse a menina, quase a chorar.

A mãe parecia incrivelmente triste.

— Geumbok, eu estou morta, e o bebé também.

Geumbok correu para a abraçar, mas a mãe desapareceu. Ela acordou e correu para a sala. Os adultos estavam sentados, com os rostos tristes e carregados e, sob a luz fraca, ela conseguiu ver que o cobertor estava puxado sobre o rosto da mãe.

A partir desse dia, a menina passou a estar dominada pelo terror da morte. O seu objetivo na vida passou a ser fugir da morte. A morte da mãe foi a principal razão de ter deixado a sua pequena aldeia na montanha, de ter abandonado a cidade portuária e vagueado pelo campo, e de ter construído um enorme cinema que se assemelhava a uma baleia. Ela não estava obcecada com a baleia apenas por causa do seu tamanho. Quando viu a baleia-azul, da praia, vislumbrou o que era a vida eterna, a vida que tinha triunfado contra a morte. Foi nesse momento que a menina medrosa de uma cidade pequena ficou encantada com as coisas enormes. Tentava usar coisas grandes para vencer as coisas pequenas, superar a pobreza com coisas brilhantes e esquecer a sua sufocante cidade natal saltando para o vasto oceano. E, por fim, tornou-se homem para ultrapassar as limitações de ser mulher.

Não sabemos todas as razões que levaram Geumbok a romper a fronteira do sexo para se tornar um homem. O que é claro é que ela era fiel ao seu papel de homem e era mais viril do que qualquer um deles. Estava incrivelmente ocupada com os seus vários negócios, mas o seu amor por Suryeon era cada vez maior, levando-a a correr para casa assim que podia, ao fim do dia. Geumbok comprava-lhe roupas bonitas e produtos de beleza caros, e até comprou terras para a família dela, na sua terra natal. Não havia razão para Suryeon ter qualquer problema com qualquer uma destas coisas.

Aqui chegados, não podemos deixar de ficar curiosos sobre algo de estranho. Como é que elas faziam amor, exatamente? E será que Suryeon estava satisfeita com a sua relação com Geumbok? A resposta é sim. Em comparação com os homens rudes e impacientes com quem tinha lidado anteriormente, o ato sexual de Geumbok era tão gentil e atencioso que Suryeon foi arrebatada pelas capacidades mágicas de Geumbok, que escolhia o ponto exato de prazer que ela própria nem sabia que existia, e deu por si a pensar em como podia outra mulher dar-lhe um prazer tão profundo. O segredo não tardou a ser revelado.

Numa noite de tempestade, Geumbok entrou no quarto, depois de tomar banho, no momento em que caía um relâmpago, que iluminou o ambiente como se fosse meio-dia. Suryeon viu algo entre as pernas de Geumbok, e não acreditou no que estava a ver. Entre os pelos espessos, havia algo ereto — ficou chocada ao ver que era um pênis, embora tão pequeno como um dedo mínimo. De alguma forma, Geumbok não estava apenas a usar roupas de homem; o seu corpo também se tinha transformado no de um homem.

O boato de que Geumbok se tinha transformado num homem espalhou-se instantaneamente e chegou aos ouvidos de Mun. A maior parte das pessoas teria ficado chocada com a notícia, mas ele pareceu ficar indiferente. «Ouvi dizer que a tua mãe se tornou um homem», disse ele a Chunhui. «Mas isso não é estranho. Ela devia ter nascido homem.»

Agora, incapaz de ver, ele já não saía de Nambaran. As imagens que restavam das suas memórias ainda borbulhavam erraticamente, mas as cenas tinham-se tornado ténues; ele sabia que em breve desapareceriam por completo. Continuou a cumprir o seu papel de capataz, detetando a qualidade de um tijolo através de um toque ou de uma pancada. Por isso, os trabalhadores costumavam dizer que, mesmo que se pudesse enganar os espíritos, ninguém conseguia enganar Mun.

Durante este tempo, Chunhui foi esquecida por toda a gente. Ela não mudou muito, além de ter amadurecido fisicamente. Tornara-se uma habilidosa fabricante de tijolos, melhor do que qualquer outra pessoa, mas ninguém lhe prestava atenção, porque, de tão silenciosa, era como se não estivesse lá. Ela própria não se queixava da sua vida. Quando lhe apetecia, fazia tijolos e, quando estava aborrecida, vagueava pelos vales e pelos campos, passando os dias a observar organismos.

Não foi só Chunhui quem foi esquecida por toda a gente. Geumbok construiu uma casa ao lado da fábrica de tijolos para a mulher zarolha, mas ela começou a aborrecer-se com a rotina da fábrica de tijolos, depois de se ter habituado a viver na natureza. Não falava com as outras mulheres, mesmo quando trabalhava ao lado delas, e elas não se atreviam a falar com ela, pois continuavam a temê-la. A zarolha tinha saudades dos vales cobertos de trevos em flor e do zumbido das abelhas a voar entre eles. Tornara-se incapaz de viver entre as pessoas.

Um dia, andava a vaguear para lá da fábrica de tijolos e acabou por descer um vale fundo. O familiar gotejar da água e o doce aroma das mimosas como que a saudaram. Algumas abelhas vieram na sua direção, e logo dezenas delas voavam à sua volta. Eram abelhas que tinham sobrevivido ao incêndio. Nas suas explorações do vale, a mulher zarolha encontrou uma colmeia cheia de mel, debaixo de um grande rochedo. Ergueu-a e descobriu geleia real branca e uma abelha-rainha. A partir do dia seguinte, começou a sair despercebidamente da fábrica de tijolos e a percorrer os vales, durante todo o dia. Tinha voltado a criar abelhas. Construiu uma cabana no vale e ficou lá, aparecendo de vez em quando, para se alimentar, mas até essas idas se foram tornando raras. Finalmente, no outono, desapareceu por completo.

Entretanto, o Trapaceiro revelou um talento natural para o papel de diretor do cinema. Usava habilmente o seu dom de tagarelar para lidar com a dúzia de empregados, desde o pintor do letreiro ao vendedor de bilhetes e ao projecionista.

O público ficou imediatamente apaixonado pelo mundo da ilusão, ao ver o primeiro filme, tal como tinha acontecido a Geumbok, quando entrara no cinema, junto ao cais. Sempre que estreava um filme novo, as pessoas corriam para o cinema, empurrando-se para chegar à frente da fila, e sentiam que tinham de ver um filme pelo menos de dois em dois dias, para manter afastada a sensação de vazio. Em pouco tempo, tinham ficado enfeitiçadas pelo prazer insidioso de se sentarem no escuro, a espiar um outro mundo.

Começaram a compreender a vida através dos filmes, que davam sentido à sua existência absurda. Ficaram entusiasmadas com o facto de a vida estar repleta de belas aventuras e romances inebriantes, e sentiam alívio ao descobrir que o mundo incompreensível funcionava sob uma rigorosa organização poética. Os filmes que viam eram normalmente de um país chamado América, e achavam as estrelas de cinema e as suas vidas retratadas no ecrã tão impressionantes que não só começaram a imitar o seu comportamento, como alguns até se mudaram para a América. Na mente das pessoas enraizou-se um único objetivo. Era um pensamento tão poderoso e atrativo que rompeu com o estabelecido, tudo substituindo e conquistando. A ideia que determinava todos os aspetos da vida das pessoas era esta:

Tudo o que é americano é belo.

Ele ou ela

UMA VEZ, UMA REVISTA DE ECONOMIA ENTREVISTOU GEUMBOK porque a Baleia tinha sido selecionada, por um painel de arquitetos, como a melhor obra de arquitetura do ano. Uma jornalista jovem perguntou a Geumbok qual era a sua filosofia empresarial, e Geumbok tirou um cigarro de uma bonita cigarreira de prata.

— Não sei ao certo. Só tenho um princípio pelo qual me guio.

— E qual é?

— As coisas pequenas e humildes são embaraçosas.

Essa afirmação revelava tanto sobre a sua mentalidade como o que ela dissera uma vez a Mun: «O que interessa é conseguir vender, quer seja peixe podre ou tijolos estalados.»

Geumbok soprou uma longa coluna de fumo e continuou:

— As pessoas dizem que o dinheiro é a raiz de todos os males. Mas isso não é verdade. A pobreza é que é a raiz de todo o mal.

Os pensamentos de Geumbok sobre este assunto coincidiam com os do general e, por isso, ela tinha sentimentos positivos em relação a ele, até o conhecer pessoalmente.

Depois da entrevista, *off the record*, a jovem repórter perguntou-lhe a ele — caro leitor, a partir de agora, vamos referir-nos a Geumbok como *ele*; porque, nos dias de hoje, em que se pode mudar facilmente o nome nos registos oficiais, podemos certamente mudar de género a meio da história — como era tornar-se homem.

Geumbok respondeu: «Muitas coisas são mais fáceis. Não tenho de pôr um penso uma vez por mês, não tenho de usar pó no rosto todas as manhãs. Gosto especialmente do facto de os homens já não se atirarem a mim.» Sorriu, com os dentes amarelados pelo café e pelo tabaco. Não podiam ser essas as razões pelas quais se tinha tornado um homem, mas estava extremamente satisfeito com essa transformação. Como qualquer outro homem, frequentava bordéis,

fumava e, por vezes, mostrava o seu lado mais rude.

Uma vez, houve uma discussão num bar. Um gangster tinha vindo a Pyeongdae para cobrar uma dívida de jogo. Não se apercebeu de que o senhor de boa aparência, de fato elegante, que bebia sozinho no bar, era o homem mais rico da cidade. Com uma mão no ombro de Geumbok, o gangster gabou-se das suas proezas heroicas, todas elas embaraçosamente exageradas e sem sentido. Sem conseguir continuar a ouvi-lo a gabar-se, Geumbok pousou o copo.

— Onde viste um filme assim tão aborrecido? Essas mentiras podem funcionar no sítio de onde vens, mas não aqui. Desaparece.

O gangster olhou para Geumbok e levantou o punho, mas, num instante, já tinha uma faca afiada encostada ao pescoço.

— Ei, amigo — sussurrou-lhe Geumbok ao ouvido. — Não vamos fazer isto aqui, neste pequeno bar. Porque não fazemos isto lá fora, como homens a sério?

O gangster empalideceu e saiu calmamente ou, pelo menos, assim reza a história, mas é só o que se conta. É um relato tão parecido com cenas comuns nos westerns que nos faz suspeitar de que foi inspirado num filme. Talvez esta história seja apenas um sinal de que as pessoas aceitaram Geumbok como um homem.

Aqui chegados, somos confrontados com uma questão importante: é possível uma mulher transformar-se assim num homem? Claro que não. Então, como é possível que Geumbok tivesse genitais masculinos? Aqui entra o segredo das hormonas, que nem mesmo Suryeon conhecia. O que a rapariga tinha visto entre as pernas de Geumbok não era um pénis, mas sim o seu clítoris. Um casal de médicos na América foram os primeiros a descobrir que o clítoris era a fonte dos orgasmos femininos. Referiram, pela primeira vez, o conceito de orgasmo feminino e repensaram o papel do clítoris, no seu livro *Human Sexual Response*, o que provocou imensa controvérsia, e, se resumíssemos o livro numa única frase, seria a seguinte:

Nem sempre é preciso ter uma coisinha.

Esta descoberta veio derrubar completamente a sabedoria convencional anterior de que a mulher atingia o orgasmo através da estimulação vaginal e que, por isso, o prazer só era possível com a penetração de um pénis, e acabou por reduzir a importância do sexo centrado no pénis, centrado na penetração, centrado no homem, o que também reduziu o papel do homem na cama. Foi a descoberta mais revolucionária da história do sexo. Entretanto, antes de o casal de médicos ter popularizado a palavra clítoris, as pessoas referiam-se a ele como o órgão masculino, dada a sua semelhança com um pénis encolhido. Por isso, não era totalmente descabido que Suryeon visse o clítoris de Geumbok aumentado devido à diminuição de estrogénio e acreditasse que era um pénis.

Perguntam o que pode ser feito com uma coisa do tamanho de um dedo mínimo? Caros leitores masculinos, tenham sempre em mente o ensinamento do casal de médicos:

Nem sempre é preciso ter uma coisinha grande.

Tal como o homem da cicatriz tinha feito, muito tempo antes, sempre que Geumbok via um filme, sentava Suryeon ao seu lado e dava-lhe a mão. Mas Suryeon não gostava de ver filmes. Não percebia porque é que as pessoas gostavam daquelas histórias absurdas. Preferia ir à cidade e comprar joias ou roupas.

Uma vez, Geumbok disse à gémea mais velha:

— Ela é bonita e encantadora, e custa-me muito dinheiro.

Sempre que Suryeon pedia, Geumbok dava-lhe dinheiro, de boa vontade.

Em breve, o quarto de Suryeon se encheu de joias e acessórios preciosos, e de todo o tipo de roupa; parecia uma loja. Ela tinha roupas que nunca tinha usado e produtos de beleza que deitava fora por abrir. Suryeon até comprou um cão. Era um cão pastor de raça pura, importado do estrangeiro e com *pedigree*; se fosse humano, teria sido um membro da mais alta aristocracia. Sem qualquer hesitação, Geumbok pagou um preço equivalente a duas vacas por aquele cão.

Durante algum tempo, Suryeon acarinhou o cão, que vivia no seu quarto, comendo e dormindo com ela, o que causava ciúmes a Geumbok. Só alguns meses mais tarde é que ela se aborreceu e começou a negligenciá-lo. Até se esquecia de lhe dar comida, e o pobre cão pastor passava fome. Geumbok acabou por prender o cão à entrada do cinema e mandou os seus empregados tomarem conta dele. O cão com *pedigree* acabou por se tornar um incómodo, que os transeuntes pontapeavam. Ainda assim, para Geumbok, tudo o que Suryeon fazia era adorável, espirituoso e encantador. Era a lei do amor.

Um dia, um empregado do cinema anunciou a Geumbok que estava ali um cego, para o visitar. Nessa altura, Geumbok e Suryeon estavam ambos no escritório. Pouco depois, entrou um homem com uma bengala. Era Mun. Chunhui, que o acompanhava, olhou para a mãe vestida de homem e ficou confusa. Ela e Mun estavam bronzeados por trabalharem todo o dia na fábrica de tijolos e tinham um aspeto tão pobre que Suryeon, que nunca os tinha visto antes, franziu o sobrolho, não percebendo por que razão estariam ali dois mendigos. Geumbok mandou Suryeon sair e cumprimentou os seus visitantes. Ultimamente, não andava a prestar muita atenção à fábrica de tijolos, enviando apenas o Trapaceiro, de vez em quando, para saber notícias. Irritado ao vê-los, apontou para Chunhui e perguntou:

— Quem é este jovem gordo?

Chunhui tinha-se tornado tão grande que Geumbok não reconheceu a sua própria filha.

— Esta é a criança que saiu da tua barriga — respondeu Mun.

Geumbok bufou.

— Eu sei que ficaste cego, mas estou a ver que também enlouqueceste. Mas diz lá o que te traz aqui?

Mun tirou um tijolo do bolso e pô-lo à frente de Geumbok.

— O que é isto?

— O que achas que é? — perguntou Mun.

— Um tijolo.

— Não, não é um tijolo.

— Então o que é?

— Uma fraude. A pior fraude que já vi na minha vida.

Geumbok pegou finalmente no tijolo e estudou-o. Era um tijolo feito de cimento.

— Então, é um tijolo de cimento. Por que motivo é uma fraude?

— Porque não se pode construir nada com ele. Mas as pessoas usam-no na mesma, porque é barato.

— Se toda a gente constrói com estes tijolos, porque és o único a dizer que é um problema?

— Não me interessa se os outros constroem com tijolos ou madeira. O problema é que, por causa desta imitação de tijolo, estamos a ter dificuldade em vender os nossos tijolos.

Geumbok tomou uma decisão rápida.

— Então, vamos fabricar também tijolos de cimento.

— Estás a dizer-me para enganar as pessoas? — retorquiu Mun, irritado.

— Eu disse que devíamos fazer tijolos, não que te tornasses um vigarista.

— Se construíres com estes tijolos, o edifício desmorona-se num ano. Não te dês ao trabalho de me dizer esse tipo de coisas. Despacha-te a fazer um plano, antes que sejamos obrigados a fechar.

Mun bateu com a porta, quando saíram.

Quando Suryeon regressou, sentou-se ao colo de Geumbok e perguntou quem era a rapariga. Geumbok respondeu:

— É uma rapariga que trabalha na fábrica de tijolos. Ficou órfã durante a guerra, e eu acolhi-a e criei-a. Agora faz tijolos. É uma boa trabalhadora, forte, para uma rapariga. Pode dizer-se que está a trabalhar para se sustentar.

Por que motivo Geumbok ignorava Chunhui tão completamente? Seria por ser filha de Geokjeong? Ou por não ser adorável, como as outras raparigas? Talvez por querer fugir do seu passado? Por a sua vida passada como mulher ter sido um erro e uma contradição, agora que era um homem? Por querer apagar a única recordação dessa vida? Seja como for, Geumbok não sabia que aquela seria a última vez que

veria Mun, que tinha sido seu amante, nem que seria a última vez que veria Chunhui, a sua única parente de sangue. Tal como o crepúsculo a cair silenciosamente, a maldição aproximava-se dele muito lentamente.

Depois de a gémea mais nova ter partido com o seu marido engenheiro, as irmãs escreviam cartas para matar as saudades que sentiam uma da outra. A mais velha contou-lhe a inauguração do cinema, a transformação de Geumbok em homem e coisas triviais que aconteciam no café. O engenheiro construía postes de eletricidade e andava sempre de um lugar para outro, por isso, a gémea mais nova enviava as suas respostas de uma cidade diferente de cada vez. Numa primavera, escreveu de uma remota aldeia piscatória, na costa leste, e, no inverno seguinte, enviou a sua carta de uma aldeia nas profundezas das montanhas, e, pouco tempo depois, estava numa cidade muitas vezes maior do que Pyeongdae.

Dois outonos depois da partida da irmã, a gémea mais velha acordou a meio da noite, com uma sensação de perda. Sentiu um vazio enorme, como se tivesse ficado sem as suas entranhas, e foi atingida por uma tristeza imensa. Ficou ali sentada, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, sem saber porquê. Pensou na irmã, que estava longe. Geumbok acordou com o som dos lamentos da gémea e correu para junto dela. A gémea desmaiou, dizendo, a soluçar, que a irmã tinha morrido. Geumbok acreditava que as irmãs tinham uma ligação invulgar, mas disse-lhe que deviam esperar para saber o que tinha acontecido, antes de tirarem conclusões precipitadas. De facto, a notícia de que a gémea mais nova tinha morrido chegou nessa tarde. O engenheiro tinha tocado no fio errado, quando estava a erguer um poste, e foi eletrocutado, e a gémea mais nova, que ia levar-lhe comida, descobriu-o e tentou afastá-lo, mas acabou por ser também eletrocutada; tinham passado para o outro mundo deitados ao lado um do outro. A gémea mais velha desmaiou e desatou a chorar várias vezes, conseguindo recompor-se só quando a noite chegou. Disse que ia enterrar a irmã, e começou a fazer as malas. O peixeiro ofereceu-se para a levar, e Geumbok deu-lhes o seu próprio carro e algum

dinheiro para o funeral.

Enquanto a gémea mais velha e o peixeiro estavam fora, uma noite, Geumbok chegou a casa tarde, do trabalho. Ouviu pessoas a conversar amigavelmente no quintal e entrou, pensando que a gémea e o peixeiro já tinham voltado, mas era Suryeon, sentada ao lado do Trapaceiro, a conversar animadamente. Suryeon estava a rir-se e a bater-lhe levemente no ombro. Geumbok sentiu uma pontada de ciúmes, ao ver como eles eram carinhosos um com o outro. Escondeu-se atrás do portão, observando-os durante mais algum tempo. De facto, parecia que a relação entre eles era mais próxima do que o normal, pois falavam à vontade de coisas embaraçosas. É claro que o Trapaceiro, que vivia sozinho há uma dúzia de anos, desde que a mulher fugira, se sentira atraído pela bela Suryeon. Mas Geumbok sentiu-se ofendido por ele se aproximar, entre tantas pessoas, logo de Suryeon.

Geumbok fez barulho e entrou no pátio, e os dois olharam para ela com ar culpado. O Trapaceiro despediu-se rapidamente e foi-se embora, e Suryeon, detetando o mau humor de Geumbok, foi mais afetuosa e encantadora do que o habitual. Geumbok pensou que Suryeon era uma prostituta incorrigível, e começou a sentir que não podia confiar no Trapaceiro.

Cerca de duas semanas depois, a gémea e o peixeiro regressaram a Pyeongdae. A gémea tinha a sensação de que lhe tinham arrancado metade do corpo, e passava os dias no quarto, sem comer, preocupando todos os que a rodeavam.

Alguns dias mais tarde, a meio da noite, Geumbok foi à casa de banho e viu o peixeiro a sair sorrateiramente do quarto da gémea. Pensou que tinha acontecido alguma coisa enquanto eles tinham estado fora, para o funeral da gémea mais nova. Conseguiu perceber como, apesar de a gémea mais velha ter odiado o peixeiro durante anos, ela se sentia grata por ele a ter acompanhado e consolado durante o funeral. Geumbok não conseguia parar de se rir da ironia de a gémea mais velha se ter apaixonado por ele, quando, antes, tinha tentado expulsá-lo da cidade. Geumbok sugeriu casualmente à gémea

que talvez ela devesse casar com o peixeiro e viver com ele, mas isso enfureceu-a, insistindo que se recusava a perdoar o peixeiro por ter matado *Jumbo* e que era impensável casar com alguém que noutros tempos tinha sido o homem de Geumbok. Geumbok confessou que tinha visto o peixeiro a sair do quarto dela e tentou convencê-la, dizendo que tanto a gémea como o peixeiro tinham passado por momentos difíceis nas suas vidas e que não deviam importar-se com o que as pessoas iriam pensar, mas a gémea ficou horrorizada e negou veementemente ter uma relação com o peixeiro, dizendo que não sabia o que Geumbok tinha visto, mas que, mesmo que fosse verdade, preferia matar-se já.

Alguns dias depois, Geumbok ouviu um som estranho vindo do quarto das gémeas. Eram, claramente, gemidos de amor. A seguir, o peixeiro saiu do quarto. Geumbok testemunhou a mesma coisa várias vezes, depois dessa noite. Ficou ofendida por a gémea lhe ter mentido, dada a proximidade que tinham, e depressa soube o que se passava, através do peixeiro.

De facto, alguma coisa tinha acontecido enquanto tinham estado fora, para o funeral, mas o verdadeiro problema começara quando regressaram a casa. A gémea mais velha estava de luto pela perda da irmã e começou a apresentar sintomas estranhos, ora agindo como a gémea mais nova, ora voltando a si. Por outras palavras, quando Geumbok teve aquela conversa com a gémea, ela era a mais nova, a que sempre odiara o peixeiro, e, quando ele entrara no quarto, ela era a mais velha. Por causa desta mudança, sempre que o peixeiro entrava no quarto dela, tinha de confirmar cautelosamente se ela era, naquele momento, a gémea mais nova ou a mais velha, mas rapidamente isso se tornou impossível. Ambas as gémeas estavam agora no corpo dela, e ela começou a falar consigo própria como se se tratasse de duas pessoas a conversar e a discutir, como se duas pessoas estivessem, a todo o momento, a comandar o corpo dela.

Por fim, o peixeiro deixou de conseguir aproximar-se da gémea e ficou preocupado. Mas esse não era o único segredo que as gémeas tinham. De acordo com as conversas que a gémea tinha com a irmã, a gémea que tinha seguido o engenheiro e morrido não era a mais nova, mas sim a mais velha. Com efeito, a gémea mais nova tinha cedido o

seu homem à irmã, que nunca tinha podido desempenhar o seu papel de mulher, devido aos ferimentos. O engenheiro não se tinha casado com a mulher que amava, mas com outra pessoa. Mas, em breve, até esse facto se tornou ilusório, porque se verificou que, há muito tempo, a que se magoou não era a mais velha, mas a mais nova, e a que foi concubina não era a mais nova, mas a mais velha, e a pessoa que tinha dormido com o negociante de madeira não era a mais velha, mas a mais nova. Uma vez que, durante décadas, tinham assumido repetidamente a personalidade uma da outra, consoante a situação, depressa se esqueceram de quem era a mais velha e quem era a mais nova, e, afinal, qual das gémeas tinha fugido com o engenheiro e morrido continuou a ser para sempre um mistério.

Os espíritos

— O GENERAL NÃO É LÁ GRANDE COISA DE SE VER. É baixo e moreno, e não parece ser alguém capaz de fazer qualquer coisa de grandioso. Se de facto o fez, deve ter sido com algum truque sujo.

Foi o que Geumbok disse aos seus companheiros de bebida, na primavera seguinte, depois de conhecer o general. O general tinha vindo inspecionar uma zona não muito longe de Pyeongdae e, para comemorar a sua visita, tinha dado uma festa, para a qual convidara todos os empresários da zona. Todos os políticos, proprietários de terras e empresários de Pyeongdae compareceram. Geumbok apertou a mão ao general e tirou uma fotografia com ele e com todos os empresários. Apesar de não ter ficado impressionado com o general, guardou a fotografia no seu gabinete. O general envergava uma farda militar e uns óculos de sol, e Geumbok, como era baixo, ficou ao seu lado, na primeira fila. O rosto de Geumbok revelava a teimosia e a arrogância dos ricos, juntamente com a confusão embaraçosa de não conseguir apagar totalmente a mulher que tinha dentro de si. Essa foi a última imagem de si próprio que deixou para o mundo.

Na primavera seguinte, os trabalhadores da fábrica de tijolos decidiram fazer greve. À medida que as pessoas começavam a construir com tijolos de cimento baratos, a procura de tijolos de barro tinha diminuído; como resultado, Geumbok queria fechar os fornos e produzir tijolos de cimento. Isso não exigia competências especializadas, e o processo era simples; bastava saber misturar areia e cimento, deitá-los em moldes e secá-los ao sol. Geumbok contratou jovens trabalhadores e despediu todos os trabalhadores mais velhos e qualificados, reduzindo drasticamente os salários. Era a lei da gestão.

Os trabalhadores, que se tinham dedicado fielmente à fábrica de

tijolos desde o início, sentiram-se profundamente traídos. Reuniram-se em frente da Baleia, ocuparam a praça e iniciaram uma concentração. A pessoa que liderou a greve foi, nada mais nada menos, do que Mun. Os clientes começaram a evitar o cinema, e Geumbok enviou o Trapaceiro para tentar negociar com os trabalhadores. Mas os operários amarraram-no a uma cruz e ergueram-na no meio da praça, deixando o Trapaceiro a soluçar e a chorar, temendo pela vida.

Geumbok, que se tinha fechado no seu gabinete, no segundo andar do cinema, abriu a janela e gritou:

— Saiam daqui! Senão, fecho a fábrica de tijolos para sempre!

Os trabalhadores não se renderam. Em vez disso, gritaram ainda mais alto as suas palavras de ordem. «Não aos salários irracionais!» «Abaixo o patrão corrupto! Abaixo! Abaixo!»

Como soldados a montar um cerco, trouxeram tijolos e empilharam-nos até ao segundo andar do cinema. Subiram ao alto da pilha para enfrentar Geumbok cara a cara. Geumbok pediu ajuda aos políticos e aos funcionários do governo de quem era próximo, argumentando que influências nocivas se tinham infiltrado na fábrica de tijolos e liderado a greve. As influências nocivas eram uma referência aos Vermelhos, ou seja, aos comunistas.

A polícia foi enviada para o local e cercou os manifestantes. Apesar dos avisos da polícia para dispersarem e irem embora, os trabalhadores resistiram ferozmente, atirando tijolos. Por fim, a polícia utilizou gás lacrimogénico e iniciou uma repressão violenta. Os trabalhadores, que não estavam devidamente organizados, dispersaram-se por todo o lado. A pilha de tijolos desmoronou-se, ferindo vários, e a polícia espancou muitos outros, causando-lhes traumatismos cranianos.

Os trabalhadores foram detidos e interrogados pela polícia, e os agentes infligiram duras torturas durante a investigação, para descobrir os Vermelhos. Vários ficaram incapacitados. Depois disso, todos tiveram de assinar um longo documento atestando que eram Vermelhos.

O Trapaceiro foi detido por acaso, porque, por azar, estava entre os

trabalhadores. Durante a investigação, explicou eloquentemente que não tinha participado na greve, mas que tinha ido como representante da empresa para a impedir, quando foi detido pelos manifestantes e acidentalmente detido; se fosse imediatamente libertado, não acusaria a polícia de o ter detido sem motivo nem exigiria uma indemnização por danos e, se alguma vez precisassem do seu depoimento, teria todo o gosto em ir à esquadra como testemunha — tendo visto tudo a desenrolar-se, pois estava no meio de tudo — e depor sobre as atividades ilegais dos Vermelhos. Mas, desta vez, o seu dom da tagarelice não funcionou a seu favor, devido ao aterrador aforismo, que nem verbo tinha:

Se tagarela, comuna.

Em pânico, o Trapaceiro implorou que chamassem Geumbok, que atestaria que ele não era um Vermelho. Mas, quando um polícia fez uma visita a Geumbok, ele inclinou a cabeça e disse:

— Não sei porque é que ele estava com aquela gente. Pensei que ele era de confiança, mas parece que o velho ditado é verdadeiro: «Mesmo que conheças dez *gil* de água, não conheces um *gil* dos pensamentos de uma pessoa.» Geumbok não conseguia deixar de lado o seu ressentimento latente de quando tinha visto o Trapaceiro a ser carinhoso com Suryeon. Noutra altura, ter-se-ia rido e ultrapassado o assunto, mas já não era o Geumbok de sempre. A mulher forte, bondosa e confiante que tinha sido já não se encontrava em lado algum, e agora era apenas um homem de vistas curtas, cheio de impulsos egoístas e pensamentos vingativos.

De qualquer forma, por causa de Geumbok, o Trapaceiro foi torturado durante algum tempo. Felizmente, como os trabalhadores honestos o defenderam, dizendo que ele não fazia parte do seu grupo, foi finalmente libertado. Quando se arrastou de volta ao cinema, Geumbok olhou para ele com frieza e disse:

— Onde te meteste? Armou-se aqui uma confusão, com os Vermelhos todos.

O Trapaceiro retomou o seu cargo de gerente, mas guardava um profundo ressentimento em relação ao seu velho amigo Geumbok.

Quando tudo se acalmou, a fábrica de tijolos estava cheia de caras novas. Os líderes da greve foram considerados vermelhos e foram executados ou presos. Mun foi torturado, deram-lhe cabo de uma perna, mas, felizmente, por ser velho e cego, foi rapidamente libertado e regressou à fábrica de tijolos. Mas não tinha nada para fazer. Os fornos não estavam ativos, e estavam a ser produzidos tijolos de cimento. Passava os dias sentado ao lado dos fornos, a ouvir o som do comboio que passava de vez em quando. Os jovens operários não demonstravam qualquer interesse pelo velho cego. Por essa altura, as imagens que surgiam na sua memória tinham desaparecido, o que o tornou ainda mais solitário.

A única pessoa que lhe prestava atenção era Chunhui. Levava-lhe comida e dava-lhe a mão, para o levar a passear. Mas ele tinha ficado com a perna tão ferida que não conseguia andar durante muito tempo. Chunhui levava-o às costas, sem se cansar, caminhando com ligeireza pelos campos. Aproximavam-se do caminho de ferro e, por vezes, desciam até ao vale oposto. Sobre as costas largas de Chunhui, Mun recordou a primeira vez que ele e Geumbok tinham ido a Nambaran, quando ele tinha levado Geumbok às costas. O facto de estar a ir agora às costas da filha de Geumbok fê-lo rir. Tentou recordar os seios macios de Geumbok nas suas costas e o seu cheiro estonteante, mas a memória desse dia quente de verão parecia muito distante. Como o mundo mudou, pensou para si próprio.

Numa manhã de outono, no ano da greve, a gémea mais velha — ou seria a mais nova? — enforcou-se numa viga. O funeral realizou-se em frente do cinema. As pessoas choraram pelo amor fraternal das duas, murmurando que talvez a mais nova, ou talvez a mais velha, já não conseguisse suportar a dor da morte da irmã. Mas Geumbok não chorou, dando desculpas como, «Um homem só chora três vezes na sua vida. Esta não é uma delas.»

Enterraram o corpo da gémea mais velha morta, ou talvez da mais nova, ao lado da mais nova, ou talvez da mais velha, homenageando o belo amor entre as duas.

Tinha chegado a época da morte e da despedida. Pouco tempo depois da morte da gémea que restava, o corpo de Mun foi descoberto no riacho, debaixo do salgueiro, junto à linha do comboio. Era o final do outono, quando a cor da água escureceu e a árvore já tinha perdido quase todas as suas folhas. A água não era muito profunda, mas, para alguém que não conseguia ver, devia ser tão fatal como um reservatório profundo. Foi o lugar onde ele fez amor com Geumbok pela primeira vez. Nunca ninguém conseguiu determinar se a sua morte foi um acidente ou um suicídio. Nunca ninguém descobriu porque é que ele foi tão longe para morrer, especialmente tendo um ferimento grave na perna.

Foi realizado um funeral simples na fábrica de tijolos. Alguns trabalhadores que estavam na fábrica de tijolos desde o início e tinham participado na greve com Mun limpavam as lágrimas, em silêncio. Chunhui também lá estava, mas não chorou. Pensou que Mun tinha, simplesmente, ido para outro sítio, tal como a mulher zarolha tinha ido para outro sítio. Geumbok não foi ao funeral porque, nesse dia, ia estreiar um novo filme. Geumbok disse apenas uma coisa: «Ele era mesmo difícil.»

O corpo de Mun foi cremado num forno, e as suas cinzas foram espalhadas no vale. Apesar de ter ajudado Geumbok a fundar a fábrica de tijolos e de ter dado tudo por tudo para fabricar tijolos de qualidade, a sua partida deste mundo foi solitária.

Entretanto, a sua previsão de que os edifícios feitos com tijolos de cimento se desmoronariam ao fim de um ano revelou-se incorreta. Ele nunca sonhou que o mundo ficaria cheio de edifícios feitos de cimento. Se pudesse ver, de onde estava, todas as cidades cheias de edifícios de cimento, diria, sem dúvida: «Esta é a maior e mais maléfica fraude que vi em toda a minha vida.»

O peixe grande já tinha caído nas montanhas. O fim estava a aproximar-se, com a maldição prestes a concretizar-se. Mas ninguém sabia disso. Os sinais do fim chegaram primeiro ao homem do sul — Geumbok. Embora Geumbok parecesse não ter ficado afetado pela morte da gémea nem pela de Mun, os efeitos deles sobre ele não

tardaram a revelar-se.

Nesse inverno, Geumbok regressou a casa tarde, uma noite, e encontrou um homem sentado à porta do quarto dele. Estava encharcado e a tremer, com plantas aquáticas emaranhadas à volta dos pés. Era o pai de Geumbok, que se tinha afogado no reservatório, há muito tempo. Os lábios do pai estavam azuis e, dos cabelos molhados, caíam pedaços de gelo. Olhou para Geumbok, com olhos lúgubres, e depois desapareceu.

No dia seguinte, Geumbok mandou o Trapaceiro à sua terra natal, para encher o reservatório. Era caro, mas ele achava que o pai ainda andava por este mundo por causa do reservatório. Mas isso foi só o começo. Alguns dias mais tarde, Geumbok saiu do cinema, depois da última sessão, e viu, no cimo das escadas, um homem com um fato branco como a neve. O homem bloqueou o caminho de Geumbok e perguntou: «Naoko, queres fazer uma visita guiada ao cinema?»

Geumbok pensou que ia ter um ataque cardíaco, com o choque, mas fingiu que estava calmo e abanou a cabeça. Era o homem da cicatriz, o vigarista famoso, o contrabandista infame, o carnicheiro incrível, o libertino, o chulo de todas as prostitutas do cais e o intermediário de temperamento explosivo. Estava encharcado, com a água a pingar no chão, mas a ferida na barriga tinha desaparecido. Tentava acender um cigarro, mas o fósforo estava molhado. Geumbok tirou o seu isqueiro de prata do bolso e entregou-lho. O homem da cicatriz acendeu o cigarro, aspirou o fumo para o fundo dos pulmões, com um ar satisfeito, e continuou a rodar o isqueiro de prata na mão, como se estivesse relutante em separar-se dele.

— Podes ficar com ele, se quiseres — disse Geumbok. — Tenho muitos mais.

O homem da cicatriz meteu rapidamente o isqueiro no bolso e piscou o olho.

— Se quiseres ver um filme, vem ter comigo a qualquer hora. Eu estarei sempre aqui.

Geumbok fugiu. Quando olhou para trás, o homem da cicatriz estava no cimo das escadas, com o cigarro na boca, tal como costumava fazer quando estava em frente ao seu cinema, na cidade à beira-mar. De certa forma, parecia profundamente solitário e

melancólico.

A partir desse dia, Geumbok ficou rodeado de mortos. Quando acordava, Geokjeong estava ao seu lado, a olhar para ele com uns olhos tristes, e se se virasse durante o filme, o homem da cicatriz estaria a brincar com o isqueiro de prata, numa cadeira mesmo atrás dele. Às vezes, a mãe aparecia no quintal, segurando um bebê morto. O passado de que tanto tentara fugir estava a voltar para ele. Mas, desta vez, Geumbok não fugiu. Em vez disso, começou a beber. Gritava aos mortos: «Vão-se embora, vocês todos! Já não sou quem vocês conheciam!»

As pessoas tinham-se esquecido completamente da maldição da velha bruxa, depois de a xamã ter morrido, vários anos antes, mas a voz que fluíra através do corpo da xamã continuava a rondar Pyeongdae. Uma noite, o peixeiro estava a ir para casa, depois de ter bebido, quando ouviu a voz. Era tão arrepiante e nítida como no dia do ritual. Partiu de Pyeongdae no dia seguinte. Explicou a Geumbok que, agora que as gémeas tinham morrido, já não tinha razões para ficar em Pyeongdae, e que a empresa de transportes tinha muitos condutores jovens. Geumbok não tentou dissuadi-lo. Ninguém o viu partir e ninguém ficou triste com a partida dele. Conduzindo a sua velha camioneta, atravessou a colina e deixou Pyeongdae.

Alguns dias mais tarde, Geumbok recebeu uns visitantes de óculos de sol e fatos escuros, agentes de uma agência governamental secreta. Geumbok foi vendado e preso. Era uma espécie de rapto; era impossível ele resistir. Foi interrogado numa cave com janelas tapadas. Os agentes secretos já sabiam mais sobre Geumbok do que o próprio Geumbok. Sabiam os pormenores do que se passara na cidade portuária e falaram do homem da cicatriz e de Geokjeong. Confiscaram os livros de todos os seus negócios, e ele teve de revelar tudo, aberto como um sapo dissecado. Eles sabiam tudo, mas repetiam

as mesmas perguntas vezes sem conta, até ficarem satisfeitos, e Geumbok tinha de repetir as mesmas respostas vezes sem conta. Era humilhante. O ambiente era tão mau que até os espíritos que o rodeavam se foram embora. Geumbok não podia dormir nem comer, mas o mais difícil para ele era não poder fumar.

Com o passar dos dias, Geumbok percebeu, finalmente, por que razão estava a ser interrogado. Era por causa do que tinha dito sobre o general aos seus companheiros de bebida. Na altura, tinha dito que o general não parecia ser alguém que fizesse nada de grandioso e que devia haver algum tipo de truque sujo. Alguém tinha denunciado Geumbok. Os agentes continuaram a interrogá-lo sobre o que queria dizer com truque sujo. Geumbok estava exausto quando, por fim, regressou a casa. Tinha admitido tudo o que lhe tinham exigido e assinado uma declaração com milhares de páginas. Foi libertado graças aos políticos que conhecia e que o defenderam ativamente, mas o incidente deixou uma ferida profunda e irreparável no seu orgulho.

Depois disso, Geumbok estava sempre bêbedo. Bebia assim que acordava, e adormecia num estado de estupor. Mantinha-se afastado da solidão dos mortos, apoiando-se no poder da bebida. E foi assim que se viu obrigado a confiar ao Trapaceiro todos os seus negócios.

O Trapaceiro sabia reconhecer uma oportunidade. Era a sua hipótese de agir com base no seu ressentimento contra Geumbok e, ao mesmo tempo, mudar o seu destino. Pegou no dinheiro que Geumbok lhe deu para encher o reservatório da sua aldeia natal e, em vez disso, comprou terras em seu próprio nome. Falsificou os registos contabilísticos, subornou e desviou fundos. Aproveitou, da melhor forma possível, a situação que lhe caiu no colo.

Também revelou os seus sentimentos secretos em relação a Suryeon. Sempre que Geumbok não estava por perto, usava as suas belas palavras para conquistar Suryeon. Suryeon, que não era assim tão esperta, entregou-se à sedução obstinada do Trapaceiro. No momento em que o membro do Trapaceiro penetrou no seu interior, ela lembrou-se de como era estar com homens.

Depois de ter desviado uma boa quantia e com a mulher de

Geumbok nos braços, o Trapaceiro tornou-se mais audacioso. Expôs as fraquezas de Geumbok, criticou-o à frente dos empregados e, em pleno dia, frequentava estalagens de braço dado com Suryeon. Quando os empregados entravam no gabinete dele, Suryeon estava muitas vezes nua ao seu colo, ou ele estava com a cara enterrada entre as pernas dela, que tinha a saia levantada. Todos se sentiam desconfortáveis com o comportamento devasso do Trapaceiro, mas eram pagos para ficarem calados. Em condições normais, Geumbok teria notado que alguma coisa de muito errado estava a acontecer, mas estava tão cheio de álcool que não via as conspirações que se formavam à sua volta. Era a lei do álcool.

Geumbok foi ficando mais fraco de corpo e mente. Assustava-se com os mais pequenos sons. Não conseguia dormir e tinha olheiras escuras debaixo dos olhos. Bêbedo, procurava o belo corpo de Suryeon, mas ela nunca estava em casa. A vida dele estava cheia de buracos e vazava por todos os lados. O seu destino encaminhava-se a uma velocidade vertiginosa para o fim.

¹ Unidade de volume líquido, no sistema imperial. (*N. da T.*)

A noite anterior

NA PRIMAVERA SEGUINTE, Suryeon e o Trapaceiro desapareceram. Só passados três dias Geumbok se apercebeu de que eles tinham fugido juntos. O Trapaceiro já tinha feito tudo o que precisava de fazer. Os bens de Geumbok tinham sido desviados e, por isso, a sua situação financeira era caótica. Os salários não tinham sido pagos, os pagamentos atrasaram-se e as propriedades foram dadas como garantia. Credores que ele nem sequer conhecia exigiam pagamentos, e todas as suas empresas estavam à beira da falência. Geumbok chorava todas as noites, devastado pelo facto de Suryeon o ter deixado; nunca mais tinha chorado depois de se ter tornado homem. Apercebeu-se de que não tinha ninguém. Os mortos andavam à sua volta ainda mais freneticamente; Mun e as gémeas apareciam a toda a hora, as gémeas a acenar e a sorrir, montadas em *Jumbo*.

Um dia, o peixeiro apareceu, a sangrar da cabeça. Geumbok percebeu que ele já não estava entre os vivos. Tinha fugido na sua velha camioneta, mas não chegara à aldeia seguinte; ao descer uma encosta, os travões tinham falhado. Mesmo depois de morto, tresandava a peixe.

— Cheiras mal, apesar de estares morto — disse Geumbok.

— Podes crer. Não posso fazer nada quanto a isso. Se calhar, faz parte de quem eu sou — disse o peixeiro, a sorrir. Levou uma mão à ferida e desapareceu na escuridão.

Geumbok tentou descobrir onde tinha a sua vida corrido mal. Talvez tivesse começado no momento em que deixara a sua cidade natal na carrinha do peixeiro, com a grande lua cheia a pairar no céu. Tinha saudades desses tempos. Entretanto, o dia da maldição aproximava-se.

Uma coluna de fogo

O QUE TERÁ LEVADO CHUNHUI a, naquele dia, deixar a fábrica de tijolos e ir sozinha para Pyeongdae? Terá sido uma premonição especial de uma tragédia iminente que a atraiu para o cinema? Estaria com saudades da mãe, que não via há muito tempo? Era o fim de semana de estreia de um novo filme, e havia uma multidão em frente ao cinema. O oficial de justiça tinha colado avisos de penhora no cinema, mas a multidão não se importava que a propriedade mudasse de mãos, desde que houvesse um filme em exibição. O filme já tinha começado quando Chunhui entrou no cinema. O homem da bilheteira tinha-se afastado por um momento, por isso, ela pôde entrar livremente. Não havia ninguém nos corredores, pois estavam todos lá dentro, a assistir ao filme. Chunhui ficou no átrio, enquanto o público sustinha a respiração, aplaudia, suspirava e gritava à medida que o filme avançava. Era a lei do enredo, que satisfazia um consumismo obsceno.

Os lugares estavam todos preenchidos, e até havia pessoas sentadas nas coxias. O cinema estava a abarrotar. Sentia-se calor lá dentro, por causa de tantos corpos, como se o cinema fosse explodir se caísse uma faúlha. Geumbok também estava sentado; naqueles dias, ele vivia praticamente no cinema, para esquecer a sua dor. Ver filmes era o seu único prazer. O seu rosto estava corado, pois tinha estado a beber desde manhã, e sentia-se relaxado e sonolento. Para não adormecer, pegou num cigarro e pô-lo na boca. Não conseguia encontrar o isqueiro. Alguém lhe estendeu um isqueiro de prata nesse preciso momento. Geumbok voltou-se. Era o homem da cicatriz. Mesmo com a luz fraca, a cicatriz no seu rosto era bem visível.

Geumbok sorriu ligeiramente.

— Claro. És tu.

— Tornaste-te um homem, Naoko — disse o homem da cicatriz.

— Sim, tornei-me um homem, como tu.

O homem da cicatriz parecia triste.

— Eu não matei o Geokjeong. Ele é que se matou.

Geumbok acenou com a cabeça.

— Eu sei. Desculpa. Fiz-te uma coisa terrível. Por favor, agora vai-te embora e descansa.

Nesse momento, Chunhui avistou uma mulher velha e curvada a caminhar na sua direção, vinda do outro lado do corredor. Parava junto de cada porta de saída de emergência e trancava-a. Chunhui observou-a, pensando que lhe parecia familiar. A mulher fechou a última porta, mesmo em frente de Chunhui. Os olhos de ambas cruzaram-se. A mulher tinha a cara mais feia do mundo — era a velha que costumava vender comida para fora. Sorriu assustadoramente, revelando uns dentes pretos e podres. Era o tipo de sorriso que fazia a pele arrepiar-se. Chunhui olhou de relance para as saídas de emergência trancadas e voltou a olhar para a velha, mas ela tinha desaparecido.

Antes de o filme começar, as pessoas sentadas à volta de Geumbok tinham sentido um cheiro a gasolina. Na noite anterior, o projecionista, que dormia no cinema, tinha andado com um garrafão de gasolina para o aquecedor da sala de projeção, e tropeçara, derramando alguma no chão. Mas ninguém se preocupou muito com isso. Quando as luzes se apagaram e o filme começou a rodar, toda a gente se esqueceu do cheiro a gasolina.

Geumbok acendeu o isqueiro e olhou para trás, para o homem da cicatriz. Ele já se tinha ido embora. Antes de acender o cigarro, Geumbok deixou cair o isqueiro sem querer; estava bêbedo e não conseguia apanhá-lo. O isqueiro caiu no lugar à sua frente, que se incendiou. Algumas pessoas viram o fogo e tentaram apagá-lo, mas o fogo propagou-se para o assento ao lado. Estavam todos tão absortos que poucos se aperceberam do que estava a acontecer, até que alguém

gritou: «Fogo!» À medida que as chamas cresciam e o fumo acre se espalhava pelo cinema, as pessoas começaram a aperceber-se de que estava qualquer coisa a arder. Começaram a correr para as saídas, aos gritos, mas, por uma razão qualquer, as portas estavam trancadas do lado de fora. As chamas eram cada vez maiores, e o fumo enchia o cinema. Criou-se um enorme pandemónio. O público corria de um lado para o outro, à procura de uma saída, sufocando e gritando, empurrando e caindo, chamando pelos seus acompanhantes e pedindo ajuda. Havia pessoas a arder, a rebolarem-se no chão, na tentativa de apagar o fogo, enquanto outras fugiam delas; era a cena mais terrível do mundo, como se os oito infernos estivessem reunidos num só espaço.

Geumbok olhava, embriagado, para o ecrã, sentado no meio das chamas. Mesmo quando as chamas chegaram ao teto, o filme continuou. Geumbok, que tinha andado a fugir da morte toda a vida, apercebeu-se de que tinha finalmente chegado a sua hora. Os rostos dos mortos passaram rapidamente pelo ecrã. Instintivamente, recordou-se do rosto da filha, Chunhui. Estaria ela ainda a fazer tijolos na fábrica? Sentiu um profundo arrependimento por tê-la negligenciado, por nunca a ter abraçado. Agora era demasiado tarde. As lágrimas caíam-lhe abundantemente pelo rosto.

O ecrã começou a arder. Geumbok viu desaparecer diante dos seus olhos o grande feito que ele, uma rapariga pobre, vinda de uma aldeia na montanha, tinha alcançado. Sentia-se cada vez mais quente. O pôr do sol solitário da sua terra natal encheu a sala. A aldeia parecia pacífica sob o brilho do pôr do sol vermelho. Não havia a mais pequena brisa na colina e estava tudo estranhamente calmo. Era realmente uma bela visão.

No momento em que o ecrã ardeu e desapareceu, desapareceram também a paixão e as emoções impetuosas, a confusão e a ignorância insensatas, a sorte e os mal-entendidos inacreditáveis, o homicídio horrível e os anos de deambulação, o desejo e o ódio vis, as transformações e contradições estranhas e a esbaforida montanha-russa da glória e da vergonha. Desapareceram instantaneamente,

como uma bolha de sabão a rebentar, juntamente com a enorme vida dele, ou talvez dela, que tinha sido cheia de uma inexplicável complexidade e ironia.

III

A Fábrica de Tijolos



A pirómana

ELA NÃO CONSEGUE RESPIRAR. Tem os olhos a arder. As chamas crescem. O fumo tóxico enche-lhe o nariz. Ouve gritos horríveis. O fumo negro tapa-lhe o campo de visão. As colunas desmoronam-se. Voam faíscas. Não consegue ver. Uma coluna de fogo queima o céu. O teto desaba. As chamas dominam-na. Abre os olhos. Tem frio. Ao longo da parede, estão desenhadas sombras de barras de ferro, como uma rede. Alguém chora baixinho na escuridão. Ouvem-se, ao longe, os passos de um guarda. Alguém está a ameaçar a pessoa que chora. Ela encolhe-se. O choro acaba. Fecha os olhos. Os passos afastam-se. Instala-se um silêncio sepulcral. Pouco depois, Chunhui volta a adormecer.

O que ficou para trás, depois do incêndio, foi verdadeiramente horrível. Morreram, no cinema, oitocentas pessoas. O mercado ao lado ardeu e as perdas foram astronómicas. Não seria exagero dizer que metade de Pyeongdae ardeu. Foi a pior catástrofe desde a guerra.

Poucos dias depois do incêndio, chegou uma equipa de investigação do governo. Grande parte da cidade tinha ardido. Outrora em plena expansão, Pyeongdae era agora uma cidade de morte. As ruínas fumegantes dos edifícios e a carapaça negra do cinema eram a prova de quão terrível tinha sido o incêndio daquele dia. Um fumo espesso cobria a cidade e o cheiro dos corpos em decomposição pairava nas ruas. Ouviam-se lamentos vindos de todas as casas e havia cadáveres queimados por todo o lado, atraindo nuvens de moscas. Os investigadores tiveram de tapar os olhos e os ouvidos perante aquela cena terrível.

Quando Chunhui regressou a Nambaran, a fábrica de tijolos estava

vazia. Os trabalhadores, que não recebiam salários há meses, tinham-se ido embora quando souberam do incêndio. Ela estava sozinha na fábrica. As noites no vale eram calmas. Apesar de ter passado a vida no seu próprio mundo, Chunhui estava habituada a estar entre outras pessoas, e agora estava com dificuldade em estar verdadeiramente isolada pela primeira vez na vida. E tinha fome. Não restava nem um único grão de arroz no pote do arroz. Como sempre, não compreendia bem o que tinha acontecido à sua volta. Pensou nas pessoas que tinham desaparecido, uma a uma. Geumbok e Mun, *Jumbo* e as gémeas, o peixeiro e a mulher zarolha, os trabalhadores da fábrica...

Chunhui acabou por perceber que estava sozinha. Ouviu o apito do comboio que passava ao longe. Fora isso que a trouxera inicialmente a Pyeongdae. Lembrou-se de que havia outros mundos para além de Pyeongdae, onde estavam o estábulo e o café. Talvez as gémeas estivessem lá, a gerir o café delas. Talvez o comboio a levasse outra vez a algum lado.

A polícia concentrou-se em Chunhui como suspeita do incêndio. Era a única sobrevivente, e várias testemunhas tinham-na visto a sair por entre as chamas, naquele dia. Além disso, tinha um motivo. A teoria dos investigadores era que ela tinha iniciado um incêndio criminoso para se vingar dos pais, que a tinham negligenciado e abandonado numa fábrica de tijolos remota. A polícia foi enviada à fábrica de tijolos, mas ela não estava lá. Não estava lá ninguém; havia apenas tijolos parcialmente feitos espalhados.

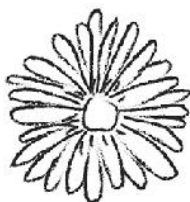
Aquela hora, Chunhui estava na estação de comboios. Mas não tinha uma única moeda no bolso e, mesmo que tivesse algum dinheiro, não saberia como comprar um bilhete de comboio. O comboio parou, e ela hesitava. Os passageiros dirigiram-se para os torniquetes, e Chunhui seguiu-os. Um empregado da estação deteve-a. Chunhui ficou parada, com um ar confuso, enquanto o comboio apitava para assinalar a partida. Ela deu um empurrão ao funcionário da estação e correu em direção ao comboio, mas quando conseguiu passar os torniquetes, o comboio já estava longe. Correu atrás dele, mas tropeçou numa pedra e caiu. O comboio já estava a desaparecer

na curva. Levantou-se e viu uma dúzia de polícias à sua volta, de armas em punho.

A polícia ficou surpreendida com o facto de Chunhui ser filha de Geumbok, a dona do cinema, por ser tão gorda e tão pouco atraente, tão diferente da mãe. Não sabiam o que fazer, pois a incendiária não conseguia falar e parecia não compreender o que se estava a passar. O próprio facto de a suspeita não conseguir falar tornou a investigação extremamente difícil. Por muito que a interrogassem e ameaçassem, ela limitava-se a olhar para o ar, sem responder.

Durante algum tempo, exploraram a opção de ensinar Chunhui a falar. Na altura, porém, tudo o que demorasse muito tempo era considerado uma perda de tempo, independentemente do que fosse, por isso, desistiram dessa tentativa. Mas não podiam simplesmente deixar uma criminosa ir embora por ela não conseguir falar. Mantiveram-na na prisão e continuaram a interrogá-la, insistentemente; alguém tinha de pagar pelo crime. Depressa descobriram que Chunhui tinha incendiado o café alguns anos antes. Ficaram convencidos de que Chunhui era a incendiária, e acusaram-na.

Quando o interrogatório terminou, a polícia preparou uma declaração com centenas de páginas e exigiu que ela assinasse. Ela não sabia pegar num lápis, por isso, a polícia teve de lhe agarrar a mão para ela pegar no lápis. Apontaram para a linha da assinatura e disseram-lhe que escrevesse o que quisesse. Enquanto esperavam impacientemente, Chunhui desviou o olhar do lápis para o papel e começou a desenhar qualquer coisa. Sob o olhar do polícia, ela desenhou uma coisa, cuidadosamente, com muitos pormenores e concentrando-se muito. Empurrou o papel na direcção do polícia. O que ela tinha desenhado era isto:



O polícia que pegou na folha de papel examinou-a durante algum

tempo e inclinou a cabeça.

— É estranho. Como é que uma assassina a sangue-frio consegue desenhar uma coisa tão bonita?

O agente que estava ao seu lado também olhou para o desenho.

— Não sabias? Os assassinos são mais gentis do que as outras pessoas.

— Mas que flor é esta?

— Não sei. Talvez um girassol?

— Não é demasiado pequena para ser um girassol?

— Acho que sim.

Não era um girassol. Nesse dia, Chunhui tinha desenhado cuidadosamente uma das margaridas que cobriam a área à volta da fábrica de tijolos. Não sabemos por que razão a desenhou na linha da assinatura, mas talvez a tenha desenhado porque as margaridas eram, para ela, as coisas mais amistosas que conhecia, desde que as vira do comboio, na sua viagem para Pyeongdae, em criança. A polícia ficou satisfeita com o desenho, apesar de não parecer uma assinatura, e deu por encerrado o longo processo de interrogatório.

A polícia meteu Chunhui num comboio e levou-a para uma grande cidade. Era lá que seria julgada, no tribunal. Ela olhou pela janela, lembrando-se de como tinha chegado a Pyeongdae com a mãe, de comboio. A paisagem — o céu vasto, os sulcos castanho-avermelhados nos campos, as margaridas que floresciam junto aos carris — continuava a ser igual. Lembrava-se claramente de tudo da viagem para Pyeongdae. Foi assim que Chunhui deixou Pyeongdae — algemada — pela primeira vez desde que chegara, a agarrar a mão de Geumbok.

Compreenderia Chunhui a tragédia em que estava envolvida? Seria o seu corpo apenas a raiz de todo o sofrimento, uma forma de castigo divino de que ela nunca poderia libertar-se? Como era a sua alma, presa dentro do seu grande corpo? Até que ponto compreendia ela a discriminação e a indiferença, ou a hostilidade e a repulsa com que era olhada? Se algum de vós, caros leitores, tem curiosidade sobre estes aspetos da vida dela, isso significa que tem talento para se tornar

um contador de histórias, porque as histórias são uma exploração de uma vida cheia de injustiças. Não é simples responder a nenhuma destas perguntas. Só os que têm falsas intenções tentam explicar o mundo em termos simples, procurando definir tudo em uma ou duas linhas, como, por exemplo:

Todas as pessoas são iguais aos olhos da lei.

Chunhui não foi tratada com igualdade. A juíza, uma das primeiras juízas do país, chegou a uma conclusão imediata, no momento em que viu Chunhui. «Nenhuma mulher é assim. Isto não é um ser humano. Isto é um monstro.» Sentiu vergonha como ser humano e desprezo como mulher. Sentiu uma forte e irracional animosidade contra Chunhui. Sem sequer saber do que era ela acusada, levantou-se e abandonou a sala de audiências, anunciando que não podia julgar um monstro.

A juíza era filha de um homem muito rico e tinha estudado no Japão, o que a tornava alvo da inveja de muitas mulheres, mas era infeliz por causa dos devaneios do marido. A sua raiva e desejo de vingança eram, por vezes, dirigidos aos arguidos no tribunal. Embora fosse inteligente, tinha tanto encanto como uma pedra à beira do rio, e escondia um segredo terrível sob as suas vestes solenes de juíza: cicatrizes horríveis, autoinfligidas, por se cortar durante a noite, que resultavam dos ciúmes que sentia das mulheres mais novas com que o marido andava. Em todos os crimes que tinha de julgar, eram o marido e as mulheres dele quem ela julgava. Consequentemente, as suas decisões em tribunal eram duras, ainda mais quando as arguidas eram mulheres jovens. Condenou a prisão perpétua uma mulher que roubou um lenço de uns grandes armazéns e condenou à morte outra que cometeu adultério. E como eram possíveis estes vereditos irracionais, perguntam vocês? Tal como Chunhui esteve detida durante doze anos sem ser julgada, na altura não era assim tão raro assistir a este tipo de vereditos. Os tribunais eram apenas um palco onde se brincava com o destino dos arguidos. Nada tinham a ver com justiça.

Prisão

AQUELE SÍTIO ERA UM MUNDO DIFERENTE. Paredes vermelhas, arame farpado afiado, um armazém de genes recessivos, onde se tonificavam os músculos e se aprendia a usar uma lâmina, uma escola do crime, onde um rapaz assustado se transformava num animal selvagem e um jovem num velho cordeirinho, onde se matava uma pessoa por causa de um simples cigarro, onde se cagava numa lata de tinta e se aprendia o que era sodomia, e onde o tempo parava. A prisão. Chunhui desceu do veículo de transporte com os outros prisioneiros e viu as seguintes palavras escritas na fachada do edifício:

*Não estás a ser castigado
Estás a ser guiado para o Bem*

A princípio, Chunhui pensou que estava noutra fábrica de tijolos, porque via tijolos vermelhos à sua volta. É claro que ela não conhecia a ideia de prisão. Achou estranho o facto de não ver nenhum forno. Outra coisa curiosa: aquela fábrica de tijolos estava cheia de mulheres. Só depois de ter sido fechada numa cela com oito prisioneiras percebeu que não era uma fábrica de tijolos. As reclusas ficaram imediatamente intimidadas com o tamanho e o comportamento rude de Chunhui. Evitaram-na e afastaram-se para o lado, para lhe dar lugar. Mas uma mulher, que tinha sido dona de um bordel, não se deixou intimidar. Começara como prostituta e foi trabalhando até se tornar dona de um bordel. Acabou por discutir com um cliente bêbedo e empurrou-o com demasiada força, o que o fez bater com a cabeça na parede. Ele morreu, e foi por isso que ela foi presa. Assim que viu Chunhui, gritou num tom que mostrava que ainda agia como madame: «Põe-te no teu lugar, cabra. És nova aqui! Porque é que estás aí parada?»

Chunhui, claro, não respondeu.

Contra a sua vontade, a madame sentiu-se um pouco intimidada. Pela sua experiência, as pessoas caladas eram mais assustadoras do que as faladoras. Mas agora ela não podia recuar.

— Tens uma picha no ouvido? Não me estás a ouvir?

Deu uma bofetada na cara de Chunhui, com toda a força que tinha.

Mas como Chunhui tinha o dobro do seu tamanho, é claro que isso não teve qualquer efeito. Sem perceber por que razão tinha sido esbofetada, Chunhui ficou a olhar para a madame, perplexa. Para as outras, parecia que ela estava a olhar de forma intimidatória. A madame não conseguiu evitar e começou a tremer. Qualquer outra mulher que levasse uma bofetada daquelas teria tapado a cara e desatado a chorar, mas a forma como Chunhui olhava para ela, impávida e serena, era a prova de que não era uma criminosa qualquer. Então, a madame recuou.

— Está bem. Como é o teu primeiro dia, vamos deixar as coisas por aqui. Mas, se mijares fora do penico, estás morta. — Virou-se para as outras. — Ela é a número dois, perceberam?

As outras afastaram-se rapidamente, para dar lugar a Chunhui, ao lado da madame. Chunhui ficou ali parada, durante algum tempo, até perceber que aquele era o lugar que lhe estava destinado; aproximou-se da madame e sentou-se ao lado dela. Foi assim que Chunhui se tornou a segunda na linha de comando da cela.

A sua cela albergava todo o tipo de criminosas, desde a enfermeira que cortou com um bisturi a carótida do amante que a tinha abandonado, à jovem solteira que deu à luz numa casa de banho e deitou o bebé na sanita, à dona de casa que envenenou as duas filhas e o marido com uma refeição com cianeto, à adúltera que passou vinte anos a viver entre duas casas e teve oito filhos do amante, à mulher que escolhia viúvos solitários, para os enganar. A pequena cela nunca estava sossegada. A jovem solteira passava as noites a chorar debaixo dos cobertores, e não deixava as outras dormirem, o que levou a enfermeira a ameaçar matá-la se não parasse com aquilo.

— Conheço dezenas de maneiras de matar uma pessoa. Tenho todo o conhecimento médico de que preciso.

Isso aterrorizou a rapariga, que não sabia quando a enfermeira

poderia matá-la. A enfermeira disse que, do ponto de vista médico, um ser humano era tão frágil como um grande balão de água cheio de sangue. Acariciou o pescoço macio da rapariga e sussurrou:

— O que significa que posso rebentar um balão com uma unha comprida. Percebes o que estou a dizer, bebé chorão?

Era sempre a madame quem defendia a rapariga. Estava a recrutar prostitutas para contratar, quando fosse libertada, e tinha a rapariga debaixo de olho. A madame contava histórias de que o trabalho era ótimo, que se podia ganhar muito dinheiro e gozar a vida, e isso despertava o interesse das prisioneiras que tinham chegado a um beco sem saída nas suas vidas.

— Como rapariga, já és uma prostituta. Sobrevivemos a abrir as pernas para os homens. A única diferença de trabalhos por minha conta é abrires as pernas para muitos homens. Mas podes desfrutar de um estilo de vida livre porque não tens de estar presa a um único homem.

A madame insistia em que mudar a forma como se pensava sobre as coisas permitia ganhar liberdade. Mas ela própria cheirava sempre mal, com as partes íntimas a apodrecer devido às doenças contraídas por se deitar com um sem-fim de homens. No seu caderno secreto, mantinha uma lista de raparigas que prometiam trabalhar para ela, mais tarde — quase metade da população prisional. Se tivesse conseguido abrir um bordel depois de ser libertada, teria tido muito sucesso, mas a vida não foi assim. Nesse outono, sem nunca ter podido utilizar o seu caderno secreto, foi enforcada. Ao carrasco que lhe perguntou se tinha uma última palavra a dizer, murmurou: «Parvalhões. Agora já não têm buracos para foderem.»

Entretanto, a Cianeto passava a vida a varrer e a limpar a cela, dizendo filosoficamente:

— A vida é varrer o pó que se vai acumulando.

E, com isso, confundia as prisioneiras, que eram na sua maioria ignorantes. Nunca explicou porque é que envenenou a família. Poucos dias antes de ser executada, murmurou para si mesma: «O que lhes aconteceu não foi assim tão mau.»

A vigarista dos viúvos solitários e a adúltera discutiam sobre qual dos dois crimes era pior, o que acabava sempre com as duas a lutar e a puxar os cabelos uma da outra, insistindo a primeira que, apesar de ambas terem usado os homens em proveito próprio, pelo menos ela não tinha dado à luz filhos bastardos, e a segunda, que tinha tido filhos de um homem que amava e que o dinheiro não era o objetivo, como era para a vigarista. A madame interrompia as discussões, dizendo que eram as duas umas pestes. Por fim, as reclusas descobriram que Chunhui não sabia falar e que não era muito inteligente, o que a empurrou para o fundo da hierarquia. Era a lei das celas da prisão.

Um dia, a enfermeira declarou, apontando para Chunhui:

— Se alguém deve ser enforcado primeiro, é aquela cabra muda. É uma assassina terrível.

E contou a todas que Chunhui tinha matado quase mil pessoas. Um familiar distante dela tinha sido uma das pessoas que tinham morrido no incêndio do cinema. Na altura em que ouviu essa história, Chunhui sentou-se acidentalmente na bola de arroz da enfermeira e esmagou-a. Chunhui tentou tirar o arroz do chão, com um ar de quem pedia desculpa. A enfermeira abanou o dedo.

— Tarde demais. Agora és uma mulher morta.

A partir desse momento, a hostilidade da enfermeira voltou-se da jovem solteira para Chunhui. Assumiu, em frente das outras, que um dia mataria Chunhui com as suas próprias mãos, usando o mais terrível de todos os métodos. Nunca revelou que método seria esse. Avisou as outras reclusas para não se admirarem se acordassem uma manhã e encontrassem Chunhui morta.

Embora estivesse no fundo da hierarquia, Chunhui não se importava com a vida na prisão. Quando se habituou a uma vida regrada de acordar a uma certa hora, comer a uma certa hora e trabalhar sem um único dia de descanso, tornou-se uma prisioneira exemplar. A princípio, atraía o interesse devido ao seu tamanho, mas as pessoas acabaram por deixar de lhe prestar atenção; não sabia contar histórias e, para além de ser invulgarmente grande, não era

assim tão interessante. Quando voltou a atrair a atenção das pessoas foi por causa da sua força impressionante.

Chunhui foi enviada num camião, com outras reclusas, para trabalhar fora da prisão. Normalmente, uma prisioneira que estivesse a aguardar julgamento era excluída do trabalho obrigatório, mas, seguindo a ordem do diretor de não alimentar quem não trabalhasse, foram todas destacadas para o trabalho de expansão da estrada. Era um trabalho difícil para muitas mulheres, mas o diretor acreditava que homens e mulheres eram fisicamente iguais. Foram deixadas no local de trabalho, foram-lhes distribuídas pás e picaretas e mandaram-nas trabalhar. As mulheres, que nunca tinham pegado numa pá, suavam sob o sol quente do meio-dia. Os guardas masculinos ficavam em redor, armados, a observar as reclusas. Apreciavam as silhuetas das mulheres, que se revelavam à medida que elas suavam mais, e trocavam piadas entre eles.

O avanço dos trabalhos foi interrompido por um pedregulho que se projetava no meio da estrada. Começaram a escavar à volta dele, mas o pedregulho revelou ser uma rocha enorme. Uma dúzia de reclusas empurrou-a, mas ela não se mexeu, como se estivesse enraizada no chão. Não sabiam o que fazer. Não podiam construir a estrada à volta da rocha, e não tinham nada que as ajudasse a rebentá-la.

Chunhui, que tinha estado a observar de lado, aproximou-se e meteu o ombro debaixo da pedra. Todos olharam para ela com curiosidade. Quando Chunhui fez força, a rocha inclinou-se e começou a mover-se. As reclusas aplaudiram. Chunhui apoiou-se no chão e empurrou, e a rocha rolou para o lado. Ficaram todas de boca aberta com a força de Chunhui. Mas isso não foi tudo.

Enquanto as reclusas a rodeavam, batendo palmas e elogiando-a, o camião, que estava estacionado no topo da colina, começou a descer. Foi ganhando velocidade, descendo em direção ao local onde as reclusas se encontravam. Dispersaram todas, aos gritos. Mas, por alguma razão, Chunhui preparou-se e manteve-se no lugar, tal como o seu pai tinha feito, quando confrontado com os troncos a caírem. Todas gritaram, imaginando o pior, e desviaram os olhos. Mas foi então que uma coisa inacreditável aconteceu. O camião bateu em Chunhui e parou instantaneamente, com um grande estrondo.

Chunhui não tinha um único arranhão. As reclusas aplaudiram a sua força sobre-humana. Chunhui tornou-se a heroína da prisão. Ninguém sabia que a sua vida se tornaria um inferno por causa da sua força.

O diretor da prisão era um homem muito complexo. Era um pioneiro da penologia, uma autoridade em medicina correcional e criador de vários programas correcionais. Era um antropólogo físico respeitado, um pervertido perigoso, um cristão devoto e, acima de tudo, um defensor da eugenia. Entre as suas convicções firmes estava a crença de que havia um gene especial que causava a criminalidade nos criminosos e que as pessoas cometiam crimes não por estarem numa situação que as levava a fazê-lo, mas porque tinham nascido assim. O diretor referia-se a essas pessoas como «lixo». Para ele, prender criminosos era a mesma coisa que «limpar» ou «separar o lixo», e a prisão onde estavam detidos era uma «lixreira». Tendo servido durante muito tempo no exército sob o comando do general, acreditava que Deus e o general lhe tinham conferido uma vocação especial para se encarregar do lixo descartado pela sociedade.

Sentava-se sempre num local secreto, por baixo da força, tapado por um cortinado, a observar o processo de «incineração», ou seja, as execuções. Esses momentos pareciam ser para ele uma fonte intensa de prazer. Quando a corda era enrolada à volta do pescoço do prisioneiro, ele já estava excitado, e o pénis endurecia-se como se fosse rebentar as calças. Quando o prisioneiro subia para a força, baixava as calças para se tocar, e quando o chão se abria e o prisioneiro ficava a dar pontapés e a contorcer-se, ele precipitava-se para o clímax. Não permitia que o carrasco encapuzasse o prisioneiro, para poder ver claramente o rosto contorcido do moribundo. Ninguém, além do carrasco, sabia que o diretor assistia às execuções nem que elas eram para ele uma fonte de prazer perverso e sombrio.

Entretanto, o diretor ia pondo em prática a vocação, que lhe tinha sido dada por Deus, para melhorar as aptidões genéticas da humanidade, executando trabalhos que não eram da sua competência,

nomeadamente, a esterilização dos reclusos. Fazia vasectomias à força em prisioneiros do sexo masculino e mandava atar as trompas de Falópio das prisioneiras; assim, já não podiam continuar a espalhar a semente do crime pelo mundo. Chamava a isso «recuperação». É claro que isso era ilegal, pois violava os direitos dos reclusos, mas a prática era um segredo conhecido de todos dentro da prisão. As cirurgias eram realizadas em novos prisioneiros, no último domingo de cada mês, depois do culto. Acontecia o mesmo aos que aguardavam julgamento e ainda não tinham sido condenados. Mas o diretor nunca sentiu qualquer culpa. Acreditava que os rebentos do crime deviam ser eliminados em tenra idade. Era a lei das crenças.

Um mês depois de Chunhui ter chegado à prisão, foi confrontada com a esterilização. Depois do culto, apenas as novas reclusas permaneciam no pátio da prisão e eram, depois, transferidas para um armazém. Aquelas que já tinham ouvido falar das esterilizações lutavam, revoltavam-se, mas eram subjugadas com espancamentos. Chunhui seguiu o guarda até ao armazém, sem entender o que estava a acontecer. O armazém estava sujo e, por isso, as reclusas apanhavam infeções e algumas morriam. Juntamente com as outras prisioneiras, Chunhui despiu-se e esperou pela sua vez, num corredor. As operações eram feitas sem anestesia. Ouviam gritos desesperados, vindos do interior, que faziam os corações delas quase parar, de medo.

Quando chegou a vez de Chunhui, ela entrou e os guardas soltaram um grito de espanto. Deitaram-na na mesa de operações. Ela ainda não percebia o que estava a acontecer, mas, instintivamente, sentia medo e relutância. Um guarda pegou num bisturi ensanguentado e estava prestes a cortar o abdómen de Chunhui quando o diretor entrou. Viu Chunhui deitada na mesa de operações. Mandou o guarda parar e ordenou a Chunhui que se levantasse. Estudou o tamanho e a estrutura óssea de Chunhui, com curiosidade.

— Incrível. Esta rapariga não mostra qualquer evidência de centenas de anos de evolução. Olhem para esta mandíbula. Estes grandes maxilares desapareceram há trezentos anos. E a forma deste crânio! Só se vê isto nas múmias. — Estalou os lábios, entusiasmado. — Adorava conservá-la em álcool. Ela é um espécime invulgar. É uma espécie de antiguidade muito cara. — Olhou-a de cima a baixo. —

Vamos precisar de um frasco de vidro enorme. O maior frasco possível.

Chunhui conseguiu evitar a esterilização graças ao olho perspicaz do diretor e aos seus conhecimentos de antropologia física. O diretor decidiu que não se podia adular uma antiguidade. Mas ninguém sabia o que isso representou para Chunhui, pois ela acabou por deixar este mundo sem nunca ter transmitido os seus genes.

Antes de sair do armazém, o diretor olhou Chunhui de cima a baixo, uma vez mais, e comentou: «Ela parece uma Berkshire.» A palavra designava uma região da Grã-Bretanha, bem como uma raça suína originária dessa zona. A partir daí, Chunhui passou a ser conhecida como Berkshire. Alguns anos mais tarde, quando as violações do diretor foram expostas pelo trabalho de uma organização de direitos humanos, o general recebeu um relatório. Mas riu-se e defendeu o diretor, dizendo: «Aquele tipo é sempre tão consciencioso. É esse o problema dele. Não há nada de errado nisso. Seja qual for o resultado, é bom uma pessoa ser conscienciosa.»

O diretor continuou a «incinerar» e a «enterrar» o lixo até se reformar e passar a receber uma pensão até morrer, aos 82 anos.

Berkshire

O BLOCO DAS MULHERES era separado do bloco dos homens por um muro. Enquanto os guardas que se encontravam no bloco das mulheres podiam olhar para elas sempre que quisessem e escolher qualquer uma que lhes agradasse para se divertirem, a zona dos homens era tensa e brutal. Era aí que os guardas tinham inventado a sua própria atividade especial: torneios de combate corpo a corpo, que se realizavam todos os sábados à noite.

Depois do jantar, os guardas reuniam-se num recinto que tinham criado no armazém adjacente ao pátio. Escolhiam, para a competição, os reclusos mais fortes e mais brutos. Cada um deles era propriedade de um guarda, que o seleccionava e treinava. Um atleta era tratado com uma consideração especial; era dispensado de todas as obrigações laborais e recebia refeições especiais e melhoradas. Alguns guardas até lhes davam ervas medicinais revigorantes ou um afrodisíaco dado aos porcos para o acasalamento, tudo para lhes aumentar a resistência e o espírito de luta.

Cuidavam tão bem dos atletas por causa do enorme pote de dinheiro que estava em jogo. Participavam tanto os guardas do lado masculino como do lado feminino, pelo que a parada era alta. Com um bom atleta, um guarda podia ganhar, numa única semana, uma soma equivalente a vários anos do seu salário. Por isso, os guardas disputavam entre si qualquer novo recluso promissor.

A única regra do torneio era não existirem regras. O tempo de competição era ilimitado. Desde que não se usasse uma arma, era indiferente morder o pescoço do adversário ou arrancar-lhe um olho, partir-lhe um braço ou asfixiá-lo até à morte. De facto, quanto mais violento e cruel fosse o combate, mais frenético e entusiasta era o público. E em cada luta, o sangue jorrava, os ossos estilhaçavam-se e a carne rasgava-se. Vários morriam ou ficavam mutilados. Mesmo assim,

muitos reclusos queriam competir. Os vencedores recebiam recompensas com que outros reclusos nem se atreviam a sonhar — melhor comida, a possibilidade de dormir a sesta o tempo que quisessem nas suas celas, cigarros — e a recompensa mais cobiçada: uma reclusa jovem e bonita.

Antes do jogo, o guarda levava o seu atleta até ao muro que separava os blocos masculino e feminino, para lhe mostrar as mulheres que andavam pelo pátio. Os reclusos, que durante anos não tinham podido tocar nem na sombra de uma mulher, ficavam excitados e deliciados com os odores femininos que pairavam na brisa. O guarda incitava o atleta a escolher uma mulher, e os reclusos punham a vida em risco só para poderem pôr os braços à volta de uma jovem. Aquela pequena espreitadela alimentava-lhes o espírito competitivo. Era assim que as coisas aconteciam.

Era ilegal e extremamente desumano, mas ninguém intervinha para acabar com a emoção do ilícito, nas noites de sábado. O próprio diretor sabia do jogo, mas fazia vista grossa para levantar o moral dos guardas. Assim, desde que nada de especial acontecesse, a competição de morte e loucura continuava todos os sábados.

No dia em que Chunhui empurrou a pedra para o lado e parou o camião, estava presente um guarda que tinha a alcunha de Joaninha, por ter uns sinais grandes na cara e um físico pequeno. O seu aspeto feio e o seu comportamento desagradável tinham-no perseguido na juventude, e, na puberdade, ele enchera-se de ódio e confusão; depois disso, tornara-se um homem frio e árido, tal como o gelo. Tinha uma personalidade passiva e passava despercebido, como uma joaninha. Por isso, não chamava a atenção dos guardas, o que disfarçava o seu forte desejo de poder e a sua forma cruel de converter a dor alheia no seu próprio prazer.

Apesar de parecer educado e palerma, um dia, bateu brutalmente numa reclusa que estava a fazer barulho no refeitório, revelando, assim, a sua crueldade oculta. Partiu-lhe todos os dentes, à exceção de dois, partiu-lhe o nariz e o maxilar, e ela ficou com dores terríveis devido às lesões nos nervos, até acabar por se enforcar nas grades da

janela, quatro dias depois. Como a maioria das agressões na prisão, o incidente foi enterrado sem investigação ou censura. O Joanhinha dizia frequentemente a outro guarda, seu amigo: «Gosto que as pessoas tenham medo de mim. Faz-me sentir importante.»

Então, naquele dia, quando testemunhou a força sobre-humana de Chunhui, teve uma ideia. Ia pôr Chunhui nos combates corpo a corpo. Os guardas da zona dos homens invejavam as regalias dos seus colegas da zona das mulheres, mas também os tratavam com desprezo. Consideravam os guardas da zona das mulheres como dândis, que limpavam o rabo às prostitutas. O Joanhinha queria vingar-se disso. Ao almoço, anunciou que iria inscrever uma prisioneira no concurso, e os outros guardas ficaram a olhar para ele antes de desatarem a rir. Gozaram com ele, dizendo que devia andar a cheirar as mulheres há tanto tempo que tinha enlouquecido. Mas o Joanhinha não se deixou impressionar. «Gozem comigo o que quiserem. Mas comecem por apostar se estou louco ou não.»

A notícia de que Chunhui ia entrar no combate espalhou-se instantaneamente pela prisão. A companheira de cela de Chunhui, a antiga madame, cerrou os punhos quando aquilo lhe chegou aos ouvidos.

— Ótimo. Vai e arranca-lhes a picha à dentada. É a tua oportunidade de os mandar para o Inferno.

A enfermeira teve uma reação diferente.

— Será melhor se fores espancada até à morte durante a luta. Eu mato-te, mesmo que sobrevivias. E será mais doloroso do que morrer na arena.

Chunhui acordou no sábado de manhã, sem compreender que ia a entrar numa competição perigosa. O Joanhinha levou Chunhui para a casa de banho e disse-lhe:

— Apostei todo o dinheiro que ganhei em ti, sua cabra. Se perderes, vou perder tudo o que tenho. E então terei de te matar. Nenhum de nós quer isso, pois não? Por isso, faz o que for preciso para ganhar. Percebeste?

Claro que era impossível Chunhui perceber o Joanhinha. Nervoso

com a falta de compreensão de Chunhui, o Joaninha decidiu ensinar-lhe um movimento.

— Ouve bem, Berkshire. És burra e lenta, mas o que tens a teu favor é a tua força. Ganhas se conseguires agarrar o outro gajo. Por isso, assim que tiveres oportunidade, acaba com ele.

Ensinou-lhe um movimento brutal, que tinha aprendido por ser um homem pequeno, que passara a vida a lidar com homens maiores.

— Vê com atenção. Primeiro, agarras o gajo pela cabeça, vira-la de lado e dás-lhe um murro na têmpora. Por mais forte que ele seja, vai perder os sentidos durante um segundo. Antes de ele conseguir recompor-se, segura-lo pela cabeça e mordes-lhe e rasgas-lhe a cara com os dentes. As pessoas dão muita importância à cara. Quando ele se aperceber de que já não tem nariz, o seu espírito de luta vai desaparecer. Percebeste, Berkshire?

O Joaninha demonstrou o movimento, para mostrar o seu ponto de vista. Chunhui acenou com a cabeça e sorriu. Satisfeito, o Joaninha deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Ótimo. Vais dar-me muito dinheiro a ganhar. Faz isso, e deixo-te divertires-te tanto quanto quiseses com os rapazes, até ficares com o rabo em carne viva.

A luta foi um sucesso enorme. Ao saberem que, pela primeira vez na história do combate, seria uma batalha entre sexos, os guardas dirigiram-se cedo para o armazém. Várias centenas de guardas apostaram; havia uma soma enorme dentro do pote. Para além dos poucos guardas que tinham visto Chunhui parar o camião, todos apostaram no prisioneiro masculino. Se tivessem sorte e Chunhui vencesse, o Joaninha ganharia uma verdadeira fortuna. A maioria dos guardas acreditava que a batalha dos sexos acabaria rapidamente, mas, mesmo assim, o ambiente no armazém era de euforia. Em parte porque o adversário de Chunhui era o Estucador, um assassino aterrador.

Tratava-se de um assassino em série que tinha apavorado o mundo. Chamavam-lhe o Estucador porque punha os corpos das suas vítimas em armários e rebocava-os com betão. A polícia encontrou vinte e

cinco corpos nas paredes da casa dele, quando o prendeu, incluindo mulheres e crianças. Era um brutamontes sanguinário enorme, com a força de um urso; quando tinha de ser transportado, mesmo que fosse por uma curta distância, punham-lhe uma mordaça na boca, prendiam-lhe os braços com grossas correntes e imobilizavam-lhe o corpo com um colete de forças. Chegou ao recinto ladeado por seguranças armados, e o público aplaudiu. Já tinha demonstrado a sua brutalidade em várias competições e nunca tinha desiludido o público. Era por isso que ninguém queria lutar com ele; já há alguns meses que não podia participar nos jogos. Mas o Joaninha escolheu ousadamente o Estucador para Chunhui. O público esperava uma vitória fácil e unilateral, e deixou-se levar por um sadismo febril, antecipando a violação cruel de uma reclusa. Todos os tipos de cenas brutais e eróticas passavam pelas mentes deles.

Chunhui chegou com o Joaninha; era a primeira prisioneira a pisar o recinto. O público ficou desiludido quando viu que o aspeto dela era diferente do que esperavam, mas ficou animado com o seu tamanho invulgar. Esperavam ver alguma coisa memorável. Os dois atletas sentaram-se em lados opostos do recinto, a olhar um para o outro. Só então o Estucador se apercebeu de que ia lutar com uma mulher.

— Estás a dizer-me para lutar com aquela cabra? — resmungou para o guarda dele. — Ou estás a dizer para eu a foder?

A multidão desatou a rir. Só Chunhui e o Joaninha não se riram. O Joaninha sussurrou ao ouvido de Chunhui: «Olha para o nariz daquele gajo, Berkshire. É aquilo que vais arrancar à dentada.»

Quando a luta começou, o Estucador correu para Chunhui como se fosse um urso a avançar para um bocado de salmão.

— Primeiro, mato-a. Posso sempre fodê-la depois.

Chunhui ficou parada no seu lugar, confusa com a multidão de homens à sua volta. O Estucador rugiu e atacou-a, e ela caiu para trás. Ele pôs-se em cima dela, para lhe dar um murro na cara com uma força aterradora; era evidente que aquele murro podia matar alguém instantaneamente. Chunhui conseguiu esquivar-se do punho dele, e a mão do Estucador bateu no chão de cimento, rachando-o e provocando uma cratera. Chunhui não percebia porque é que ele estava a atacá-la. Tinha medo do seu olhar assassino. Irritado, o

Estucador voltou a bater com o punho. Chunhui agarrou-lhe automaticamente o braço. Ele tentou puxar o braço, mas não conseguiu. Chunhui levantou-se, ainda a segurar-lhe o braço. A multidão murmurava. O problema era que, apesar de estar a subjugar o Estucador, ela não sabia o que viria a seguir. Nunca tinha estado envolvida em nenhuma luta. O Estucador ficou vermelho e tentou soltar o braço. Chunhui estava cada vez mais assustada. Agarrou-o com toda a sua força, para ele não poder mexer-se. Não sabia o que mais devia fazer. O Joanhinha gritou-lhe que o despedaçasse, e o público encorajou-a. Mas, aterrorizada como estava, Chunhui não conseguia ouvir nada. Ainda agarrada ao braço do Estucador, a sua cabeça gritava-lhe, *Pára, por favor! Tenho tanto medo!*

Nesse momento, o braço do Estucador estalou como um ramo de árvore e partiu-se. O osso partido rasgou a carne e o sangue começou a jorrar, enquanto o Estucador gritava. O público vibrou, e Chunhui, ainda mais aterrorizada, largou o braço do seu adversário, deu meia-volta e correu para fora do armazém. Alguns guardas estavam à entrada, mas ela empurrou-os para o lado e fugiu. O Joanhinha chamou-a em voz alta, mas ela não parou.

Correu pela escuridão. Estava ofegante. O som de homens a gritar perseguia-a. Estava cheia de medo e confusa. Tinha medo do barulho. Lembrou-se da cara horrível do Estucador. Correu ainda mais. Aquele sítio não era uma fábrica de tijolos. Não sabia porque é que estava ali. Queria continuar a correr. Tropeçou numa pedra e caiu. Quando se levantou, viu um muro alto a bloquear-lhe o caminho. Feito de tijolo vermelho, o muro estendia-se a toda a volta, sem fim à vista. Finalmente, apercebeu-se de que estava encurralada. Caminhou lentamente em direção ao muro. Tocou no tijolo vermelho com a mão.

Assim que tocou no tijolo, os seus sentidos apurados disseram-lhe que não eram uns tijolos velhos quaisquer, mas sim os tijolos que tinha feito com Mun, no estaleiro. Embora os tijolos tivessem estado expostos aos elementos durante muito tempo, ainda era evidente que tinham sido feitos em Nambaran. Lembrou-se de Geumbok, de *Jumbo*, das gémeas. Tudo isso tinha desaparecido e nunca mais voltaria.

Sentiu-se asfixiada, perdida e triste. As lágrimas corriam-lhe pelo rosto. Era a primeira vez que chorava, desde que entrara na prisão.

Chunhui olhou para baixo e reparou nas margaridas junto ao muro — as flores que tinham nascido não só perto da fábrica de tijolos, mas que também a tinham saudado ao longo da linha do comboio, quando chegara a Pyeongdae, de mão dada com a mãe. Estendeu a mão para lhes tocar, sentindo-se feliz. De repente, tudo ficou claro, como se fosse meio-dia. Era o holofote do cimo da torre de vigia, a apontar para ela.

Máscara de Ferro

CHUNHUI PERDEU. Apesar de ter partido o braço do Estucador, ele foi considerado vencedor, uma vez que ela fugiu. O Joanhina perdeu todo o seu dinheiro. Nessa noite, Chunhui foi arrastada para o gabinete dos guardas. O Joanhina estava à beira das lágrimas.

— Berkshire, a pior coisa do mundo é tirar o sonho a alguém. É pior do que tirar a vida a alguém. Deitaste por terra tudo o que eu esperava. É óbvio que estavas a planear arruinar a minha vida desde o princípio. Agora, és uma mulher morta. — Levantou-se e começou a dar-lhe pontapés. — Porca de merda! Já vi muitas cabras aqui, mas tu és a pior de todas. Como é que te atreveste? Morre, cabra, morre!

Chunhui encolheu-se contra os pontapés impiedosos. O Joanhina pegou no bastão e começou a bater-lhe na cabeça, nas costas, em todo o lado. Os outros guardas, que tinham estado a jogar póquer, riram-se e observaram, divertidos. O espancamento brutal continuou durante mais de uma hora. Ela ficou com os dedos partidos e o crânio esmagado. No coração de Chunhui começou, aos poucos, a nascer uma grande raiva. Ficou com o nariz desfeitos e os dentes partidos. O sangue escorria-lhe da cabeça para a boca. Ao primeiro sabor salgado de sangue, a sua raiva explodiu. Agarrou no taco. Lembrou-se de algo, quando viu a cara vermelha do Joanhina. Deu-lhe um murro na têmpora. Ele abanou e caiu para trás. Agarrou-o pela cabeça e, como uma fera, começou a rasgar-lhe a cara com os dentes. Arrancou-lhe o nariz, e o sangue começou a jorrar. Era a técnica fatal que o Joanhina lhe tinha ensinado, antes do combate. O Joanhina não parava de gritar, e os outros correram para a tirar dali. Mas não era tarefa fácil dominar Chunhui, a pessoa mais forte da prisão. Os guardas bateram-lhe com os bastões, mas isso não a deteve. O rosto do Joanhina ficou salpicado de sangue, e ela arrancou-lhe uma orelha. Ele desmaiou quando uma dentada lhe tirou a bochecha da cara. O rosto de

Chunhui também estava encharcado de sangue. Ela afastou os guardas e rugiu. Foi uma noite de vingança bárbara.

Chunhui foi espancada até quase perder a vida. Foi amarrada e atirada para uma cela escura como breu. Estava assustada. Não conseguia mexer sequer um dedo. Consequia ouvir o ruído dos insetos no chão. Consequia ver o cinema a incendiar-se, as chamas a subir e as pessoas a gritar. O fumo a cobrir tudo e o mundo a ficar negro. Depois, foi levada para a noite chuvosa de há muito tempo, quando homens estranhos violaram a sua mãe; quando o relâmpago rebentou, revelou as coxas pálidas de Geumbok. Depois, viu a forma como o braço do Estucador se tinha partido, perfurando a carne. Agora estava molhada; Chunhui pensou que estava a sair-lhe sangue pelos poros. Mas era suor. Não conseguia respirar; queria gritar, mas só conseguia que lhe saísse um ruído gutural. Com um estrondo, o buraco encheu-se de luz. Chunhui semicerrou os olhos. Atiraram para o chão um bocado de arroz. A porta tornou a fechar-se. Tudo mergulhou de novo na escuridão.

O Joanhina não morreu. Foi levado para o hospital e, após dez horas de cirurgia, salvaram-lhe a vida. Mas o rosto dele tinha ficado destruído. A carne pendia-lhe das faces e os ossos apareciam através das partes arrancadas, através de aberturas grotescas. O nariz e uma orelha tinham desaparecido e faltava-lhe um pedaço da bochecha; viam-se os últimos molares através da cara. Os médicos passaram a noite toda a remendar-lhe a cara com arame, como se fosse uma tigela partida.

Passado um mês, as ligaduras foram retiradas. Ele viu a cara ao espelho. E o que ali estava era um monstro horrível. Os molares ainda eram visíveis através da bochecha, as narinas estavam mesmo por baixo dos olhos, a meio da cara. As feridas tinham sarado, mas os pontos ainda estavam irregulares; o seu aspeto era tão grotesco que já não parecia humano. Esmurrou o espelho, a gemer. Durante alguns dias, recusou-se a comer ou a beber, de cabeça tapada pelos

cobertores. A raiva ardia-lhe no coração. Sentia-se mais sozinho do que nunca.

Por fim, os médicos fizeram-lhe uma máscara de alumínio para cobrir o seu rosto horripilante. Quando se viu com a máscara, sentiu-se estranhamente tranquilo. A vergonha e o medo, que tinha guardado desde a infância, tinham sido tapados pela máscara. Os inúmeros sinais que tinha foram cobertos pela máscara fria e dura, e tornaram-se invisíveis. Acenou com a cabeça para o seu reflexo no espelho, satisfeito.

— Isto também não é mau.

Um rosto formou-se na sua mente. Berkshire.

Quando o Joanhinha saiu do hospital e regressou ao trabalho, todas as companheiras de cela de Chunhui tiveram o mesmo pensamento: *Agora a cabra muda vai morrer*. Nesse dia, Chunhui estava a sonhar. Estava perto da fábrica de tijolos, numa moita de ervas, com arbustos densos. O luar brilhante banhava tudo o que a vista alcançava. Ela estava nua, a caminhar lentamente pela erva. A noite quente de verão aflorava a sua pele nua. Fechou os olhos, inebriada pelo aroma fresco do verão. De repente, a Lua tornou-se mais brilhante, como se fosse meio-dia. Tudo se tornou de um branco clareado; doeram-lhe os olhos. Fechou-os com mais força, mas a luz atravessou as pálpebras. Tapou os olhos e gritou. A dor diminuiu gradualmente quando ela rebolou no chão, de olhos tapados. Tirou as mãos. A luz continuava a ser forte, mas não tão dolorosa como antes. Quando conseguiu abrir os olhos, viu um homem de pé, no meio de um feixe de luz branca brilhante. Estaria ainda a sonhar? Olhou para ele com os olhos arregalados. Ele usava uma máscara prateada. Não era possível ver-lhe a expressão, e apenas os olhos brilhavam através dos buracos à volta dos olhos. Ele aproximou-se de Chunhui.

— Ainda estás viva, Berkshire? — A voz soou como se estivesse a sair de uma caverna escura.

Foi então que Chunhui percebeu quem ele era. O Joanhinha abraçou-a com força.

— Estava tão preocupado que estivesse morta — disse, com a voz

a tremer de emoção. — Mas não me deixaste ficar mal, Berkshire. Estou tão contente. Não podias morrer assim tão facilmente.

Tirou a máscara, revelando o rosto deformado. Parecia um monstro.

— Olha bem, Berkshire. Foste tu quem fez isto. Isto não é um rosto de um ser humano.

Abalada, Chunhui virou costas.

O Joaninha tornou a pôr a máscara.

— Não te preocupes, Berkshire. Não te vou matar. Mas também me vou certificar de que mais ninguém te mata. Vais implorar pela morte.

Na vida do Joaninha, agora conhecido como Máscara de Ferro, tinha havido muita confusão e desordem, mas agora estava focado num objetivo claro: a vingança. Para alguém que perdeu tudo, a vingança torna-se o único objetivo da vida. Chunhui era agora a única pessoa que tinha algum significado para ele.

O Máscara de Ferro começou a retaliar, a cometer atos terríveis contra Chunhui, e que nunca um ser humano deveria infligir a outro. Chunhui foi despida e transferida para uma cela ainda mais pequena e escura como breu. Naquele espaço apertado, dormia onde comia e cagava. De vez em quando, os guardas abriam a cela para a picarem com um pau e verem se ainda estava viva. Tapavam o nariz com toalhas para se protegerem do cheiro nauseabundo. Era tratada como um animal.

Em breve, as larvas começaram a enxamear a pequena e escura cela. Cobriam tudo, do teto às paredes. Chunhui acordava com larvas a cobrir-lhe a cara, a rastejar-lhe pelos lábios e pelas pálpebras.

Isso foi só o começo. O Máscara de Ferro começou a torturá-la a sério. Caro leitor, foi uma experiência tão dura e horrível para Chunhui que não consigo pô-la no papel. Só posso dizer que, quando Chunhui gritava de dor, o Máscara de Ferro sussurrava-lhe ao ouvido: «Ainda não sabes o que é a verdadeira dor, Berkshire. A verdadeira ainda nem começou. Não me deceções agora, está bem?»

Entusiasmado, ele chegava a revelar os seus planos.

— Queres que te diga o que te vou fazer? Vou acabar por esfolar

todo o teu corpo. Mas nunca te vou matar. Um dia, vais abrir os olhos, olhar para baixo e ver que já não tens pele nenhuma. O que achas disso? Não achas que seria divertido?

Como um anatomista, descobriu, com frieza e calma, as partes mais sensíveis de Chunhui e usou esse conhecimento para sua própria satisfação. A cela reverberava com os gritos intermináveis de Chunhui. A enfermeira, antiga companheira de cela de Chunhui, ouvia os gritos a ecoar ao longe e resmungava: «Aquele idiota vai acabar por matá-la antes de eu ter a minha oportunidade.»

Mas Chunhui não morreu. O Máscara de Ferro dava-lhe estimulantes para que ela não desmaiasse, e também tinha preparado material, caso ocorresse algum problema inesperado. Dava-lhe injeções nutricionais para estimular a saúde. Cuidava dela com o máximo rigor, como se fosse um animal raro numa clínica, mas ela também sofria todas as dores que esse animal poderia sentir.

A tortura continuava todos os dias. O Máscara de Ferro encontrava sempre um nervo novo para pressionar, para que ela não se acostumassem à dor. Chunhui sentiu-se a ser apagada. Só os seus sentidos aguçados continuavam vivos, descobrindo o caminho através da escuridão. O tempo parou. A escuridão da cela espalhou-se cada vez mais, em direção ao espaço sideral. Por fim, o mundo inteiro ficou mergulhado na escuridão. Na escuridão, novas luzes e imagens começaram a surgir. Chunhui nunca antes tinha vivido algo assim. Via mais ilusões. Passavam-lhe à frente dos olhos cenas do passado, como uma fileira de livros numa biblioteca, que ela poderia escolher a qualquer momento. Eram máquinas do tempo que podiam guiá-la ao seu passado.

Tal como Mun, agora ela viajava livremente pelo seu passado. Reencontrou os que tinham desaparecido — Geumbok e Mun, as gémeas e o peixeiro... E, vindo de muito longe, *Jumbo* caminhou na direção dela. Agora estava ainda maior, tão grande como uma montanha, e brilhava misteriosamente. Chunhui protegeu os olhos da luz brilhante.

Onde estás agora?, perguntou Chunhui.

Em lado nenhum. Desapareci há muito tempo. Jumbo olhou para ela com alegria.

Então, o que estou eu a ver?

Ah, minha menina, estás a ver as tuas memórias.

Como é isso possível? Tu já te foste embora.

É por isso que as memórias são tão preciosas.

Mas porque é que eu não me fui embora?

Ainda não morreste.

Quero ir-me embora. É demasiado difícil. Sinto-me tão só.

Não te queixes, menina. É uma alegria estar vivo.

As outras pessoas estão a sofrer assim tanto?

Isso, não sei. Também tive momentos difíceis na minha vida. Mas a vida nunca pode ser pior do que a morte.

As conversas de Chunhui e Jumbo eram contínuas e elípticas. Ela tinha conseguido encontrar um raio de luz na vasta escuridão. Viajando nas suas memórias, conseguiu escapar à dor e ao medo; encontrou a liberdade na sua cela escura como breu.

Realeza

A VINGANÇA DO MÁSCARA DE FERRO CHEGOU AO FIM com a sua morte súbita. Sem aviso prévio, durante uma patrulha, desmaiou no corredor, agarrado à garganta e a tossir. Depois, vomitou sangue e morreu. Foi chocante. Embora a sua cara tivesse sido destruída por Chunhui, ele era saudável, e os guardas acharam que a sua morte era suspeita. O diretor ordenou uma investigação independente, mas não havia provas de homicídio. No final, os investigadores classificaram o caso como uma morte inexplicável.

Chunhui regressou à sua antiga cela. A madame e a Cianeto já tinham sido executadas, e muitas outras, transferidas ou libertadas, pelo que a enfermeira era a sua única companheira de cela original. Entre as novas reclusas, havia uma mulher extraordinariamente bonita. Embora usasse o mesmo uniforme azul e não usasse maquilhagem, a sua beleza deslumbrante ainda brilhava, apesar de estar atrás das grades. A forma como olhava tristemente para o céu azul, para lá das grades, era tão sedutora que fazia qualquer pessoa que a observasse ficar extremamente comovida. Era uma beleza que Geumbok comentara, certa vez, que tinha sido moldada por Deus com um cuidado especial. Essa bela mulher era Suryeon.

Quando Suryeon viu Chunhui, reconheceu-a instantaneamente como a filha de Geumbok. Só a tinha visto uma vez, mas não se tinha esquecido do aspeto nada comum de Chunhui. Chunhui, por outro lado, exausta devido ao longo período de tortura e isolamento, não reconheceu Suryeon. Mas como é que Suryeon, que tinha fugido com o Trapaceiro, tinha ido parar à cela de Chunhui? Para isso, temos de fazer um desvio para a história do agiota falhado.

O Trapaceiro e Suryeon fugiram para uma cidade longe de Pyeongdae e oficializaram o casamento. Ele já tinha comprado uma casa com o dinheiro que tinha roubado a Geumbok e, como parte do

seu plano de fuga de longa data, tinha também comprado propriedades e terrenos para alugar. Chegados à nova cidade, o Trapaceiro começou a atuar como agiota, usando o dinheiro que tinha ganhado com os alugueres. Dinheiro gera mais dinheiro e, em breve, não havia um comerciante na zona que não trabalhasse com ele. O património do Trapaceiro cresceu rapidamente. O trabalho não era muito limpo; havia alturas em que não lhe pagavam, e muitas vezes os juros não eram pagos a tempo; por isso, ele precisava de tipos que soubessem usar os punhos e também de pessoas que fossem boas a matemática. Acabou por ter várias pessoas a trabalhar para ele, que cobravam o dinheiro e os juros através de vários métodos, chegando mesmo a penhorar casas e bens para os vender em leilão. Com mais lucros, o Trapaceiro comprava mais prédios, usava as rendas daí resultantes para emprestar mais dinheiro, e o seu património não parava de crescer como uma amiba, até que acabou por ser considerado um homem rico. Era a lei do capital.

Mas o Trapaceiro não era de acumular dinheiro como uma máquina. Embora ganhasse bem e tivesse uma bela mulher, continuava a envergonhar-se das vidas passadas de vigarista e prostituta de ambos. Geumbok, por outro lado, nunca escondeu o facto de ter feito biscates no cais nem mesmo de ter sido mendiga. Em vez de se envergonhar, vangloriava-se do seu passado. O Trapaceiro, apesar de ter crescido na mesma aldeia que Geumbok, era diferente. Tinha-se mudado para esta nova cidade precisamente porque queria esconder as suas raízes.

Não se limitou a esconder o seu passado embaraçoso, mas foi construindo uma nova história. A primeira coisa que fez foi criar uma árvore genealógica falsa. Esse trabalho foi feito de forma muito secreta. Pagou aos falsificadores para que não falassem. De acordo com a nova árvore, o seu pai tinha gastado todo o dinheiro para ir para o estrangeiro e dedicar-se ao movimento de independência da Coreia, e o seu avô era o maior talento literário do seu tempo e ocupara importantes cargos governamentais. Subindo uma geração, tinham sido parentes do rei, e várias gerações antes disso, a família

tinha mesmo produzido um rei, o que fazia do Trapaceiro um membro da realeza; a árvore genealógica era tão precisa e pormenorizada que ninguém suspeitaria do contrário.

Depois de o registo estar completo, o Trapaceiro começou a reescrever o seu passado com novas histórias. De acordo com o seu guião, apesar de ter sangue real, era um republicano com convicções claras; seguindo os movimentos da época, tinha ido para o Oeste, ainda jovem, para estudar profundamente novas civilizações, mas chegara à conclusão de que não podia fazer nada num mundo onde os militares tomavam todas as decisões, e, por isso, vivia agora tranquilamente em reclusão, esperando o seu tempo. É claro que os funcionários do governo tinham vindo ter com ele muitas vezes, para lhe pedir que assumisse tarefas diplomáticas importantes, mas enquanto o general — que representava a república apenas no nome, sem que nada o distinguisse de um autocrata — estivesse no poder, ele recusava-se a trabalhar com eles. Sem dúvida que a sua eloquência ajudava o seu disfarce. Um membro da realeza azarado a viver numa sociedade secular por ter nascido na época errada — era esta capa exterior de um agiota que, na realidade, sugava o sangue dos pobres comerciantes.

O Trapaceiro não se ficou por aqui. Para sustentar a sua história, abriu um café no centro da cidade e fez amizade com artistas. Ele era realmente eloquente, mas como nunca tinha tido uma educação formal adequada, não era fácil para ele passar o tempo com artistas pretensiosos. Porém, graças aos seus anos de experiência a sobreviver nos mercados com o tato como única arma, arranjou uma forma de fazer amizade com eles — falando o menos possível. Isso não só escondia a sua ignorância como revelava eficazmente o seu intelecto, o seu olhar artístico sensível e o seu bom carácter, o que era possível assumindo uma expressão interessada e um sorriso educado, enquanto fazia um comentário conciso, mas memorável, sobre a opinião de outra pessoa; essa arma só era utilizada quando absolutamente necessário. Nada disto era assim tão simples de aprender, mas, ao fim de pouco tempo, graças aos seus conhecimentos linguísticos e ao seu talento para a mímica, conseguia conversar com eles à vontade.

Frequentava vários cafés, passando o tempo com todo o tipo de

artistas. Os diferentes tipos reuniam-se em cafés específicos. Havia um café de que os escritores gostavam e um café onde se reuniam os artistas, outro onde se juntavam os músicos e outro ainda que era o preferido dos críticos; tudo porque não gostavam de se cruzar. O Trapaceiro usava o que ia ouvindo num café e noutro para entrar nas conversas, e esta tática era bastante bem-sucedida. Eis alguns exemplos das coisas que ele costumava dizer.

«O formalismo é um poderoso desafio à teoria da mimese.»

«Borges disse, uma vez, que os filmes franceses eram obcecados pelo tédio. Então, e os filmes de Hollywood são obcecados por quê?»

«Os romances tendem a ser cada vez mais minimalistas, hoje em dia. Não acha que isso é uma prova de que o mundo está a tornar-se cada vez mais complexo?»

Estas poucas frases curtas geralmente impressionavam as pessoas, e ele era aceite como parte da tribo, sem qualquer suspeita. Se alguém quisesse ter uma discussão mais profunda, o Trapaceiro sorria séria e gentilmente e afastava-se do assunto. «Interessante», dizia ele. «Claro que esta é apenas a minha opinião desinformada.» Bebia um gole de café e mudava de assunto, dizendo qualquer coisa como: «Mas não acha que o júri do mais recente prémio literário fez uma escolha muito conservadora? Claro, admito que o autor é maravilhoso.»

Isto era sempre suficiente. Dizia uma coisa e deixava os outros tagarelarem, podendo assim sentar-se, sorrir e ouvir. Era a lei da discussão. Em geral, os intelectuais escondiam os seus motivos e não revelavam facilmente os seus verdadeiros pensamentos, por um lado, porque receavam que as suas fraquezas fossem reveladas e, por outro, porque não queriam fazer inimigos. Por isso, as conversas ficavam sempre na superfície, dando largas ao Trapaceiro para as aperfeiçoar.

O problema era Suryeon. Supostamente, ela também vinha de boas famílias, com funcionários do governo na família há gerações, e ela própria fingia ser uma senhora altamente educada, mas não conseguia esconder completamente as suas origens humildes. Como tinha um tipo de beleza que ninguém conseguia esquecer, não era de admirar que o Trapaceiro estivesse sempre nervoso.

Finalmente, um dia, aconteceu. Suryeon estava no mercado, quando um homem a reconheceu; era o vendedor ambulante de *yeot*.

Ele andava de mercado em mercado, e nunca tinha esquecido a beleza dela. Tinha-a encontrado no bordel de Pyeongdae, muitos anos antes, e ela tinha fugido dele. Embora os anos tivessem passado, a sua beleza não se tinha desvanecido. Aliás, na verdade, ela tinha-se tornado ainda mais bela. Ele aproximou-se dela e agarrou-a pela cintura.

— Sua cabra! Andava a pensar onde é que te terias metido. Parece que percorreste um longo caminho. Vamos esquecer aquele dia e vamos a um sítio qualquer, para nos aliviarmos. Nem penses em cobrar-me demasiado. Deves tratar-me como um cliente regular.

Suryeon ficou horrorizada.

— Como te atreves? O que pensas que estás a fazer?

Confuso, o vendedor de *yeot* ficou ali, por um momento, antes de se ir embora, mas as pernas de Suryeon tremiam. Quando foi para casa e contou a história ao marido, o Trapaceiro não conseguiu comer nada ao jantar, sentindo que alguma coisa ameaçadora pairava sobre eles. Alguns dias mais tarde, o vendedor de *yeot* foi ter com o Trapaceiro. Depois de alguns dias a perguntar aqui e ali, tinha descoberto que Suryeon e o Trapaceiro se tinham reinventado.

O vendedor de *yeot* deslizou um cigarro entre os lábios e disse: «Há alturas na vida de toda a gente em que temos de fazer o que não queremos. Eu só vendo *yeot*, mas acho que, dependendo da situação, podia vender medicamentos, ou até o meu corpo. Não é verdade? Pessoalmente, acho que não existe trabalho respeitável e trabalho vergonhoso, mas há quem possa achar.»

O Trapaceiro olhou para o vendedor de *yeot*.

— O que me queres dizer?

— Bem, não é que eu queira dizer-te alguma coisa a ti. Só estou a dizer que me ocorreu... Sei uma coisa que pode ser uma fonte de desconforto para outra pessoa. Tu sabes... Uma coisa do género.

O Trapaceiro foi direto ao assunto.

— Quanto queres?

— Acho que depende de quão desesperadamente queres manter o teu segredo.

— Não estejas com rodeios. Quanto queres?

— Sendo assim, vou ser franco contigo. Andei toda a vida de mercado em mercado, pela província. Estou rouco e os meus joelhos

estão uma lástima. Só quero viver num sítio sossegado e fazer *yeot*, mas não tenho dinheiro guardado, por isso, não é assim tão fácil.

O Trapaceiro deu ao vendedor de *yeot* dinheiro suficiente para abrir uma loja. Era uma quantia substancial, mas ele não tinha outra escolha. O dinheiro foi dado com a condição de o vendedor de *yeot* se instalar o mais longe possível da sua cidade e nunca mais voltar. O vendedor de *yeot* sorriu com a sua sorte inesperada e jurou manter-se afastado. Mas, muitas vezes, o coração fica insatisfeito. Passados alguns meses, o vendedor de *yeot* regressou.

— É tão estranho. Estou a tentar esquecer tudo o que sei, mas, quanto mais tento, mais penso nisso. É tão difícil manter tudo em segredo. Às vezes, sinto que devia devolver-te o dinheiro e deixar o gato sair do saco.

O Trapaceiro foi forçado a pagar-lhe ainda mais, e, quando o vendedor de *yeot* voltou de novo, exigiu ainda mais.

— Acho que não vou viver até ser velho, porque é muito difícil e frustrante ficar calado.

No entanto, o Trapaceiro não era pessoa para se deixar arrastar pelas manhas de um mero vendedor de *yeot*. Percebeu que ele não iria desistir até lhe tirar todo o dinheiro. Não teve outra hipótese senão selar para sempre a boca do vendedor de *yeot*. Embora não quisesse correr perigo, não havia mais nada a fazer. Nessa noite, falou do seu plano a Suryeon, quando estavam deitados, e ela concordou prontamente, uma vez que nutria sentimentos maliciosos em relação ao vendedor de *yeot*.

Alguns dias mais tarde, o vendedor de *yeot* passou por casa deles e encontrou Suryeon a bordar. Ela disse-lhe que o marido tinha saído para tratar de um assunto urgente e foi buscar uma bebida para ele, enquanto esperava. O vendedor de *yeot*, enfeitiçado pela beleza de Suryeon, continuou a beber enquanto ela lhe servia copo atrás de copo. Não tardou a desmaiar. O Trapaceiro saiu de trás do biombo e, com a ajuda de Suryeon, amarrou o homem inconsciente e arrastou-o para o quintal. Enterraram-no vivo, num buraco que já tinham cavado. Agora, todos os seus segredos estavam enterrados. E

passaram-se dois anos.

O problema era Suryeon. Tinha sido feliz com o Trapaceiro, durante algum tempo, mas acabara por se fatar de um marido mais velho e pouco charmoso. Apaixonou-se por outro homem. Era a lei do tédio. O seu novo homem era um poeta que o Trapaceiro tinha conhecido num café. Não era muito conhecido nos círculos literários da capital, mas, na sua pequena cidade, a sua obra era reconhecida por ter uma cadência agradável. Tinha uns olhos tristes, cabelos longos e sedosos e uma voz suave. Andavam juntos às escondidas, fazendo amor noite e dia. Um dia, Suryeon, que era demasiado confiante, contou ao poeta todos os seus segredos. Era a lei do amor. O poeta ficou chocado com o facto de a mulher que amava ter sido prostituta e de ter conspirado com o marido para matar um homem. A sua sensibilidade demasiado delicada tornou impossível guardar para si esse terrível segredo.

Por essa altura, o Trapaceiro teve alguns problemas. Cometeu um erro crasso quando estava a falar com um grupo de críticos, num café. Distraído, repetiu o que tinha ouvido nesse mesmo café, pouco tempo antes, como se o tivesse ouvido num outro lugar. Os críticos, os mais sensíveis a detetar se alguém pertencia ou não à tribo, estudavam, há algum tempo, com desconfiança, o discurso e as ações do Trapaceiro, e alguém comentou: «Não foi isso o que o Choi disse, a semana passada?»

Foi então que o Trapaceiro se apercebeu do seu erro. Tentou corrigi-lo, em pânico.

— Ah, ah! Era exatamente isso que eu queria dizer. O que estou a dizer é que a posição do Choi é igual à minha, e a minha é igual à dele; por isso, estamos os dois de acordo. Este último concerto não me pareceu assim tão novo. O que acham?

Ninguém respondeu; todos olharam para ele com frieza. Instalou-se entre eles um silêncio pesado e incómodo. Apesar de ninguém o atacar fisicamente, tornaram-se gélidos e cruéis para com ele, como se

fossem uma matilha de lobos a afugentar um cão selvagem que se tivesse juntado a eles por engano. Era a lei dos intelectuais. O Trapaceiro percebeu que estava tudo acabado, para ele. Estava na altura de partir. Levantou-se, com os ombros descaídos. Olhou em volta para o grupo e saiu com uma última observação:

— Que tal saltarem para o ringue, por uma vez, em vez de estarem sempre a julgar?

O Trapaceiro regressou a casa e encontrou detetives à sua espera. Percebeu, tarde demais, que não se podia partilhar um segredo com ninguém; um segredo só era segredo quando ficava com a pessoa. Confessou tudo. A polícia encontrou o corpo do vendedor de *yeot* no quintal, já em adiantado estado de decomposição. Suryeon foi presa por conspirar com o Trapaceiro. É esta a história de como ela acabou na cela de Chunhui.

Pouco tempo depois, o Trapaceiro foi enforcado. Mas o diretor viu a beleza de Suryeon, e a sua execução foi adiada. Mudou-a para uma cela especial, ao lado do seu gabinete, que passou a frequentar. Para ele, a cela era como uma casa de banho, onde podia satisfazer os seus desejos biológicos. Na véspera da sua reforma, o diretor ficou preocupado com a possibilidade de os seus negócios sujos serem revelados e mandou Suryeon para a força. E foi assim que as difíceis vidas do vigarista e da prostituta acabaram.

Libertação da prisão

— SE PENSAS QUE TENS SORTE POR AINDA ESTARES VIVA, estás muito enganada — disse a enfermeira, que ia ser libertada e estava a arrumar as suas coisas. — Posso matar-te quando quiser, mesmo estando lá fora. Posso mandar outra pessoa matar-te ou envenenar a tua comida.

Era o quinto ano de Chunhui na prisão.

A enfermeira olhou para Chunhui, que estava simplesmente a olhar para ela, e soltou um suspiro.

— Honestamente, não sei se vale a pena matar-te. Não faz sentido matar alguém que não vale a pena. Mas devias manter-te à coca. Posso sempre mudar de ideias a teu respeito.

Antes de sair, sussurrou uma última coisa a Chunhui.

— Vou contar-te um segredo, já que não podes falar. Fui eu quem matou aquele idiota. O Máscara de Ferro. Fui eu quem salvou a tua vida. Mas não me agradeças. Eu só não queria que fosse ele a matar-te.

O maior mistério da história da prisão estava a ser resolvido ali mesmo, mas a enfermeira não revelou como o fez. Tinha havido um boato de que lhe tinham espalhado arsénico na máscara, e outro de que a comida tinha sido envenenada, mas, no fim, o segredo ficou com ela.

Depois de sair da prisão, a enfermeira abriu um bordel. Tinha encontrado o caderno secreto da madame, depois de ela ter sido executada. Com a lista de nomes de mulheres que prometiam trabalhar como prostitutas, conseguiu contratar raparigas que lhe dariam dinheiro. O seu negócio prosperou. Costumava dizer aos homens que vinham saciar a sua solidão: «Por favor, tratem-nas com cuidado. Estas raparigas podem rebentar como balões de água.»

Passaram-se vários anos. Chunhui já tinha passado do seu auge. Passara a juventude na prisão. As prisioneiras iam e vinham, e os guardas mudavam, enchendo as instalações com novos rostos. As histórias sobre o Máscara de Ferro e o Estucador, a enfermeira e a madame, já há muito tinham sido esquecidas. Ninguém se lembrava da força sobre-humana de Chunhui nem de como ela tinha desfeito o rosto do Máscara de Ferro. As celas iam-se enchendo de novas reclusas e novas histórias. Era a lei da prisão. Já ninguém prestava atenção a Chunhui. Até o diretor se tinha esquecido dela; estava demasiado ocupado.

Durante todo esse tempo, a sua vida foi preenchida pelo silêncio e pelo esquecimento. Chunhui tinha medo das pessoas e, por isso, evitava-as e ficava num canto. A sensibilidade terna e pura de Chunhui tinha sido profundamente ferida, mas ela não sabia como converter as cicatrizes em ódio ou vingança. Dor era dor. Não era substituída por outra coisa. As suas feridas permaneciam sempre abertas, e a dor endurecia como um fóssil no seu coração. Chunhui era assim.

Sempre que se deitava, sonhava que estava a desaparecer, tal como as pessoas da sua vida. Mas, quando abria os olhos, continuava na prisão. Viajava para as memórias do seu passado. Aprendera a fazê-lo quando estava a ser torturada. Revivia os momentos felizes da sua vida, vendo *Jumbo* e as gémeas. Estavam sempre a brilhar. Ficava na fábrica de tijolos, com o tapete de margaridas. O seu momento mais precioso tinha sido estar nos braços da mãe. Era o que mais desejava, e nunca tinha tido o suficiente. Enquanto permanecia no mundo da ilusão, o tempo passava lentamente, preparando-se para uma nova situação.

O general estava em crise política. À medida que as eleições se aproximavam, era incerto se seria reeleito. Os seus adversários pressionavam-no, e a opinião pública há muito que o abandonara. O general deu o seu último passo, proclamando uma nova lei que lhe permitiria manter-se no poder até à morte. Era a lei da ditadura. Os seus opositores resistiram, mas a nova lei determinava que até a

oposição à lei era ilegal. Para reconquistar a opinião pública, tomou várias medidas, incluindo o perdão de prisioneiros. Foi o maior indulto desde a independência do país, tendo sido incluídos muitos prisioneiros que aguardavam julgamento. O nome de Chunhui estava na lista de prisioneiros a receber o perdão. Era o décimo verão desde que ela fora presa.

Juntamente com as outras, Chunhui deixou a prisão de manhã cedo. As outras vestiam as roupas civis com que tinham entrado na prisão ou as roupas que as famílias lhes tinham levado, mas Chunhui não tinha nada para vestir. Saiu com o uniforme azul da prisão. À porta, estavam as famílias que tinham vindo saudar os prisioneiros indultados. As pessoas aplaudiam e choravam. As mulheres andavam de um lado para o outro, vendendo tofu para os antigos prisioneiros comerem, na esperança de nunca mais serem presos. Os presos políticos, agora libertados, juntaram-se e gritaram palavras de ordem em conjunto. As pessoas davam dentadas no tofu entregue pelas suas famílias, engasgando-se de emoção.

Ninguém tinha ido buscar Chunhui. Ela sentiu-se tonta no espaço aberto. Ficou parada, atordoada, mesmo quando as pessoas começaram a ir embora e tudo ficou calmo. Tinha a cabeça a latejar e sem um único pensamento. Só restava Chunhui. O Sol continuava a subir, e agora a luz solar penetrante batia nela. Procurou uma sombra junto ao muro da prisão e agachou-se no chão.

Foi então que uma mulher idosa, com uma enorme bacia à cabeça, caminhou em direção a ela. Tinha estado a vender tofu aos prisioneiros. Estendeu um bloco de tofu a Chunhui, que olhou para ela. Dentes pretos e podres! Olhos encovados, mas brilhantes! O espírito que proferia maldições pela boca da xamã! A encarnação da vingança que fez com que centenas de vidas pudessem nas chamas! Era a velha que vendia comida para fora. Chunhui lembrava-se de ver a velha a trancar todas as portas da Baleia. Lembrou-se do seu sorriso assustador. Mas, desta vez, a velha não parecia assustadora; parecia apenas cansada e solitária.

A velha fez um sorriso débil, mostrando os seus dentes podres,

enquanto Chunhui olhava para ela, aterrorizada, e apontou com a cabeça para o bocado de tofu que tinha na mão. Chunhui pegou nele com todo o cuidado e trincou-o devagar. O cheiro salgado da soja não era desagradável. Com uma expressão aliviada, a velha ficou a ver Chunhui a comer, depois tornou a pôr a bacia em cima da cabeça e foi-se embora. Foi a última vez que alguém viu a velha, que tinha andado de cozinha em cozinha, enquanto jovem criada, que perdera o seu amante para a sua filha, que se tinha esmiornado para ganhar dinheiro sem nunca ter gastado uma única moeda, que acabara por morrer e se vingara, fazendo centenas de pessoas inocentes morrerem queimadas. Chunhui continuou a comer o tofu até ao fim.

Depois, levantou-se e encostou-se à parede, olhando em redor. Não havia nada que lhe fosse familiar. Hesitou por um momento, antes de se dirigir lentamente para sul.

O regresso

COMO UMA CIDADE ANTIGA ENTERRADA SOB CINZAS VULCÂNICAS, Pyeongdae desapareceu do mundo. As pessoas que perderam familiares no incêndio afastaram-se da terra amaldiçoada e, como já não havia clientes, os comerciantes tiveram de fechar as portas, os operários que não tinham edifícios para construir partiram para novos sonhos, o que fez com que as mulheres que lidavam com eles fizessem as malas, e, sem clientes, as lojas de roupa e de produtos de beleza fecharam, o que obrigou o dono da loja de letreiros e o velhote que vendia imóveis a encerrar os seus negócios, e assim que as pessoas que tinham vindo de fora partiram, até os nativos que não tinham razão para partir decidiram partir também, como uns maria-vai-com-as-outras, o que levou a que as repartições e agências governamentais encerrassem, e até o pastor fechou a igreja, agora que já não havia ninguém para converter, e, como uma cidade dizimada por uma doença contagiosa, não se via sequer a sombra de uma pessoa em Pyeongdae.

Chunhui passou pela estação de comboios. Havia já dez dias que ela tinha regressado à fábrica de tijolos. Estava com medo de deixar a fábrica, mas não aguentava mais a fome. A estação de comboios, que chegara a ser próspera, fechou no ano seguinte ao incêndio que separou Pyeongdae do resto do mundo. Abandonada, Pyeongdae ficou apenas com os restos dos edifícios queimados, dando-lhe um aspeto tão solitário e desolado como uma cidade-fantasma. Durante algum tempo, apenas os cães vadios vasculharam as ruas, em busca de qualquer coisa para comer, mas até eles acabaram por ir para o campo.

Chunhui desceu a rua devagar. O ferreiro, onde ela tinha roubado a bigorna, e a loja de artigos de beleza, que as gémeas tinham

frequentado com Chunhui, tinham ardido, ficando apenas os suportes estruturais à mostra. A igreja também tinha ardido, e a cruz dobrada balançava ao vento, no topo do edifício. Os sons das orações fervorosas tinham desaparecido há muito, assim como os cânticos. Apenas um estranho silêncio envolvia a igreja.

Um pouco mais tarde, Chunhui deu por si à frente do café, onde *Jumbo* tinha ficado exposto, depois de morrer. As janelas permaneciam intactas e o nome do café ainda era visível no topo. Chunhui quase conseguia ouvir as canções tristes que vinham do gira-discos. Sentiu um nó na garganta quando pensou nas gêmeas e em *Jumbo*. Olhou para a estrada onde tinha andado duas vezes por dia, montada em *Jumbo*. As plumas-de-seda, mais altas do que um adulto, erguiam-se, direitas e orgulhosas, no meio da rua, como que a rir das tentativas humanas de civilização. A natureza estava a apagar rapidamente os vestígios da humanidade.

Enquanto caminhava entre os prédios queimados, ficou cara a cara com o enorme cinema. Era lá que Chunhui tinha visto a sua mãe pela última vez. A Baleia, o início e o fim de toda a tragédia, tinha-se transformado num local disforme, que realçava a vaidade do passado. Um cão velho estava amarrado a um pilar, à frente da bilheteira que outrora fervilhava de gente. Como teria o cão sobrevivido? Caído no chão como um monte de trapos sujos, o cão parecia solitário e esfomeado. Era o cão pastor que Geumbok tinha comprado a Suryeon, em tempos mais felizes. Era inacreditável que tivesse sobrevivido ao fogo e tivesse ficado amarrado ao pilar, todo aquele tempo. Nem sequer tinha energia para latir; os seus olhos aquosos seguiam os movimentos de Chunhui com indiferença.

Enquanto olhava em redor do cinema, viu qualquer coisa a brilhar no edifício desmoronado. Passou pelos tijolos e apanhou-a. Era um isqueiro. O isqueiro de prata que Geumbok adorava e que tinha tirado a vida a inúmeras pessoas. Não tinha enferrujado apesar de terem passado dez anos, brilhando como se tivesse acabado de sair da fábrica. Chunhui abriu a tampa e acendeu-o. Apareceu uma chama. Não podia ter sobrado nenhum líquido de isqueiro, mas apareceu uma chama elegante, tal como dez anos antes. Era espantoso. Percebendo quase instintivamente que precisaria dele para sobreviver, Chunhui

guardou-o no bolso do peito.

Chunhui passou o dia inteiro a vasculhar a aldeia, mas só conseguiu reunir algumas ferramentas. Regressou à fábrica de tijolos sem ter encontrado nada para comer. Chunhui tornou-se, assim, a última pessoa a pisar Pyeongdae. Alguns anos mais tarde, Pyeongdae foi completamente apagada do mapa, e a sua existência desapareceu no éter.

Não se sabe muito sobre o que aconteceu depois de Chunhui ter regressado à fábrica de tijolos. Em parte, porque nunca mais saiu de lá e não houve testemunhas para contar as suas experiências. Mesmo assim, deixou alguns vestígios. Dezenas de anos mais tarde, quando o arquiteto deparou com a fábrica de tijolos, descobriu ossos de animais, alguns instrumentos de caça e várias colmeias vazias. Chunhui também desenhou nos tijolos que fabricou, transmitindo, de forma ténue, os restantes dias da sua vida. Aqui, é preciso dizer que a história que se segue foi retirada destas fontes.

Para Chunhui, o mundo era um lugar estranho, cheio de uma desordem e irracionalidade incompreensíveis. Era um lugar de barbárie, que transbordava de ódio e insanidade. Será possível uma pessoa viver completamente isolada do mundo? O que resta da vida de Chunhui é um exemplo dessa possibilidade. O primeiro problema com que se deparou foi a fome. Este problema básico de sobrevivência perseguiu-a até ao dia da sua morte, tal como o castigo infligido a Adão e Eva, aquando da sua expulsão do Éden.

Durante os primeiros anos, comportou-se como um animal concentrado na sua sobrevivência. Comeu lagostim e lontra, no vale, montou armadilhas, nos bosques, para apanhar veados, alces, guaxinins e texugos. Os anfíbios, como as rãs ou as salamandras, ou os insetos, como as cigarras ou os gafanhotos-narigudos, eram boas fontes de alimento. O seu corpo adaptou-se a esta realidade. Os seus cinco sentidos ficaram ainda mais apurados, os seus movimentos tornaram-se rápidos, e ela transformou-se numa excelente caçadora. Tinha um olfato tão bom como o de um lobo, e apanhava o peixe com tanta força como um urso. Tornou-se perita na recolha de alimentos,

colhendo os frutos de polpa branca das videiras-chocolate e apanhando cogumelos.

Encontrar comida na natureza era perigoso. As silvas e os cardos rasgavam-lhe a pele, e as cobras saltavam-lhe aos calcanhares. Tinha de correr o risco de ficar com ferimentos graves para apanhar gatos-bravos ou cães selvagens. Uma vez, comeu, por engano, um cogumelo venenoso e teve febres altas durante alguns dias. Num outono, deu por si a enfrentar um urso preto, engordado para a hibernação. Sem se aperceber do perigo que corria, tropeçou no urso e ficou com o peito rasgado e uma costela exposta, através da ferida profunda, mas não recuou. Mordeu-o, rasgou-lhe o pescoço e bateu-lhe na cabeça. Ao fim de duas horas de luta desesperada, conseguiu arranjar carne para encher a barriga e peles para usar no inverno. Mas a ferida que sofreu levou-a quase à morte.

A comida que conseguia arranjar era má e insignificante. Quando chegava o inverno, era ainda mais escassa. Havia dias em que percorria os campos cobertos de neve, com o estômago a roncar, e regressava sem ter encontrado nada para comer.

Mesmo assim, era feliz. Ninguém lhe chamava Berkshire. Não havia janelas com grades grossas. Não havia muros altos. Ninguém lhe batia com paus. Ninguém a ameaçava. Não estava fechada numa cela escura. O frio, a fome, a solidão e o tédio eram superiores a isso. Tornou-se cada vez mais ágil. Em pouco tempo, em Nambaran, tornou-se mais ameaçadora do que qualquer predador.

Passou um ano, talvez dois. Talvez mais. Ela detetava a mudança das estações com sensibilidade, mas não fazia ideia de quantos anos tinham passado, porque não sabia contar os dias. O seu uniforme estava a desfazer-se. Tinha ficado rasgado nos campos e vales agrestes, sido desfeito por animais selvagens, e parecia pendurado nela como folha no inverno, sem lhe esconder as partes íntimas nem tapar o frio. No inverno, usava peles, como os seus antepassados tinham feito, em gerações anteriores. Como não sabia curtir o couro, o material rígido arranhava-lhe a pele e provocava-lhe eczema. Os ossos dos animais estavam empilhados num canto da fábrica. A sua vida encaminhava-se

cada vez mais para a barbárie primitiva.

Numa tarde de primavera, encostou-se a um forno, a apanhar sol calmamente. O inverno tinha sido invulgarmente frio e com muita neve, e ela tinha sentido falta da luz quente do sol. Naquela manhã, um javali bebé tinha sido apanhado numa armadilha, e isso permitir-lhe-ia banquetear-se uma vez sem exemplo. Esfolou-o e limpou-o, e conservou a carne que sobrou. Não teria de se preocupar com comida durante algum tempo. Sentia-se em paz e sonolenta. À exceção do inverno, Nambaran tinha em abundância animais selvagens, uvas, groselhas, videiras-chocolate e pêssegos selvagens; podia proporcionar uma vida agradável.

Chunhui estava a fazer tijolos com os trabalhadores. O barro era colocado no molde, raspado com uma corda de palha e retirado do molde, produzindo cinco tijolos de cada vez. Chunhui estava espantada com o facto de os tijolos poderem ser moldados daquela forma, e juntou-se a eles, para se divertir, mas, apesar da sua tenra idade, começou a perceber que havia um objetivo para além da brincadeira. Mun dizia-lhe sempre: «Chunhui, nem todas as coisas redondas são caldeirões de arroz, nem todas as formas retangulares são tijolos.»

Ela não sabia o que aquilo queria dizer, mas aprendia quais os tijolos que estavam corretamente feitos observando a reação de Mun quando ele tocava nos tijolos acabados. Os trabalhadores estavam espalhados por toda a fábrica, a fazer moldes e a cuidar do fogo. Trabalhavam com ritmo e sorriam, apesar do trabalho árduo. Os operários que amassavam o barro com os pés cantarolavam uma alegre canção de trabalho, e Mun andava pelo meio dos operários, fazendo reparos sobre isto e aquilo. Os homens emitiam um calor estrondoso, e a alegria do trabalho fazia com que parecesse um mercado movimentado na altura das férias. Com uma energia renovada, Chunhui começou também a fazer tijolos. Rapidamente se apercebeu de que Mun e os trabalhadores tinham desaparecido. Vazia, a fábrica de tijolos parecia vasta e demasiado silenciosa. Ficou com o coração destroçado por aquela perda súbita.

Tinha estado a sonhar. Quando Chunhui acordou da sua curta sesta, só viu ruínas, os fornos desmoronados e apenas a parte inferior da chaminé. Ficou ali sentada durante algum tempo, desanimada. Reparou num tijolo no chão. Apanhou-o. Não estava rachado; pelo contrário, estava intacto. Enquanto manuseava o tijolo aquecido pelo sol, surgiu-lhe um pensamento. Semicerrou os olhos e agarrou-se a esse pensamento vago, que se tornou cada vez mais claro, até uma ideia cintilar como uma chama na sua mente.

O vale

CHUNHUI ARRANJOU OS FORNOS PARTIDOS e reconstruiu a chaminé. Começou a misturar o barro. Assim que tocava no barro, Chunhui recuperava a sensação de ela e o barro serem uma só entidade, tal como sentira da primeira vez que lhe tocara. O cheiro pungente e a sensação pegajosa do barro nas mãos tranquilizaram-na e trouxeram-na de volta ao estábulo onde nascera. Fazia tudo sozinha, desde trabalhar o barro e colocá-lo nos moldes até cortar lenha e encher o forno. Não era fácil, mesmo para artesãos e vários homens fortes. Embora tivesse aprendido a fazer tijolos com Mun, não compreendia todos os complexos processos de fabrico. Mas fez os tijolos, empilhou-os no forno, pegou no isqueiro e acendeu o fogo. A lenha bem seca começou a arder e o forno absorveu as chamas, que continham as esperanças e os sonhos de uma alma solitária.

Quando acordou do seu sonho e pegou no tijolo, o pensamento que lhe veio à cabeça foi que, se ficasse ali a fazer tijolos, as pessoas voltariam. Embora tivesse entrado na fábrica de tijolos para evitar as pessoas, sentia falta das que tinham partido, e queria regressar ao seu passado pacífico. Ela achava que as pessoas se tinham ido embora porque os fornos estavam partidos e a chaminé tinha caído, o que impossibilitava a cozedura dos tijolos. Se ela conseguisse reconstruir a chaminé e voltar a fazer tijolos, os trabalhadores regressariam. Mun também voltaria, e a sua mãe poderia regressar, não como o homem frio e arrogante em que se tornara, mas como a pessoa que costumava ser, a líder bondosa, generosa e confiante. Talvez as gémeas, o peixeiro e *Jumbo* também regressassem, e a fábrica de tijolos voltasse a transbordar de vida, como no seu sonho.

Teve de enfrentar fracassos sucessivos. Os tijolos não saíam como

ela esperava. Desfaziam-se nas mãos. Mas Chunhui não desesperou. Repetiu o processo de amassar o barro, moldar os tijolos e cozê-los. De cada vez que falhava, recuperava gradualmente os seus sentidos. Com um toque, conseguia calcular a densidade e o nível de humidade do barro, e conseguia ajustar o fogo, avaliando o calor que sentia no rosto. Procurava apenas a quantidade básica de comida de que necessitava e dedicava o resto da sua energia a fazer tijolos.

À medida que o verão ia passando, ela tornou-se cada vez mais hábil, e os seus tijolos cada vez mais firmes. No outono, Chunhui já conseguia fazer tijolos excelentes, semelhantes aos que costumava fazer sob a orientação de Mun. Pegou num tijolo e olhou para o lado, à espera do elogio de Mun. Mas não estava lá ninguém. Começou a empilhar os tijolos num dos lados do pátio, para que as pessoas pudessem vê-los de longe. O trabalho era lento; só conseguia fazer algumas dúzias de tijolos por dia. Mesmo assim, ia-os empilhando pouco a pouco, sem descansar. Os tijolos, feitos de barro, fogo e água, eram excelentes materiais de construção que dividiam os espaços, protegiam da chuva e do vento, mantinham a temperatura e ventilavam os edifícios, mas esses usos utilitários não tinham significado para Chunhui. Para ela, os tijolos eram um farol para os que tinham partido e um feitiço lançado, numa tentativa de trazer o passado de volta.

Enquanto viveu sozinha na natureza agreste, Chunhui enfrentou muitas vezes a morte. A situação mais perigosa não foi com um urso feroz ou um leopardo, mas com um pequeno inseto, fino como um fio.

Uma ténia.

Foi esse o parasita que Chunhui ingeriu quando comeu cobras e rãs cruas, logo no início. O parasita instalou-se no tecido subcutâneo, criando caroços redondos por todo o corpo, como se fossem tumores malignos. Chunhui sentia que um organismo estranho e fatal tinha invadido o seu corpo, mas não tinha maneira de o tratar na natureza. Sentia uma comichão insuportável por todo o lado e, enquanto se coçava, a ténia usava-a como hospedeira, para se reproduzir rapidamente.

Se Chunhui não tivesse um físico invulgarmente forte, muito provavelmente teria morrido. Mas ela resistiu, sem nunca parar de fazer tijolos. A ténia reproduziu-se dentro dela e espalhou-se. Enterrou-se-lhe nos olhos e até no cérebro. A visão dela diminuiu e teve febres altas e dores de cabeça. Começou a ter pesadelos. O terrível Estucador aparecia nos seus sonhos, juntamente com o Joanninha, com a sua máscara de ferro. Ameaçavam-na e gritavam com ela. Aterrorizada, Chunhui encolhia-se, em posição fetal.

Um dia, Chunhui aventurou-se no vale, à procura de qualquer coisa para comer. Nesse dia, não seguiu o seu caminho habitual e familiar, mas desceu uma nova encosta. Árvores altas tapavam o céu, provocando um arrepio. Chunhui não reconheceu o sítio. Sentiu um lampejo de medo, mas continuou, como se alguém estivesse a guiá-la. Os passos dela eram pesados. Quando chegou ao cimo de uma colina, começaram a aparecer abelhas do nada, zumbindo à volta da sua cabeça. Debaixo das árvores gigantes, Chunhui encontrou a mulher zarolha, a que tinha deixado a fábrica de tijolos há muito tempo. A zarolha estava sentada num rolo da sua longa trança branca, e tinha a cabeça e as sobrancelhas verdes, de musgo. Da sua roupa brotavam cogumelos brancos. Parecia assustadoramente um espírito milenar da floresta. À sua volta, havia várias colmeias de madeira, com dezenas de milhares de abelhas a zumbir por todo o lado. Ela abriu o seu único olho e olhou fixamente para Chunhui. Houve uma certa tensão entre as duas mulheres, que tinham vivido isoladas durante muito tempo. Aliás, durante todo esse tempo, nenhuma delas tinha encontrado outro ser humano até àquele preciso momento.

A zarolha olhou para Chunhui serenamente.

— Reconheci-te assim que entraste neste vale. Agora não és melhor do que um animal, com esses trapos que trazes. — Apenas os lábios dela se moviam, enquanto falava, e sua voz soou como água a fluir no vale. Chunhui pensou ter detetado na mulher zarolha uma ligeira alegria, ao vê-la.

A mulher levantou-se devagar. As abelhas espalharam-se e subiram para o cimo das árvores. Aproximou-se de Chunhui e sorriu.

— A princípio, pensei que ia afugentar-te, mas agora vejo que a tua vida é tão triste como a minha. Parece que também há um inseto

indesejável dentro de ti. — Agarrou Chunhui pelo braço.

Com medo, Chunhui tentou afastar-se, mas não conseguiu libertar-se, paralisada por um poder que a consumia. A mulher zarolha arrancou uma abelha da sua própria roupa e picou o braço de Chunhui com ela. Chunhui estremeceu e deu um passo atrás, e a zarolha disse-lhe apenas:

— Rapariga tonta! Não estou a tentar matar-te, não precisas de ter medo.

A mulher picou Chunhui por todo o corpo. Percebendo instintivamente que ela estava a curá-la, Chunhui ficou quieta.

A zarolha soltou-lhe o braço.

— Agora que te salvei a vida, não te atrevas a voltar a aparecer neste vale. Se vieres cá perturbar a paz, garanto-te que terás problemas com as minhas abelhas.

Chunhui regressou à fábrica de tijolos e, nessa noite, pela primeira vez em muito tempo, caiu num sono profundo e repousante. Na manhã seguinte, viu que os caroços espalhados pelo seu corpo tinham desaparecido. Já não tinha dores. Não sabia como é que as picadas de abelha tinham funcionado, mas apercebeu-se de que o parasita estava morto. Alguns dias mais tarde, quando Chunhui acordou, de manhã, encontrou duas colmeias de madeira na fábrica de tijolos. Escusado será dizer que tinha sido a mulher zarolha quem as tinha deixado lá. Chunhui olhou para dentro das colmeias e viu milhares de abelhas e muito mel. Apanhou o mel com a mão e devorou-o. As abelhas continuaram a trazer mel das montanhas; Chunhui teve mel doce para se alimentar durante muito tempo. Depois de ter recuperado totalmente, Chunhui procurou muitas vezes o vale da mulher zarolha, com esperança de voltar a vê-la, mas nunca mais conseguiu encontrá-lo.

E agora, um desvio — o primeiro desde há algum tempo. Anos mais tarde, formou-se uma equipa de expedição, composta por estudantes dos departamentos de arquitetura, história e antropologia

de uma universidade. Chamaram a si próprios «Encontrar a Rainha», e o seu objetivo era investigar a vida misteriosa de Chunhui. Durante todo o verão, exploraram o estábulo onde Chunhui nasceu, a cidade desaparecida de Pyeongdae, a prisão onde passou tantos anos. Mas não tiveram muito sucesso na sua exploração, pois a maioria das pessoas que a tinham conhecido já tinha morrido.

No entanto, conseguiram encontrar o diretor da prisão durante os anos em que Chunhui tinha estado presa. Mas ele era muito velho e sofria de demência, por isso, não conseguiram que respondesse às perguntas. A nora tinha-lhe posto uma fralda de pano embrulhada em plástico, porque ele cagava nas calças, e sempre que ele tinha um acidente, despia-o da cintura para baixo e batia-lhe. A única razão pela qual cuidava dele era a sua pensão. Quando entraram no quarto dele, os estudantes depararam com uma situação constrangedora, pois o diretor estava a olhar para a parede, a masturbar-se, o que já de si era surpreendente, dada a sua idade avançada. Com as suas próprias fezes, tinha desenhado na parede a imagem de um prisioneiro pendurado na forca.

Os estudantes também conseguiram encontrar a enfermeira que tinha estado na mesma cela de Chunhui. Também já era muito velha e desdentada, mas continuava a gerir um bordel com duas prostitutas antigas, que não tinham para onde ir. Uma delas era a rapariga solteira que partilhara a sua cela. A enfermeira recebeu os estudantes com alegria, dizendo: «Faço um desconto de grupo de vinte por cento. Mas, por favor, tratem-nas com cuidado. Estas raparigas podem rebentar como balões de água.»

Quando perguntaram por Chunhui, ela lembrou-se dela, apesar de já terem passado décadas. «Ah, essa cabra muda? Eu devia tê-la matado. Se a virem, por favor digam-lhe que nunca a esqueci, para que ela não baixe a guarda.»

A equipa foi então à cidade esquecida de Pyeongdae e até à fábrica de tijolos de Nambaran, e, para sua grande satisfação, descobriu o isqueiro de prata entre os fornos desmoronados. Os estudantes festejaram com entusiasmo, mas o isqueiro estava enferrujado e não funcionava. E, por isso, a autenticidade do isqueiro foi discutida nos círculos académicos.

Os estudantes passaram um dia na fábrica de tijolos, procurando o vale onde a mulher zarolha poderia ter vivido, mas não encontraram nenhuma prova clara. Encontraram apenas um vale repleto de um número invulgar de abelhas num cepo de uma árvore podre, que parecia ter sido usada como colmeia, e um pau que podia ter servido de bengala. Mas quando um deles, gravemente alérgico a abelhas, morreu com uma picada de abelha, o trabalho foi interrompido. Houve um rumor de que alguém que tinha ido para o meio das árvores, para se aliviar, viu uma mulher idosa, de cabelos brancos e só com um olho, mas, provavelmente, isso foi apenas o resultado das alucinações de um estudante aterrorizado.

O camião

PASSARAM-SE MUITOS ANOS. O destino matreiro estava a preparar-se para trazer uma nova pessoa que iria mudar completamente a vida de Chunhui. A fábrica de tijolos estava tão cheia com os tijolos que ela tinha feito que não restava nenhum espaço vazio, mas ela não parava. Como uma formiga operária nascida apenas para trabalhar, fazia tijolos ininterruptamente.

Chunhui já tinha trinta e tal anos. A sua natureza selvagem tinha-se suavizado, a sua juventude tinha desaparecido, os seus seios estavam descaídos e a pele estava cheia de cicatrizes e enrugada. Era a lei da gravidade. Os seus longos anos de trabalho tinham-lhe bronzeado o corpo e endurecido as mãos e os pés com calos. Chunhui não se parecia com uma mulher comum, mas o seu coração continuava cheio de solidão e saudade das pessoas que tinham desaparecido. Todas as noites, ficava no pátio enquanto os pirilampos fluuavam à sua volta, olhando para as luzes do comboio que passavam ao longe. Acreditava que as pessoas voltariam ao vale de comboio.

Chunhui estava a amassar barro, numa tarde de início do verão. Por volta dessa altura, tinha tido uma nova ideia — colar barro no seu uniforme, que tinha perdido toda a utilidade como peça de roupa. Assim, protegia a pele do sol quente, bloqueava os raios e afastava os mosquitos e as moscas. Tinha descoberto sozinha os hábitos de um elefante, apenas vivendo na natureza. Quando Chunhui olhou para cima, para se espreguiçar, viu uma nuvem de poeira em movimento, junto à linha do comboio. A estrada de acesso à fábrica de tijolos não era utilizada há vários anos, desde que Chunhui regressara. O seu coração começou a bater mais depressa, com o medo, o choque e a

excitação. A nuvem de poeira dobrou a esquina e entrou na estrada de acesso. Era um caminhão.

O coração de Chunhui quase rebentou de alegria. Alguém tinha descoberto os seus tijolos! E as pessoas estavam finalmente a regressar! Apetecia-lhe chorar. O caminhão avançou em direção à fábrica de tijolos. Ela correu para a entrada. O caminhão parou à frente da fábrica. Mas não havia trabalhadores no compartimento de carga. A porta do motorista abriu-se e saiu um homem alto e corpulento. Chunhui não conhecia aquele homem. Quando ele viu Chunhui, os seus olhos arregalaram-se, o que fazia sentido, uma vez que, diante dele, estava uma mulher coberta de barro vermelho, com roupas rasgadas e os seios à mostra. Aquilo não era o que Chunhui tinha imaginado que iria acontecer. Era o primeiro homem que via desde que saíra da prisão. Aterrorizada, correu para se esconder atrás dos fornos e ficou de olho nele.

O homem olhou para os tijolos que enchiam o pátio. Pegou num tijolo e examinou-o, acenando com a cabeça para si próprio. Fez sinal a Chunhui para que se aproximasse. Ela correu para mais longe e escondeu-se nas ervas altas, tensa, preparando-se para lhe torcer o pescoço e o morder, se fosse preciso. O homem bombeou um pouco de água para lavar o rosto e depois sentou-se, encostado ao choupo, à espera. As cigarras faziam barulho. Bocejou e deitou-se à sombra. Pouco depois, começou a risonhar. Chunhui permaneceu entre as ervas, olhando para aquele intruso indesejável.

Passado algum tempo, o homem acordou e espreguiçou-se. Tornou a procurar Chunhui, mas ela não estava em lado nenhum. Esperou mais um pouco antes de desistir. Começou a carregar os tijolos para o seu caminhão. Chunhui percebeu que aquele homem era seu inimigo. Ele podia levar os tijolos todos, sem que ninguém viesse ajudá-la. A sua natureza selvagem regressou. Aproximou-se do homem por trás, sem que ele reparasse nela, concentrado como estava em carregar os tijolos. Como um animal selvagem, ela atirou-se a ele. Ainda era incrivelmente forte, e a força do seu ataque seria suficiente para partir o pescoço de qualquer animal. Mas o pescoço daquele homem era tão grosso que foi difícil para ela pôr o braço à volta dele. O homem foi apanhado de surpresa, mas conseguiu afastá-la facilmente. Com as

mãos a agarrarem os braços um do outro, ficaram a olhar-se fixamente. Foi então que Chunhui o reconheceu — era o rapaz com quem tinha feito braço de ferro, quando eram crianças. Soltou-o. Olhou para ele, confusa. O homem percebeu que Chunhui o tinha reconhecido e sorriu.

— Até que enfim que me reconheceste — disse ele, com uma voz pujante. — Mas o que estás a fazer aqui sozinha, coberta com esse barro?

Chunhui não baixou a guarda e continuou a olhar para ele.

— Para onde foram todos? Como consegues viver aqui sozinha? O que comes? Onde vendes os tijolos? Não vi nenhum rasto de pneus. Não me parece que alguém tenha vindo comprar tijolos. Porque estás a fazer tantos? O que aconteceu aqui? Meu Deus, o que são aqueles ossos todos ali? Não são ossos humanos, pois não? És casada? Onde está o teu marido? E os teus filhos? Olha para estes cogumelos-ostra — porque é que ainda não os comeste? Porque é que tens esse isqueiro na mão? Não fumas, pois não? Parece caro. Não o roubaste, pois não? Por que motivo estás coberta de lama? É alguma máscara de beleza?

Chunhui nada disse.

Só depois ele sorriu, envergonhado.

— Ah, pois. Esqueci-me de que não consegues falar.

Desde muito novo que percorria o país, com o pai, que era camionista. Como tinha ossos fortes e densos, como Chunhui, sempre foi um bom trabalhador e pôde ajudar o pai, que o ensinou a conduzir e lhe mostrou as rotas. Quando fez dezassete anos, o pai teve de deixar de conduzir, devido ao agravamento da artrite. Por isso, tornou-se camionista e conduzia sozinho. Onde quer que houvesse mercadorias a transportar, ele transportava-as, quer se tratasse de couves, seixos, troncos, tijolos, artigos para a casa, peixe ou pessoas.

Passou a juventude na estrada até aos trinta anos, altura em que conheceu uma guarda-livros de uma empresa mineira e casou com ela. Ela queria que ele deixasse de conduzir e se fixasse. Com as suas poupanças, abriu um armazém geral perto da mina. A loja era bastante rentável, e tiveram um bebé. A mulher estava feliz, mas ele

não. Assim que pôs os olhos no filho, receou ficar amarrado e obrigado a viver numa jaula toda a vida, como se fosse uma vaca ou um porco. Uma noite, ao pôr do sol, depois de ter passado o dia inteiro na loja a olhar para a nova estrada que saía da aldeia, meteu-se no camião e partiu. Nunca mais voltou. Juntou-se com mais algumas mulheres, mas a sua vontade de vaguear acabava sempre por vir à tona; vaguear tornara-se o seu destino na vida.

Mas havia uma mulher que ele não conseguia esquecer — a rapariga muda com quem tinha brincado em criança, na fábrica de tijolos. Ela vinha-lhe à cabeça quando passava por cidades desconhecidas, quando contornava montanhas confiando apenas nas luzes do seu camião, quando se deitava no quarto bafiento de uma estalagem.

Cerca de uma década antes, tinha até regressado à fábrica de tijolos. Mas toda a gente tinha desaparecido, e a fábrica de tijolos já não estava a funcionar. Mais tarde, quando foi conhecendo outras mulheres e tentou assentar, esqueceu-a. Dois dias antes, estava a passar por uma cidade perto de Pyeongdae quando se lembrou outra vez dela. Tinha vontade de ver os seus olhos descomplicados e indiferentes. Pensou se ela não estaria de volta à fábrica de tijolos. E fora assim, sem qualquer expectativa, que virara o camião em direcção a Nambaran.

Ficaram ali parados, a olhar um para o outro. Chunhui achava que ele não lhe faria mal, mas, mesmo assim, não baixou a guarda.

— Bem, não sei o que aconteceu, e acho que não vou descobrir por ti. Mas isto não pode ficar aqui. Os tijolos são para construir coisas, não para amontoar. E parece que precisas de dinheiro. Conheço um construtor. Porque é que não levo alguns e tento vendê-los? Claro que não vou fazê-lo de graça. Mas, como és uma velha amiga, proponho-te um bom negócio — pagas a gasolina e as refeições, o que é que achas? — Começou a carregar os tijolos outra vez.

Chunhui bloqueou-lhe o caminho.

— Olha, estou a tentar ajudar-te. Vais poder vendê-los a um bom preço.

Chunhui não se mexeu.

— Isto não é maneira de receber um velho amigo. — O camionista levantou as mãos, em sinal de derrota. — Muito bem. Parece que hoje não é o dia certo. Mas não sejas assim, da próxima vez. E deixa-me só pedir-te uma coisa. Da próxima vez, por favor, veste uma roupa decente. Não sou grande fã de coisas provocantes. Por mais enterrada que estejas nas montanhas, não devias andar assim a mostrar tudo. Não és nenhum lobo.

O camionista foi conversando e brincando, mas Chunhui continuou a bloquear-lhe o caminho.

— Então, muito bem. Se não tens nada a dizer, vou-me embora. Fica bem. — Sentou-se no lugar do condutor e ligou o motor. Deu a volta ao camião. — Fico contente por ver que estás viva. Posso passar por cá para te visitar? Não posso prometer-te quando é que isso vai acontecer. Odeio promessas mais do que qualquer outra coisa no mundo. — Sorriu e foi-se embora, seguindo pela estrada de acesso.

Chunhui ficou ali parada, a bloquear os tijolos com os braços abertos. Mas quando o camião passou por baixo da pequena ponte, levantando uma nuvem de poeira, ela lembrou-se da longa fila de camiões, carregados de tijolos, que iam para todo o lado. Mas aquele camião não levava nada. Havia qualquer coisa de errado. Os tijolos não eram para ficar na fábrica. Tinham de ser postos em camiões e comboios e enviados para longe, para serem vendidos. Era assim que as pessoas os veriam e voltariam para ela.

Começou a correr ao longo da estrada, atrás do camião. Puxou do fundo da garganta um som, para chamar o camião de volta, mas o som desapareceu dentro dela, incapaz de sair da sua boca. Correu atrás do camião, por entre as ervas daninhas, até se enredar nas ervas e rebolar pelo chão. Quando olhou para cima, o camião já tinha desaparecido. Ficou no chão, cheia de arrependimento e desespero. Doía-lhe o coração. Estava à beira das lágrimas. Culpou-se a si própria. Sem se aperceber, repetiu o que o Máscara de Ferro tinha dito, enquanto a pontapeava, na prisão.

Cabra estúpida! Porca de merda! Berkshire! Muda maluca! Como podes dizer que és um ser humano? Morre, cabra, morre!

O camião nunca mais voltaria. Nunca mais ninguém voltaria.

Chunhui encolheu-se numa bola e chorou, no chão.

Chunhui estava tão destroçada que deixou de trabalhar. Nem sequer saía para ir buscar comida. Passaram-se muitos dias, e a sua energia foi-se esgotando. Chunhui sentia-se incapaz de levantar um dedo. Um dia, *Jumbo* apareceu. Ainda brilhava, mas parecia um pouco mais confuso.

Olá, menina. O que estás a fazer?, perguntou *Jumbo*, parecendo feliz por a ver.

Já não sou uma menina. Olha para mim. Estou velha e cansada.

Ah, ah. Para mim, és sempre uma menina. Só me lembro de como eras quando morri.

Mas porque é que estás tão confuso?

Porque estou a ser apagado das tuas memórias.

Chunhui ficou triste.

Ouve lá, menina. Controla-te. O homem há de voltar.

Chunhui sentou-se, surpreendida.

Como sabes?

O que queres dizer com isso de «como sei»? Tontinha. Pensa um pouco. Porque voltaria o homem à fábrica de tijolos se ela já não está a funcionar?

O que queres dizer com isso?

Ainda não percebeste o que isso significa? Ele ama-te, tonta.

Chunhui olhou para *Jumbo*, confusa.

Ele gosta de ti. Como eu gosto. Como as gémeas gostam. Estás a perceber?

Bem, ele não parecia ser uma pessoa má. Achas que ele vai mesmo voltar?

Espera e verás. De certeza que vai voltar.

Apesar de *Jumbo* a ter tranquilizado, Chunhui continuava a sentir-se deprimida; nunca alguém que tivesse partido tinha regressado. Alguns dias depois, conseguiu levantar-se. Foi ao vale para ver se havia alguma armadilha. Nada. Conseguiu apanhar alguns lagostins e

levou-os para a fábrica de tijolos. No cimo de uma colina, de onde conseguia ver a fábrica de tijolos, viu um camião estacionado junto da fábrica. Desceu-a a correr, entusiasmada. O condutor do camião estava ao lado da bomba de água, a fumar, e, quando viu Chunhui, disse, com um sorriso atrevido:

— Pensei que talvez te tivesses ido embora, mas, pelos vistos, enganei-me! Ia-me embora, se não aparecesses.

Chunhui não sabia como expressar a sua alegria. Ficou ali de pé, sem saber o que fazer, antes de lhe estender os lagostins.

— Isto deve ser bom se os assarmos! — Sorriu e pegou na prenda. — Também te trouxe uma coisa. — Tirou um embrulho do camião e atirou-o para junto dos pés de Chunhui. — Vá. Abre-o.

Chunhui desatou o embrulho com cuidado e, lá dentro, estava um vestido amarelo.

— As tuas roupas não são más, mas não sei para onde devo olhar quando as estás a usar. Não sei se é o tamanho certo. Só pedi o maior — explicou ele, embaraçado. De seguida, descarregou um saco de arroz e metade de um porco. Encolheu os ombros. — É só uma prenda. Não é mais nada. Só queria ajudar. Só isso. — Voltou para a carrinha. — Pronto. Se não tens mais nada para dizer, vou-me embora. Fica bem.

Chunhui pôs-se à frente do camião. Apontou para os tijolos empilhados no pátio e depois para o camião. O condutor do camião olhou para ela, confuso, e ela começou a carregar rapidamente os tijolos no camião. Ele sorriu e saiu do camião.

— Então, finalmente percebeste o que eu estava a tentar dizer — disse ele, arregaçando as mangas. — Deixa-me fazer isso. Não posso deixar uma mulher delicada fazer todo o trabalho.

Ele era tão forte que conseguia movê-los às dúzias, como se fossem brinquedos. Finalmente, quando o camião estava completamente carregado, amarrou-os firmemente com uma corda.

— Olha. Fica aqui e espera por mim até eu voltar. Mas não posso prometer-te quando será. Odeio promessas mais do que qualquer outra coisa no mundo.

E arrancou.

Chunhui ficou à entrada, a acenar, sentindo-se satisfeita. Estava

animada com a esperança de que os tijolos fossem vendidos, trazendo as pessoas de volta. Afinal de contas, não tinham já trazido de volta o seu amigo de infância?

Numa tarde, cerca de uma semana depois, ele voltou com o caminhão vazio. Entretanto, Chunhui tinha-se enchido de esperança, fazendo tijolos com regularidade. O condutor do caminhão saiu, sorridente, brandindo um maço de notas.

— Estás a ver? Eu disse-te que podias conseguir um bom preço por estes tijolos.

No entanto, Chunhui estava profundamente desapontada por não terem regressado mais pessoas. O camionista estendeu-lhe a mão.

— Toma, fica com o dinheiro. Em breve serás rica. Não te esqueças de mim, ouviste?

Ela abanou a cabeça, sem aceitar o dinheiro.

— Olha. Eu não sou o tipo de homem que engana uma mulher inocente. Não me faças parecer o mau da fita. — Estendeu novamente o dinheiro, mas ela continuou a abanar a cabeça. Por fim, ele desistiu e meteu as notas no bolso. — Está bem, então eu guardo-o para ti. Não te preocupes, não sou muito bom a matemática. A minha carteira é mais fiável do que qualquer banco. Mas porque não estás com o vestido? Não gostas da cor? Não foi caro, mas não comprei um trapo qualquer. Mesmo que sejas muito orgulhosa, devias pensar em como eu me sentiria se não o vestisses.

Chunhui nunca o tinha vestido. Tinha-o guardado na sua cabana. Para alguém que tinha medo da mais pequena mudança, era impossível tirar a roupa que usava há mais de dez anos para vestir uma roupa nova.

— Ah, então estás a poupá-lo? É por isso que não estás a usá-lo? Não tens de fazer isso. Não o comprei para o guardares. É para usares. Se ficar gasto, arranjo-te outro.

O camionista partiu com mais tijolos. E assim começou aquela parceria comercial. Em troca dos tijolos, o camionista trazia-lhe arroz, carne, panelas e cobertores. Aparecia quando queria e deixava sacos de arroz e levava tijolos. Não exigia mais nada de Chunhui. Apesar de

ser rude e de não compreender bem Chunhui, tinha percebido que ela era diferente da maioria das mulheres.

Chunhui fazia tijolos cada vez mais diligentemente. De vez em quando, olhava para cima, para a estrada de acesso; acabou por perceber que não estava à espera de que os trabalhadores regressassem, mas sim de que o camionista aparecesse. Isso não fazia qualquer sentido para ela, pois tinha-se fechado para o mundo. Era diferente da saudade que sentia das gémeas ou de Mun. Quando se abria uma brecha, uma enorme onda de sentimentos tinha jorrado. O rosto do camionista, que lhe vinha à cabeça quando amassava o barro, comia as suas refeições ou olhava para a Lua redonda, através das fendas do teto, sobrepunha-se a tudo o resto na sua cabeça. Aquelas sensações estranhas confundiam-na. Nunca as tinha sentido antes. A confusão que sentia ia aumentando à medida que ele aparecia e se ia embora. Já não conseguia dormir. Enquanto estava deitada na cama, os pensamentos misturavam-se na sua cabeça, contorcendo-se como vermes, e, ao amanhecer, estava exausta, depois de ter passado a noite inteira a remexer-se e a virar-se. Mas quando o Sol nascia, levantava-se e corria para a rua, na esperança de que ele aparecesse. Era, pela primeira vez em muito tempo, a lei do amor.

Um dia, Chunhui estava a lavar roupa no riacho onde Mun se tinha afogado e viu o seu próprio reflexo na água límpida. Os cabelos estavam espetados para todos os lados, como ervas daninhas, tinha a roupa rasgada e esfarrapada e o seu corpo enorme estava marcado por feridas feias. Chunhui lembrou-se da mulher que a sua mãe amara há muito tempo — o seu pescoço de marfim, a sua face suave, a sua cintura fina e longa...

Em casa, tirou finalmente os trapos e experimentou o vestido amarelo. Servia-lhe na perfeição, como se tivesse sido feito por medida. Alguns dias mais tarde, quando o camionista regressou, viu-a com o vestido e sorriu, espantado.

— Comprei o vestido certo. Com esse vestido, pareces um... um

pintainho bonito.

Depois disso, ele trouxe-lhe outras roupas, mas Chunhui usava sempre aquele vestido amarelo; queria que ele voltasse a sorrir assim. Finalmente, o acontecimento mais dramático e surpreendente da sua vida ocorreu nesse outono, alguns meses depois de o camião ter entrado pela primeira vez na fábrica de tijolos.

Nesse dia fatídico, Chunhui estava a tomar banho junto da bomba. Olhou para as cicatrizes no seu corpo. Pela primeira vez, as cicatrizes pareceram-lhe extremamente feias, especialmente a que tinha no peito, resultante da luta com o urso. Queria livrar-se delas. Mas, por mais que se esfregasse, as cicatrizes permaneciam na pele. Sentiu-se desiludida. Queria ter uma pele clara como a da amante da mãe. Se pudesse, faria o seu corpo parecer o dela.

Chunhui reparou que o camionista estava por perto. Não se tinha apercebido antes, mas o camião estava estacionado, e ele estava a olhar para o corpo dela nu. O seu habitual sorriso brilhante tinha desaparecido; nos olhos dele reluzia um calor estranho. Ela não reconheceu aquela expressão. Esqueceu-se de que estava nua e ficou a olhar para ele, confusa. Já tinha visto aquele olhar antes; era semelhante ao olhar dos homens, naquela noite, há muito tempo, durante a tempestade. Os homens que tinham despido a sua mãe e a tinham esmagado, amontoando-se em cima dela. Não era um bom sinal.

O camionista aproximou-se dela. Sentindo-se desconfortável, Chunhui recuou e tropeçou na raiz de uma árvore. Caiu de costas, revelando as suas partes íntimas. Os olhos do camionista ardiam. De repente, ele deitou-se em cima dela, a tremer. Ela estava paralisada. Ele baixou as calças e esfregou uma coisa quente nas virilhas dela. Ela sentiu o hálito quente dele na cara. O peito grosso dele esmagava-a. Estava presa. Não conseguia respirar. Tentou empurrá-lo. Mas uma coisa quente meteu-se entre as pernas dela. Sentiu uma dor aguda e ficou sem forças; era naquele sítio que o Máscara de Ferro tinha batido impiedosamente com o taco, quando ela estava na prisão. O Máscara de Ferro bufara quando ela sangrou, comentando: «Então és virgem?

Na verdade, que idiota maluco se ia interessar por um monstro como tu? Estavas melhor com um cão ou um cavalo.»

O camionista estava a torturá-la, pensou Chunhui. Afinal, ele era um homem mau. Lutou para o afastar, mas ele continuava a investir contra ela. Ela era forte, mas ele era ainda mais forte. De repente, ele enrijeceu e depois rolou, como um tronco. Ela sentiu a raiva a correr-lhe nas veias. Ele deitou-se ao lado dela, ofegante. Aquele homem mau estava a magoá-la. Levantou-se para lhe arrancar a cara à dentada. Mas a expressão dele tinha mudado. O estranho olhar quente tinha desaparecido; parecia tão gentil como de costume. Ela conseguiu ler desculpas e embaraço na cara dele. Estava confusa. Deveria arrancar-lhe o nariz à dentada?

— Desculpa, pintainho — disse ele. — Eu não queria fazer isto pela primeira vez desta maneira, mas não consegui controlar-me.

A mesma coisa acontecia sempre que ele vinha à fábrica. O corpo dela ficava petrificado e tinha dores, mas, por alguma razão, não conseguia desfazer-lhe a cara. Porque é que, de repente, ele agia como um homem mau? Talvez fosse uma doença, como a que ela tinha contraído quando teve parasitas dentro do corpo. A coisa estranha entre as pernas dele tinha de ser a fonte da doença. Tal como a mulher zarolha a tinha curado, ela queria curá-lo da sua doença. Decidiu cortá-la com uma faca, enquanto ele estava a dormir. Mas, no momento em que encostou a lâmina, ele acordou, tirou a faca da mão dela e atirou-a para longe. Ficou a olhar para ela, espantado.

— Estás doida, pintainho? Queres fazer de mim um eunuco? Sabes que quem fica a perder és tu, tonta.

Infelizmente para Chunhui, ela nunca experimentou o prazer do sexo. Acabou por perceber que o camionista não estava a tentar torturá-la, e sim a satisfazer um impulso natural, como todos os animais do mundo, mas para ela continuava a ser estranho e aterrador. Mesmo depois de ter deixado de doer, o corpo dela continuava a ficar como uma pedra quando os olhos dele brilhavam com aquele calor estranho. Enquanto ele ofegava em cima dela, ela só desejava que aquilo acabasse depressa, para ele voltar à sua forma

gentil de sempre. Queria que ele ficasse ali deitado, com os braços à volta dela, a contar-lhe todas as coisas que tinha vivido nas suas viagens. Embora não conseguisse perceber bem o que ele dizia, o seu cheiro agradável e a sua voz grave e pujante faziam-na sentir-se tranquila e adormecer.

Chunhui começou a cozinhar para ele, quando ele aparecia. Lembrou-se de como as mulheres faziam arroz no grande caldeirão, e ela cozinava arroz e fazia *banchan*¹. O arroz não ficava bem cozinhado e o *banchan* não sabia bem, mas ele devorava sempre tudo com prazer. Depois de acabar a primeira tigela de arroz, pegava timidamente na tigela e pedia: «Dá-me mais, pintainho. Tenho tanta fome. Os teus cozinhados são tão bons que tenho de comer mais, mesmo que depois fique com dores de barriga.»

Como qualquer outro casal, sentavam-se os dois lado a lado, comiam juntos e iam para a cama juntos. Naquele ano, na outrora solitária Nambaran, as folhas de outono ficaram invulgarmente bonitas e a estação encheu-se de alegria, graças a um homem.

A vida de Chunhui entrou numa nova fase. Depois de dez anos brutais na prisão e alguns em isolamento, os meses passados com o camionista só podiam ser descritos como uma bênção inesperada. Uma vida inteira passada assim poderia ter sido suficiente para suavizar a dor que ela tinha sofrido, mas a vida da rainha não terminou de forma tão simples. O destino brutal ainda tinha uma provação mais cruel à sua espera.

Poucos dias depois da primeira geada, o camionista chegou à fábrica de tijolos. Tinha trazido um casaco grosso para Chunhui, antecipando o inverno. Assim que viu Chunhui, puxou-lhe a saia para cima, como sempre fazia, mas, desta vez, reparou que a barriga dela estava mais redonda do que o habitual. Embora ela sempre tivesse sido maior do que as outras mulheres, apercebeu-se de que aquilo era outra coisa diferente. A expressão dele mudou. Saiu de cima dela e baixou-lhe a saia, em silêncio. Ela apercebeu-se de que havia qualquer coisa de errado. Ele esforçou-se por parecer feliz, mas havia frieza e dureza no olhar dele. Não terminou a sua tigela de arroz e não

adormeceu, nessa noite. De vez em quando, acariciava o cabelo de Chunhui e suspirava profundamente, enquanto ela dormia ao seu lado.

Na manhã seguinte, Chunhui acordou e viu que o camionista tinha desaparecido. O caminhão dele também tinha desaparecido. Achou estranho que ele tivesse partido sem as habituais despedidas. Ele nunca se tinha ido embora sem se despedir primeiro. Sentiu-se inquieta durante todo o dia. Enquanto trabalhava, estava sempre a olhar para a estrada de acesso.

Àquela hora, o camionista já estava longe da fábrica de tijolos, numa estrada estreita de montanha. Criar uma nova vida é motivo de celebração, mas não para ele. Temia que uma criança o prendesse e aprisionasse, exatamente como se sentira há muito tempo, quando deixara a guarda-livros. Enquanto conduzia pelas estradas sinuosas, estava triste por se separar de Chunhui, mas sabia que não havia outra coisa a fazer; o seu destino era vaguear. Sentiu-se livre quando chegou ao pico seguinte. Verdade seja dita, Chunhui não era assim tão atraente. No outro a seguir, pensou em como as estradas se estendiam por todo o lado, e em como estavam cheias de mulheres. As mulheres eram apenas uma das muitas coisas que um homem merecia na vida. Quando subiu ao último pico, já estava com esperança de conhecer uma nova mulher e de ter uma vida fantástica numa nova cidade. Quando o caminhão chegou às planícies abertas, acelerou. E foi assim que o camionista partiu. Seria a sua última viagem.

O camionista não regressou nem mesmo quando nevou pela primeira vez, naquele inverno. A barriga de Chunhui estava a inchar. Ela sabia que, depois do acasalamento, as barrigas dos animais cresciam e nasciam crias. Continuou a olhar para a estrada de acesso, à espera. Continuava a ouvir o que ele dizia, sempre que se ia embora: «Muito bem, pintainho. Vemo-nos por aí. Não te posso prometer quando é que isso vai acontecer. Odeio promessas mais do que qualquer outra coisa no mundo.»

Como sempre, o camionista tinha partido sem fazer qualquer

promessa. O silêncio regressou à fábrica de tijolos. O inverno tornou-se mais agreste, e ele não regressou. Chunhui sentia o bebé a dar pontapés. Tinha medo da vida preciosa que crescia dentro de si. Também sentia o coração a transbordar de orgulho. Passou o inverno no seu quarto escuro, sozinha, em silêncio, como uma galinha choca.

Na primavera seguinte, Chunhui estava tão grande que mal conseguia levantar-se. A pele esticara e as veias tornaram-se salientes. Tinha medo de que a barriga lhe rebentasse. Não tinha mais comida. Pela primeira vez, em quase um ano, foi forçada a voltar ao campo, à procura de comida. Mas era demasiado cedo para haver alguma coisa nos campos e nos vales. A fome insuportável que sentia nessa altura era tão horrível e tão triste que seria angustiante pô-la por escrito. Compreendeu, intuitivamente, que a fome também fazia sofrer a criança, o que a preocupava ainda mais. Esperava cada vez mais desesperadamente pelo camionista, mas ele nunca apareceu.

Mais tarde, nessa primavera, deu à luz uma menina, sozinha. A bebé era pequena e fraca; nem sequer chorou. A situação era tão terrível como quando ela própria nasceu, no estábulo das gémeas. Chunhui cortou o cordão umbilical com os dentes, cozeu a placenta e comeu-a. Eram os seus instintos que lhe diziam o que fazer. Encostou a bebé ao peito. Saiu leite aguado, e a bebé conseguiu mamar. Chunhui encheu-se de alegria ao ver aquele ser vivo, que ela tinha criado, a mamar. Ninguém lhe tinha falado da alegria da maternidade.

Mas aquela alegria durou pouco tempo. Chunhui teve de percorrer os campos e os vales, à procura de comida, logo no dia a seguir. O instinto de alimentar a sua bebé empurrou a nova mãe para a natureza estéril. Procurou desesperadamente nos vales, mas a primavera inconstante que fazia brotar novas folhas e desabrochar flores era uma estação de fome brutal. Não tinha leite suficiente. A bebé mamava e chorava debilmente. Não havia maneira de ter leite, porque ela não estava a comer. Chunhui comia rebentos novos, escavava para mastigar raízes de árvores e comia ratos do campo. Lutou para proteger a sua filha fraca — uma batalha simples, mas cruel.

À medida que a estação amadurecia e o verão se aproximava, os

vales produziam apenas comida suficiente para Chunhui produzir o mínimo de leite. Chunhui ficou mais ocupada; ia à procura de comida, cuidava da bebé e começou outra vez a fazer tijolos. Talvez ele se tivesse ido embora por ela estar a fazer menos tijolos. Queria vê-lo. Tinha saudades da sua voz pujante, do seu cheiro agradável, e até de dormir com ele, apesar de o detestar tanto. Queria falar-lhe da bebé. Queria mostrar-lhe o que tinham feito juntos. A sua esperança continuou durante o outono, até que o inverno cruel chegou novamente.

¹ Pequenos pratos de comida variada servidos com o arroz, como acompanhamentos. (*N. da T.*)

A tempestade de neve

NAQUELE INVERNO, registou-se o maior nível de queda de neve desde que o governo começou a manter registos. Os mais velhos recordavam esse inverno sempre que nevava, e comentavam: «Isto não é nada, comparado com aquela altura. Pensei que ia ser o regresso da Idade do Gelo.»

Chunhui caminhava através da tempestade de neve, com a bebé ao colo. Estava perto do vale onde encontrara a mulher zarolha. A bebé estava a arder. Consequia ouvir o choro fraco da bebé através do vento frio que lhe batia nos ouvidos. Andava à procura da zarolha. Achava que aquela estranha mulher podia ajudar a sua filha, tal como a tinha ajudado com o parasita. Era a única coisa que podia fazer pela sua filha doente.

Deu com a bebé a chorar quando regressou das suas armadilhas na floresta. Felizmente, tinha apanhado um coelho pequeno e corra para casa, pensando em cozer o coelho e fazer papas de aveia. Foi então que encontrou a bebé coberta de pequenas manchas vermelhas. O seu rosto estava vermelho e quente, e não parava de tossir. Rapidamente, aproximou a bebé do peito, para a acalmar, mas não parava de chorar. Chunhui não sabia o que fazer. A bebé tossia dolorosamente e não conseguia recuperar o fôlego. Deu-lhe um pouco de caldo de coelho, mas ela vomitou.

A febre da bebé aumentou durante a tarde. Estava tão fraca que nem conseguia chorar. Chunhui chegava a bebé ao peito, enquanto corria pela neve, em direção ao vale. Mas o vale estendia-se sem fim, e todos os caminhos eram semelhantes. Não conseguia perceber para que lado tinha ido quando encontrara a mulher zarolha. A neve caía-lhe em cima tão depressa que ela já estava afundada até aos joelhos. O choro da bebé diminuiu. Chunhui continuou a andar, mas perdeu-se. Ficou assustada. Tinha de regressar antes que escurecesse. Voltou-se

para trás, mas estava tudo enterrado na neve. O vento soava como espíritos a lamentarem-se. Não conseguia perceber qual era o caminho certo; o dia foi-se apagando e a escuridão cobriu instantaneamente o mundo inteiro. A neve continuava a cair. Foi caminhando e caminhando, mas tudo era um campo de neve sem fim. Estava cada vez mais cansada, e os seus passos eram cada vez mais lentos. Tudo se afundava na escuridão. Acabou por cair num profundo monte de neve. Estava mais quente do que esperava. O vento que lhe gritava aos ouvidos ficou abafado. Sabia que devia levantar-se, mas não conseguia mexer-se. Não conseguia levantar a cabeça. Pensou na morte. Pareceu-lhe conseguir sentir o cheiro do estábulo onde tinha nascido. Um pó fino cobriu lentamente mãe e filha, exaustas.

Enquanto Chunhui procurava o caminho de volta, o camionista conduzia ao longo de uma estrada de montanha. Estava a regressar à fábrica de tijolos. A tempestade de neve, que começara à tarde, não parava; tornava-se mais forte à medida que a noite avançava. Estava cansado; tinha acabado de sair da prisão.

Depois de ter deixado Chunhui, só lhe tinham acontecido coisas más. Transportava fruta de um pomar distante para a cidade, ganhando bem a vida. Conheceu uma mulher que vendia fruta no mercado. Ela cheirava sempre a uvas perfumadas. Apaixonaram-se logo nos primeiros meses. Arranjaram uma casa e foram viver juntos. Mas a mulher era uma pessoa que nunca estava satisfeita. Importunava-o, criticava-o e chamava-lhe preguiçoso. Achava que ele gastava o dinheiro demasiado à vontade e olhava-o com desprezo, exigindo que se comportasse mais como os outros homens. Era insuportável. Por isso, ele foi-se embora.

Depois de uma noite de copos, partiu para uma cidade vizinha e teve um acidente. Ninguém se magoou, mas começou a discutir com o outro condutor e acabou por lhe dar um soco. Foi levado para a esquadra e passou alguns dias na cadeia. Foi nessa altura que pensou em Chunhui. Pensou se ela já teria dado à luz. Apercebeu-se de que estava a ficar velho. Já não era tão forte como antes. Talvez fosse altura de parar com os seus longos anos de deambulação. Queria

assentar e criar um filho.

Quando foi libertado, passou pelo mercado e comprou um pouco de arroz e carne. Comprou uma camisola amarela de lã de ovelha, um presente para Chunhui. Mal podia esperar para a ver e à criança que tinham feito juntos. A queda de neve tornou-se mais forte à medida que ele se aproximava de Pyeongdae. Ainda tinha mais um pico para escalar, e só então conseguiria ver a fábrica de tijolos ao longe. Chunhui ainda estaria a usar o vestido amarelo? Ensaiou o que diria, quando a visse.

«Desculpa, pintainho», diria ele. «Não me fui embora por estar farto de ti. Só queria ser livre. Mas agora tudo isso acabou. Nunca prometi nada a ninguém antes, mas prometo-te uma coisa. Não te vou deixar outra vez, aconteça o que acontecer.»

A tempestade de neve era intensa. Não conseguia ver; tinha de conduzir com a cara colada ao para-brisas. Seria bom se o bebé fosse uma menina, pensou. Ao descer a encosta, apercebeu-se de que não tinha trazido um presente para o bebé. Ficou irritado consigo próprio. *Idiota!*

Bateu com o punho no volante. De repente, o volante deu uma guinada e o camião começou a derrapar. Puxou o volante para o outro lado e o camião deslizou e embateu no rail. Começou a cair para o vale. *De quanto será a queda?*, pensou. *Preferia morrer na estrada.*

O camião embateu contra uma rocha e ficou esmagado. A forte tempestade de neve cobriu-o rapidamente. Foi assim que a vida dele acabou, num vale coberto de neve, depois de ter passado toda a vida na estrada. Passados alguns meses, em maio, um caminhante encontrou o corpo no camião esmagado, depois de a neve ter derretido. O local ficava a uns meros quinze quilómetros da fábrica de tijolos.

Chunhui abriu os olhos. Tinha os olhos a picar. O Sol estava a nascer sobre os campos brancos com a neve. Tudo estava calmo. Nem sequer uma brisa se fazia sentir no ar. Chunhui levantou-se devagar. Sentia-se pesada, sobrecarregada. Olhou para os braços. Não havia bebé. Atónita, começou a escavar a neve, freneticamente. Descobriu a

bebé e pegou nela. Estava gelada. O seu rosto estava pálido, os membros, inertes. Um choque profundo e insuportável apoderou-se dela no momento em que percebeu que a bebé estava morta. Esfregou a cara na cara fria da bebé. Não podia reverter a morte. Sabia isso muito bem. Cambaleou como um veado abatido, quando os joelhos se-lhe dobraram. Pousou a bebé gentilmente na neve. Era tão pequenina, tão fraca. E estava morta. Um maremoto de tristeza apoderou-se dela e rebentou-lhe pela garganta. Chorou, desesperada e atormentada, sem conseguir respirar. O Sol continuava a subir no céu. Chunhui, um único ponto na planície branca de neve, chorava. Derramou toda a sua solidão e dor nas suas lágrimas, com o corpo a tremer, soluçando violentamente. Chorava como se o seu peito fosse rebentar, o coração partir-se, a garganta rasgar-se.

O imponente cinema

A HISTÓRIA SALTA AGORA SOBRE O OCEANO DO TEMPO para nos levar a um arquiteto, vinte anos mais tarde, que desligava o telefone, depois de ter terminado uma chamada. Com um ar desapontado, soltou um suspiro. Esfregou o rosto, murmurando: «Acho que faz sentido. Não é possível que ainda lá esteja. Estará tudo acabado?»

Levantou-se, serviu-se de um copo de uísque e foi até à janela, para ver as luzes cintilantes da cidade. Ficou a ver a vista, desanimado. Deitou fora o uísque. «Tenho de ir ver com os meus próprios olhos. Ainda tenho tempo para começar a construção. Porque é que não confirmo pessoalmente?»

Pouco depois, fazia as malas para ir viajar.

O arquiteto era uma pessoa muito calada, mas segura dos seus objetivos. Estudara no estrangeiro e regressara ao seu país para revolucionar o mundo da arquitetura. Era conhecido por ter criado um novo conceito de arquitetura, elevando-a de simples engenharia a arte. A sua missão era construir uma estrutura que fosse natural, mas não grosseira, bonita, mas não espalhafatosa, utilitária, mas não superficial, equilibrada, mas não artificial; isso exigia uma disciplina rigorosa e uma mente artística. As pessoas elogiavam tudo o que ele construía, e estava sempre a ser bombardeado com mais encomendas. Mas era exigente com os seus projetos. Temia as convenções e receava que os seus talentos fossem explorados pelos ricos.

Cerca de um ano antes, dois homens de fato preto e óculos escuros tinham ido visitá-lo. Lidavam com informações confidenciais relacionadas com a segurança nacional. Entregaram-lhe um documento que resumia as exigências do general; era uma lista pormenorizada de requisitos para um novo edifício. Seria um cinema

imponente. O arquiteto ficou entusiasmado. Era um desafio, e era exatamente disso que ele precisava. Estava cansado, física e mentalmente. Como era politicamente agnóstico, aceitou de imediato a proposta. Teria sido obrigado a aceitar, mesmo que tivesse recusado, e, assim, teve a sorte de evitar ser arrastado para uma cave qualquer.

O projeto demorou muito tempo. Construir um cinema era um trabalho muito complexo, pois era preciso ter em conta a acústica, a iluminação e os lugares. Os agentes telefonavam-lhe frequentemente, pressionando-o a entregar o projeto. Pareciam estar com pressa, e tinham razão para isso.

O general estava a trabalhar para um tratado de paz com o Norte. Ninguém sabia o que estava verdadeiramente a pensar, mas o general mandou enviados especiais para as conversações. Os resultados foram satisfatórios, e havia até a esperança de que as conversações fossem a base para um acordo de paz inédito. Mas quando os enviados do Sul foram para o Norte, viram uma coisa surpreendente: um enorme e luxuoso cinema. O general do Norte tinha muito orgulho naquele edifício. O general do Sul soube disso e ficou nervoso. Talvez estivessem a ficar para trás em relação ao Norte. O passo seguinte seria os enviados do Norte virem ao Sul. O general tinha pouco tempo. Mas decidiu construir um cinema impressionante, visível do local onde os enviados do Norte ficariam hospedados. Os planos tinham de avançar em segredo. Na altura, tudo o que tivesse a ver com o Norte era tratado como ultrassecreto, independentemente do que fosse, razão pela qual foi a agência de segurança nacional a encomendar o projeto ao arquiteto.

Felizmente, o arquiteto conseguiu terminar o projeto a tempo. O que era mais difícil era a construção. Foi muito cuidadoso na seleção dos materiais; o cinema tornar-se-ia um destino. O cimento parecia barato, o mármore era demasiado pesado e a madeira era impraticável. O cinema era um espaço para toda a comunidade; por isso, os materiais utilizados tinham de ser agradáveis para as massas e,

ao mesmo tempo, ter um significado artístico. Após uma longa reflexão, escolheu o tijolo de barro. Feito apenas de argila, água e fogo, era o mais antigo de todos os materiais de construção e a combinação ideal de natureza e civilização. Mas a cor dos tijolos criou alguma fricção com os agentes. Eles insistiam que a cor vermelha trazia à mente os comunas. Mais uma vez, era a lei da ideologia.

No final, a agência teve de recuar para poderem construir o cinema a tempo. Mas depararam-se com outro problema. Embora encontrassem, a todo o momento, tijolos e estaleiros de tijolos, o que o arquiteto queria eram tijolos especiais, adequados a um cinema imponente. As suas exigências eram tão elevadas que todos os fabricantes que tinham vindo com amostras tinham sido rejeitados. Cada vez que recusava mais uma amostra, o arquiteto dizia ao respetivo fabricante: «Sabe, nem todas as coisas redondas são rodas, nem todas as formas retangulares são tijolos. Percebe o que quero dizer?»

Acabou por tomar a iniciativa de ir à procura dos tijolos que queria. A agência estava sempre a pressioná-lo, porque ele estava a demorar muito tempo a escolher os materiais. Visitou todas as fábricas de tijolos do país, mas continuou a não encontrar nada de que gostasse. De vez em quando, encontrava tijolos excelentes, mas as suas expectativas eram sempre maiores.

Um dia, estava a passar por uma cidade rural; tinha ido ver uma fábrica de tijolos, mas estava a regressar a casa, desiludido. Seria obrigado a escolher tijolos que fossem apenas «decentes». Tinha um peso enorme no coração. Soltou um suspiro e deixou o olhar vaguear pela janela. Um edifício antigo chamou-lhe a atenção. De repente, sentiu-se bem alerta. Pediu ao motorista que parasse o carro. Saiu e dirigiu-se para o edifício.

O edifício de dois andares albergava um salão de bilhar e um café. Era velho e estava em mau estado, abandonado à degradação, com fendas visíveis na fachada de tijolo. Mas reparou imediatamente que os tijolos eram superiores a todos os que tinha visto. Eram espantosos, incomparáveis. Deu por si a acariciar os tijolos. Eram dignos e com

uma tonalidade não demasiado brilhante nem demasiado baça. Eram majestosos, mas discretos, não eram desordenados nem convencionais. Eram os tijolos que ele tinha procurado desesperadamente durante os últimos meses. De facto, eram ainda melhores do que ele podia ter imaginado. Eram joias feitas de barro.

Ficou tão comovido que se deixou estar ali parado, com uma mão na parede. Baixou a cabeça em sinal de respeito pela pessoa que tinha feito aqueles tijolos. Em comparação com aquele artesão, o seu talento não passava de uma brincadeira de crianças. Ao fim de muito tempo, murmurou: «Se houvesse um deus que fizesse tijolos, eram estes que ele faria.»

A porta do café abriu-se e uma empregada de mesa pôs a cabeça de fora.

— Ó senhor, não fique aí especado. Entre para tomar um café.

A jovem estava a mastigar pastilha elástica e usava uma saia tão curta que a roupa interior era quase visível.

O arquiteto agarrou a mão da rapariga.

— Achas que existe um deus?

— Quem sabe? Se existisse, ter-me-ia deixado servir café a partir dos doze anos?

— Era o que eu também pensava, até agora. Talvez não te apercebas, mas estás a trabalhar num edifício feito por Deus. É realmente incrível.

— Eu sei — disse a rapariga, com indiferença.

— Sabes? — O arquiteto ficou surpreendido.

— Sei. Este prédio foi feito por Deus e eu sou a Virgem Maria. Agora vais querer verificar se sou virgem ou não, certo? Sei que vais querer puxar a minha roupa interior para baixo e bater-me se, afinal, não for virgem.

— Não, não. Não foi isso que eu quis dizer...

A rapariga sacudiu a mão dele e cuspiu a pastilha elástica, que caiu aos pés dele.

— Tarado do caraças — disse ela, voltando para dentro. — Se quiseres, pede. Que merda é esta? Odeio idiotas que pedem assim.

O calendário da construção estava sempre a ser adiado. A agência continuava a pressionar o arquiteto, mas ele não cedeu. As suas convicções eram tão firmes que parecia que não se deixaria comover, mesmo que lhe apontassem uma arma à cabeça. Por isso, em vez de o arrastarem para uma cave qualquer, pediram-lhe que se despachasse e comesse a trabalhar como um favor para eles, para não ficarem em apuros. Mas o arquiteto resistiu. Se não encontrasse os tijolos que queria, não colocaria um único no local da construção. Toda a rede de serviços secretos foi mobilizada para enviar agentes para procurarem tijolos.

Foram descobertos mais alguns edifícios feitos com os tijolos que tanto tinham comovido o arquiteto. Os agentes efetuaram investigações secretas sobre a origem dos tijolos, o que prolongou ainda mais o processo. Não havia qualquer razão para que fizessem investigações secretas por meros tijolos, mas era assim que funcionavam. Como já tinha passado muito tempo desde que os edifícios tinham sido construídos, as pessoas que tinham estado envolvidas estavam, na sua maioria, mortas ou, se ainda estavam vivas, não se lembravam. Conseguiram obter informações sobre um homem muito forte que costumava entregar tijolos — isto de um velho empreiteiro que ainda estava bom da cabeça. Aparentemente, esse homem era tão forte que conseguia carregar dezenas de tijolos de uma só vez, e, apesar de já ter passado muito tempo, o dono da obra ainda se lembrava das palavras com que se despedira: «Da próxima vez, trago mais tijolos. Não posso prometer-te quando será. Odeio promessas mais do que qualquer outra coisa no mundo.»

A agência procurou a fábrica de tijolos onde esses tijolos eram feitos, espalhando-se em todas as direções a partir do local onde os tijolos tinham sido descobertos. Não tiveram sucesso. Entretanto, o arquiteto descobriu um novo tijolo num local em demolição. Embora não fosse tão impressionante como os tijolos que procurava, era de qualidade muito superior a qualquer outro, e era bastante semelhante aos originais, em termos de produção e material. Tinha a certeza de que tinham sido feitos na mesma fábrica de tijolos. Pediu testes a um

laboratório universitário, e os resultados indicaram que tinham sido feitos vinte anos antes dos primeiros tijolos que ele tinha encontrado. Uma pista importante era uma gravação na parte lateral do tijolo: «Tijolos e Telhas de Pyeongdae».

Recomeçou a busca por uma fábrica de tijolos chamada Tijolos e Telhas de Pyeongdae. Numa cidade onde a maior parte dos tijolos tinham sido encontrados, os agentes recolheram uma série de informações sobre uma outra cidade chamada Pyeongdae. Pyeongdae tinha desaparecido décadas antes. Conseguiram encontrar o nome num antigo Almanaque Ferroviário e calcularam a localização. De pessoas idosas da zona, ouviram um velho rumor sobre uma cidade, um grande incêndio e pessoas que morreram no fogo. Seis meses depois de o arquiteto ter encontrado o primeiro tijolo, descobriram, finalmente, a trágica cidade de Pyeongdae, graças a um idoso que tinha saído de lá em criança, depois do incêndio, e que se lembrava vagamente do local.

Quando os agentes chegaram a Pyeongdae, a cidade estava coberta por décadas de árvores e ervas daninhas, como se um espírito da floresta tivesse escondido a cidade no seu abraço. Pyeongdae era maior do que eles inicialmente pensavam. Ficaram mais do que surpreendidos com os grandes terrenos, que lhes permitiam deduzir quão próspera teria sido outrora. Havia marcas do incêndio em todos os edifícios que restavam, um sinal da incrível dimensão que teria tido. Encontraram o cinema onde o fogo tinha começado. O edifício em forma de baleia tinha-se desmoronado há muito tempo, mas a sua larga escadaria de mármore formava uma cascata à volta das ruínas, como uma saia, contornando a grande praça. Podiam ver quão luxuoso devia ter sido.

Ao passarem pelo cinema, viram um velho cão amarrado a um poste onde outrora existia uma bilheteira; o animal estava exausto de solidão e fome. O cão ossudo parecia um monte de trapos. Não conseguiam acreditar que um cão ainda pudesse estar vivo, décadas depois de a cidade ter sido abandonada. Talvez alguém tivesse amarrado o cão ali há pouco tempo, mas a corrente de metal à volta

do pescoço do cão estava enferrujada, como se tivesse sido exposta a anos de chuva e vento. Um dos agentes tocou na corrente, para o soltar, e ela partiu-se. No entanto, o pobre cão continuou imóvel, piscando os olhos cheios de crostas.

Quatro dias depois, o arquiteto recebeu um telefonema da agência. Os agentes tinham finalmente descoberto onde ficava a fábrica Tijolos e Telhas de Pyeongdae. A área estava coberta de silvas e ervas daninhas, e tinham passado dois dias à procura de um caminho para entrar. Tiveram de abrir caminho e chegaram à entrada, descobrindo uma fábrica de tijolos fechada e coberta de ervas. Os agentes transmitiram as más notícias e disseram ao arquiteto que tinha de começar a construção; não podiam esperar mais. Se ele insistisse na sua teimosia, seriam obrigados a começar a construção sem ele. O arquiteto ficou profundamente desanimado. Respondeu que compreendia e desligou. Mas ele queria ver a fábrica de tijolos com os seus próprios olhos, pisar o local onde os tijolos tinham sido feitos. Queria confirmar pessoalmente que não podia continuar a agarrar-se à esperança; seria a única forma de se libertar daquela obsessão de meses com os tijolos. Meia hora depois de o telefone ter tocado, dirigiu-se para a fábrica de tijolos.

Chegou à estrada de acesso na noite seguinte, por volta do pôr do sol. Foi a pé até à fábrica de tijolos, seguindo o caminho que os agentes tinham feito. A estrada de acesso era um emaranhado de trepadeiras e silvas venenosas, o que dificultava a entrada até de um rato, como se o próprio caminho quisesse negar o acesso. Os agentes tinham usado foices e serras para ir cortando lentamente o mato. Felizmente, o arquiteto conseguiu chegar à entrada sem grande dificuldade, mas o caminho acabava ali. À entrada estava uma placa de madeira meio podre, onde se lia, com dificuldade: «Tijolos e Telhas de Pyeongdae».

O arquiteto ficou desiludido. Entre os fornos danificados, apenas cresciam margaridas; era evidente que o local estava deserto há muito

tempo. O arquiteto suspirou e pôs um cigarro na boca. As suas esperanças tinham-se desvanecido. Mas não conseguia voltar para o carro. Queria ir até ao interior da fábrica, do outro lado das silvas. No mínimo, queria uma pista sobre como os tijolos eram feitos.

Meteu a bainha das calças dentro das meias e começou a abrir caminho. Não era fácil atravessar aquele matagal sem ferramentas. Os pés afundavam-se-lhe no solo mole e pantanoso. Não desistiu e foi avançando pouco a pouco. As silvas empurravam-no e resistiam aos esforços dele. O pátio ficava apenas a trinta metros da entrada, mas teve de lutar durante mais de uma hora. Conseguiu passar através do emaranhado de vegetação até ao pátio, como se fosse um recém-nascido a ser projetado para fora do ventre da mãe.

Quando chegou ao outro lado, viu que não havia muitas ervas daninhas; apenas margaridas a cobrirem o espaço. Era uma visão espantosa. Havia ossos — ossos de animais? —, e alguns barris de madeira podre rebolavam. Uma estrutura que parecia ter sido uma casa tinha caído e estava rodeada por uma espessa camada de margaridas. O arquiteto olhou em volta devagar e dirigiu-se para os fornos em ruínas. Há muito que tinham cedido. Acariciou um forno, como se adivinhasse a resposta a um enigma insolúvel. O seu coração palpitava de excitação. Tirou a mão do forno e olhou para cima.

E... foi então que os viu! Tijolos vermelhos empilhados na vasta planície atrás da fábrica de tijolos! Não podia acreditar no que os seus olhos viam. Sentiu o coração a acelerar e quase soltou um grito. Os tijolos, há muito enterrados, tinham revelado a sua existência. As pernas fraquejaram-lhe e pôs uma mão no forno, para se equilibrar. Os tijolos cobriam a planície e chegavam a amontoar-se no vale. Eram tantos tijolos que dariam para construir vários grandes cinemas e ainda sobriariam alguns. Era um feito impressionante e comovente. Embora os agentes tivessem ido até à entrada no dia anterior, não tinham visto os tijolos por causa das ervas altas e da longa extensão de fornos que lhes bloqueavam a visão. Centenas de milhares, não, milhões, de tijolos agitavam-se como uma enorme onda, sob o Sol poente, como se estivessem vivos. Os olhos do arquiteto encheram-se de lágrimas. Caíram-lhe pelas faces. A voz tremeu-lhe, quando murmurou: «Isto é inacreditável! É um milagre!»

O Sol estava a pôr-se a oeste, para lá da planície. Os tijolos vermelhos fundiam-se com o pôr do sol, ardendo como fogo. Era verdadeiramente uma visão magnífica.

Chunhui, ou a rainha

CARO LEITOR, por favor, aguarde só mais um bocadinho sem adormecer. Chegámos finalmente ao fim da nossa longa viagem. Dois dias depois de o arquiteto se ter embrenhado no mato para encontrar os tijolos, os agentes que investigavam a zona descobriram o que pareciam ser restos humanos junto a um forno. Como a fábrica de tijolos estava cheia de ossos, não se aperceberam imediatamente de que alguns eram ossos humanos. Enviaram-nos para um laboratório. Eram os restos mortais de uma mulher que tinha morrido talvez uma década antes. Os ossos eram invulgarmente grandes para uma mulher, e o antebraço era composto não por dois, mas apenas por um osso grande. O investigador responsável pela autópsia comentou: «Esta mulher devia ser incrivelmente forte.»

Juntando as várias pistas, tornou-se claro que a pessoa que tinha feito todos aqueles tijolos tinha sido aquela mulher. O arquiteto deu-lhe um nome de respeito: «A Rainha dos Tijolos Vermelhos».

Quando a construção do grande cinema foi finalmente iniciada, a história dos tijolos foi escrita num jornal. Em breve, começaram a proliferar nos meios de comunicação todos os tipos de histórias sobre os tijolos. Alguém que supostamente teria trabalhado na fábrica de tijolos contou a sua história, havia teorias de que outra pessoa tinha realmente feito os tijolos e, no final, havia tantos relatos que era difícil determinar o que era verdade e o que era inventado. Quase todos os dias era acrescentada uma nova história, e quase todos os dias era emitida uma correção. O nome de quem fabricara os tijolos e de quem se falava tão fervorosamente foi finalmente revelado ao mundo.

Chunhui.

Agora, a história volta a Chunhui, a nossa pobre heroína, que deixámos de lado durante todo este tempo. Chunhui, que tinha estado a chorar na planície coberta de neve, abraçada ao corpo frio e morto

da sua filha, enterrou a bebê numa pequena colina, no vale, e regressou à fábrica de tijolos. A campa não tinha qualquer marca, não havia mais lamentações. Depois, ficou deitada no seu quarto escuro, sem comer, à espera da morte. Já não tinha forças para sofrer o seu brutal castigo. Mas não morreu. Não bebeu nem um gole de água durante mais de três meses, mas a sua vida era tenaz e não a deixou morrer.

Quando chegou a primavera, desistiu de morrer e saiu à procura de comida. Deixou de esperar pelo camionista; ele era apenas uma das muitas pessoas que a tinham abandonado. Não o culpava. Pelo contrário, não achava que o seu sofrimento estivesse ligado à irresponsabilidade dele. A dor, para ela, era algo que vinha de dentro. Não era culpa de ninguém.

Quando recuperou um pouco, Chunhui começou outra vez a fazer tijolos. Pensava na bebê enquanto fazia os tijolos. Pensava nas suas bochechas macias e nos seus dedos delicados, semelhantes a lagartas, e nos seus pequenos lábios que sugavam sem força o peito dela. As lágrimas corriam-lhe pela cara sempre que pensava na filha. Decidiu deixar de pensar nela. Mas, quanto mais se empenhava em parar, mais o rosto dela aparecia diante dos seus olhos. Pensava na filha, jurava parar e acabava por pensar nela todo o dia.

Depois de encher os moldes, começou a desenhar o rosto da bebê na argila maleável, com um pau. Os desenhos eram simples e desajeitados, mas ela continuava a desenhar. Rapidamente começou a desenhar não só a bebê, mas também todas as pessoas que tinha conhecido, todos os acontecimentos que tinha vivido e todas as cenas que tinha visto. O desenho tornou-se uma fonte de profundo consolo. Gostava de desenhar nos tijolos, cozê-los, colocá-los em fila e ficar a olhar para eles durante muito tempo. Esquecia-se da sua dor e solidão enquanto olhava para os seus desenhos. Começou a desenhar ainda mais recordações no barro; coisas que via à sua volta, como as margaridas e as cobras e os gafanhotos e as libélulas e os veados, juntamente com os objetos que tinham passado pela sua vida, como a bigorna do ferreiro e o camião, para além das cenas do café e de *Jumbo* a recuar na estação de comboios e a desatar a correr.

Passaram vários anos. Não veio mais ninguém à fábrica. Chunhui continuou a fazer tijolos. As suas memórias foram-se apagando. O rosto da sua bebé e o rosto do camionista desapareceram quase completamente; ficaram apenas como formas ténues na sua mente. No princípio, tinha feito tijolos com a esperança de que as pessoas voltassem à fábrica de tijolos, e depois, enquanto esperava pelo regresso do camionista, mas, nessa altura, já tinha desistido de esperar que alguém aparecesse. Há muito que tinha abandonado a esperança de que voltassem. Então, porque continuava a fazer tijolos?

Há quem diga que era porque estava aborrecida, ou porque o desejo de se entreter é uma característica inerentemente humana, ou porque ansiava por regressar aos tempos passados de paz na fábrica de tijolos, mas nenhuma destas explicações podia ser suficiente. O seu trabalho era demasiado desesperado para que fosse apenas para mitigar o tédio, era demasiado extenuante para que fosse apenas para se divertir, e era demasiado repetitivo para que fosse apenas uma reação à saudade. Houve quem relacionasse a ação de Chunhui com o hábito religioso neolítico de esculpir imagens de baleias num penhasco, mas, para nós, não há nenhum significado religioso óbvio por detrás da simplicidade dos hexaedros que enchiam o vale de Nambaran.

Então, porque se dedicou ela tão freneticamente ao fabrico de tijolos? Em que pensava, enquanto fazia o trabalho repetitivo? Se esse trabalho estivesse imbuído de algum tipo de esperança religiosa, qual seria? De onde viria aquela paixão comovente, pura e intensa? É fácil a verdade desaparecer, como gelo a derreter-se na mão. Talvez estivéssemos mais perto da verdade se nos abstivéssemos de arranjar qualquer explicação ou interpretação. Certamente que isso a libertaria de ficar presa a afirmações simplistas e estáticas. Certamente que isso a libertaria, deixá-la-ia soprar na brisa que varre os vales de Nambaran e ajudar-nos-ia a aproximarmo-nos da verdade. Caro leitor, a história continua.

As suas capacidades de fabrico de tijolos tornaram-se refinadas e sofisticadas. Descobriu que a textura dos tijolos podia ser melhorada

envelhecendo a mistura de argila durante a noite, deixando que o orvalho caísse sobre ela antes de a cozer, distribuindo assim a humidade uniformemente, que o clima do dia afetava a dureza dos tijolos e que a cor podia ser ajustada com base no tempo de exposição. Empilhou os tijolos acabados na planície atrás da fábrica de tijolos. O pátio já estava a transbordar de tijolos. Começou a perder peso. Era lógico, uma vez que não se alimentava bem enquanto fazia um trabalho tão duro, mas, para ela, era surpreendente, pois tinha sempre pesado mais de cem quilos, mesmo quando passava fome. Começou a ficar com os cabelos grisalhos. Os seus músculos perderam a força, e nos sulcos da testa instalaram-se rugas profundas. À medida que ia fazendo tijolos, ia ficando cada vez mais solitária e, quanto mais solitária ficava, mais perfeitos se tornavam os tijolos. A planície atrás da fábrica de tijolos foi-se enchendo de mais e mais tijolos.



Passaram alguns anos. Ela continuou a fazer tijolos, sozinha.



Passaram mais alguns anos. Ela continuou a fazer tijolos, sozinha.



Passaram alguns anos. Ela continuou a fazer tijolos, sozinha. Ninguém veio à fábrica.

Epílogo 1

TODOS NÓS SABEMOS O QUE ACONTECEU DEPOIS. A inauguração do grande cinema e o espetáculo inaugural. A multidão de jornalistas estava mais curiosa em relação ao cinema do que ao espetáculo em si próprio. As entrevistas com personalidades das artes e da cultura, políticos e celebridades. O humilde arquiteto que desviou o foco dos elogios efusivos dos meios de comunicação social à arquitetura milagrosa, apontada como o edifício mais impressionante do século, para o trabalho de uma fabricante de tijolos sem nome. A reação convencional das entidades oficiais de quererem atribuir uma medalha à fabricante de tijolos, apesar de ela já ter morrido há muito tempo, as discussões internas sobre se lhe deveria ser atribuída a Ordem de Mérito dos Serviços Industriais ou a Ordem de Mérito Cultural. A proliferação de conferências académicas e de trabalhos de investigação sobre tijolos. A formação da equipa de investigação, «Encontrar a Rainha», de que falámos anteriormente, e o investigador que foi levado para o hospital com uma picada de abelha que se revelou fatal. A mãe dele a chorar. As conversações entre o Norte e o Sul — a razão da construção do grande cinema, mais do que qualquer outra. A estada dos enviados do Norte em quartos onde não podiam ver o cinema, devido a um engano de um empregado do hotel. (E, segundo os boatos, nunca chegaram a ter a oportunidade de ver o cinema.) O despedimento do empregado do hotel e a repreensão do responsável pelo protocolo. Uma série de livros e um programa de televisão sobre Chunhui e os tijolos. A decisão do argumentista de reduzir o peso da heroína de cem quilos para quarenta e oito, para poder arranjar uma estrela. A sugestão da atriz principal de que a cerâmica seria mais atrativa do que os tijolos, o que resultou em extensas alterações à história para fazer de Chunhui uma ceramista. Foram efetuadas revisões adicionais devido ao facto de o nome

Chunhui ser muito piroso; o nome da heroína foi alterado para Annie. A queixa do ator principal de que o trabalho do camionista não era importante, que levou a revisões da noite para o dia para transformar a personagem num homem de negócios rico de uma família bem relacionada. O resultado foi um triste romance entre uma estudante universitária de cerâmica de quarenta e oito quilos e um herdeiro de um grupo empresarial, ultrapassando os limites da classe social. É a lei das audiências e da atração das massas. O programa de televisão foi um enorme sucesso, e as massas derramaram lágrimas sem sentido...

Vamos parar por aqui. Toda a verdade desapareceu. Todo este alarido nada tem a ver com a vida de Chunhui. Ela não foi uma heroína, nem uma vítima. Não foi uma artesã com um objetivo claro, nem uma artista nobre. Não sabemos quais eram os seus pensamentos e não sabemos que tipo de vida desejava. Era diferente e, por isso, vivia isolada. O leque de histórias sobre ela é infinito, como uma amiba com vida própria, mas a verdade real não existe em lado nenhum do mundo.

Ela apenas deixou tijolos. E deixou desenhos eternos nesses tijolos. Nos desenhos, podemos vislumbrar a sua esperança de que os tijolos fossem para o mundo e transmitissem os seus sentimentos. Desenhou tantas coisas, mas há um tijolo num canto do grande cinema que mostra quais eram as suas esperanças numa determinada altura, e quão profundas eram essas esperanças. É este o desenho:



Muitos anos mais tarde, um poeta viu o tijolo no grande cinema e ficou profundamente comovido. Emprestou as suas próprias palavras a Chunhui, que nunca foi capaz de falar. Transformou a dor de Chunhui expressa no desenho num poema:

Volta para mim.

Estou à tua espera.

Mesmo quando o Sol se põe e a Lua nasce

E passam dias incontáveis

Continuo a esperar por ti, igual.

Como um par de doninhas se ama

Como um par de libélulas se ama

Vamos encontrar-nos de novo

E amemo-nos como antes.

Por favor, volta para mim.

Estarei sempre à tua espera.

Epílogo 2

ESTAVA UMA TARDE QUENTE DE PRIMAVERA. Chunhui estava sentada, encostada ao forno. A morte aproximava-se; era agora uma mulher idosa, de cabelos brancos. Estava terrivelmente magra e já não tinha os quilos de carne que a tinham perseguido durante toda a vida; agora, pesava apenas trinta quilos. A luz do sol aquecia-lhe o corpo frágil e seco. De olhos fechados, pensou, *Devia levantar-me e fazer tijolos*. Mas sentia-se pesada. Não conseguia mexer nem um dedo. Quando, por fim, abriu os olhos, *Jumbo* estava à sua frente. Estaria a sonhar? Ele irradiava um brilho branco, o seu corpo estava escondido pela luz. Consequia senti-lo como um raio de luz redondo. *Jumbo* aproximou-se e mostrou-lhe as costas, como se estivesse a incentivá-la a subir. Ela abanou debilmente a cabeça. *Não tenho forças para me levantar*.

Minha menina, já acabou tudo. Tu consegues. Numa auréola, *Jumbo* estendeu a sua longa tromba, e ela conseguiu agarrá-la. Ele levantou-a sem esforço e pô-la sobre as suas costas. Flutuou no momento em que a pousou sobre ele. Começou a voar a direito, rumo ao céu. Chunhui agarrou-se às costas dele, a olhar para baixo. Consequia ver os fornos e o telhado da casa, lá em baixo. Atrás da fábrica de tijolos, viu tijolos empilhados ao longo do chão. Logo a seguir, silvas resistentes e ervas venenosas brotaram a uma velocidade assustadora, para cobrir a estrada de acesso. *Jumbo* voava cada vez mais alto. Chunhui viu os vales onde tinha vagueado à procura de comida, a colina onde tinha enterrado a sua bebé, o riacho distante onde Mun se tinha afogado e as longas linhas de comboio que se estendiam em direção ao horizonte.

À medida que *Jumbo* voava mais alto, conseguiu ver Pyeongdae, deserta e coberta de ervas daninhas. A Baleia continuava tão atraente como sempre, entre as ruínas. O velho cão agachou-se em frente do

cinema, olhando com inveja para Chunhui, enquanto ela voava num círculo de luz. Um caminhão enferrujado estava virado ao contrário, na estrada que ia para Pyeongdae. Chunhui percebeu, então, que o motorista do caminhão devia ter tido um acidente, há muito tempo. Por alguma razão, não se sentiu triste. Era como se todos os seus sentidos e sentimentos tivessem desaparecido. Apenas o vazio enchia o seu corpo magro. *Jumbo* voou mais alto. Os carris do comboio desapareceram. Ela pôde, finalmente, ver o oceano azul ao longe. Era ali que a sua mãe tinha passado a juventude, mas ela estava a vê-lo pela primeira vez. Olhou para o azul infinito do oceano, segurando-se com força.

Finalmente, *Jumbo* rompeu a atmosfera e ela viu a Terra redonda num só olhar. Parecia um berlinde grande. Com os olhos arregalados de espanto, olhou para o mármore azul.

Não sabia que o mundo era redondo.

Tonta, tudo é redondo.

Os tijolos não.

É verdade. Mas pode-se construir uma casa redonda com eles, por isso, continua a ser redonda.

Também se pode construir uma casa retangular.

Sim, mas se tivermos muitas casas retangulares, ficamos com uma aldeia redonda.

Estou a perceber. Mas para onde vamos?

Para um sítio onde não existe nada. Um sítio muito distante, respondeu *Jumbo*.

Chunhui acenou com a cabeça, com indiferença, como se soubesse onde era. O berlinde azul, que tinha ficado cada vez mais pequeno, era agora do tamanho de uma unha. Havia milhões de estrelas no céu. Finalmente, chegaram a um vasto oceano interestelar. *Jumbo* voava a uma velocidade assustadora, mas, como não havia resistência no espaço exterior, sentia-se tranquilo, como se estivesse a nadar num oceano profundo. De repente, Chunhui apercebeu-se de que estava a brilhar, tal como *Jumbo*. Rodeada de luz, olhou para si própria enquanto se tornava transparente, e comentou: «Isto aqui é tão calmo.»

Chunhui apercebeu-se de que era o som da sua voz. Ficou chocada.

Aquela era a sua voz, uma voz que nunca tinha sido usada na Terra. Era suave e fraca, como uma brisa a fazer restolhar as folhas. *Jumbo* sorriu.

Continuou a voar. Não sabiam a que velocidade seguiam. Estavam a voar algures perto da Nebulosa de Andrómeda. Mas, como o movimento não podia ser detetado, parecia que estavam presos no espaço. Foram-se tornando cada vez mais transparentes, apagando-se, como se a luz se desvanecesse, como açúcar a derreter na água.

O que nos vai acontecer?, perguntou Chunhui, assustada.

Estamos a desaparecer para sempre. Mas não tenhas medo. Tal como te lembraste de mim, continuas a existir se alguém se lembrar de ti.

Chunhui estava prestes a perguntar mais qualquer coisa a *Jumbo*, mas, antes que isso pudesse acontecer, desapareceram. Apenas as vozes deles foram deixadas para trás, no vasto espaço sideral, muito ténues.

Adeus, minha menina.

Adeus, Elefante.

CHEON MYEONG-KWAN

O romancista sul-coreano Cheon Myeong-kwan (1964) ganhou reputação global como escritor quando este romance *A Baleia* foi selecionado para o Prémio Booker de 2023 depois de, em 2010, ter publicado *Modern Family* (adaptado ao cinema com o título *Boomerang Family*). Mesmo não tendo arrebatado o Booker, ganhou o mais prestigiado dos prémios coreanos, o Munhakdongne — e o seu nome passou a estar na primeira linha da ficção do seu país. A história de Cheon Myeong-kwan passou pelo cinema e pela televisão, escrevendo guiões e, como o próprio referiu, treinando a bagagem de ficcionista e escritor, esquecendo e aproveitando os seus próprios fracassos, reinventando (como faz neste livro) a história mítica e imaginária da sua cultura.



Sobre a Tradutora

MARIA DO CARMO FIGUEIRA

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e com frequência posterior das universidades de Edimburgo e de East Anglia, em Norwich, Maria do Carmo Figueira trabalha como tradutora literária há mais de trinta anos. Traduziu centena e meia de obras, muitas delas vencedoras ou finalistas de prémios literários importantes, como o Booker, o Booker Internacional ou o Pulitzer, e de autores como Han Kang, Ian McEwan, David Lodge, Frank McCourt, Mark Twain, Sarah Waters, Viet Than Nguyen, Donald Ray Pollock, entre muitos outros. Traduziu também as biografias de Sting, Bill Clinton e Bruce Springsteen. Em 2019 recebeu uma Menção Honrosa no Grande Prémio de Tradução Literária com a tradução de *A Vegetariana*, de Han Kang.